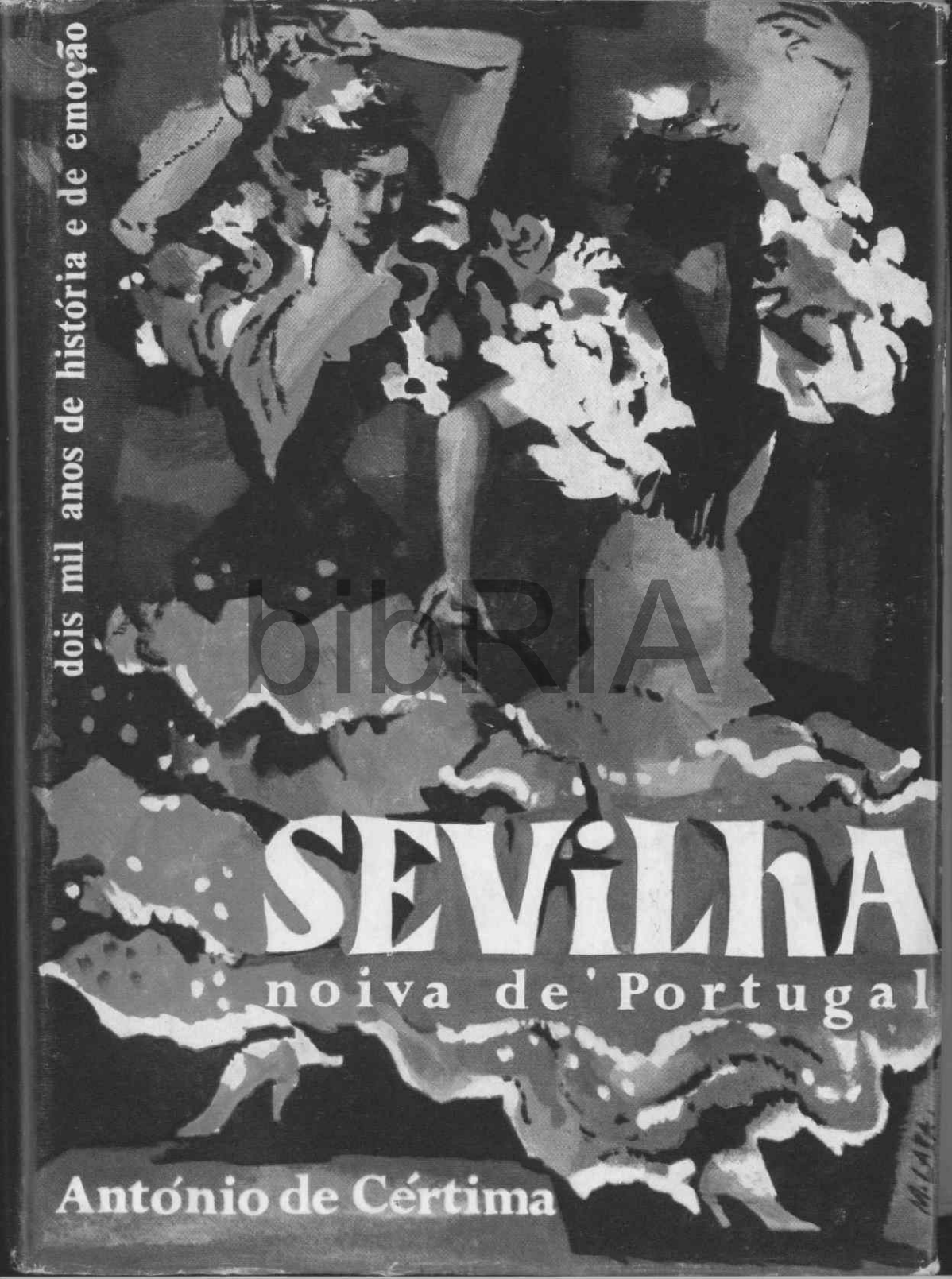
dois mil anos de história e de emoção



bibRIA

SEVILHA

noiva de Portugal

António de Cértima

Biblioteca
Ficheiros

Obras [X]
Autores [ ]
Títulos de Artigos [X]
Temas [ ]
Bairradina [X]
Região de Aveiro [ ]
Descobrimentos [ ]
---

museu S. Pinho
Concelho de Oliveira de Azeméis
Distrito de Aveiro
3770-355 Pinheiro
Portugal

bibRIA

SEVILHA, NOIVA DE PORTUGAL

bibRIA

CAPA: uma composição do artista Manuel Lapa

•

NO INTERIOR: desenho de Javier de Aracena (Marquês de Aracena)

•

FOTOGRAFIAS: de José W. Pereira Palha e dos sevilhanos – Luís Arenas, Juan José Serrano, Gelán e outros

ANTÓNIO DE CÉRTIMA

SEVILHA

NOIVA DE PORTUGAL

bibRIA

2.000 ANOS
DE HISTÓRIA
E DE EMOÇÃO

Museu de S. Pedro Palhaça
Concelho de Oliveira do Bairro
Distrito de Aveiro
3770-355 Palhaça
Portugal

SIT
LISBOA

OBRAS DO AUTOR

CRÍTICA

EPOPEIA MALDITA — memorial crítico de uma Acção Militar, *esg.*

bibRIA

ENSAIO

O DITADOR (política), *esg.*

DISCURSO À GERAÇÃO LUSITANA (política), *esg.*

COLÓQUIO COM A MORTE (sobre um cantar andaluz)

NOTÍCIAS DE ANTO E DE PURINHA (sobre António Nobre) — edição de arte

PROSA VÁRIA

LEGENDA DOLOROSA — com uma inscrição de Afonso Lopes Vieira, *esg.*

VOLÚPIA DO MAR — novela curta, *esg.*

ALMA ENCANTADORA DO CHIADO — crónicas, *esg.*

VIDA VOLUPTUOSA — contos

SORTILÉGIO SENEGALÊS — de Dakar à fronteira dos impérios sudaneses. Notas de viagem

O PRIMEIRO DIA DO HOMEM FORA DO PARAÍSO

POESIA

MARÍLIA, esg.

BODAS HELÉNICAS, 2.ª edição

JARDIM DAS CARÍCIAS, esg.

CAMINHO DE SIEGFRIED, esg.

TU E O TEU CORPO — com desenhos de João Carlos, *esg.*

TRÓPICO DE CÂNCER — poemas africanos

TRAJECTÓRIA SEM FIM — antologia

bibRIA

POESIA MUSICADA

CANÇÃO DAS ESTRADAS NO ESTIO — música da Condessa de Proença-a-Velha

EPÍGRAFE DE LOS OJOS DE ORO — música de Luís Lerate

CANCIÓN DEL ALMA TRISTE DE SUSONA — música de Ernesto Bacharach

ETERNELLE PRÉSENCE — música de Monique Urdarianu

PETITE CHANSON DU DÉPART... — música de Monique Urdarianu

EM LÍNGUA ESPANHOLA

ITINERÁRIO DE LOS PORTUGUESES EN SEVILLA — crónica emotiva, *esg.*

BALADAS DE SEVILLA EN PRIMAVERA — poemas, *esg.*

Intróito

bibRIA

Esta formosa Sevilha, noiva do universo na romaria dos séculos (1), graças ao tirânico e grave sortilégio da sua carne florida e da sua alma indefinível, tem sido, num idílio à parte, quase consanguíneo, e em especial maneira de sentir, a noiva sem par de todos os portugueses. Pelo menos daqueles portugueses que, fiéis à tradição viajeira das Sete-Partidas, põem em aras de aventura cosmopolita os sonhos do coração impaciente, já de nascença constelado pela inquieta divisa, *désir,* em cujos febris mandados se queimou aquele alto e infortunado Pedro da «ínclita geração»!

Noiva do Universo — noiva de Portugal

Mas não é só por impulsos de nomadismo europeu — o que seria pouco e sem mérito —, mas por um poderoso apêlo de seres que se completam, e se sentem por isso mesmo secretamente fascinados, que

biblRIA

(1) Alonso Morgado, cronista do século XVI, refere-se assim, na sua *Historia de Sevilla,* à fundação hispalense:

«Algunos autores la señalan quinientos y noventa años despues del Diluvio general. y trezientos y quarenta y siete despues de la Poblacion de España, y dozientos y quarenta y uno antes de la fundacion de Troya, y antes del nacimiento de Christo nuestro Redemptor mil y setecientos e veynte y siete años.»

Dentro de uma expressão mais rigorosamente científica, ou seja desde Avieno, com a *Ora Maritima,* a Schulten, com os *Tartessos,* a antiguidade milenária de Sevilha — testemunha impassível das primeiras emigrações litúrgicas e das últimas pugnas almorávidas — tem sido copiosamente documentada.

o homem da orla ocidental lusitana dirige seus passos estugantes até ao vergel romântico e aliciador da filha legendária de Hércules Egipcio. Com ele vem um conjunto de atributos morais e metafísicos, colhidos nos lentos entardeceres idiossincrásicos da beira do Atlântico, que encontram seu complemento morfológico na viril altivez plástica da graça humana que aqui esplende. A atracção é, pois, bem justificada: a nostalgia messiânica do individualismo luso casa-se a primor com a vitalidade extrínsica do exuberante expressionismo andaluz. E assim é que Sevilha, em face do homem português, não reage como diante de um elemento estrangeiro mas, antes, buscando nele, por carência, as diferenciações de uma herança genética. De um lado, a abstracção divergente e universalista; de outro lado, o *ego* concreto, raciocinador e unitário. O idealismo ilimitado do Mar realiza aqui o seu encontro com a razão pensante e dionisíaca da Terra. Enlace do sonho com o seu grande mito terrestre: a realidade! Dom Sebastião aspirando com delícia o sangue oloroso de um cravo vermelho...

IBERIA

O donzel português

Temos, ademais, que uma implícita missão sentimental parece colaborar no bom entendimento destes valores humanos e psíquicos dos dois grupos nacionais, fazendo-lhes aceitar e admirar, no fundo dos seus êxtases, o que eles, em exacta medida de pensamento, muitas vezes não se perdoariam... Ao mesmo tempo, a esquisita finura das percepções estéticas que aqui nos seduzem, numa escala espiritualíssima de valores emotivos e sugestões subjectivas, muito concorre, igualmente, à predisposição de idolatria com que Sevilha entra nas sensações do lírico viajante do País da Saudade.

Por todos estes incentivos, sumàriamente apontados, fica assente em definitivo ser bem a cidade «de la Gracia» (como tão apropriadamente lhe chamou, em suaves magias de dizer, o prosista sevilhano José Maria Izquierdo), tanto por razões de congenialidade como por destino poético, a Noiva predilecta do homem português. E, com efeito, este é para ela o seu verdadeiro *amant de coeur*. Outros amarão Sevilha por seu policromismo exótico e sensorial, mesmo só por indicações da Cook e até por puro *spleen*, induzidos pelas extravagâncias de uma falsa literatura europeia a procurarem aqui um excitante barroquismo de pandeireta e ciganaria. O português não. Vem simplesmente com a sua alma e com os seus olhos apaixonados. Quando se ama, não se critica — sente-se. Deste modo, a sua presença não é a de um espectador que calcula e discute, mas sim o de um actor que se emociona e se concentra. Não vem ver, vem sonhar; não comenta, analisa; não o atai o superficial — e que morre; mas sim o essencial — e que permanece. Enfim, não é uma viagem de turismo o que ele realiza vindo a Sevilha mas, melhor, uma viagem do coração, uma viagem de sentimento, quase familiar, impelido por uma voz que se ergue no seu próprio sangue, tumultuosa e enamorada, onde passam inefáveis redondilhas de romanceiro, gritos dos versos garreteanos de *Dona Branca* e velhos cantares turdetanos.

Por isso mesmo, como o bom Amadis à bela Oriana, a Sem-Mancha, também o donzel português poderia dirigir a Sevilha o doce estribilho amoroso:

Leonoreta, fin roseta,
bela sobre toda fror...

biblRIA

Mas nem só estas causas, de natureza moral e estética, produziram as relações cordiais que têm unido sem discrepância as gentes das duas comunidades vizinhas. Em muitas outras circunstâncias e actos da sua vida social, política, militar e religiosa, surgem exemplos inequívocos desta cooperação afectiva.

Sem nenhum intento de divagação erudita, um pequeno relancear de olhos por acontecimentos vetustos nos informará de sobra acerca do contacto secular, existente entre Sevilha e as mais variadas figuras da metrópole portuguesa. E vem desta consequência a razão deste livro.

bibRIA

I.ª PARTE: SÚMULA DA BOA HISTÓRIA

bibRIA

HISPÁLIA

Ten esos granos de ambrosia pura
y espárcelos allí: Osiris dijo
al Hércules de Libia, su fiel hijo,
que a Iberia vino tras de la aventura
que dió fin con la muerte del Tirano
(que Orthos guardaba con sus tres cabezas).
Y por arte de magia, las lindezas
de Hispália allí surgieron tras su mano.
Claveles y azahar tiene por lecho,
y las rosas más rojas en el pecho
de sus hijos palpitan, que viviente
carne labraron com mármol y pincel;
y una Giralda tuvieron por dosel
que escala el cielo con su andar valiente.

FERNANDO VILLALÓN

«Andalucia la Baja»

bibRIA

I

bibRIA

A AUDÁCIA SOPRAVA DOS HERMÍNIOS

bibRIA

Presença de Viriato

No limiar desta rápida digressão histórica, certamente que não será descabido nem tomado em conta de excessiva reivindicação de egolatria nacional o fixar-se a presença do primeiro português no burgo da velha Hispalis (1), na insubmissa e gigantesca figura de guerrilheiro que foi Viriato — proto-herói lusitano, em cuja alma indomável o sentimento da independência assumiu proporções de grandeza como em poucos casos da história do mundo. Fácil, com efeito, é conjecturar que o famoso caudilho das liberdades peninsulares, de quem a Bética tem querido apoderar-se da glória do seu nascimento, muitas vezes aqui viria descansar das investidas que o levavam de terras de Arroche a Ossuna, ou das suas correrias triunfantes por charnecas do Galpe e escarpas de Ronda, acossando as legiões romanas dos pretores Cláudio e Vitílio. Sabe-se que o país dos turdetanos foi sempre o campo escolhido por Viriato para as suas grandes batalhas, visto ser o que melhor lhe servia a técnica militar, realizando sobre o seu solo acidentado aquelas assombrosas façanhas que lhe grangearam o título espantoso de *terror de Roma!*

Mas ainda mesmo que a sua permanência intra-muros da cidade andaluza não tivesse sido um facto comprovado, a sombra da sua glória bélica projecta-se a tal altura sobre as planuras e gargantas das terras circunvizinhas ou limítrofes — onde as patas dos seus corcéis desferiam centelhas de animais míticos —, que o não citar nestas páginas o seu nome, em homenagem à potencialidade mile-

BIBRIA

(1) Do nome Hispalo, filho de Hércules egípcio, que a lenda diz ter sido primeiro rei de Espanha. Mais tarde, os árabes converteram *Hispalis* em *Ixbiliah*, de que os cristãos, por sua vez, fizeram *Sevilha*.

nária da sua fama, seria pecado de menosprezo pelo culto histórico das nossas liberdades civis. Os heróis são sempre a mais alta expressão social de um povo e o acto humano da sua vontade de sobreviver. E Viriato, na sua maneira dura e primitiva, foi um exemplo impressionante desse jeraquia do esforço colectivo. Indomável no emprego cívico das suas qualidades, em que enraizam as da grei do nosso território, valendo-se delas, animando-as com as fúrias do seu apego ao solo natal, deste modo fez tremer e humilhar o maior império político e militar do seu tempo. Não o esqueçamos. A sua teimosa e bravia sede de independência terá que ser guardada incorrupta no nosso sangue, — como um brasão e um mandato.

A época romana e os lusitanos

A ocupação romana da península, após a derrota dos cartagineses em Gades (Cádis), e o papel preponderante desempenhado por Sevilha na administração civil e militar que Roma lhe confiara, muito terão concorrido para, tanto pela identidade de interesses como pela subordinação a uma ordem comum, estabelecer uma aproximação entre os habitantes desta cidade e as populações da Espanha Ulterior. Júlio César e o Senado Romano, sagazes ante a vitoriosa e incompreensível rebelião da península, que alastrava desde Saldúvia e Numância às penhas dos Hermínios, não eram parcos nos privilégios com que tentavam por vezes insinuar-se no ânimo dos seus habitantes. Foi, por isso, no quadro desta política de suborno que os sevilhanos viram um dia ser-lhes outorgadas as mesmas liberdades e franquias de que desfrutavam os cidadãos de Roma. A capital da Bética chegou mesmo a ser distinguida com a criação de chancelarias jurídicas para a reunião, nesta cidade, dos pretores-governadores das regiões da Ulterior — que era, como se sabe, uma enorme faixa do território peninsular a que hoje poderiam corresponder as províncias espanholas de Andaluzia e Estremadura, juntas ao território de Portugal.

biblRIA

Morto Viriato, e após as estrondosas vitórias alcançadas contra as legiões de Sila e Pompeu, uma curiosa figura de caudilho aparece nos arraiais da Ibéria: é Quinto Sertório — audacioso, irreverente, agressivo. As energias enfebrecidas da sua insubmissão a Roma parecem vir de Oeste, do túmulo do herói lusitano, que, sob a pedra funerária dos Montes Hermínios, sopraria lufadas de heroísmo a estimular os ímpetos rebeldes deste guerrilheiro sem pátria, votado ao ostracismo, mas que agora, seu aliado póstumo, se tornava em irmão gêmeo das suas iras nacionais.

Sertório, mais feliz que Viriato, foi alargando o seu poderio com triunfos até culminar no extraordinário golpe de coragem em que se proclama chefe de um Estado independente. Hispânia fica sendo a sua pátria, tratando logo de a organizar militarmente e instaurando nela as instituições políticas e senatoriais de Roma. Mas a tarefa começou a apresentar-se-lhe com algumas dificuldades. Para as resolver, recorreu à divisão do território em duas grandes províncias, à maneira do que tinha sido já experimentado em administrações anteriores, mudando apenas a posição das capitais. Estas foram colocadas respectivamente em Huesca, no alto Aragão, e em Évora, tendo ademais fixado nesta última o Senado e escolhendo-a para sua residência pessoal.

Foi, evidentemente, movido pela necesidade de aproximar do mar, como ponto de evasão, o seu pequeno império inseguro que o intrépido dissidente de Roma realizou este acto político, o qual, assim como elevou a importância da afortunada urbe do nosso actual Alentejo, igualmente terá concorrido para a criação de novos interesses entre os habitantes do Sul do país e os povoadores da Bética e da Betúria. No fundo, o ódio comum aos usurpadores dos pátrios legados do solo da península não cessaria de forjar as mais fortes cadeias de união entre os diversos grupos étnicos do agregado luso-ibérico daquelas épocas.

biblRIA

Os historiadores deste período agitado da vida peninsular referem-se sem qualquer relevo especial a um episódio que a nós, portugueses, nos será desvanecedor destacar, considerando a altura épica em que nele se projecta a varonil audácia das coortes dos nossos velhos cerros beirões.

Batalha de Munda

Tinha-se travado a famosa batalha de Munda — espantosa pelo encarniçamento dramático que assumiu e pelas consequências que dela derivaram para o futuro político do mundo. Sobre a planície imensa (o lugar é ainda hoje incerto, citando-se os campos de Ossuna a Córdova e, mais designadamente, a pequena cidade de Montilha), entre o fumo dos incêndios e o lacerante estertor dos moribundos, exibia-se o lúgubre trofeu dos trinta mil cadáveres dos vencidos. Grande dia para Júlio César! Mas também de sérias e angustiosas preocupações, pois segundo ele próprio confessou mais tarde, os riscos em que se encontrou de ser derrotado levaram-no a lutar, não pela vitória das suas tropas, como sempre sucedera até então, mas «pela defesa da própria vida».

biblRIA

Ali terminava, assim, naquele dia 17 de Março do ano 708 da fundação de Roma, a maior batalha histórica em que duas facções se defrontaram, sacrificando imensos efectivos de vidas humanas e simplesmente empenhadas na conquista política do poder. Os audazes e temidos filhos de Pompeu desapareciam na tragédia de um destino talvez imerecido. Cneu Pompeu, querendo escapar a uma morte certa, ainda cavalgou apressado para o mar, acompanhado de uma centúria dos seus melhores companheiros, refugiando-se no porto de Carteia, no fito de regressar à pátria. Mas em breve foi descoberto e logo decapitado. Seu irmão Sexto caminhou para Córdova, a reunir-se com os bravos legionários dos seus triunfos anteriores. Dentro do peito ressoaria certamente a voz do pai, que sobre este solo de

Espanha, onde tantos adeptos apoiaram as suas lutas, lhe transmitiriam o encorajamento de qualquer vaticínio esperançoso.

Por seu lado, César delirava com a vitória. E não era sem motivo. Três anos após o disputado triunfo do recontro de Farsália, e fechando o ciclo militar das quatro campanhas de Espanha, via consolidar-se finalmente a sua posição de candidato à alta magistratura do governo imperial de Roma.

No entanto, notaremos que, uma vez investido nas prerrogativas da Ditadura que lhe fora outorgada pelo Senado, ao patriciado social de Pompeu e Sila iria responder não com a outorga das liberdades individuais com que sonhava o homem da plebe, mas sim com um reforçamento do poder pessoal, em detrimento dos direitos públicos. Estava longe ainda o punhal de Marco Bruto. Por agora, as suas aspirações mais secretas poderiam devanear à larga e tomar mesmo a forma do diadema real com que ambicionava aureolar, entre louros olímpicos, os seus cabelos grisalhos.

biblRIA

Júlio César em Córdova

Depois das guerras da Gália, dos seus amores com Cleópatra, dos triunfos na Ásia e na África, seria com certeza enlevado nas delícias deste sonho que voltaria agora as costas ao arraial ainda fumegante de Munda — o seu grande feito. A marchas lentas, tomou a direcção de Córdova, onde atravessou o Bétis para acampar junto das primeiras casas da cidade. Dentro do burgo, o pânico enlouqueceu de tal modo a população, que esta não tardou em precipitar-se numa onda de sublevações e suicídios. Sexto Pompeu encontrou meios de se evadir, internando-se no Norte da peninsula. Por fim, quase sem encontrarem já resistência, entraram em tropel as legiões esfaimadas de César. Este, furioso por se lhe ter escapado a ocasião de poder abater o filho do seu rival, mandou incendiar, saquear, degolar, tomado de um acesso selvagem de desespero. Total desta jornada de vingança felina: vinte e dois mil cadáveres de cordoveses, mortos indefesos pela súbita e odiosa irascibilidade de um herói. Terminada a chacina, César recuperou a calma e pediu para lhe trazerem um arbusto com

que desejava assinalar a sua passagem sobre aquele solo embebido de sangue. E pelas suas próprias mãos ali plantou uma árvore que foi mais tarde o plátano famoso, cantado pelo poeta Marcial. Pode lá saber-se o que se passa no coração monstruoso dos guerreiros?

O mesmo devaneio continuaria a apoderar-se da imaginação de Júlio César quando este, através das veigas férteis de Ossuna e Carmona, tomou o caminho de Sevilha — a «inimiga da paz com Roma», como ele a tinha já apelidado num discurso dirigido anteriormente aos hispalenses. Contudo, é certo que a amava também, e de tal maneira que, em preito das concessões recebidas de Júlio César, o seu topónimo seria tempo depois convertido no de *Júlia Rómula*. Estas variações do humor efectivo do herói de tantos combates, do polido orador de tantos belos discursos, deverão ter influído, pelo seu lado favorável, no ânimo do guerrilheiro impenitente quando este se aproximou das várzeas floridas, emanando langores, da capital da Bética. Deve ter sido este estado de espírito que o levou a impedir o assalto violento das suas tropas à cidade, decidindo-se a acampar junto das muralhas, sem combater.

biblRIA

Cerco de Sevilha

Mas estas aparências pacíficas não serviam para convencer ninguém. De sobra eram conhecidos os exemplos cavilosos que a história punha sobre os actos dos mais célebres e graves capitães da república do Tibre. Daqui o sobressalto assustador em que os dias começaram a decorrer para os habitantes da cidade, entre os quais se encontravam muitos partidários de Pompeu. Prevendo o pior, a população indígena, angustiada, decidiu antecipar-se a qualquer iniciativa do sitiante e mandou a estes alguns emissários com o fim de negociarem a capitulação. Uma vez mais Sevilha, indiferente à fúria de dois contendores, proclamava a sua neutralidade — a sua paz de Cápua (1).

(1) «Táctica de ceder, de ser brando para embriagar depois o ímpeto do invasor» — chama Ortega y Gasset a este traço do carácter andaluz.

Entretanto, aos fojos secretos da fronteira, onde os lusitanos, em cordões cerrados, se conservavam atentos aos movimentos das tropas de Júlio César, começaram a chegar notícias desta atitude imprevista dos sitiados. E o espanto foi enorme! Logo, com os nervos espicaçados de cólera, sem nenhuma outra reflexão, lançaram-se como gamos ao caminho, sob o comando do valente caudilho, Cecílio Niger — *o bárbaro.*

Vencendo ràpidamente a distância que as separava de Sevilha, as hostes lusitanas em breve se infiltravam entre os caniçais da ribeira do Guadalquivir, vindos do Norte, e ali esperavam que a noite, avançando, sepultasse em silêncio os acampamentos dos romanos. Cantavam os galos nos pátios da patrícia e vizinha Itálica quando esta matilha de heróis, rastejando nas moitas, se aproximou dos parapeitos das primeiras defesas militares. Num salto repentino, caíram como lobos sobre as sentinelas desprevenidas, e, ao mesmo tempo que lhes tapavam a boca com as mãos, enterravam-lhes na garganta a curta adaga de ferro celta. Depois, escalando as muralhas, entraram sossegadamente na urbe adormecida, onde os sitiados os receberam com manifestações de um regosijo transbordante, fácil, afinal, de compreender.

Fúria lusitana

biblRIA

A empresa teria sido temerosa se não fosse cometida por aqueles rudes e altivos calcurreadores das fragas estremenhas, em cujo coração forte, desde a morte de Viriato e mofando de todos os perigos, um grito da terra mater clamava vingança! Para estes legionários da honra lusitana, onde surgisse a sombra de um romano nascia imediatamente uma sede selvagem de extermínio.

Por conseguinte, não era de estranhar que, uma vez dentro da cidade, os lusitanos empregassem toda a sua fúria a estimular os sevilhanos no sentido de que estes abrissem a luta contra os sitiantes. Esta veio a declarar-se e manteve-se durante dias, animada pela ferocidade impetuosa dos ibéricos, e a que se juntava, num jogo de morte, a combatividade dos últimos soldados das legiões de Acneu

e Sexto Pompeu, que aqui se tinha refugiado, apostadas em defender, embora num sacrifício inútil, a causa perdida dos vencidos de Munda. De nada veleria, no entanto, a soma de heroísmo que ali se estava prodigalizando, reeditando uma página a mais das velhas epopeias. A contrapor-se às façanhas dos defensores do burgo, o desfecho estava já tràgicamente previsto: como em Numância, como em Sagunto!

E veio rápido. Certa noite, os soldados que vigiavam por detrás das ameias, descobriram, estupefactos, que, na linha envolvente das centúrias que mantinham o cerco, se tinha produzido uma larga brecha — fosse por descuido da guarda ou já pelo depauperamento numérico das guarnições. Mas enganavam-se. Tratava-se apenas, como se pretendia, da cilada de sempre — arma vil das legiões de Roma.

Epopeia no rio

Desejosos de pelejar em campo aberto, onde lhes seria fácil a aplicação do seu temível sistema de combate, as milícias lusitanas não hesitaram em penetrar nas linhas inimigas, escapando-se para o exterior através da abertura que se lhes deparava. Após um rápido conciliábulo, os grupos dividiram-se por diversos atalhos, tomando todos a direcção do rio.

BIBRIA

Ora, havia dias que as naves de Júlio César, abandonando os ancoradouros do Estreito, tinham subido vagarosamente as águas do Bétis até Sevilha, com o propósito de receberem festivamente a seu bordo os vencedores dos partidários de Pompeu. Agora mesmo as aguerridas embarcações destacavam na noite as suas silhuetas pesadas. Os romanos estavam longe de conjecturar o drama tremendo que se lhes preparava. Sanguinários e imprevidentes, desde que os lusitanos transpuseram as fortificações, não cuidaram de segui-los, empenhando-se ùnicamente em lançar para a estrada que comunicava com a fronteira lusitana todas as forças de que podiam dispor, no intento torpe de lhes preparar o massacre.

No rio, porém, uma espantosa surpresa deveria anteceder aquela deslealdade. De repente, grandes rolos de fumo começaram a tingir o azul da noite primaveril, seguidos dos estalidos secos de madeira

que arde. Depois, um clarão enorme se projectou no céu e logo dezenas de chamas alterosas converteram em piras chispeantes as majestosas embarcações de Roma, cujas prôas ovantes, revestidas das púrpuras dos empavezamentos festivos, não foram em breve mais do que manchas de cinzas luciolantes, tragadas pelas águas. Os cachorros da raposa indómita da Gardunha davam uma lição do emprego épico da audácia aos filhos da loba do Tibre!

Os heróis desta façanha, que ficou sem panegiristas clássicos, dirigiram-se em seguida aos acampamentos de Júlio César, desfalcados nessa ocasião pela ausência dos soldados que tinham saído para socorrer as naves incendiadas, e exterminaram as guarnições que ali mantinham a guarda. E só então pararam, a tomar alento, para, reagrupando-se, iniciarem tranquilamente o regresso à fronteira, desejosos de se sentirem sobre solo que lhes trouxesse a carícia das brisas familiares.

biblRIA

Uma emboscada sem honra

A soldadesca de César, unindo agora o despeito a uma raiva felina, engrossou as hostes romanas que já os esperavam no caminho, como foi dito. E antes que a manhã dealbasse, a poucos quilómetros de marcha, saíram da sombra dos olivais que bordavam a estrada e, numa embuscada de feras traiçoeiras, sem pejo nem honra militar, trucidaram-nos cobardemente.

Aqui terminou o seu memorável historial de valentia a intrépida hoste lusitana do Cerco de Sevilha. Quantas vezes, ao passarmos nas imediações da Porta da Macarena, paramos a contemplar o que resta ainda dos panejamentos da muralha daquelas épocas, presos de um emocionante relembrar. E, aproximando-nos, já algumas vezes temos tocado com os dedos o ocre a pulverizar-se dos vetustos paredões ameiados, sonhando que alguma gota do sangue daqueles heróis obscuros poderá ainda latejar ali, insubmissa...

bibRIA

II

bibRIA

COM OS GODOS

bibRIA

De Constantino a Santo Isidoro

Com o imperador Constantino, o cristianismo inicia a sua rota triunfal pelo mundo. Conta a *Crónica General de España* que, por disposições do egrégio filho de Santa Helena, a península fora, nessa época, dividida em seis grandes arcebispados, os quais tinham as suas sedes nas cidades de Narbona, Tarragona, Mérida, Toledo, Sevilha e *Braga*. Esta comunidade espiritual, criada pelo estabelecimento da magistratura da Igreja neste território, deverá ter forjado um novo elo nas relações da cidade hispalense com burgos e citânias da inquieta pátria ocidental que séculos depois iria nascer sob o impulso de uma tradição pronunciadamente heróica e religiosa.

O *pulvis es* das Escrituras arrasta para os mesmos destinos tanto a pequenez do homem como a grandeza dos impérios. À famosa vitória de Munda, na Hispânia, sucede a destruição de Roma — que as sibilas diziam *eterna* — por Alarico. As hordas nórdicas, numa avalanche impetuosa, inundam as Gálias, entram na península e irrompem na Bética. Vêm dos fojos do Vístula e das margens do Cáspio e do Báltico, eriçadas de nomes ásperos: vândalos, alanos, suêvos, hunos e silingos.

As raivas e os apetites mais violentos ateavam incêndios e saqueios sob a mão desta cambada bárbara, de cabeças de Cronos e cabeleiras hirsutas, que se massacravam de tribo a tribo, até que os godos apareceram a impôr a ordem, dizimando os vândalos, que deram nome à Andaluzia (1), e restaurando a organização social. Com estes

(1) Esta região, primitivamente chamada *Bética* (do rio Bétis, proveniente do rei Betho, que aqui reinou), com a chegada dos vândalos passou a denominar-se *Vandália*, que deu *Vandalicia — Andaluzia*.

novos invasores, mais chegados aos modelos romanos, mais progressivos, e já cristianizados em parte, estabeleceu-se a primeira corte nos territórios ocupados, e a cidade escolhida para tal fim foi Sevilha. Esta soube manter o ceptro de capital da monarquia visigótica até que o rei Atanagildo, triunfador da insurreição contra o ariano Ágila, no mesmo ano da sua subida ao trono (554 da era cristã) a transladou para Toledo.

Cultura medieval

Foi neste ambiente de pugnas religiosas que agitavam a cidade hispalense, rescaldo de um mundo que se derrubava e semente hispânica, doutro que alvorecia, que surgiu a figura de Santo Isidoro (irmão de São Leandro), fundador de uma escola teológica que tão notàvelmente concorreria para a ordenação e expansão do catolicismo na península. Historiador, filósofo, teólogo, pedagogo, poeta, legista, professor de monges, orador fecundo e catedrático universalista do novo dogma, a erudição prodigiosa deste activo e portentoso doutor da igreja assombra o mundo do seu tempo. Toda a cultura da Idade Média cabe dentro do seu espírito. Nenhum campo do conhecimento lhe está vedado, pois em todos a azáfama do seu saber ergue cátedra de mestre. *Nihil intentatum reliquit* — escrevia S. Bráulio, com admiração de amigo e discípulo, da sua cátedra canónica de Saragoça. Os auditores, os discípulos, os polarizados pela irradiação poderosa do seu génio místico acodem, agrupam-se e formam uma legião ingente de admiradores do seu labor intelectual, de intérpretes e comentadores da grande sabedoria clássica.

Ora, entre este escol de eruditos e mestres da ciência eclesiástica, de sábios e santos prelados que vinham à escola teológica de Sevilha receber as luzes do pensamento fecundo do autor das *Etimologias* e das *Sentencias,* não é fácil deixar de citar, ao lado de S. Bráulio e de S. Ildefonso, o escalabitano João de Biclara, cronista da história de Bizâncio, e ainda S. Frutuoso, do episcopado de Braga, que aqui assegurariam uma fraternidade de ideias dogmáticas e de entendimentos sociais com o patriciado monástico da Lusitânia.

bibRIA

Missão da Península

Desde o seu aparecimento à claridade diurna das realidades geográficas, que este extremo ocidental do Continente Europeu se assinalou como integrado num destino de *terra de missão*. Logo, ao procurar a Igreja fixar sobre o orbe os seus fundamentos canónicos, não se furtou a Hispânia à aceitação do credo espiritual que chegava até ela na voz dos comentadores e evangelistas, tornando-se imediatamente num prosélito convicto e veemente da ortodoxia romana. Deste instinto *missionário* nasceu uma activiadde intelectual em prol da catolização da Península que motivou, no amorfismo histórico dos primeiros séculos, a eclosão de um período de acentuado relevo religioso.

Se não é possível autentificar a presença em Espanha do Apóstolo Santiago, quanto a Paulo de Tarso — o verbo feito gládio! — existem repetidas referências à sua viagem à Península. É à sombra destes dois arautos descomunais do Evangelho, que o pensamento do cristianismo toma uma forma concreta e combativa, ao mesmo tempo que a Igreja se instala no âmbito das comunidades com os foros de personalidade política e jurídica que a força da sua missão imediatamente conquista. Sobre o solo dos povos ibéricos, da Galécia a Vascónia, da Lusitânia e da Bética às portas da Aquitânia, levantava-se um torvelinho de gentes inflamadas pela ideia do Deus-Único, não o Endovélico dos celtas, o Baal dos fenícios ou politeismo mitológico dos romanos, mas aquele que seria definido em unidade teológica e litúrgica nos concílios eclesiásticos de Toledo, Braga e Sevilha, convocados contra as pragas heréticas do paganismo ariano e erros dos priscilianistas. Uma cadeia de predicadores ferventes, de monges, diáconos, bispos e santos, ligaria entre si as figuras eminentes do pensamento religioso de então, como a do presbítero bracarense, Paulo Orósio, sempre errante, amigo de Santo Agostinho e de S. Jerónimo; a de S. Pedro de Rates, primeiro bispo de Braga e que se crê ter sido discípulo de Santiago; de S. Martinho de Dume e do lisbonense Potâmio — *ulyssiponas civitatis episcopus* — e de tantos

bibRIA

outros servidores da igreja de Roma, que, necessàriamente, se corresponderiam com os prelados da igreja hispalense.

A cruzada expansionista do Cristianismo nascente tornava comuns as fronteiras do território celto-ibérico. Graças a ela, um grande lar surgia unindo a meseta de Castela às planuras verdejantes da Lusitânia.

bibRIA

III

bibRIA

SOB O PENDÃO DOS CAVALEIROS DO CRESCENTE

bibRIA

plano preconcebido com fins militares ou mesmo de absorção religiosa. A história não regista nenhum facto idêntico, nenhum acontecimento de tanta importância como aquele que iria ter lugar partindo de uma origem de tal maneira imprevista e extraordinàriamente fortuita. Muitos dos cronistas latino-godos que se lhe referiram, pretendiam ver no ilogismo deste sucesso o inexorável eclodir de uma determinante sobrenatural e não um acidente colectivo, inscrito no plano das causas comuns.

Passaram-se meses. Quase um ano mais tarde (primavera do ano 711), o Emir de Marrocos, cedendo, finalmente, às repetidas instâncias do Conde Juliano, resolveu organizar uma nova expedição a terras de *al-Andalus* mas desta vez mais numerosa, num total de sete mil homens, confiando o seu comando também a um liberto, agora chamado Tarik-ibne-Zeyad. Este, atravessando o Estreito quase em linha recta, veio acampar junto dos picos montanhosos do Calpe. Ora, como a designação de montanha ou colina elevada é dada em língua árabe pelo fonema *jabal* ou *djabal*, o sítio onde os mouriscos se instalaram tomou o nome do seu capitão: *Djabal-de-Tarik*. E nada mais é já preciso dizer para que se compreenda a nascença do topónimo Gibraltar.

biblRIA

Repare-se na improvisação das causas que iam engrendrar um abalo político de enormes consequências. Foi a Tarik-ibne-Zeyad, obscuro general das tropas de vanguarda de Muça-ibne-Noçair, sem relevo algum nas fileiras dos grandes condutores do pensamento islâmico, que o destino reservou a portentosa missão de abrir as portas da Península aos portadores da religião de Mohâmade. O acaso concedeu a este homem um poder de tal maneira desmesurado com relação à intranscendência do seu possuidor, que o tempo e a história ainda hoje não sabem interpretar o mistério de tal maravilha.

Batalha de Guadalete

Um nome ficou gritando no sangue cristão: o de Guadalete, rio junto do qual a famosa contenda se teria travado. Neste ponto da narrativa, é útil esclarecer que o estudo minucioso das crónicas dos

irreconhecíveis, se empapavam. No azulado do céu, distante e impassível, negrejavam os hieroglifos das asas dos abutres.

E do último Rei godo — que notícias houve? À maneira do que sucedeu, oito centúrias mais tarde, na fornalha de Alcácer-Kibir, com o nosso D. Sebastião, — viram-no combater com a coragem dos grandes, dos imperecíveis, mas ninguém o viu morrer, nem jamais o seu cadáver foi encontrado.

No seu palácio de Tanger, Muça-ibne-Noçair, estupefacto perante o estrondoso e inopinado sucesso do seu anónimo General — que ele tinha mandado a captar escravas e os lindos cravos vermelhos do roseiral do *Andalus* e não ganhar batalhas de tal monta —, quis refocilar-se também nos despojos de uma conquista prometedora, que o acaso, pródigo esbanjador de surpresas, vinha entregar de improviso à suserania da côrte omeiada de Damasco. Além da gula despertada pela gorda perspectiva dos saqueios, o desejo de se reabilitar, aos olhos do seu Soberano, do seu passado de dilapidador dos dinheiros públicos (pelo que tinha já sido judiciado) eram motivos ambiciosos mais que suficientes para, por sua vez, se decidir a experimentar as delícias da terra conquistada.

A invasão árabe

Tendo preparado com paciência e cobiça a sua expedição, em Junho do ano 712 Muça desembarcou no litoral de Tarifa, à frente de um exército aproximadamente de vinte mil homens, constituído pelos melhores soldados da ocupação africana e secundado pelos nomes mais ilustres da nobreza de Medina e Damasco. Ao montar o seu cavalo sobre o primeiro metro quadrado de terra do Continente, o seu orgulho de homem do deserto deve ter exultado de regosijo. Na sua frente estendia-se o território de uma velha nação de que se contavam as mais tentadoras histórias. E serpeando pelos seus caminhos, de vitória em vitória, Tarik, um dos seus subordinados

biblRIA

cuja glória escapava ao domínio da sua autoridade de Emir, ia desfraldando a bandeira de um triunfo que só a ele deveria pertencer. Rangendo os dentes de despeito, esporeou a montada e partiu como uma flecha para o interior desse éden terrenal.

Acompanhado por uma cavalaria aguerrida, Muça-ibn-Noçair em breve se encontrou transpondo os cerros de Medina Sidónia, e, rápido como uma flecha através do agro andaluz, chegou, uma noite, junto das muralhas da cidade de Carmona, onde entrou por hábil estratagema. Mas pouco tempo se demorou no burgo romano. Acostumado, pelo clima das suas origens, a matar fàcilmente a sede dos sentidos, na sua imaginação o nome alacre de Sevilha não deixaria de ser um motivo de impulsos excitantes. Talvez por isso, tomou uma decisão inesperada e deu ao seu exército a ordem de retrocer para Sudoeste, a fim de se apoderar da capital hispalense. A conquista não foi, contudo, fácil, pois só ao cabo de dois meses duros de assédio é que a população da cidade, obstinando-se numa defesa que dia a dia se tornava mais precária, tomou a resolução de a abandonar, fazendo-o sem ser pressentida pelos sitiantes. Estes, ao penetrarem mais tarde nos seus bairros, encontraram-nos totalmente desmantelados sob o olhar terrificado dos grupos de judeus que ali se deixaram ficar por falta de coragem para fugir.

bibRIA

Sem lar, sem pátria, acossadas por inimigos precedidos de uma fama de crueldade, onde é que estas multidões enlouquecidas pensariam buscar asilo? Os seus olhos não hesitaram em procurar as estradas da Lusitânia, terra de gentes briosas e hospitaleiras, cujo apoio fraterno em todos os momentos graves da vida sevilhana andava no conto épico das tradições familiares. E para ali correram, detendo-se no burgo de Beja, que abriu as portas a recebê-las com manifestações de carinho.

Porém, não decorreram muitos dias sem que o capitão sarraceno surgisse com a sua veloz cavalaria na poeira vermelha da planície em que se erguia o velho crasto da pacífica Pax Júlia. Com um cerco

rápido, Muça-ibne-Noçair obrigou esta cidade a capitular, impondo-lhe uma rendição mais de compromisso que de facto, e retirou-se apressado para Mérida, seguindo a linha do Guadiana. O caudilho das *taifas* invasoras ardia por chegar a Toledo onde o ajuste de contas com o herói da vitória do Guadi-Beca teria lugar. A ocupação árabe e os seus ódios de facção começavam a fixar-se sobre o solo peninsular fazendo já alarde dos princípios de irascibilidade que concorreriam mais tarde para a sua própria destruição.

Resistentes à ideia da derrota que lhe era imposta pelos muçulmanos, os cristãos de Beja depressa se uniram à causa de Sevilha, começando por convencer os foragidos da obrigação que tinham de regressar imediatamente aos seus lares. Depois, movidos pelo sentimento de uma solidariedade de destinos que o aguilhão da fé ajudava a consumar, juntaram-se a eles e, abandonando Beja, vieram todos engrossar as hostes dos dissidentes que, dentro dos muros hispalenses, preparavam uma sublevação que tinha por fim restaurar os direitos da coroa visigótica a favor dos descendentes de Witiza, agora já tràgicamente esclarecidos acerca das consequências que a sua traição tinha provocado.

GLÓRIA

Silves a mourisca

Transportemo-nos agora, três séculos mais tarde, à que fora, na Península, província do patriciado romano com o nome de Ossónoba. Na época a que nos referimos, esta mesma província, ocupada incialmente pelas raças mais nobres do exército árabe, tinha-se convertido no rico e florescente principiado do Al-Gharb. A doçura do clima meridional fàcilmente estimulava o sibaritismo dos grandes senhores levantinos, que nele encontravam motivos de feliz esparzimento.

Era, pois, de esperar que, a corresponder à vida farta e deleitosa desta região, valorizada pela organização administrativa e política com que ia sendo dotada pelos governos árabes e berberes que se sucediam

na ocupação, um centro de prestígio social e palaciano surgisse. E, com efeito, naquela atmosfera luminosa do meio-dia do território peninsular uma cidade nasceu, cheia de exotismos pomposos, ataviada à oriental, enlançada em bosques de amendoeiras e jardins de perfumes quentes, cuja criação se devia em parte ao gosto imaginativo dos cultos príncipes da dinastia dos Ibne Moçaine. Foi Silves — a *Xilbe* do léxico iemenita.

A suzerania de quase todos os Estados do Sul, incluindo Silves, tinha passado às mãos do irrequieto e temido guerreiro Al-Motádide, Soberano da corte *taifa* de Sevilha. O armorial deste Rei poderia dizer-se esquartelado em requintes de finura poética sobre um fundo de crueldades felinas. Nas veias corriam-lhe rios de lava e no coração violentos tufões de audácia. Foi o flagelo das hordas almorávidas, às quais, a troco de torrentes de sangue, fez recuar desde Algeciras a Niebla e Huelva, e de Mértola ao Sacro Promontório. Estranhas singularidades a deste Rei: ao mesmo tempo que redatava poemas pedindo a Deus que o deixasse reinar se queria que todos os mortais fossem ditosos, convertia os crânios dos seus inimigos em vasos de flores e taças douradas, guarnecidas de jacintos e esmeraldas, por onde bebia nos grandes banquetes. Aos exageros da irascibilidade sem medida opunha a surpresa dos actos mais cativantes e reverentes. Assim como mandava decapitar batalhões inteiros ou flagelar as mais inocentes favoritas do seu harém de oitocentas mulheres de extremada beleza, tinha de repente um gesto inesperado e decidia-se a entregar a Fernando I de Castela o corpo do glorioso bispo de Sevilha, Santo Isidoro, que permanecia sepulto em terras ocupadas pelos infiéis.

O relato destas extravagâncias serve para termos presente o carácter dos costumes implantados em todos os lugares onde o sanguinário Al-Motádide levava a ameaça das suas bandeiras vitoriosas. Deste modo, quando seu filho, o jovem príncipe Mohâmede Al--Motámide Ibne Abade, apenas com doze anos de idade, foi investido no cargo de governador de Silves, após a derrota dos Ibne Moçaine,

biblRIA

ali se encontrou recebendo ainda os reflexos da vida luxuriosa e bizarra do velho guerreiro laquemita. Esta circunstância terá concorrido para que mais cedo nele despertassem, com o apuro das receptividades cerebrais, os dons magníficos que o converteriam no Rei-Artista em cujas preocupações o sentimento épico e o gosto da Beleza superariam todas as obrigações adstritas ao seu mister de palácio.

Ibne Ammar

No ambiente sumptuoso do Alcácer algarvio, alçado sobre uma colina de frondes viçosas, frente ao Atlântico, foi ali que apareceu um dia, chamado pelo jovem Al-Motámide, o poeta Ibne Ammar, figura que tão importante papel iria desempenhar na vida deste príncipe, unindo por acontecimentos de relevo o nome de Silves ao nome de Sevilha.

Nascido numa alcaria das aldeias dos subúrbios, Ibne Ammar era um vate de improvisos fáceis e brilhantes, não dispondo de outro pecúlio que o da experiência de uma vida aventurosa e precária, cheia de sonhos que faziam do maltrapilho um filósofo ousado, enriquecido pela grave aprendizagem da miséria e por um curso de letrado na universidade de Córdova.

bibRIA

Mas a qualidade de vidas tão opostas encontrava, porém, a aproximá-las um entusiasmo comum no amor às formas do espírito e no galope da fantasia através das mesmas seduções poéticas. E uma amizade de irmãos angélicos os ficou unindo.

Esta sólida afeição teve ocasião de se manifestar com a subida ao trono (ano de 1069) de Al-Motámide. Este príncipe, apesar das nobres jerarquias em que é investido, à frente da monarquia abadita, não se desprende nem das recordações da cidade da sua adolescência, nem da amizade que o liga a Ibne Ammar, a quem enche de benesses e cargos palatinos, fazendo-o passar de primeiro ministro na corte de Sevilha a governador da sua própria província natal, com jurisdição política e militar extensiva à província de Huelva. A vida afortunada

do pobre vate de Silves poderia bem servir para ilustrar uma página de autêntico conto oriental!

Devemos ao douto arabista espanhol Emilio Garcia Gómez a tradução de um poema de Al-Motámide, cuja temática é uma evocação laudatória da cidade de Silves, dirigida a Abu Bakr, primeiro nome do seu protegido. Excertaremos estas significativas estâncias:

Ea, Abu Bakr, saluda mis lares en Silves y pregúntales si, como pienso, aún se acuerdan de mi.

Saluda al Palacio da las Barandas, de parte de un doncel que siente perpetua nostalgia de aquél alcázar.

Alli moraban guerreros como leones y blancas gacelas, y en qué bellas selvas y en que bellos cubiles!

Cuántas noches pasé divirtiéndome a su sombra com mujeres de caderas opulentas y talle extenuado: blancas y morenas que hacian en mi alma el efecto de las espadas refulgentes y las lanzas oscuras!

bibRIA

O sensível Al-Motámide encontrava no seu favorito um animador intelectual sempre pronto a espicaçar-lhe a imaginação. Por isso eram frequentes os passeios em que os dois se encontravam lado a lado discutindo um prazer, lendo uma *kássida* de Ibne Zaidún ou inventando qualquer singularidade. O local preferido para estas digressões era quase sempre o umbroso Prado de la Plata, situado na margem esquerda do Guadalquivir, entre quintas e jardins do bairro de Hércules, que desciam para o rio.

Aparecimento de Rumaykya

Em certa tarde, com poente a oirescer os cerros do Axarafe, os dois passeantes adiantaram-se até aos terrenos que enfrentavam o castelo de Triana, a cuja sombra se abrigavam as alcarias das mais

belas escravas hebreias. Al-Motámide declamou em alta voz dois versos de um improviso, pedindo a Ibne Ammar que terminasse por ele a composição. Como este, em dificuldades com o estro, tardasse em executar o pedido do Rei, ouviu-se uma voz jovem e bem timbrada, que respondia com extraordinário acerto ao mote lançado, e logo, de uma deveza próxima, surgia uma rapariga do povo modulando ainda a última rima. Era a bela Itimad, também chamada Rumaykya, devido à sua condição de cativa do velho almocreve Rumayk.

Detiveram-se os dois, boquiabertos de surpresa. A zagala, ademais do seu engenho lírico, era formosíssima e dotada de um azougamento que tornava picante o seu ar de candura. O interesse despertado no emotivo Al-Motámide foi fulminante. Súbita musa a incendiar o coração do jovem Soberano, Itimad em breve transpôs a entrada do Alcáçar na qualidade de sua verdadeira esposa. A fábula dos amores dos príncipes com as camponesas nem sempre é uma vulnerável ficção...

bibRIA

A esta Rumaykya atribuem os cronistas árabes um exorno de garridices e coqueterias que fazem dela um ser tão excêntrico e exigênte como só hoje teria privilégios para sê-lo qualquer «estrela» dos estúdios americanos. O marido, apesar dos meios prodigiosos de que dispunha, via-se em sérios apuros para a contentar. As páginas em que se descrevem os caprichos da encantadora *Cindarela* daquela época, valem como fantasias destinadas a embalar duendes.

Um dia, extaseada perante a neve brilhante que cobria os pinos da serra de Córdova, entrou num ataque de nervos só para que o espectáculo vislumbrado lhe fosse repetido. E logo o apaixonado Al-Motámide mandou que as lombas de certa colina fossem cobertas de plantações espessas de amendoeiras para que estas, florindo, produzissem com a sua brancura a ilusão desejada. Numa outra ocasião, a sua feminina veleidade encontrou uma forma não menos singular: debruçada de um aximez do palácio, lobrigou na estreiteza de um

pátio humilde duas raparigas pisando barro, dentro de um algibe apropriado, para as olarias de Triana, e imediatamente foi tentada pelo desejo insofrido de as imitar. O dócil marido, escravo resignado das suas retumbantes intemperanças, sorriu desta vez, lisongeado pela possibilidade de culminar esta fantasia com outra não menos surpreendente. Para um mais sensível realismo deste episódio, exumaremos a sua narrativa de um códice do século XIV, de que é autor o Infante D. Juan Manuel (pai de Dona Constança, segunda mulher do nosso D. Pedro, o Cru), o qual foi, além de guerreiro e político, um escritor de mérito entre os clássicos espanhois. A referência encontra-se relatada no manuscrito do *Libro de los Enjiemplos del Conde Lucanor,* e, para maior curiosidade, na dicção do léxico galaico-português daquelas idades.

> «Entonce, por le facer placer, mandó el rey fenchir de agua rosada aquella grand albuhera en lugar de agua, et en lugar de tierra fízola fenchir de azúcar, et de canela, et de agengibre, et espic, et clavos, et musgo, et ambra, et algalina, et de todas las buenas especias et buenos olores que pudían seer; et en lugar de paja, fizo poner cañas de azúcar. Et desque destas cosas fué llena el albuhera et de tal lodo cual entendedes que podria seer, dijo el rey a Romayquia que se descalzase et follase aquel lodo et ficiese adobes dél cuantos quisiese».

E a caprichosa Rumaykya, descalçando as babuches salpicadas de pedras ricas, enterrou os pequenos pés até ao caule fino das pernas naquela aromática greda de paraíso!

IDRIA

Crepúsculo do domínio muçulmano

A queda do império árabe-andaluz não poderia deixar de acompanhar-se de certos aspectos excepcionais, digna da estirpe dos omeias de Damasco e da magistratura religiosa do Califado, tendo este feito de Córdova a Atenas do Ocidente — onde a literatura, a música e as ciências acompanhavam em brilho o êxito das espadas dos conquistadores. Não é, por isso, de estranhar que o seu desaparecimento se conjugasse com as efemérides de um reinado poético, tal foi o governo do desgraçado esposo de Itimad, regido por instituições certamente mais líricas que políticas.

Reagindo contra a república aristocrática de Córdova, sucessora de um património difícil de conservar, a dinastia dos Abaditas esforçava-se por restabelecer a unidade do grande império espanhol do Islame, agora cindido por ódios e interesses de tribo política em *taifas* ou bandeiras que ocupavam territórios extensos como Sevilha, Huelva, Murcia, Valência, Baleares, Tortosa, Granada, Málaga, Carmona e Badajoz, sob o domínio de três grupos hostis: os árabes pròpriamente ditos, os que se atribuiam uma proveniência eslava, e ainda os africanos. No propósito de realizar uma tal aglutinação, o pai do Rei Al-Motámide não hesitou em forjar a comédia de um suposto Califa, atribuindo-lhe o título de Hixem II e fazendo-se ele próprio nomear seu *hadjib* (acessor), na secreta ambição de trazer para Sevilha a sede religiosa dos povos mulçulmanos da península.

Com a morte, no ano 1002, do grande capitão militar e político que foi o Rei Almançor, a agonia do império sarraceno de Espanha começou a ser um facto. Oito décadas mais tarde, a rebelião constante dos diversos agrupamentos étnicos que povoavam a Andaluzia e se opunham por instinto do seu barbarismo nómada a todos os princípios de nacionalidade, e ainda os movimentos de reconquista cristã, iniciados triunfalmente pelos reis de Castela e do Aragão, tornavam vivo o pressentimento de que o fim se aproximava. Nos alcáçares dos pequenos reinos dos ocupantes entrava a discórdia, que a dissolução e o pânico acompanhavam. Nenhuma força parecia já conjurar o mal:

biblRIA

fosse o verbo recriminador dos santos homens e intérpretes do dogma corânico, fosse a audácia dos guerrilheiros mais célebres.

A derrota de Zalaca

Assim, o extraordinário e selvagem Yuçufe, chamado a Espanha pelos príncipes andaluzes com o fim de auxiliá-los em armas contra as invasões de Afonso VI de Castela, caminhava já para Zalaca, à frente das filas compactas dos seus fanáticos morabitas (de *almorabetim* — os homens de Deus). Foi ali, na seca planície das terras de entre Albuquerque e Badajoz, que em 23 de Outubro de 1086 se repetia a hecatombe das margens do Guadi-Beca. Mas, no sangue que empapou a terra do campo de Zalaca naquele dia, não se lia sòmente a derrota dos cristãos, visto que, com a derrota destes, se iniciava também a ruína dos próprios Estados Muçulmanos, que tinham cometido o erro de requerer o apoio do temível chefe africano. Passando o Estreito, a nuvem negra dos almorávidas trazia com ela a ameaça sinistra de vir subverter os efeitos da obra diga-se de sensibilidade e de sabedoria que o patriciado da ocupação árabe tinha divulgado em Espanha.

biblRIA

Pelejando às portas do Alcáçar de Sevilha contra as tropas do general mauritano Abu Bekre, o gentil e infortunado Al-Motámide defendia com todas as forças e ambições da sua alma delicada de trovador o espólio de uma civilização que terminava ali, do outro lado das frágeis paredes do Palácio Real. Mas todos os ímpetos batalhadores a que se entregou, foram inúteis. A sua espada, que era a última imagem da grandeza de uma raça heróica, quebrou-se contra a massa bruta dos invasores. À graça elevada da sabedoria iam suceder a impureza e o barbarismo sem lei.

Uma vez vencido, os seus ferozes inimigos, se lhe pouparam a vida foi para o levarem, sob algemas, para uma masmorra do Norte de África, em Agmate, onde, no ano, de 1095, o infeliz Príncipe acabou miseràvelmente os seus dias, acompanhado da que fora a turbulenta e fiel Itimad. O prestígio do seu nome ficou, contudo, irradiando tanta admiração que, dois anos depois da sua morte, Ibne Al-Katib,

primeiro ministro do sultão de Granada, foi expressamente a Agmate para orar sobre o túmulo do último Rei abadita, deixando ali o clamor desta altiva lamentação:

> *Vim a Agmate para cumprir um dever piedoso, para pôr-me de joelhos sobre o teu sepulcro. Ah! porque não me foi dado conhecer-te em vida para cantar a tua glória? Tu, cuja generosidade eclipsava a de todos os reis; tu, que brilhavas como brilha uma tocha na escuridão da noite! Seja-se permitido, ao menos, saudar respeitosamente o teu túmulo. Levanta-se mais alto que todos os que o rodeiam. Tendo sobressaído entre os outros homens durante a tua vida, é justo que sobressaias entre aqueles que dormem a teus pés o sono eterno. Oh sultão entre os vivos e sultão entre os mortos! os séculos passados não viram quem te igualasse, e estou convencido que os séculos do futuro não verão um rei que se pareça contigo.*

biblRIA

Voltando aos avatares do excêntrico poeta de Silves, foi sobre este que a fatalidade se empenhou em descarregar os primeiros golpes. Diga-se, porém, que foram principalmente os seus actos desvairados os motivos que mais concorreram para a desgraça que sobreveio. A linhagem humana do vagabundo não suportou o choque do sistema de vida a que as exageradas liberalidades do Monarca elevaram os seus costumes modestos. É que nem todos os homens estão preparados para a privilegiada tarefa de serem grandes.

O pródigo Al-Motámide, coração de artista a emular as generosidades de carácter dos Abaditas — trono de varões honrados, oriundos do Yemen e avizinhados depois nas comarcas de Tocina e de Triana, do outro lado do Guadalquivir, em frente da Ixbiliah moçárabe —, pôs nele os olhos para os mais altos cargos administrativos do seu reino. Depois de o ter elevado à categoria de ministro em Sevilha e de governador na sua província natal, a lusitana Silves, fê-lo

transitar para o governo das províncias do Norte levantino, ou fosse de Murcia, Lérida e Saragoça, embora a sua posição nestas últimas cidades se ficasse devendo em grande parte ao êxito das suas próprias acções militares, durante as quais manifestou uma notável audácia.

Ibne Ammar, uma vez rico e poderoso, caiu nos erros tremendos de que a história de ontem e de hoje nos assinala os exemplos mais persuasivos e também dramáticos. Esta é, afinal, a condição condenatória dos homens medíocres. O antigo indigente das ruas de Silves, agora à frente da regência de verdadeiros Estados comunitários, não fugiu à regra biológica desta espécie de paranoicos da egolatria. Tornando-se de repente autoritário e tirânico, Ibne Ammar começou a alternar as dignidades das suas funções com os abusos mais insensatos e imperdoáveis, terminando no insulto, na sátira e na traição ao Príncipe de quem tinha recebido, além de um extraordinário afecto, todas as honras e galardões de que desfrutava. Mandado regressar à corte de Sevilha, aqui foi justiciado, caindo a sua cabeça sob os golpes do ferro empunhado pelas próprias mãos do seu régio amigo de outros tempos.

biblRIA

Ao dar entrada nas masmorras do Alcáçar, antes de ser executado, Ibne Ammar ainda dali dirigiu, em versos eloquentes, as mais comevedoras súplicas ao Mecenas que o tinha protegido e elevado. Mas todas ficaram sem resposta. E uma razão havia para isso. É que o poder lírico das estâncias em que implorava graça ao Soberano, tinha perdido já aquela virtude mágica que lhe advinha, no seu tempo de donzel, das tardes hipnóticas de Silves...

*
* *

Surge um vate de Santarém

A meados do século XII encontrava-se já formado politicamente o pequeno reino *portucalense,* desintegrado do bloco polarizante asturo-leonês e adoptando uma expressão toponímica que hoje poderemos considerar imprópria, pois é dentro de um conceito mais racional o admitir que, partindo da formação geo-étnica do território que a mesma pretendia designar, a elocução a empregar deveria ser a de reino *lusitano* e não reino *portucalense.* Antes que se criasse o topónimo do modesto burgo da beira-Douro, estava já assente, em tábuas fronteiriças de funda incisão, o traçado nacional da *Lusitânia.*

O nome do novíssimo Estado peninsular chega a Sevilha e entra no vocabulário indígena trazido por um emigrante, natural de Santarém, o mouro Ibne Baçâme, homem de acentuada personalidade mental, que viria a tornar-se tão célebre como outro famoso escalabitano, o poeta Abdalá Ibne Sara, cantor dos frutos e dos perfumes outonais, de que o erudito Emilio Garcia Gómez verteu ùltimamente para o idioma espanhol alguns dos seus poemas mais representativos.

Ibne Baçâme procedia de uma família de grande relevo fidalgo na sociedade de Santarém, circunstância que lhe tinha permitido de elevar a sua educação intelectual ao nível da brilhante cultura muçulmana da sua época. A situação desafogada de que gozava, concedia-lhe os meios para uma vida fácil, entregue ao prazer dos livros e aos outros, peculiares à sua estirpe. Mas a reconquista cristã, descendo do Norte, assumiu um ímpeto inusitado, nunca empregado até então pelas incursões dos monarcas de Castela e Leão. Um certo dia, Ibne Baçâme viu-se compelido a abandonar precipitadamente a sua cidade da lezíria do Tejo, a fim de escapar ao ataque das hostes triunfantes do nosso Ibne Errik, que já lançavam para o Sul a sua temerosa cavalaria. O futuro autor da famosa *Dhakhira,* apegado aos amores da

BIBRIA

sua terra natal, dela se separou com profundos motivos de saudade que definiriam nele, mais tarde, o carácter da origem lusitana.

O holandês Dozy, o mais minucioso e interessado historiador do período árabe em Espanha, não se cansa em exaltar a superior cultura literária do esmerado prosador e poeta de Santarém. A sua forçada expatriação tendo-o reduzido, inesperadamente, a uma situação de extrema penúria, foi ao engenho da pena lesta e erudita que ele se lembrou de recorrer. E não foi sem êxito. O conhecimento que tinha das literaturas antigas e o trato com os homens e varões ilustres do seu tempo deram-lhe motivo para traçar uma série de biografias apologéticas, para comentar acontecimentos, recopilar poetas (entre outros, o silvense Ibne Ammar) e arquivar um conjunto riquíssimo de anedotas e dados históricos que os manuscritos das bibliotecas de Madrid e Paris ainda hoje proporcionam aos estudiosos.

Sobre a independência mental de que deu provas, serve de exemplo o corajoso juizo com que, ao referir-se à perda do reino de Valência, evoca a memória do grande Cid Campeador, embora este tivesse sido um inimigo feroz e cruel dizimador das gentes da sua raça. Julgou-o com estas inequívocas palavras:

> *Terrível calamidade para o Islame, foi, pela viril firmeza do seu carácter, pelo seu amor à glória e por sua heróica energia, um dos grandes milagres do Criador.*

biblRIA

bibRIA

IV

bibRIA

AFONSO X OU O SIGNO DA POESIA

bibRIA

Corte do Rei Sábio

A reconquista de Sevilha por D. Fernando III (cuja apelidação de *O Santo* foi publicamente instituída pelo acto de canonização, em 1671, acordado pelo Papa Clemente X), tomada aos almóadas quinhentos e trinta e sete anos depois de haver caído sob o jugo dos omeias damasquinos, fez deslocar para a já famosa capital andaluza a corte dos reis de Castela e Leão, visto as coroas dos dois estados cingirem já a cabeça deste Monarca: a de Castela, por transmissão a seu favor dos direitos de sua mãe, Dona Berenguela, herdeira daquele trono por morte do pequeno Rei D. Henrique I, seu irmão; e a de Leão, por atribuição natural dos poderes dinásticos de seu pai, D. Afonso IX do mesmo reino.

biblRIA

As recentes vitórias contra as hostes do pendão vermelho africano reacendera a chama da luta pela libertação total da península. O historiador árabe Ibne Khaldun, referindo-se a uma época imediatamente anterior a esta, assinalava, com azedume e reprimenda contra o descuido militar dos seus, a existência, entre os estados islâmicos da península, de três reis cristãos: Afonso VIII de Castela, Afonso IX de Leão e Ibne Herrik — o nosso indomável Fundador. Era no desejo compreensível de recuperarem o solo amassado no sangue e nas glórias dos antepassados que os reinos destes três soberanos se esforçavam em estabelecer uma frente comum contra o ocupante intruso e secular, recorrendo para isso ao mecanismo das alianças políticas através dos laços matrimoniais entre as cortes respectivas e ainda as de Aragão e de Navarra. Aos paços dos reais alcáceres sevilhanos muitos seriam, por conseguinte, os fidalgos e mensageiros portugueses que ali trariam seu nobre garbo e boa amizade.

Com a queda de Sevilha, desaparecia do mapa muçulmano o nome da famosa capital do seu grande império do Ocidente. Ao mesmo

tempo, para o futuro da Espanha, surgia livre um território que iria ser a matriz dos grandes destinos nacionais. O fenómeno das civilizações dos povos aparece sempre condicionado pelo curso de um rio notável. Junto do Guadalquivir, e como resultado de quase seis seculos de cruzamentos fecundos com as raças ardentes dos invasores asiático-africanos, estava-se elaborando uma nova nação geográfica, moral e política, donde sairia o tipo definitivo do espanhol teológico e imperial. Sobre este tipo de homem de raízes godo-leonesas e sangue muçulmano levantar-se-ia, graças ao seu potencial de culturas e de força nómada, o sopro da épica andaluza, forjadora do ímpeto marítimo e da própria unidade hispânica.

Afonso X, mantendo em Sevilha a corte dos reinos, aqui instalada por seu pai, Fernando III, ao mesmo tempo que promovia o enlace de sua irmã, a Infanta D. Leonor, com o Príncipe Eduardo, filho de Henrique III de Inglaterra, casava sua filha D. Beatriz com o nosso Rei Bolonhês. Um tal casamento, se correspondia ao desejo da corte portuguesa de consolidar a sua posição por boas relações de amizade com as velhas monarquias da Península, como vinham praticando os reis anteriores, tão pouco deixaria de corresponder às aspirações do Rei Sábio. Mais tarde, este se regosijava de um tal acto quando a esposa de D. Afonso III, condoída da precária situação em que se encontrava seu pai, em consequência das lutas internas que teve que sustentar, veio a Sevilha, num carinhoso gesto de filha exemplar, trazer-lhe todos os auxílios possíveis. É o nosso Rui de Pina quem nos conta havê-lo ela socorrido — *com todas as joias de sua pessoa, e com todas as rendas e gentes que tinha e podia haver de Portugal.*

Quantas cantigas e *lais* do doce trovar lusitano se escutariam então sob os artesonados mouriscos dos salões do Alcácer Real, onde ressoariam ainda as passadas do velho almorávida Yuçufe — senhor bárbaro e poeta!

Alguns anos antes, o nosso Príncipe D. Dinis, filho de D. Beatriz, tinha também visitado a corte de Sevilha, dando lugar a um aconte-

bibRIA

Visita de D. Dinis

cimento que provocou os protestos violentos dos nobres castelhanos, expressos neste parecer do Conde D. Nuno de Lara: «Que vos tiredes, señor, de la coroa de vuestros reinos el tributo que el rey de Portugal y su reino son tenudos de vos facer, yo nunca, señor, vos lo aconsejaré».

Este episódio, pouco referido nas crónicas, revestiu-se de uma importância de grandes efeitos, pois enquanto Portugal retirava dele os direitos de carácter jurídico que consolidavam a sua total independência, tanto na extensão do território como nos privilégios da sua carta política, do lado de Castela foi tomado como pretexto para um levantamento dos fidalgos, ricos-homens e barões do reino contra D. Afonso X, cujo governo debilitaram com as repetidas e desleais reclamações que lhe impuseram. Ser-nos-á fácil recordá-lo. D. Dinis tinha vindo a Sevilha com o fim de obter de seu avô, o Rei Sábio, a cessação das obrigações de vassalagem de Portugal à coroa de Castela, contraídas pela possessão, por este Rei, do estado de Niebla, no Sul andaluz, a que estava enfeudado todo o Garbe português, com os aglomerados de Serpa, Moura, Castro Marim, Faro, Loulé e outros.

bibRIA

Missão árdua e de sucesso pouco seguro. Pois que valor de Estado representaria a petição do pequeno Príncipe português perante o formal repúdio da orgulhosa nobreza de Castela? Requerimento de tal natureza apenas serviria para exacerbar ainda mais os ânimos dos cortesãos nas acusações ao seu Rei. Aquele título de *Rei de Portugal e do Algarve,* que D. Sancho I se afoitara a usar após a conquista de Silves aos almóadas de Yacub, irritava já bastante os brios pundonorosos das gentes de armas para que tolerassem ainda aquela nova quebra aos foros do direito castelhano. Contudo, apesar da gravidade da pretensão e do juízo contraditório dos infantes e ricos-homens do seu conselho, D. Afonso X terminou por ceder aos rogos do singular mensageiro, o qual terá ficado na história diplomática como o mais novo dos chefes de missão: não tinha ainda dez anos de idade.

O historiador quinhentista Alonso Morgado fixa nestes termos o acontecimento: «Y en Sevilla se le dio libertad al Reyno de Portugal

del omenaje, que tenia hecho a Castilla, como era, venir a Cortes los Reyes de aquel Reyno, cada y quando que los de Leon y Castilla fuessen llamados, y darles cierta gente, todas las vezes que moviessem guerra contra Moros».

Queda de um feudo

Como explicar a decisão tomada por Afonso X, que, de tão grave que era, iria provocar as mais funestas perturbações na vida interna do Estado? Não erraremos, decerto, ao conjecturarmos que a outorga de um acto de tão notável importância política tenha sido movida no coração do Rei pelo desvanecimento do avô ao escutar, na intimidade familiar dos serões palacianos, o pequeno neto, e futuro trovador também, recitar-lhe algum estribilho da colecção das *Cantigas,* cuja cópia tivesse já chegado à corte portuguesa. E assim se ficou devendo ao poder da poesia o que pelas armas, nessa ocasião, nunca se teria obtido.

bibRIA

Uma tal conquista do espírito deve-se ao facto de encontrar-se à frente da coroa de Castela um Soberano que, se não era beneficiado pelas dádivas da fortuna política, era, porém, rico de talento literário e de sensibilidade artística. O papel que o seu amor às letras e à ciência o levou a desempenhar na cultura do seu tempo, foi valioso. Além das obras de sabedoria erudita, como a *Crónica General de España,* o corpo legista de *Las Partidas,* os *Libros del saber de Astronomia,* as preocupações intelectuais de Afonso X deram ocasião a que, pelos seus cuidados, se operasse um renovo total no pensamento espanhol. Os grandes livros religiosos da humanidade, como a Bíblia, o Talmud e o Corão, foram mandados traduzir para a língua castelhana, criaram-se estudos de latim e árabe nas universidades de Sevilha e Murcia, e cátedras de medicina, cirurgia, música e canto na de Salamanca. O estudo das literaturas estrangeiras, o ensino da teologia, gramática e lógica, tomaram um incremento que até então não tinham conhecido. Pròpriamente o livro das *Cantigas* ou *Cantigas de Santa Maria,* espelho da sua veia lírica, é um conjunto de quatrocentas e vinte composições, redigidas em língua galaica e tendo como motivo

temático principal a vida e as lendas de Nossa Senhora. Esta colecção, chegada até nós através dos códices de Florença, Toledo e Escurial, tem servido de fonte a penas ilustres, que não hesitaram em colher ali a sua inspiração, desde Lope de Vega e Luís Vélez de Guevara a Thomas Moore e Maeterlinck. Bem mereceu, pois, este Rei o cognome de Sábio.

O símbolo «Nomadejado»

Sempre que um caminhante das largas estradas do mundo entra na «cidade de Maria Santíssima», começa pouco a pouco a sentir sua atenção atraída para um pormenor de carácter gráfico que não se dissimula sem o intrigar. Nas ruas, nos jardins, nas fachadas dos edifícios públicos, nos silhares de certas esquinas nobres, nas bandeiras desfraldadas, na diplomática das secretarias e orlando a lapela ou o chapéu andaluz dos funcionários menores da municipalidade, uma cifra alfabética, emblemática, faz avultar ante o olhar curioso dos que a contemplam o seu enigma obscuro e portanto aliciante.

bibRIA

O dístico misterioso, que a razão de cada um aceita como fazendo parte de qualquer heráldica local, é formado pela figura central, em corpo de destaque, do algarismo *8*, cuja forma reproduz a imagem de uma madeixa de cabelo, que em língua espanhola se expressa pelo vocábulo *madeja*. Antecedido este algarismo do grupo silábico *NO* e acrescentado do grupo *DO*, a sua significação figurativa dá lugar à frase sincopada: *NOMADEJADO*, ou seja, em português, a afirmação — *não me deixou*.

A explicação desta frase leva-nos de novo ao reinado do egrégio avô do nosso D. Dinis, visto que foi ele que a arrancou do seu coração de Rei para agradecer a Sevilha a fidelidade que esta constantemente lhe guardou quando, no litígio de Afonso X com os partidários do Infante D. Sancho, usurpador dos direitos de seu irmão D. Fernando

de *La Cerda* (1), quase todas as cidades dos seus Estados lhe retiraram o apoio pedido. E Sevilha, penhorada com a honrosa outorga, quis perpetuá-la através dos tempos integrando-a oficialmente no armorial do Município.

O viajante português poderá, pois, voltar as costas a Sevilha levando do espírito hermético desta cidade difícil e impenetrável, pelo menos uma cifra desvendada: a da sigla famosa *NOMADEJADO*, sabendo ademais, para gáudio seu, que a sua origem está ligada a um sábio e infortunado Rei que muito deu do seu coração ao amor de Portugal.

bibRIA

(1) Este D. Fernando, primogénito de Afonso X, que na torre de *Don Fadrique*, ainda erecta sobre o terreiro contíguo ao Convento de Santa Clara, cumpriu pena de encerramento, foi chamado o Infante *de La Cerda* «por unos pelos muy largos que tenia en la cara» — diz Sitges (*Las Mujeres del Rey Don Pedro de Castilla*).

Converteu-se esta alcunha num sobrenome familiar que, transmitido aos sucessores do Infante, entrou em Portugal e, pelo fenómeno da junção vocabular, deu origem ao apelido Lacerda.

V

bibRIA

A BRAVA FIGURA DA BATALHA DO SALADO

bibRIA

D. Afonso IV de Portugal

Cabe falar agora da presença em Sevilha — a primeira de um Rei português — do esforçado Rei da nossa primeira dinastia, D. Afonso IV o Bravo. Colocado entre o luzimento de dois reinados que, pelas figuras e dramas que os envolveram, criaram em volta deles um interesse espectacular que absorveu todas as atenções, este Monarca não suscitou ainda da história o estudo cuidado que merece a sua vida honrada, embora violenta e indomável. A sua vinda à capital andaluza, com destino à futura batalha do Salado, considerada pelo que representa e nas condições políticas em que foi realizada, é uma impressionante afirmação da lealdade do seu carácter e da acerada veemência que o movia em prol da causa cristã. Demais lhe doíam na carne de Rei e de pai as feridas abertas pela afronta do genro, D. Afonso XI de Castela e Leão, que impùdicamente repudiara o afecto da rainha D. Maria, trocando-o pelos amores ilícitos com a andaluza Leonor de Guzmán, atraindo sobre si o justo furor da corte portuguesa. Não obstante, o Rei de Castela, na iminência de um ataque em massa ao seu território pelas tropas do imperador magrebino, cujas naves cruzavam o estreito de Gibraltar e despejava gente sobre as praias de Algeciras, não hesita em pedir socorros a Portugal, confiado em que as galhardias generosas do heroísmo não deixariam escutar as agruras do coração do Rei ofendido. Deixamos, pois, a um escritor espanhol (1) a confissão deste lance:

bibRIA

«Al efecto hizo que la reina D. Maria, que vivia retirada en su monasterio con su hijo D. Pedro, escribiese à su padre

(1) Joaquín Guichot, *Historia General de Andalucia*. Tomo IV.

> el rey de Portugal; quien no menos generoso que su hija, olvidando los agravios hechos à su honra, envión al rey de Castilla su flota al mando del almirante Pezano y de su hijo Carlos.»

Entretanto o contumaz Abu-el-Haçame, imperador mauritano, apoiado pelos Beni-Merines de Granada e pelo Rei de Tunis, seus aliados, desembarcava sobre as costas espanholas «setenta mil cavaleiros e quatrocentas vezes mil homens de pé», com que punha cerco à cidade de Tarifa. Afonso XI reune então, à pressa, os grandes do reino no palácio de Sevilha, tendo sido decidido nesse conselho do governo que o Rei de Castela socorresse Tarifa e que pedisse, para tal fim, auxílios a Aragão e Portugal.

É ainda ao mesmo historiador que damos a palavra: «En su virtud comenzóse desde luego á hacer los grandes preparativos para la guerra; y la buena y generosa reina D.ª Maria, á solicitud de su infiel esposo, marchó á Portugal para obtener de su padre los auxilios de que tanta necesidad tenia su marido. El noble D. Alfonso IV mostróse propicio á la solicitud de su yerno, y ofreció á su hija que marcharia en persona con una hueste en socorro del rey de Castilla».

Veio, com efeito, a Andaluzia o bravo Rei português. Foi recebido com um entusiasmo que fácil será de imaginar e justificar. Às suas dignidades de Monarca quereria, certamente, Afonso XI juntar o preço da sua reconciliação, dobrando assim as galas da recepção com a estima que ambicionaria recuperar no ânimo irado do velho Rei. Por outro lado, a alma cavalheiresca dos Sevilhanos não deixaria sem prémio, sem aplauso, aquele que chegava como um salvador em tais horas de pânico.

Debalde temos procurado nos cronistas espanhois a notícia desenvolvida deste encontro e seu preito correlativo. Graves teriam sido as atitudes e os discursos ali trocados. Transladamos para aqui,

biblRIA

sem nada alterar, o conceituado relato de Rui de Pina, no próprio dizer quinhentista da crónica da Torre de Tombo:

Na corte de Afonso XI

«O Dia que ellRey de Portugal ouve de entrar em Sevilha todolos grandes senhores do seu Reyno que eram nas Cortes sahiram a seu recebimento fóra da cidade, & assim os Prelados cô toda a Clerezia, & com as Sanctas Reliquias que na Cidade avia, de que nam avia memoria, que para algum outro Rey fossem assim particularmente tiradas, & postos todos em huma devota, & muy solemne Procissam, vieram receber elRey de Portugal, & tambem as outras pessoas da Cidade, de baixa côdiçam homens, & molheres, & grandes, & pequenos, ricos, & pobres, & alegres todos com dezejada, & necessaria vinda de elRey de Portugal, & espantados, & temerozos da multidam sem côto dos imigos da Fee, que contra elles, & para destruiçam da terra dos Christãos eram juntos todos com lagrimas de prazer, chorando cantauam. *Bem auenturado seja o Rey que no nome de Senhor vem para com a virtude de Deos, liurar o Povo Christão, das bocas dos Dragoens imigos da Cruz de Iesus Christo nosso Senhor.* Porque sendo tam atribulados elles como vós chorosa, & damargura lhe bradaraô, & elle com muyta misericordia, & grâde tristeza os ouvio, que nam se quiz esquecer dos clamores dos pobres, & aflitos, antes polos seus gemidos em breve momento, & poderosamente quiz aleuâtarse, & destruir os Mouros, que com crueza propunhaô despedaçar os Fieis Christãos, que pelo seu precioso sangue elle tinha remidos, & sobre isto sendo os Reys de Portugal, & de Castella, em Conselho com todos os Senhores de seus reynos, que eram juntos sobre o modo que teriam no feyto de Tarifa, alguns aque parecia ser assim milhor, & mais seguro, & proueitoso aconselhauaô o que já tinhaô aconselhado asaber que tarifa se desse aos Mouros com tal condiçam que

biblRIA

elles se tornassem loguo para suas terras donde vieram, & que sobre isso passassem seus arrefens, & boas seguranças, ao qual Conselho com quer que â primeyra elRey de Castella fosse contrario, se diz que pelas perigozas deficuldades que se offereceraô, & ali lhe foraô mais largua, & particularmente aprezentadas, já se inclinaua, & que avia por menos inconveniente perder aquela villa, que pór em ventura todalas outras, cô auentura de sua pessoa que na batalla se offerecia.

Ao qual Conselho leuando já fundamentos de determiçaô, & consentimento, el Rey de Portugal, foy com palauras que pareciam divinas inspiradas, muyto côtrario dizendo com rosto muy seguro, & com seu coraçam muy mais esforçado. *Eu nam sahi de meu reyno de Portugal para consentir que Cidade, villa, nê Castellos em terra de Christaôs onde já estou se perdesse, nê por minha honra o consentiria, antes vim, & estou prestes para offerecer meu corpo à morte assim como Christo, cuja he esta empreza, ofez por nos, & pera em sua virtude, & esforço guerrear com forte coraçam estes imigos de nossa Sancta Fee Catholica, cobiçozos de nossos Senhorios, nem cuido que tenho aqui homem de seu reyno, & de meu conselho que assim o nam aproue, & aja por bem, que por se cobrar, & nam perder Tarifa, eu farei como faria pela mais principal Cidade de meus reynos.*

Pelo qual vendo elRey de Castella, & os grandes homens de seu conselho o voto, & determinaçam de elRey de Portugal, que parecia favorecido da graça de Deos, & que a sua contradiçam lhe fazia grande mingoa se a nam consentissem, tomaraô loguo todos grâde esforço em seu coraçam & sem mais alteraçam asentaraô em suas vontades o Catholico, & devoto, & muy Real Conselho de elRey de Portugal, que era socorrer Tarifa, & non de negar, antes procurar batalha com os Reys Mouros...»

bibRIA

A grande batalha

São bem conhecidos os resultados da renhida batalha dos campos do Salado. Contra a coligação dos príncipes mouros, entre os quais se contavam Abu-el-Haçame, imperador de Marrocos, e Yuçufe ben Ismail, sultão de Granada, as guarnições dos exércitos cristãos, formadas pela cavalaria e gente de pé das tropas portuguesas, castelhanas e de Aragão, naquela segunda-feira de 30 de Outubro de 1340, pelejando furiosamente, deixaram sobre o solo os cadáveres de quinhentos mil africanos. Esta terrível matança e a desproporção entre as forças que entraram em combate, pois os exércitos de Afonso XI não iam além de trinta mil homens, faz do Salado o último grande recontro militar das duas comunidades religiosas, com o haver de uma estrondosa vitória a favor dos estandartes cristãos.

Uma estranha coincidência prende, ao mesmo tempo, a nossa atenção. Ali ao lado, corriam as águas do Guadi-Beca onde, seiscentos e vinte e nove anos antes, em 711, o sangue dos cem mil godos do Rei Rodrigo se escoou para o mar, abrindo as portas à invasão das tribos berberes de Tarik. Vemos que esta ponta de terra hispânica estava, pois, destinada a ser aurora e ocaso do islamismo na Península.

biblRIA

De como se houve o Rei português e do desinteresse que manifestou ante os abundantes e ricos despojos deixados pelo inimigo, bastará evocar aquelas palavras que trocou com seu genro, o Rei de Castela, no fim da batalha, e da atitude com que acompanhou o seu dizer:

— Grande dia foi para vós, e grande vitória!

— A vós a devo, Senhor! Tomai para vós o que melhor pretenderdes..., respondeu Afonso XI.

Prémio singular

Deverá ter palpitado de júbilo o coração de Afonso IV. E num desdém do seu altivo carácter pelas conquistas materiais dessa jornada gloriosa, igual ao desdém que manteve perante os perigos que arrostou, tudo recusou, desejando apenas guardar para si alguns dos belos arreios da cavalaria árabe, cujos trabalhos de requintada fantasia e acabamento artístico tinham ferido o seu bom gosto de Rei Soldado.

Voltando a Sevilha, onde grandes festas se prepararam em honra dos vencedores, Afonso XI de Castela, em luzida escolta formada pelos seus melhores cavaleiros e grandes do reino, acompanhou depois o sogro até à vila de Casalla de la Sierra, no termo de Badajoz. Aqui se despediram os dois séquitos, e D. Afonso IV, seguido pelo seu exército vitorioso, regressou a Portugal através dos olivais da charneca áspera de Arroche.

bibRIA

VI

bibRIA

À SOMBRA DO AMOR DE MARIA DE PADILLA

bibRIA

Na elaboração deste compêndio afectivo, onde com simplicidade se pretende documentar os dados biográficos mais salientes de Sevilha nas suas relações com Portugal, é propósito nosso citar todas aquelas figuras cuja presença se destaque dentro de um tal confinação, sem curarmos do uso ou do carácter das suas tendências a que os homens tenham levado esta presença.

Não querendo, por isso, fazer crítica de costumes ou qualquer outra, passamos agora a registar nos anais de Sevilha o nome de um famoso áulico que, embora relegado pela história para um plano secundário, soube imprimir uma direcção pessoal aos acontecimentos que marcam na vida palaciana dos reis cristãos nesta cidade o seu período mais agitado.

bibRIA

Trata-se do português e nobre do reino, D. João Afonso de Albuquerque, Senhor de Albuquerque, ligado ao melhor sangue fidalgo das cortes de Castela e Portugal. Por linhagem de sua mãe, Dona Teresa Martins de Albuquerque, descendia de D. Sancho IV de Castela e, vindo de um outro ramo, de Dona Maria Pais Ribeira, a cantada *Ribeirinha* de D. Sancho I o Povoador; e, por linha paterna, do nosso Rei D. Dinis, visto ser filho do bastardo D. Afonso Sanches, conhecido pelas lutas que provocou com o então Príncipe herdeiro e futuro Rei D. Afonso IV, em que entreveio como conciliadora, já na auréola da santidade, a figura da Rainha Dona Isabel de Aragão.

D. João Afonso de Albuquerque

D. João Afonso, tanto pelo parentesco dos ramos palacianos a que pertencia como pelos imensos domínios e relações que possuia em terras de Castela, foi escolhido para acompanhar a Sevilha a *fermosíssima Maria* (como foi chamada no verso maneirinho de Camões), filha de Afonso IV o Bravo, no acto do seu casamento com Afonso Onzeno, Rei com quem Albuquerque igualmente se

encontrava aparentado. Uma vez realizadas as bodas, D. João Afonso foi solicitado para ficar em palácio, sendo mais tarde escolhido para aio do primeiro filho havido deste matrimónio, o Infante D. Pedro, junto da cuja futura vida de Rei iria exercer uma poderosa influência que, na opinião de muitos cronistas, foi maiormente nefasta e pouco escrupulosa. Na crónica que escreveu sobre a vida deste Rei, o Chanceler Pero López de Ayala cita-o como pai do moço cavaleiro D. Martim Gil, fronteiro-mor do reino de Múrcia, e ainda de um filho bastardo que teve um dia de deixar em reféns nas mãos do Rei D. Pedro para se caucionar da acusação que lhe imputavam de ter atentado contra a vida do *Cruel*.

Figura moralmente implantada nas irrequietas linhagens da buliçosa sociedade da Idade Média, em que a paixão do poder e o sentimento de hegemonia feudalista dominavam as preocupações do homem social, este aziago João Afonso não foge ao vilipêndio de ter concorrido em muito para a carreira trágica do infortunado filho da Rainha Dona Maria de Portugal. Com efeito, se examinarmos atentamente os actos ditados pela consciência do valido português, notaremos que, logo a curto tempo da subida ao trono deste Monarca, é ele que aparece a desviar o espírito do Rei inculcando-lhe o primeiro sucesso violento do seu reinado e que tão graves consequências viria a produzir: o assassinato de Dona Leonor de Guzmán, mãe dos bastardos de D. Afonso XI, cometido em Talavera de la Reina e decidido quando a corte estanciava na vila de Llerena, a caminho de Valhadolid. Mais tarde, na cidade de Burgos, tomando como pretexto uma presumida rebelião dos nobres contra o poder real, é ele também o impiedoso instigador da execução de um grande número de cavaleiros e barões de Castela, de cuja possível hostilidade se liberta valendo-se de tão ruim processo.

O homem e as suas ambições

Mas o acto mais discutido e ainda pendente na balança da história é o que vai-se seguir-se na lista das suas intenções malsãs — e o apodo não é gratuito nem excessivo. As miras de D. João Afonso, tendentes

bibRIA

D. Pedro e segui-lo para sempre, fiel e apaixonada, ao longo da sua inquieta e tormentosa vida de Rei infeliz.

A mão da justiça estava armada. A um tal acto de corrupção corresponde no espírito do Rei a queda da influência do áulico, suplantada pelo grande amor daquela a quem este quis perder para se elevar. Estes tremendos exemplos cáem por vezes sobre o homem como uma advertência punitiva do lei imanente que nos vigia.

Mas não se deteve ali o ânimo truculento de D. João Afonso. A voracidade da ambição palaciana era tal que, para um homem da sua têmpora buliçosa, já não era fácil retroceder no caminho da vingança que projectava. A segunda fase da vida do que foi poderoso caudilho político e senhor de vários castelos e beetrias nos dois Estados peninsulares, iria fazer explodir nele, como na alma do mais vil dos seus fâmulos, os ódios represados até então. O episódio em que esta manifestação se concretizou, revestiu-se de uma forma tão dramática que, mesmo de passagem que seja, seria ilícito deixá-lo sem relevo.

bibRIA

A rebeldia dos bastardos

No tempo a que esta narrativa se refere, D. João Afonso de Albuqerque, não tendo podido reconquistar as graças do Rei, resolve voltar de novo a Portugal, o que era um meio de proteger-se contra as intenções suspeitosas que aquele parecia alimentar a seu respeito. A morte recente, por mandato de D. Pedro, do seu amigo mais chegado, D. Juan Nuñes de Prado, Mestre da Ordem de Calatrava, era um aviso claro. Por outro lado, na sua lembrança ressoava com acentos significativos a sentença fúnebre contida na exclamação de Afonso Fernandes Coronel, rico-homem do castelo de Aguilar, quando este, a caminho da execução, lhe respondeu: «D. João Afonso, esta é Castela, que faz os homens e os gasta...» Grande frase, na verdade, cujo vigor se nutria da secura de carácter de uma raça orgulhosa, à qual ele se tinha afeito, ao sabor dos seus jeitos de domi-

nador, mas pela qual agora se sentia também dominado. Não dar ouvidos ao fatalismo inexorável do seu significado seria uma loucura. E, precavidamente, foi acolher-se à corte de Évora, junto de seu tio, D. Afonso IV o Bravo, onde um pretexto para o seu asilo forçado não lhe poderia vir mais à mão: no Palácio estavam-se celebrando as bodas da Infanta Dona Maria, filha do herdeiro da coroa, com o Infante D. Fernando de Aragão.

Não foi longo o exílio de D. João Afonso nas terras dos seus antepassados. Movidos por uma força impetuosa de violência, cujas raízes obscuras ainda hoje não se sabe bem a que atribui-las, os bastardos de Afonso XI, D. Henrique de Trastamara e seus irmãos D. Telo e D. Fadrique, este último religioso professo e Mestre da Ordem de Santiago, não descansavam no manobrar dos planos odiosos que deveriam encher de sangue este período da história de Castela. A queda do privado D. João Afonso vinha pôr-lhes nas mãos, sem que a tivessem buscado, uma arma nova e de poderosos efeitos, a servi-los nos seus traiçoeiros intentos. Entre o celerado e a sua vítima, a sorte pende sempre em abono do primeiro. Os filhos da favorita Dona Leonor de Guzmán deliraram de negra alegria ante as perspectivas de terem a seu lado o único homem que no reino, em poderio e perspicácia, poderia medir-se com D. Pedro. Seria um colaborador fortuito mas de incalculável merecimento. Foram ,pois, despachados alguns mensageiros com destino a Évora, a fim de convidarem secretamente o antigo áulico a entrar numa conjura conta o Rei.

Posto em evidência o valor da recompensa a oferecer ao Judas, D. João Afonso não deverá ter empregado muitos momentos em vencer a resistência de qualquer escrúpulo de consciência que o pudesse turvar perante a proposta recebida. A ferida aberta recentemente no seu orgulho de cortesão caído, esvurmava humores demasiados malignos para que o fel da traição em que iria entrar deixasse o mínimo ressaibo. E, vilmente, aceitou o pacto. Está claro que, nesta decisão, não deixava também de entrar em linha de conta a possibilidade de

biblA

um caminho novo que poderia ainda reconduzi-lo a uma situação de fortuna.

A ratificação dos termos da conjura parece ter sido levada a efeito numa reunião clandestina, efectuada no Caia, com todos os comparsas presentes. Dali saiu o Albuquerque dando rédea solta aos entusiasmos em que se tinha embriagado o seu ânimo daninho e pisando de novo a terra cálida de Castela, solar das suas ambições culminantes. Com as gentes dos castelos e de terras de que era donatário, fácil lhe foi promover o levantamento das principais cidades a favor dos sublevados, os quais ràpidamente se viram engrossados com as hostes dos Infantes de Aragão e muitos fidalgos da Galiza, Leão e Astúrias. O ódio da nobreza à rectidão daquele Rei moço e terrìvelmente cioso dos foros dinásticos pelos quais Afonso XI ardorosamente tinha combatido, aliado ao furor desnaturado dos bastardos, dissimulavam cavilosamente o horror das suas pretensões sob os articulados de uma demanda legal: a da reposição no trono (ou, em mais justo dizer, no tálamo conjugal) de Dona Branca de França, esposa legítima do Rei, mas que de facto a *não era*, como mais tarde D. Pedro, reunindo as cortes em Sevilha para tal efeito, o proclamou perante todos os grandes do reino, declarando solenemente haver-se casado antes com Dona Maria de Padilla, a quem recebera por esposa. A reclamação dos rebeldes estabelecia ainda a alternativa de que, no caso em que o Rei não aceitasse o que lhe era requerido, deveria abdicar da coroa de Castela a favor de seu tio, o Infante D. Pedro de Portugal. Esta segunda forma da alternativa, baseada, decerto, numa flagrante insinceridade, invalida a razão dos intuitos em que a conjura pretendia fundamentar-se.

Luta dos nobres

Uma vez conhecedor do levantamento afrontoso que os seus inimigos vinham de provocar no Reino, tanto contra as prerrogativas do poder real como pretendendo mesmo atingir os foros dos seus afectos privados, D. Pedro quis imediatamente ripostar. Pedia-lho a altivez da sua índole máscula e pedia-lho aquele insulto dos bastardos

biblRIA

e sequazes atirando-se ao seu Monarca como chacais irrespeitosos. Mas informado pormenorizadamente da extensão da revolta, que dominava já as terras de Badajoz e Albuqerque (onde D. João Afonso tinha o principal dos seus castelos e a decorrente influência pessoal), de Leão, da Galiza e das Astúrias, viu-se constrangido a desistir do seu recontro com as facções dos sublevados. Espumando de raiva, foi então fechar-se no castelo de Tordesilhas, à espera que o progressivo desenrolar dos acontecimentos lhe desse ainda a ocasião de intervir, de acordo com os seus direitos e também com a terrível excitação da sua fúria.

Este ataque cerval ao filho legítimo de Afonso XI de Castela e Maria de Portugal, herdeiro dos direitos e responsabilidades do Soberano anterior, tinha as suas origens implantadas em acontecimentos que eram completamente estranhos ao infortunado Príncipe contra quem o mesmo era agora lançado. É certo que se erguia contra ele a senha feroz dos bastardos a buscar razões, fossem elas quais fossem, no intuito de despedaçar o poder do irmão que só por metade o era; mas aquela de nada valeria se todos os grandes do Reino não ocorressem a prestar-lhe o auxílio que um velho despeito reclamava. Nas cortes de Alcalá de Henares, reunidas em 1348, o Rei D. Afonso XI tinha quebrado todos os privilégios e feudos da nobreza com o instrumento jurídico e legal que se ficou chamando *Ordenamento de Alcalá,* diploma que D. Pedro, desde que subiu ao trono, se apressou em revalidar com uma formal ratificação executiva. A coragem deste acto equivalia a uma declaração de continuidade na resistência a todas as veleidades de autocracia feudalista. E os nobres não lho perdoaram. Era nisto que o filho de Afonso XI, na reclusão forçada de Tordesilhas, devia certamente meditar.

Entretanto, os confederados iam recolhendo novas adesões, e de tal sorte que, sem grande peleja, entraram vitoriosos na cidade de Medina del Campo. Este êxito inesperado encheu de estímulo o arraial dos insurretos. Agora já nenhuma dúvida poderia subsistir acerca

bibRIA

dos resultados da aventura. Mas, nestes caso, o que esperavam então? Pois exactamente o inesperado: D. João Afonso de Albuquerque, adoecendo sùbitamente em Medina del Campo, ali expirava poucos dias após — *asesinado com yrbas que le dió um Médico italiano, por encargo de Don Pedro,* diz Ayala.

Cenário trágico

E aqui começa a mover-se o macabro maquinismo cuja urdidura desafiaria as mais torvas concepções dos trágicos gregos. D. João Afonso, velho cortesão adestrado no exame psicológico da sociedade do seu tempo, demais sabia que a arrojada empresa que se decidira a capitanear, dependia quase exclusivamente da sua energia e iniciativa pessoal e muito pouco da coesão dos seus aliados. Nenhuma dúvida lhe restava que estes, uma vez entregues a si próprios, imediatamente em renhidas disputas de tribo primitiva aniquilariam o propósito político que os unia a todos e os obrigava a marchar, embora constrangidos, para o mesmo fim de revindicta odiosa. Mas sendo homem cuja sagacidade prática derrotaria as próprias contingências da morte, João Afonso de Albuquerque, logo que o mal físico o prostrou, soube claramente prever as consequências que adviriam do seu desaparecimento e, num cálculo de velho lobo astuto, sopesou bem o valor da influência que a presença do seu corpo, mesmo sem vida, continuaria a exercer na frágil vontade do bando de traidores e pusilânimes que, sem nenhuma sinceridade, o tinham rodeado até ali de um cortejo de adulações. Era a chave para o êxito do seu ódio. Deverá ter esboçado sob o pergaminho da máscara lívida um sorriso de júbilo satânico. Depois, antecipando-se ao estertor que sobreviria em breve, o terrível fidalgo, duplamente ilustre e aviltado no armorial das duas pátrias peninsulares, ergueu a voz e mandou redigir actas

biblRIA

testamentárias, onde, num texto inaudito, fez exarar esta espantosa disposição:

«...enquanto não se realizarem os fins perseguidos, o meu corpo deverá permanecer insepulto e acompanhará o exército em todas as suas marchas, levado a ombros dos meus vassalos, devendo estar presente em todos os conselhos de guerra; e sendo emprazado para ostentar os direitos da minha voz, o Mordomo-mor Ruy Diaz Cabeza de Vaca».

Cumpriram-se à risca as vontades do morto. Hoje não poderemos reconstituir sem calafrios o cenário arrepiante desse lento desfilar de gentes armadas através dos campos escalvados de Castela, obedecendo ao rumo que, silenciosamente, do alto das antas que o transportava, lhe era imposto por um ataúde. Marcha de angústia, encenando pânicos do além. Sobre o veludo negro do esquife, no qual, bordadas a oiro, brilhavam ao sol as armas dos Teles e Albuquerques, exibia-se a folha de um pergaminho com o traslado das cláusulas do testamento, que era obrigatório ter presente em todas as reuniões e conselhos dos rebeldes, a fim de que em nenhum transe deixasse de ter voto eliminatório o tremendo mandato do morto.

DORIA

Entretanto, D. Pedro refugiara-se, furibundo, por detrás das ameias do castelo de Toro, junto de sua mãe, Dona Maria de Portugal, que ali se encontrava com as damas de honor, igualmente nada tranquila quanto ao desenrolar dos acontecimentos. Uma obscura chamada terá impelido o espírito violento do Rei a procurar junto do regaço maternal um desafogo para os maus pressentimentos que começavam a esmagá-lo. Nenhum instinto é tão vivo no homem como o da conservação e o da morte. Os dois fazem nascer no interior da própria carne vozes tão claras que até os ouvidos as escutam. E, com D. Pedro, um dia novo podia ser o seu último dia.

Por sua vez, a coluna, querendo realizar uma impressionante demonstração do seu poderio e alarmar com ela o ânimo do Monarca, fez uma chamada a todos os insurretos e dissidentes das regiões que

ele, desejosos de o despojar dos seus privilégios dinásticos, impugnando-lhe o direito de actos que ele considerava tão legítimos e pessoais como a soberania da coroa que seu pai lhe tinha legado. Por isso, o seu orgulho varonil de filho de Rei, ao mesmo tempo que, no fundo da sua consciência, o levava a revalidar todas as decisões de homem tomadas até então, levava-o também a encontrar razões para se desforrar sem indulgência dos que atentavam contra a imunidade do seu poderio. Doia-lhe sobretudo, numa injúria penosa, a rebeldia daquele que tinha sido o educador da sua carreira de Príncipe, D. João Afonso de Albuquerque, e que do interior do abismático ataúde, levado em triunfo sobre a lúgubre marcha processional, parecia lançar ainda sobre ele esconjuros e ameaças.

No seu fojo de silvedos onde se ocultara com o punhado de cavaleiros fiéis, este homem belicoso, mais infeliz que intemperado, sentiu-se de repente só, despojado de todos os seus atributos indomáveis, como que reduzido a um vil grão de areia sobre a extensão dos próprios Estados de que era Senhor. Iria soçobrar? Era ainda cedo. O enorme potencial da sua vitalidade entrou-lhe no cérebro como chamas vivas. Viver, cogitou, — sòmente viver! E decerto lhe vieram desejos de respirar a embriaguez da nudez das rosas e dos nardos dos seus jardins do palácio de Sevilha, longe dos prélios fratricidas, longe das horas gastas em batalhas de ódio sem fim. De um salto, tomou a montada e galopou veloz em direcção a Urueña, na província de Valhadolid, onde o esperavam os braços fiéis da constante Maria de Padilla.

Quanto à coluna dos conjurados, continuou a sua marcha hostil embrenhado-se no horizonte das terras pardas de Zamora, dirigida pelo fúnebre estandarte do corpo de João Afonso de Albuquerque. Este, inexorável e vingador, continuava a alimentar o espírito da sedição até voltar à cidade de Toro, trazido pela traição desonrosa da Rainha D. Maria, que ali atraiu os rebeldes para lhes entregar seu próprio filho.

biblRIA

encarregados da execução das sentenças e estas só pronunciadas depois de ouvido o conselho de príncipes e letrados e em consequência de crimes de traição contra a segurança do Estado ou a pessoa do Rei.

Mas em Montiel nada disto se passou. O delito em que o atentado deverá fundamentar-se é apenas este: o de um Monarca, filho legítimo de um matrimónio legal, que exerce legalmente o governo das instituições que lhe coube reger por indiscutível direito de hereditariedade. A impugnar este direito, o ódio de um irmão bastardo e a vingança da classe nobre ante o destruidor dos seus privilégios feudais. Não havia, por conseguinte, nenhuma razão de Estado, nenhuma razão de honra nem nenhuma razão estritamente *penal* capaz de justificar a desvairada aleivosia.

Os desviados amores de Afonso XI com a andaluza Dona Leonor de Guzmán lançavam agora sobre este Príncipe infeliz os seus frutos perniciosos: isto é, uma matilha de inimigos. Abandonado por todos os grandes do reino, abandonado por sua própria mãe (a filha do nosso D. Afonso IV), cujos secretos e tergiversantes sentimentos afogam ainda hoje o seu enigma nas cinzas do desamparado ataúde que permanece na igreja do convento de S. Clemente, desta cidade; abandonado também por seu tio, o *Cruel* de Portugal, junto de quem foi procurar o auxílio das armas amigas, obtendo por resposta «que voltasse a Castela, posto que o solo português não poderia ser pisada por dois reis»; o *mísero e mesquinho* (com plena propriedade o verso de Camões se lhe poderá aplicar), após o último recontro com os exércitos dos sediciosos, viera refugiar-se no castelo de Montiel.

Atraído a uma cilada, D. Pedro, entregue ao penhor da palavra dada por cavaleiros, deixou-se conduzir, durante a noite, para fora dos muros do castelo, na esperança de iniciar a fuga que lhe tinha sido garantida. Nisto o mercenário Bertrand du Guesclin, chefe dos bandos das Grandes Companhias Brancas, contratadas em França pelos traidores, fê-lo entrar na sua tenda e, em vez de lhe facilitar a evasão, como tinha sido afiançado por juramento, mandou prevenir

biblioteca

Mas falando da vida deste inquieto e mal compreendido Monarca, será curioso assinalar o jogo de certas forças funestas que se apostam em estabelecer comparações na coincidência dos mesmos dramas. No caso que aqui nos importa, as afinidades das linhagens familiares tornam ainda mais impressionante a analogia das descargas simétricas dos obscuros poderes da fatalidade.

Semelhanças patéticas

Efectivamente, são conhecidas de sobra as ligações consanguíneas existentes entre os dois régios parentes e exaltados temperamentais: o filho de Maria de Portugal, Rainha de Castela, e o irmão desta Princesa. O primeiro (convém notar), servindo-se das suas bravias qualidades para se defender das lutas dos bastardos e da conjuração dos nobres contra o poder real; o segundo, ao contrário do que alguns dos mais sérios cronistas portugueses pretendem, recorrendo a elas ùnicamente movido pelas forças institivas de uma desordenada paixão amorosa. Por isso os dois reinados se uniram ainda em linhas paralelas de desgraça sob o carácter trágico dos acontecimentos que os dominaram.

bibRIA

Na presença destes factos, fàcilmente chegamos à conclusão de que o D. Pedro sentimental de Maria de Padilla justificou plenamente o seu parentesco com aquele outro D. Pedro de vida dramática, que, igual no nome e no infortúnio, sob as abóbadas de Alcobaça espera o dia do Juízo Final voltado em corpo e eternidade de espírito para a que foi — *a de colo de garça*.

bibRIA

VII

bibRIA

...E TAMBÉM DE OUTROS AMORES

bibRIA

A esposa de Henrique IV

Ainda muito chegada à atmosfera doméstica dos Inclitos Infantes, de que seu irmão, D. Afonso V o Africano, incompreensìvelmente se afastaria, talvez por mero acinte do sangue estrangeiro de sua mãe, Dona Leonor de Aragão, — a formosa Infanta Dona Joana, apenas de dezasseis anos, almiscarados de uma fascinação núbil, abandonava os salões do Paço da Ribeira para entrar no tálamo dos reis de Castela.

Não se interrompia desta maneira a cadeia dos interesses políticos a que se encontrava ligado um tal sistema de entrecâmbios nupciais. No fundo deste plano das chancelarias palacianas, palpitaria decerto a velada ambição de se chegar ao hibridismo de um único governo peninsular, fosse qual fosse o lado em que a respectiva capital se estabelecesse. Mas desta vez o agente de tão erróneos designios, a heroína deste conto de fadas iria converter-se num ruidoso motivo de escândalo público, mercê da anomalia de costumes da corte em que ia entrar. E a terra ardente do país andaluz, tão ligado sempre aos destinos amorosos de Portugal, teria que ser teatro dos fastos esponsalícios da jovem Infanta.

Foi no mês de Abril e corria o ano de 1455. Córdova, a do grave Séneca e do portentoso e delicado Ibn Hazm, respirava os perfumes capitosos das larangeiras floridas e dos jardins ainda embruxados pelos gnomos da poesia árabe.

Nesta olente captação da lânguida cidade dos Califas teve lugar o casamento da Infanta portuguesa com D. Henrique IV, filho do Rei letrado D. João II e de sua mulher, a rainha Dona Maria, irmã de Dona Leonor de Aragão, sendo, por conseguinte, os dois esposos netos, por linha materna, do Rei D. Fernando I de Aragão. A razão de que o acto matrimonial se realizasse em Córdova explica-se pela circunstância de ter o Rei deliberado abrir de novo a guerra com os

biblRIA

mouros de Granada, encontrando-se para tal efeito naquela cidade, onde se estavam concentrando os grandes do reino, prelados e militares, com a sua peonagem de combate.

A noiva, que entrara em Castela acompanhada por um séquito de formosas damas e luzida hoste de cavaleiros, foi recebida com demonstrações de grande pompa. De Sevilha sairam para Córdova os fidalgos que representavam a Casa dos Vinte-e-Quatro, levando à frente o Arcebispo desta cidade, D. Alonso da Fonseca, que foi o celebrante dos reais desposórios. Insinuante e impressionável, dotada de «juventude e muito viveza de imaginação», Dona Joana, ao mesmo tempo que despertava admiração em todas as pessoas que se lhe aproximavam, era por sua vez conquistada pelo clima perturbador da velha urbe muçulmana. Oriunda de uma corte onde as louçanias do espírito eram cultivadas com um cuidado de flores reais, a sensibilidade da memória poética repetir-lhe-ia muitas vezes alguma toada das Cantigas d'Amigo que mais se coordenava com as sensações do momento:

bibRIA

— Digades, filha, mia filha velida:
porque tardastes na fontana fria?
Os amores ei.

Côrdova nupcial

A ambiência local, já por si luxuriosa, em que estes esponsais tiveram o seu acto não seria já um desafio a certas ambiguidades lascivas do futuro? A embuçada Córdova, onde o sentido da morte enfebrece a voluptuosidade de viver, marca sempre o coração dos visitantes com o ferro em brasa da embriaguez sensual. Se em Sevilha se morre amando, em Córdova ama-se para morrer.

Após três dias de festas ruidosas, durante as quais Henrique IV deu largas provas da sua costumada magnificência em bem receber e honrar os convidados do seu reino, a comitiva desceu a Sevilha, que se ataviou com as melhores galas, a fim de celebrar a visita dos

Soberanos. Improvisaram-se justas e torneios, corridas de touros, jogos de canas e vistosos passeios no Guadalquivir. Presa com arroubo às primeiras ilusões do seu idílio, a fascinadora Princesa, Rainha adolescente, terá feito brilhar em Sevilha a sua graça morena de portuguesa, irrequieta e feliz ao lado de seu marido — «homem alto de corpo, formoso de gesto e bem proporcionado na compostura de seus membros», o que equivale, como o quer o cronista, a dizê-lo apto para que dele se enamorassem as mulheres. A reclusa dos serões familiares onde aias e açafatas repetiam o conto dos cavaleiros que chegavam das terras de África, acabadas de descobrir, aqui se abandonaria às reacções efusivas, provocadas pela picadura do sol andaluz e pelas excitações deste ar saturado de fragrâncias alacres. *Era muy moça y hermosa, y muger a quien plazian hablas de amores,* anota Fernando de Pulgar, o qual, na qualidade de conselheiro e secretário dos Reis Católicos, foi, como não poderia deixar de ser, um dos seus historiadores menos imparciais. Mais tarde, segundo refere o licenciado Diego Henriquez, os grandes de Castela quiseram homenagear a jovem Rainha e as suas damas fazendo-lhes apresentar como sobremesa, depois de um banquete em Valhadolid, pratos cheios de anéis de oiro e de pedras preciosas, para que se apropriassem deles conforme os seus gostos. A filha de D. Duarte receberia sem surpresa esta dádiva galante dos seus novos vassalos castelhanos.

GLORIA

Mãe da «Beltraneja»

Acerca de Dona Joana, a cuja vida se aferrou um processo histórico que, julgado calmamente, mais nos fala de desventura que de pecado, rios negros de tinta têm derivado das penas aceradas dos cronistas, desde os coevos Afonso de Palencia, Mosén de Valera e tantos outros, até aos modernos escalpelizadores da vida privada de Henrique IV. Ora, entre as acusações e o borborinho de uma crítica quase sempre desleal e impiedosa, devem merecer especial atenção

as palavras de respeito e de feminina reabilitação com que o Dr. Gregorio Marañon alude num dos seus trabalhos (1) à figura histórica da desgraçada mãe da Beltraneja. À lúcida e nobre inteligência do grande clínico e escritor espanhol do nosso tempo ficamos devendo um documento merecedor de especial consideração entre a azeda volubilidade de tantos juízos apressados e injustos que se têm pronunciado sobre aquela cuja grave falta a imputar-se-lhe é apenas esta: a da utilidade da sua condenação para a subida ao trono de Castela da extraordinária mulher que foi Isabel a Católica.

A caluniada (pelos fundamentos históricos que acabamos de pôr em relevo), mãe da Excelente Senhora (2), abriu na sucessão do trono de Castela uma crise política que, por demasiado conhecida, se torna supérfluo pormenorizar nestas páginas. Portugal, com direitos a pleitear, embora mal representado no transe pela pessoa do inquieto e pouco prudente D. Afonso V, entrou na contenda. Mas esta foi, afinal, tão mal conduzida pelos defensores da honra de D. Joana que terminou desastradamente no desfiladeiro escarpado em que foi travada a batalha de Toro. Estão bem estabelecidas as

biblRIA

---

(1) GREGORIO MARAÑON, *Ensayo Biológico sobre Enrique IV de Castilla y su Tiempo.*

(2) Em apoio do pensamento de revisão que impõe ao historicismo português ressalvar do vilipêndio, que pesa sobre a sua memória, o nome da filha do Alto Infante D. Duarte, registe-se esta deposição do Professor Marañon, na obra já citada, que antecede uma transcrição de Sitges: «No puede, por lo tanto, asegurarse, sin más, que mentia la calumniada Reina cuando juraba, después de recibir la Eucaristia en la Catedral de Segovia, que Doña Juana era su hija legítima, con palabras que parecen impregnadas de solemne veracidade: *Hajo — exclamaba — juramento a Dios y a Santa Maria y a la señal de Cruz que con mi mano derecha corporalmente toqué... que yo sé cierto que la dicha Princesa Doña Juana es hija legítima y natural del Rey mi señor y mia, y que por tal la reputé y traté y tuve siempre, y la tengo y reputo ahora*».

consequências deste notável acontecimento peninsular. Contudo, na Letra VII de Fernando de Pulgar, inserta na edição de 1789 dos *Claros Varones de Castilla*, lavra-se um documento, dirigido ao Rei de Portugal, que, pelo temor que manifesta por parte do governo dos Reis Católicos, com respeito à atitude assumida por D. Afonso V, tio da repudiada e seu futuro marido, é do maior interesse transladá-lo para o arquivo do nosso idioma.

Um documento do «receio» de Castela

«Mui poderoso Rei e Senhor: Sabido é a iclinação que Vossa Alteza tem em aceitar esta empresa que alguns Varões de Castela vos oferecem: e depois de haver bem pensado nesta matéria. resolvi escrever a Vossa Alteza o meu parecer. Bom é, mui excelente Rei e Senhor, que sobre coisa tão alta e tão árdua haja no vosso Conselho alguma prática de contradição discutível, para que nela se aclare o que ao serviço de Deus, honra de vossa Real Coroa e acrescentamento de vossos Reinos, mais convenha seguir. E para isto, mui poderoso Senhor, conforme haveis feito nas outras guerras santas onde haveis sido vitorioso, e para que nesta o que é verdadeiro e melhor se possa discernir com ânimo limpo de paixão, o meu parecer é que antes antes de todas as coisas se consulte aquele Redentor que vossas coisas aconselha, que se mire aquele que sempre vos guia, que se adore e suplique aquele que as vossas coisas e estado segura e faz prosperar; porque como quer que o vosso fim é ganhar honra nesta vida, o vosso princípio seja ganhar vida na outra. E no que toca ao direito que a Senhora vossa Sobrinha diz ter aos Reinos do Rei Dom Henrique, que é o fundamento de que estes Varões de Castela se servem e é o primeiro que Vossa Alteza deve mirar, eu, por certo, Senhor, não determino agora sua justiça; vejo porém que estes que vos chamam para ser executor são o Arcebispo de Toledo e o Duque de

BIBRIA

Arévalo, os filhos do Mestre de Santiago e do Mestre de Calatrava, seu irmão, que foram aqueles que afirmaram por toda a Espanha, e ainda fora dela publicaram, que esta Senhora nem tinha direito aos Reinos de Dom Henrique, nem podia ser sua filha pela impotência experimentada que dele, em todo o mundo, por suas cartas e mensageiros divulgaram: e além disto lhe retiraram o título Real, e fizeram divisão do seu Reino. Deveríamos, pois, saber por que motivo declararam então não ser esta Senhora herdeira de Castela, causionando com os seus estados uma tal declaração, e por que declaram agora ser ela sua legítima sucessora, caucionando-a com o vosso? Estas variações, mui poderoso Senhor, são causa justa de suspeita que estes Varões não vêm a vossa Senhoria em zelo de vosso serviço, nem menos com desejo desta justiça que publicam; mas com desejo de seus próprios interesses, que el-Rei e a Rainha não quiseram ou porventura não puderam satisfazer segundo a medida da sua cobiça: a qual tem ocupada a razão em alguns homens que, tentando os seus próprios interesses aqui e ali, dão o direito alheio onde encontram a sua utilidade própria. E deveis crer, mui xecelente Senhor, que poucas vezes vos serão fiéis aqueles que com dádivas tiverdes que sustentar; antes é certo que vos sejam desservidores, porque nenhum dos semelhantes vem a vós como deve vir mas como pensa alcançar. E, quando vencido já pela instância de eles, vossa Real Senhoria resolvesse todavia aceitar esta empresa, eu por certo duvidaria muito em entrar naquele Reino, tendo nele por auxiliadores, e menos por servidores, os que promoveram o pecado da divisão e querem agora de novo promover outra, que reputo de pecado venial, ou seja um dos maiores crimes que na terra se possa cometer e que é sinal certo de espírito dissoluto e desobediente: por cujo pecado os de Samaria, que foram

biblRIA

causa da divisão do Reino de David, foram de tal modo excomungados que o nosso Redentor ordenou aos seus discípulos: Na província de Samaria não entreis; numerando-os no grémio das idolatrias. E ainda por tais, ordenou o homem de Deus ao Rei Amasías que não juntasse com eles a sua gente para a guerra que ia fazer na terra de Seir; e acontecendo que este Rei tinha trazido cem mil deles, e pagando-lhes o soldo, os abandonou por serem gente de divisão e de escândalo, e não ousou envolver-se com eles, nem aproveitar da sua ajuda naquela guerra, para não irar a divindade: a qual, em todas as coisas e maiormente na guerra, devemos manter aplacada, porque sem ela nenhuma coisa está, nenhum saber vale, nenhum trabalho aproveita. E portanto reparai em Deus, Senhor, e que as vossas coisas, até hoje florescentes, não as envolvais com aqueles que olham o direito dos Reinos, que divino, não segundo a sua realidade, mas segundo as suas paixões e próprios interesses. E quanto à promessa tão grande e doce dos Reinos de Castela que estes Varões com pouco trabalho e muita glória vos fazem, ocorre-me um dito de Santo Anselmo, que reza assim: Composta é e muito enfeitada a porta que convida ao perigo: e por certo, Senhor, ela não poderá ser de maior enfeitamento nem compustura do que aquela que estes vos apresentam; contudo eu faço mais certo perigo desta empresa que certo o efeito desta promessa. Primeiro, porque não vemos aqui outros Varões mas estes sós, e estes não dão segurança nenhuma da sua lealdade; e no caso que haja outros incógnitos que afirmam aliar-se, os tais não pensam manter-se firmes como devem mas contemporizar como sabem, para se declararem do lado da parte com a qual a fortuna se mostre mais favorável. Segundo, porque dado que todos os demais dos Grandes, e das Cidades e Vilas de Castela, venham logo, como estes

DIDRIA

prometem, à vossa obediência, não dúvida, segundo a parentela que el-Rei tem, que muitos Cavaleiros e Grandes Senhores, e Cidades e Vilas, se declarem por ele e pela Rainha, aos quais, mesmo assim, os povos são muito afeiçoados porque sabem ser ela filha certa do Rei Dom João e seu marido filho natural da Casa Real de Castela; e a Senhora vossa sobrinha filha incerta do Rei Dom Henrique, e que vós a tomais por mulher: do qual não pequena estima se deve fazer, porque a voz do povo é a voz divina, e repugnar o divino é querer com fraca vista os fortes raios do sol. Isso mesmo porque os vossos súbditos nunca bem se compadeceram com os Castelhanos, e entrando Vossa Alteza em Castela com o título de Rei, poderia ser que as inimizades e discórdias que têm entre si, e de que estes fazem fundamento ao vosso reinar, todas se resolvessem contra a vossa gente pelo ódio antigo que existe entre eles. O outro, porque em tempo de divisão, tanto por vossa parte como por parte do Rei e da Rainha, convirá dar e prometer e rogar a todos para que não mudem o partido que tiverem para se juntarem com a parte mais largamente com eles se houver. Deste modo, Senhor, passarieis vossa vida sofrendo e dando e rogando, que é o ofício do sujeito, e não reinando e mandando, que é o fim que vós desejais e estes Varões prometem. Tornando, pois, agora a falar na justiça da Senhora vossa sobrinha, eu, muito alto Rei e Senhor, desta justiça faço duas partes: uma é esta que vós, os Reis e Príncipes e vossos Oficiais, por coisas provadas, mandais executar nas vossas terras, e esta convém ser precedida de provas e declaração antes da execução. Outra justiça é a que, por juízo divino e por pecados que nos estão ocultos, vemos muitas vezes executar nas próprias pessoas dos delinquentes e nos seus bens, e até nos bens de seus filhos e sucessores: assim como sucedeu ao Rei Reboão, filho do

biblRIA

Rei Salomão, que das doze partes do seu Reino, logo que reinou, perdeu as dez. E não se lê ter Reboão cometido público pecado até então, pelo que houvesse razão de as perder: e como juntasse gente com o fim de recobrar o que perdia, Semei, Profeta de Deus, o chamou de parte e lhe disse: Detem-te e não combatas, pois é da vontade divina que cobres isto que perdes. E como é verdade que Deus nem fez nem permite fazer coisas sem causa, o Profeta todavia não se lho declarou; porque tão honesto e comedido é Nosso Senhor que, ainda depois de morto o Rei Salomão, não quis desonrar, nem envergonhar a seu filho, declarando os pecados ocultos do pai, comprazendo-se ùnicamente em que o sucessor perdesse estes bens temporais que perdia. Na Sacra Escritura e ainda em outras Histórias autênticas há disto vastos exemplos: mas para que não vamos a coisas muito antigas e peregrinas, este vosso Reino de Portugal por direito público pertencia à Rainha Dona Beatriz, filha herdeira do Rei Dom Fernando e mulher do Rei Dom João de Castela; porém agradou ao outro juíz oculto de Deus dá-lo ao Rei vosso avô, ainda que bastardo e professo da Ordem de Cister. E porque um tal oculto juízo este Rei Dom João quis impugnar, caiu aquela multidão de Castelhanos que em Aljubarrota sabemos e é notório terem sido mortos. Por claro direito pertenciam os Reinos de Castela aos filhos do Rei Dom Pedro; contudo vemos que, em virtude do juízo oculto de Deus, hoje os possuem os descendentes do Rei Dom Henrique, seu irmão, ainda que bastardo. E se quere Vossa Alteza exemplos modernos, ontem vimos o Reino de Inglaterra pertencendo ao Príncipe, filho do Rei Dom Henrique, e vêmo-lo hoje na posse pacífica do Rei Eduardo, que matou o pai e o filho. E como quer que em cada dia vejamos claramente estes e outros efeitos semelhantes, nem somos nem podemos ser aqui juízes das duas causas, e em especial dos Reis, cujo

bibRIA

único juíz é Deus, e que os castiga umas vezes nas pessoas e bens e, outras vezes, na sucessão dos filhos, segundo a medida dos seus erros. Santo Agostinho, no livro da Cidade de Deus, diz: O juízo oculto de Deus pode ser iníquo? não. Que sabemos, pois, mui excelente Rei e Senhor, se o Rei Dom Henrique cometeu na sua vida alguns graves pecados por donde tenha Deus deliberado em seu secreto juízo dispor dos seus Reinos de outra maneira da que a Senhora vossa sobrinha e estes Varões procuram, segundo fez Reboão e com os outros que declarado é a vossa Senhoria? Dos pecados públicos se diz de ele que, na administração da justiça (que é aquela por onde os Reis reinam), foi tão negligente que os seus Reinos redundaram em corrupção e tirania, de tal maneira que, muitos dias antes que falecesse, quase todo o poderio e autoridade Real se tinham desvanecido. Tudo isto considerado, quereria saber quem é aquele de são entendimento que não veja quão difícil será isto que a Vossa Alteza tornam fácil, e esta guerra dizem pequena quanto ela será grande, e a matéria dela perigosa. E nela, se algum juízo de Deus existe oculto, do qual Vossa Alteza, impugnando-o, houvesse algum sinistro, considerai bem, Senhor, quão grande é a aventura em que pondes vosso Estado Real e em quanta obscuridade a vossa fama, a qual, pela graça de Deus, por todo o mundo relumba. Além disto, de necessário haverá queimas, roubos, mortes, adultérios, rapinas, destruições de Povos e de Casas de oração, sacrilégios, o culto Divino profanado, a Religião apostatada, e outros muitos estragos e rupturas que da guerra surtem. Também vos convirá suportar e sustentar roubos e roubadores e homens criminossos sem os castigar, e agravar cidadãos e homens pacíficos, que é ofício de tirano e não de Rei, e vosso Reino, no entanto, não estará livre destes infortúnios; porque no caso em que os inimigos não vos guerreassem, vos era forçado que os fatigásseis com

biblRIA

tributos contínuos e servidões premiosas e necessárias à guerra: de maneira que, procurando uma justiça, cometereis muitas injustiças. Além disto, vossa Real pessoa, que, por graça de Deus, está agora tranquila, será necessário que se altere: vossa sã consciência terá por força que corromper-se; o temor que do vosso mandado têm os vossos súbditos, será necessário que se afrouxe. Estais quite de incómodos: é certo que tereis muitos; estais livre de necessidades: meteis a vossa pessoa em tantas e tais que, por força, vos submeterão àqueles de quem a liberdade que agora tendes vos faz Rei e Senhor. E porque conheço quanto zela vossa alta Senhoria a limpeza de vossa excelente fama, quero trazer à vossa memória como houvesteis enviado vossa embaixada a demandar a Rainha para mulher. Também é notório quantas vezes, na vida de el-Rei Dom Henrique, vos foi oferecida para mulher a Senhora vossa sobrinha, e não vos aprazeu aceitá-la, dizendo não estar vossa consciência Real bem convencida do direito da sua sucessão. Pois considerada agora esta mudança sem que a preceda causa pública para que a deveis fazer, quem não terá razão de pensar que tomais agora como direita sucessora vossa sobrinha, não por que seja de direito mas por que a Rainha que demandasteis por mulher contraíu antes o seu matrimónio com el-Rei seu marido que convosco, que a tínheis demandado? E haveria lugar para suspeita de coisas indevidas, contrárias em muito às virtudes insignes que da vossa Pessoa Real por todo o mundo estão divulgadas. E estou maravilhado dos que procuram neste Reino motivo para a discórdia dos Varões e de suas gentes, como se fosse impossível a reconciliação entre eles e de se unirem contra as vossas gentes. Por certo, mui alto Senhor, podemos dizer que aquele que isto não vê, é cego do entendimento, e o que vê e não o diz, é desleal. Guardai-vos, Senhor, não sejam estes conselheiros os que aconselham não

bibRIA

segundo a recta razão, mas segundo notam a inclinação da vontade do Príncipe. E portanto, mui alto e mui poderoso Rei e Senhor, antes que esta guerra se comece, deve-se olhar muito a entrada; porque principiar guerra, quem o queira, o pode fazer; mas sair dela não, sòmente como os casos de fortuna se oferecerem, os quais são tão vários e perigosos que estados Reais e grandes não se lhes devem entregar sem grande e madura deliberação e por coisas mui justas e certas.»

Voz da Rainha

O facto desta carta ao Rei de Portugal ter sido escrita no ano de 1475, época em que o seu autor, Fernando de Pulgar, vindo das cortes de D. João II de Castela e de D. Henrique IV, exercia já as funções de conselheiro e secretário junto de Isabel a Católica, Rainha desde 1474, dá às advertências nela contidas uma extraordinária significação a nosso favor. A sua sentenciosa exortação, discorrida com esmero e tacto político, traz o selo dos Conselhos da Corte, não sendo difícil sentirmos através dos seus rasgos epistolares a virilidade actuante da Unificadora de Espanha: é a voz de Isabel I, a voz de Castela.

bibRIA

Perante este longo texto da letra de Pulgar, é para nos deixar atónitos que aqueles que em Portugal se cobrem de méritos na miúda tarefa de sopesar o valor de todas as peugadas históricas da grei, sobretudo quando estas se alteram ou diminuem em colisão com a linha demarcante da vizinha nacionalidade, tenham menosprezado o estudo de um documento de tal ordem. O seu traslado não ficará, por conseguinte, nestas páginas como uma simples achega de curiosidade: será uma prova concreta, uma expressão em acta pública dos receios e hesitações com que, perante Portugal, a grande Rainha de Espanha, não prevendo a glória que a esperava, tomava nas mãos

um governo que não estava ainda bem certa nem segura de radicalmente lhe pertencer.

O pecado da corte desregrada de Henrique IV, ao mesmo tempo que submetia ao escândalo difamatório o nome de duas princesas do sangue da Casa de Avis, abriu o caminho a uma figura que, condenada a ficar històricamente na obscuridade, inesperadamente, e graças àquele mesmo pecado, encheu de grandeza a sua pátria.

bibRIA

bibRIA

VIII

bibRIA

MEMORIAL DO SÉCULO DE OIRO

bibRIA

A última década do feliz século xv tinha convertido esta beira do Guadalquivir como que num átrio de uma grande representação mítica: por aqui pululavam, de olhos abertos às novas constelações e mentes extaseadas pelo conto da Grande Aventura, ricos palacianos, mercadores e mesteirais, homens de armas e varões de estranho saber, dados às artes do mar e dos céus nocturnos — céus e mares ignotos, obrigados a descerrarem o seu mistério ante a perseverança heróica e a razão científica da portentosa empresa lusitana.

A epopeia marítima

Sevilha integrava-se, com efeito, na grandeza universal criada pela epopeia de Lisboa. Portugal e Espanha davam-se as mãos, sobre o mundo, bem alto, junto das estrelas — junto de Deus!

As relações entre as duas cidades sairam nesta época da estreita medida das formalidades fortuitas para se envolverem no grande ritmo que o acontecimento maravilhoso provocara. Mais tarde, um quarteto famoso (1) forjaria a figura simbólica em que as duas urbes irmãs aparecem a reger o destino político e geográfico dos hemisférios.

Não entra na índole desta memória o transcrever aqui os nomes de todos os portugueses de que há notícia que, por esse tempo, frequentavam a capital andaluza na qualidade de artífices, mercadores e principalmente de marinheiros da região do Algarve, que vinham enrolar-se entre os tripulantes das naus espanholas, e ainda de outros,

biblRIA

(1) «Do Tejo à China o português impera,
De um polo ao outro o castelhano vôa,
E os dois extremos da redonda esfera
Dependem de Sevilha e de Lisboa.»

Caramurú, poema épico de Fr. José de Santa Rita Durão.

O cosmógrafo Diogo Ribeiro

à cartografia da Renascença, e que apesar de empregar os últimos quatorze anos da sua vida ao serviço da actividade marítima espanhola, poderemos evocá-lo com uma honra da cultura náutica e científica do Portugal daqueles tempos. O crédito do seu saber pesava tanto na opinião dos nautas espanhois que, a seu favor, foi aberta uma excepção no regulamento das Leis das Índias com o fim de o investir no cargo de cosmógrafo e «mestre de fazer cartas e astrolabios», da Casa da Contratação de Sevilha (1). E convém dizer que este posto, pela sua responsabilidade e carácter secreto, estava vedado a estrangeiros.

O notável labor científico de Diogo Ribeiro ficou largamente afirmado tanto no professorado da Casa de Contratação, onde exercia a cátedra de examinador de pilotos e mestres de mar, como na inventiva de instrumentos de navegação e elaborador de cartas geográficas, das quais se conserva ainda o célebre planisfério de 1529, guardado no arquivo do Colégio de Propaganda Fide, em Roma, ligando também o seu nome à fabricação de uma bomba de metal, destinada ao escoamento da água das naus. O próprio Rei Carlos I não hesita em ser generoso com o hábil português e manda-lhe atribuir, por Real Cédula, o soldo anual de 30 000 maravedis. Por outro lado, o mesmo Monarca presta ainda um honroso tributo aos seus méritos de sábio cartógrafo ao recomendá-lo com especial interesse a Fernando Colombo (filho do Almirante das Índias) para colaborar com este na «organização de uma carta de navegar e um mapa-mundo em forma de esfera redonda», onde se rectificassem os erros contidos nas cartas usadas até então pelos navegadores dos mares descobertos.

BIBRIA

(1) Germán Latorre, estudo sobre Diogo Ribeiro, publicado nos n.os 20 e 21 do *Boletin del Centro de Estudios Americanistas de Sevilla*, correspondentes a Nov. e Dez. de 1918.

Magalhães e o seu drama glorioso

Mas nestas tardes evocativas de Sevilha, quanto deambulamos ao longo dos molhes, é o vulto de Fernão de Magalhães que vem refletir-se-nos no espírito. E cremos vê-lo do outro lado do rio, nas escarpas da margem de Triana, onde amarravam os navios, tomando o braço ao seu fiel colaborador Rui Faleiro e caminhar com ele, cabisbaixo e apreensivo, dominado pelo conflito íntimo que deveria, sem dúvida, lacerar todas as alegrias e entusiasmos da sua vida de inquieto auscultador do turbilhão dos oceanos. Quantas vezes — quem sabe! —, na dureza do rosto endurecido e enevoando-lhe a quimera dos olhos atormentados pelo palpitar angustioso de um grande sonho, furtivas lágrimas rolariam sob a lembrança magoada daquela tão grande pátria que, à força de uma vontade heróica, ele abandonava sem, contudo, desejar desdoirá-la. Lá está ainda, na vetusta igreja da *siñá* Sant'Ana, a reprodução da nau *Victoria* a tornar presente o devaneio das nossas conjecturas, a ligar-nos à epopeia patética que abriu glorioso caminho à história da terra entre os dois mares ocidentais.

biblRIA

Foram decerto bem cruéis as circunstâncias em que a grandiosa empresa se realizou. Por outro lado, as congeminações do nauta a orientarem a ousadia do homem, e, por outro, o gesto inconsiderado do seu Rei constrangendo-o a oferecer a outra nação o mérito da glória que buscava.

Mas seria assim? Esquadrinhando com afinco as relações dos cronistas coetâneos, àvidamente temos procurado decifrar o segredo do coração do Navegador, ansiosos de surpreender o rumo moral que nortearia o acto da sua abalada marítima. É de crer que, para quem, como Magalhães, fora educado, do berço ao paço, dos arraias de Marrocos às praças da Índia, entre a hoste alvoraçada de capitães, nautas, guerreiros e descobridores, Portugal não pudesse deixar de estar no alvo de todos os seus ímpetos. Era fidalgo e tinha a escola nobre do maior espectculo épico que então se podia oferecer ao mundo: o palco de Lisboa!

Longas, repetidas horas nos temos debruçado sobre as gravuras dos seus retratos, legados na documentação dos cartógrafos e historiadores, e o sentimento que mais claramente nelas se colhe é o da ansiedade e da desilusão. Uma luta entre o gosto da largada, exacerbada pelo acicate do despeito, e as vozes de retrocesso que soprariam da terra natal. Pungente e comovedor dilema este, em que os mais assisados e responsáveis dos acusadores não têm querido meditar, nem mesmo tendo em conta, a comiserá-los, o desfecho trágico dos recifes lodosos da ilha de Cebú.

*

* *

Tudo estava errado

Assim, devidamente considerada nas causas fortuitas e dramáticas do seu sucesso, a gloriosa viagem do Capitão-General português, com a sua audácia, a sua orientação científica e a sua pre-adivinhação geográfica, ficará no memorial das façanhas do globo apenas como uma generosa oferta do destino a Castela. De resto, do lado humano parece que tudo estava errado, que tudo se eximia às leis do bom-senso e da lógica, desde a concepção do plano à intromissão de um estado estrangeiro, da atitude depreciadora de D. Manuel à rebelião dos capitães, ao infortúnio e à morte — como se um sinistro fatalismo quisesse envolver no seu álgido abraço todos os pontos vivos da transcendente aventura.

Logo no limiar do grande empreendimento, onde a glória e a desgraça èpicamente se dão as mãos, há um episódio impressionantíssimo, no qual historiadores parciais ou descuidados não têm querido reparar, tirando do seu significado uma expressiva indicação acerca da contra-vontade «nacional» que entenebrecia a ambição dos navegadores portugueses: referimo-nos ao acidente do geógrafo e bacharel

biblRIA

Rui Faleiro, que, na ocasião de embarcar com a armada de Magalhães, enlouqueceu em Sevilha.

Este estranho acontecimento deverá ser estimado, não como coincidência de um mero caso clínico, mas atribuindo-se-lhe a singular importância de conter em si o diagnóstico da crise moral que minava o arcaboiço da famosa epopeia. A verificação estava à vista. Era, por conseguinte, uma verdade bem assente que Fernão de Magalhães e os seus colaboradores portugueses, se tinham oferecido o seu esforço leal à corte de Castela, não lhe tinham hipotecado em nada nem a nacionalidade da sua coragem nem a fidelidade das suas almas aos imperativos do berço. A este propósito, os cronistas espanhois que se referem à chegada a Sevilha de Fernão Magalhães e Rui Faleiro, no ano de 1516, todos aludem ao projecto dos portugueses de pretenderem chegar às Molucas, então já consideradas nos limites do hemisfério castelhano, por um caminho mais curto, navegando para o Ocidente, que os da rota lusitana por Calicute e Malaca. E é de imaginar o interesse com que este plano seria acolhido, visto que a Espanha, ávida de disputar a Portugal o privilégio de negociar com as ilhas das Especiarias, vinha desde 1499 preocupando-se com a organização de expedições para o descobrimento de um estreito pelo qual passasse do Atlântico ao Pacífico, aparecendo no mando dessas expedições, que não lograram nunca o resultado em vista, os nomes célebres de Américo Vespúcio, Vicente Pinzón, Caboto e até o *nosso* João Dias de Solis, cuja nacionalidade a Espanha nos tem querido roubar...

Este fracasso da empresa dos Reis Católicos devia espicaçar o génio náutico de Magalhães, despertando nele o impulso deliberado de servir os propósitos da coroa castelhana, só para ser ele a poder conquistar, como português, uma vitória que até ali sempre se tinha escapado das mãos dos espanhois. O entusiasmo natural desta intenção não feriria, afinal, nenhum interesse concreto de Portugal, pois, como já atrás ficou dito, a demarcação dos hemisférios em que as duas

biblRIA

potências dispunham de liberdade de acção marítima, tinha sido já estatuída pelas famosas Bulas Alexandrinas, rectificadas pelo Tratado de Tordesilhas, e a que a Rainha D. Joana e seu filho D. Carlos, na Real Cédula expedida em Valhadolid a 22 de Março de 1518, se refere nos termos seguintes:

...por quanto vos frdo. de magallanes cavall.º del reygno de portogal y el bachiller ruy falero asymismo del dho. reygno de portogal nos fisistes relacion que yo el rey por una my ced.ª e capit.ºn mande tomar cierto asyento con vosotros sobre el viaje que con el ayuda de nuestro señor quereys fazer para descubrir lo que hasta agora no se ha allado que es en los limites de nuestra demarcacion que hasta agora no se ha descubierto e lo poner so nuestro señorio... etc.

É ainda para ter em conta a correcção de Magalhães, que tanto nas entrevistas realizadas com o Cardeal Cisneros como mais tarde na audiência com o Rei Carlos I, assim como em todos os contactos com o Conselho das Índias e Casa da Contratação, em Sevilha, nenhuma prova deixou de qualquer irritação aleivosa contra a corte de Lisboa.

Como interpretar então os apodos de traição e deslealdade lançados sobre a gesta do grande Nauta por todos os cronistas da nossa história marítima, sem mesmo excluir o próprio Luís de Camões?

LIBRIA

A angústia de Rui Faleiro

De novo nos reportamos ao sucedido a Rui Faleiro no acto do embarque. Queiroz Veloso, na obra *Fernão de Magalhães, a Vida e a Viagem,* atribui a ocorrência a uma pura manifestação patológica, levando o doente, por progressão dos maus humores do seu carácter, a «louco furioso». Outros autores, da mesma sorte avisados, nunca tentaram analisar a fundo os pródromos do estranho sucesso.

Ora, Francisco López de Gómara, na sua *Historia General de las Indias,* redigida uns trinta anos depois, arquiva com estas expressões a versão do acidente que privou Fernão de Magalhães da prestimosa

companhia do seu dilecto compatriota: «y enloqueció Ruy Falero, de pensamiento de no poder cumplir con lo prometido, e, como dicen otros, *de puro descontento por enojar y deservir a su rey*».

O itálico é nosso. Clara e sumária maneira de dizer: por deixar de servir o seu Rei! A frase é eloquente, e em nenhum outro estilo mais sóbrio se poderia dar a chave do enigma doloroso. O historiador espanhol parece, com efeito, tocar com dedo certeiro o obscuro e transcendente realismo deste episódio, aparentemente sem importância. E não digamos que lhe minguava autoridade para a citada alusão. López de Gómara, capelão da casa de Hernán Cortés e que, no exercício destas funções, empregou o melhor do seu tempo e do seu esforço literário a relatar a conquista do México, desfrutou de uma situação de relevo junto da corte de Carlos I que lhe permitiria estabelecer fácil convívio com o escol de letrados, cosmógrafos, físicos, chanceleres, pilotos e tantos outros servidores da empresa das Índias, onde difícil não lhe seria captar informações verosímeis para a citação do acontecimento.

biblRIA

Concluindo, queremos desta sorte aceitar a loucura de Rui Faleiro como peça de convicção contra o processo de traição nacional movido pela história ao herói português da viagem de Circum-navegação. Por isso nos alçamos a rebater a opinião formada e superficial dos cronistas que tão erroneamente tem aferido o móbil de um empreendimento em que, para levá-lo a cabo e a braços com as suas justas ambições e o compromisso da palavra empenhada, o ínclito Navegador perdeu a vida.

Sobre as pedras limosas deste velho cais, parece que chega ainda até nós o eco das palavras de coita que Magalhães, do outro lado do Guadalquivir, trocaria com o seu sábio companheiro. Nelas deveria estremecer, por certo, a amargura infinita do seu drama! A armada

estava aparelhada. Um sopro de vento nas velas enfunadas e a sorte ia cumprir-se. E o peito do Marinheiro seria um ricochetear de ansiedades: audácia e remorso, pressa de realizar um grande sonho e vozes interiores que clamariam vingança contra a própria glória para que ele caminhava...

Curvemo-nos, pois, meu grande Capitão, perante o contumaz infortúnio do teu destino e aceitemos como recompensa que, se da tua epopeia as vantagens redundaram a favor de Castela, a glória é, no entanto, bem portuguesa!

Pertence ainda a este capítulo a figura de Sebastião Álvares, «feitor» de Portugal em Sevilha, cuja principal acção nesta cidade foi a de agente pessoal do Rei D. Manuel, tanto para tudo o que confinava com a empresa das Índias como muito principalmente junto de Magalhães, a fim de o demover da realização do plano em que trabalhava e com quem repetidas vezes se avistou. A sua influência deve ter provocado desgostos e desaires, como no motim da populaça, junto do rio, ao içar das bandeiras com as armas pessoais do Navegador. Nestes encontros com Sebastião Álvares, os diálogos trocados entre os dois, que por vezes seriam ásperos e ameaçadores, impregnariam de um travo pungente a grande alma nostàlgicamente patriota do Capitão-General da frota do anel planetário.

A propósito do feitor Sebastião Álvares,devemos aludir ao grande número de feitores e provedores que Portugal mantinha, nessa época, em Sevilha, em Jerez de la Frontera e portos da costa andaluza, de Málaga e Porto de Santa Maria, encarregados de praticarem todas as diligências necessárias para o abastecimento em pão, sal, azeite e cereais das nossas praças e fortalezas no Norte de África, as quais, constantemente cercadas pelos exércitos marroquinos, viam as suas heróicas guarnições em situações não só difíceis como, muitas vezes,

bibRIA

desesperadas. Esta base andaluza (poderíamos dizer) da ocupação portuguesa do Magrebe, deslocaria para estas terras, vindos de Lisboa, numerosos agentes mercantis e militares.

O introdutor da Escola Italiana

Não tem sido possível apurar-se o ano em que o introdutor em Portugal do culto das formas novas italianas teria estado em Sevilha. Seria no decorrer de 1521, quando Francisco de Sá de Miranda, após a morte do pai, saiu de Lisboa com destino a Itália, onde ia beber a inspiração das novas técnicas poéticas do renascentismo, ou no ano de 1526, já no regresso da famosa viagem, quando no saco da sua musa trazia então os segredos métricos do verso petrarqueano e dos tercetos de Dante?

Tudo leva a crer, no entanto, que o poeta dos amores da corte de D. Manuel tenha visitado Sevilha neste ano de 1521, quando nenhum outro sentimento aqui fere o seu espírito, afora o da graça exótica da formosa cidade, então toda vestida do garridismo cosmopolita que a epopeia oceânica provocava. É uma prova deste asserto a carta a D. Fernando de Meneses, na qual a sua contemplação de vate nada mais encontra que motivos de pintura exterior:

Guadalquibir arriba, a rica praia
que vistes, os perigos e armadilhas
de que escreveis, ouvindo, homem desmaia.

Vistes nûa Sevilha mil Sevilhas;
guarde-se da fortuna e dos reveses,
que assi creceu co êste ouro das Antilhas.
.....
Aqueles são seus parques, i assegura
(eu digo Amor) o seu estado e Cortes,
ali é gran senhor, dure o que dura.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Lidos estes tercetos, fácil é deduzir que se Sá de Miranda tivesse passado em Sevilha em 1526, e datando deste mesmo ano o casamento da Infanta Dona Isabel com o imperador Carlos V, aqui teria encontrado, no séquito da imperatriz, a famosa Isabel Freire, dama dos seus moços amores, cantada na écloga *Celia,* e a quem, por certo, não deixaria de dedicar qualquer lembrança apaixonada na carta a D. Fernando de Meneses.

bibRIA

bibRIA

IX

bibRIA

ISABEL DE PORTUGAL — «FLOR DEL GERÁNIO»...

bibRIA

Isabel de Portugal

Foram longas as negociações para o enlace da filha de D. Manuel o Venturoso com o imperador Carlos de Gante. E não será para estranhar. Os Conselhos de Estado das duas potências, encarregados do ajuste diplomático desta união, tinham que limar muitas dificuldades e não descurar as vantagens que pudessem obter-se da partida oposta. Não era sem consequências de graves cálculos que os negociantes reais, apreciando direitos e obrigações, encontravam como objecto dos seus ajuizamentos jurídicos os dois noivos mais poderosos e cobiçados da Europa daquela época.

Se Carlos I recebia solicitações de casamento, por parte da coroa de Inglaterra, para a Princesa Maria, filha de Henrique VIII, e da coroa de França para a Princesa Cláudia, filha de Luís XII, também, por seu lado, a formosa Isabel, Infanta de todas as humanas fortunas, via postos nela os olhos dos príncipes das mais ilustres estirpes do seu tempo. Ao império germano-espanhol da Itália, Flandres e Castela, respondia Portugal com o senhorio de reinos fabulosos que iam dos Algarves e do Brasil aos mares da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia. Era certo que Portugal se encontrava interessado em prosseguir na sua política de aproximação com Castela, a que as ordenações do Tratado de Tordesilhas, ratificadas em Setúbal, em 5 de Setembro de 1494, pelo Rei D. João II, nos ligavam através dos dissídios impostos pela aplicação das Bulas do Papa Alexandre VI; mas o apreço votado por Carlos de Gante a esta união não era de menor interesse. Um motivo de ordem puramente utilitária, muito mais prática que política, o movia nas suas inclinações de pretendente: o dote da filha do Rei Venturoso, a que o tesouro da corte de Lisboa, fornido das riquezas das Descobertas, daria um volume digno de nota. Para mais, a posição do erário castelhano para com

DIGRIA

Portugal era então a de um devedor a descoberto: primeiro, em razão do empréstimo monetário, contraído no reinado de D. Manuel para acudir às despesas causadas pelos levantamentos das *Comunidades* e *Germanias* (de *germans*, irmãos, em dialeto valenciano e idioma catalão); segundo, porque estava ainda por liquidar a última parte do dote de Dona Catarina, irmã de D. Carlos, pelo casamento desta com o nosso Rei D. João III.

Perante o espírito realista que presidia às decisões da corte de Castela com relação a este acontecimento, não podemos hoje deixar de reparar no espantoso engano em que aquelas operavam, pois ao acto que, no seu projecto cortesão, era apenas concebido dentro da positividade de uma operação rendosa, correspondeu depois um idílio apaixonado e intemporal que contradisse em toda a linha a primeira natureza em que era tido.

Noiva de Carlos V

Y venido en España (alusão a Carlos V) *por el año de mil y quinientos y veynte y dos, y estimando la lealtad de su muy noble, y muy leal ciudad de Sevilla, la escogio, para celebrar en ella sus felices bodas con la Serenissima Emperatriz, y verdaderamente Reyna Christianissima de todos quatro costados Doña Isabel, digna hija del muy valeroso Don Manuel Rey de Porttugal, en año adelante de mil y quinientos y veynte y seys* (1).

Tinha-se ajustado o régio acto. E também a cidade onde este deveria realizar-se. Deste modo, o círculo áureo das relações entre Lisboa e Sevilha iria encerrar-se sob a égide do mais alto e brilhante acontecimento peninsular: sob a égide de um par famoso — Carlos V e Isabel de Portugal! Um, vestindo a varonil couraça que usaria um dia em Mülhberg e já tinha brilhado na batalha de Pavia; outro, ostentando a graça fascinadora e altiva de nobre infanta do Tejo.

---

(1) ALONSO MORGADO. *Historia de Sevilla. En la Imprenta de Andrea Pescioni y Juan le Leon.* 1587.

E é ainda uma coincidência a assinalar que estas duas figuras culminantes de uma grandeza política e marítima aparecessem a associar nas suas bodas precisamente as duas cidades que melhor representavam ante o mundo essa dupla grandeza.

E, para estas urbes, foram também as suas núpcias. Elas, que já eram noivas do Mar sem fim, ficaram depois esposas do Amor amado, — esposas sem compromissos, mas ambas graves e firmes nos sentimentos da sua aliança perante a história.

A caminho de Sevilha

D. João III estava com a corte em Almeirim. Ali se decidiu a partida de sua irmã, a Infanta Dona Isabel, com destino a Toledo, onde já se encontraria o Imperador para celebrar naquela cidade as festas dos esponsais. Decorria o ano de 1525. De Roma tinham chegado as dispensas canónicas, exigidas pelo parentesco ainda próximo entre os cônjuges. Na presença do Bispo de Lamego e dos embaixadores nomeados para o efeito pela corte de Castela, no dia 1 de Novembro daquele mesmo ano tiveram lugar a cerimónia verbal do compromisso matrimonial que dera a Isabel de Portugal o título de Imperatriz da Alemanha. E a saída do Paço de Almeirim fixou-se para os fins do mês de Janeiro do ano seguinte.

biblRIA

Na pobreza das representações sumptuárias do nosso tempo, não é fácil realizarmos com exactidão o esplendor e a riqueza do cortejo de áulicos, damas, servidores reais e cavaleiros que, num enlouquecimento de pompas, começou a trilhar os rudes caminhos da terra ribatejana. O Rei D. João III acompanhou a Imperatriz até à Chamusca e dali voltou para trás. O Marquês de Vila Real, D. Pedro de Meneses, acompanhado dos Infantes D. Fernando e D. Luís, filhos do segundo casamento de D. Manuel com a Infanta Dona Maria de Castela, marchava à frente, cuidadoso e vigilante, no afã de bem

se desempenhar da missão que lhe tinha sido confiada pelo Rei: a da entrega de Dona Isabel ao seu imperial esposo.

Chegado à fronteira do Caia, o séquito deteve-se, estabelecendo ali o seu vistoso arraial. Foi um entreacto cénico, aproveitado para uma pequena cerimónia de coqueteria e de altivez lusitana. Estenderam-se veludos e tapetes raros, brilharam jóias caríssimas, e o grupo de belas damas e camareiras reais correu a refazer a cor dos lábios e a polvilhar de amidos aromáticos a pele resseca da viagem. Findo o descanso e disposta para o recebimento, a jovem filha do Venturoso, montada num soberbo cavalo branco, mais formosa, mais fascinante e mais imponente que nunca, deu uma ordem que passou sobre todos como um raio de sol, dardejando sobrancerias:

— «Dizei aos castelhanos que já podem passar!...»

O valor de uma frase

Um cavaleiro foi ao outro lado do Caia repetir a ordem de Dona Isabel e logo toda a multidão que ali se encontrava detida, à espera, atravessou a ponte, vindo à frente uma luzida representação da mais alta nobreza e clerezia espanhola, que imediatamente se prostou, a render homenagem à Imperatriz. Como verdadeira Soberana, e nas fruições de um carácter engendrado no orgulho das linhagens reais (os cronistas coevos falam da ambiciosa hombridade dos seus pensamentos), Isabel deverá ter tirado daquele momento as mais desvanecedoras alegrias para os seus foros de mulher em quem era vivo o gosto do poder. Aquele lugar da fronteira que estava pisando não era só o limite do país onde tinha nascido, mas também o limite da primeira fase do seu destino; o outro começava ali mesmo, perante a hoste insigne dos mais cotados mensageiros do Império em que ia entrar, os quais, a seus pés, exaltavam, naquele momento, a sua magestade.

Em Badajoz, cercada por uma massa de gente que, atraída pela fama da sua beleza, tinha fluído de todas as províncias de Castela, ocorreu, porém, o imprevisto. Um correio, chegado à pressa, da parte do Imperador, anunciava a Dona Isabel que devia dirigir-se a Sevilha

biblRIA

e já não a Toledo, onde o César espanhol se encontrava, naqueles dias, ocupado em regularizar com Francisco I a liberdade deste, a troco da posse, por parte de Castela, de alguns departamentos franceses. A prioridade de Marte sobre as ansiedades do coração sentimental de Diana! Um despeito passageiro, uma nuvem de mágoa, enturvaram o espírito de Isabel. Recordou, sem dúvida, os privilégios da sua origem e teve vontade de ripostar; mas logo se repôs escutando a voz secreta dos «fados» que a chamavam para uma alta empresa. E foi com um sorriso de mal dissimulada amargura, que aceitou esta primeira imposição do homem que ia ser seu esposo e senhor. Ardeu-lhe talvez o coração na felicidade de obedecer-lhe. E, sem rancor, altivamente, ordenou a marcha do séquito, em conformidade com o novo rumo.

Parte do caminho para o Sul foi o mesmo do itinerário que, dois séculos antes e em sentido inverso, tinha sido trilhado pelo bravo Rei da batalha do Salado, de regresso de Sevilha.

Figura entretecida na sua melancólica formosura de portuguesa, afilada, secreta, sedutora, a Infanta dos sorrisos doces e dos gestos graves, predestinada a apaixonar artistas como Tiziano e a revelar santos como S. Francisco de Borja (o impressionável Duque de Gandia), chegava finalmente a terra sevilhana. O cronista, nada mais que ao referir-se-lhe, é já todo em reverências, quase se ajoelha, tocado pela dignidade da sua magnífica presença: «a Sereníssima Imperatriz e verdadeira Rainha Cristianíssima de todos os quatro costados»...

Pela chamada Porta de Macarena (1), lavrada em cantaria da época mas onde eram ainda visíveis os traços arquitectónicos da muralha romana em que se recortava, entrou na cidade a esbelta filha

(1) Esta entrada ainda hoje se mantém, aberta num arco onde há um retábulo da famosa imagem da *Virgen de la Macarena*, cuja basílica fica em frente, devendo-se o seu nome a esta mesma entrada.

bibRIA

do Rei Venturoso, ladeada do brilhante acompanhamento da melhor fidalguia portuguesa, de nobres damas e cavaleiros, gente de pé e a cavalo, reis-de-armas, charameleiros, provedores, e tantos outros insígnes personagens, sob a condução do já nomeado Marquês de Vila Real. Movem-se a recebê-la as filas de fidalgos espanhois, dignatários e autoridades, com o Duque de Arcos, Alcaide-mor da cidade, à frente. Sevilha, enchendo ruas e varandas, contemplava num deslumbramento esta rica e fascinadora parada cortesã, quadro que até então só era conhecido através das pomposas realizações dos grandes pintores flamengos.

São abundantes os estudos consagrados a estas duas famosas figuras históricas da primeira metade do século XVI. Entre a plêiade de autores cuja pena foi seduzida pela magnificência do motivo, separaremos os cronistas espanhois Frei Prudêncio de Sandoval, Alonso Morgado e Alonso de Santa Cruz — *cosmógrafo-mor* do Imperador Carlos V. É através do relato deste último, escrupuloso como lho pedia o seu alto cargo junto da corte, que tomaremos conhecimento do desenrolar da faustosa cerimónia.

bibRIA

Recepção imperial

Era o dia três de Março de mil quinhentos e vinte e seis. Já com a primavera a gritar ditirambos nas manhãs soalheiras e nas corolas tumefactas dos jardins. A Imperatriz, que a um quilómetro de Sevilha, junto da igreja de S. Lázaro, tinha abandonado a liteira que a trouxera de Portugal, desceu de um cavalo ricamente ajaezado e apresentava-se vestida de seda branca, sob adornos e bordaduras de fieiras de pérolas, gemas faiscantes e pedras preciosas de grande vulto.

Sob o arco da mesma Porta da Macarena, esperavam o Senado e os fidalgos maiores da cidade, de armas e maças, sendo Dona Isabel recebida sob um pálio de três dosséis, em brocado da Flandres,

tendo no centro bordadas as armas do Imperador. Os ricos-homens de Castela e Portugal, vestidos com um desusado esplendor, abriram fileiras, dando passagem e honra ao cortejo.

Ao longo do trajecto que havia sido traçado para a passagem da Imperatriz, construiram-se sete arcos triunfais de grande preço, ornados de muitas invenções e tendo como motivo principal uma sentenciosa alegoria. O primeiro, estava levantado junto da entrada da Macarena, e era dedicado à Prudência; o segundo, em frente da igreja de Santa Marina, e tinha por invocação o Poderio; o terceiro, erguia-se junto da fachada de S. Marcos, designando a virtude da Clemência; o quarto, estava à porta da igreja de Santa Catalina, sob o lema da Paz; o quinto, consagrado à Justiça, ladeava a matriz de Santo Isidro; o sexto, fazia o centro da praça do Salvador, constituído por uma enorme figura simbolizando a Fé; e, finalmente, o sétimo arco, enaltecendo a Glória, decorava a entrada da Igreja Maior de Sevilha. Aqui foi Isabel recebida pelo Arcebispo Dom Alonso Manrique, acompanhado de todos os canónicos e Cabido da Catedral, os quais, seguidos por grupos de crianças vestidas de anjos e cantando litanias de louvor, a levararm até ao altar da capela-mor, onde estiveram orando, e dali até aos seus aposentos do Alcáçar Real.

biblRIA

Só sete dias mais tarde, em dez de Março, o Imperador chegou a Sevilha, vindo com ele, além de um grande número de prelados e grandes do reino, o Cardeal Salviatis, legado do Papa Clemente para a celebração dos esponsais. Viria, no entanto, mais curioso que apressado. A «doce portuguesa» era ainda uma desconhecida para o seu coração de homem.

Nenhum escritor coevo, nem mesmo os escrivães de câmara, nos deixaram uma nota impressionista do momento culminante em que os dois se encontraram e se olharam pela primeira vez, frente a frente! Que palavras ou sorrisos terão nascido no ar que os envolvia para morrerem, apertados nos lábios, como uma flor que a força súbita da corrente afoga nas profundidades! Isabel deve ter sido vivamente

impressionada pela figura do Imperador. Com os ademanes galbosos de bom cavaleiro medieval, loiro, de olhos azuis, contando apenas vinte e seis anos, ela terá estremecido de surpresa quando, através das gelosias do pátio do Alcáçar, o viu, entre os seus homens, descer àgilmente do cavalo, realçado ainda pelo saio de veludo negro, franjado de escumilha de oiro, que ostentava. Alonso de Santa Cruz, comedido e discreto, limita-se à narrativa dos factos objectivos: *y llegando a la iglesia mayor y hecha su oración se fué al Alcazar, donde estaba la Emperatriz, à la cual después que se mudó de vestido fué à visitar.* Deve ter nascido ali e naquele momento, como no fundo humilde de um ninho de toutinegras, o idílio que uniu até à morte os dois corações enamorados.

Após este encontro, que foi rápido, os dois esposos *in albis* entraram juntos num salão onde os esperava o Cardeal Salviatis. Este, tomando-lhes as mãos e envolvendo-as na estola prelatícia, pronunciou sobre elas as palavras litúrgicas necessárias para que o casamento se considerasse em boa regra canónica.

bibRIA

Magnólia de Avis

Foi ao bater da meia-noite desse mesmo dia que teve lugar a grande cerimónia nupcial. Abriram-se as grandes portas doiradas do Salão dos Embaixadores, onde a riqueza dos adornos e as misturas aromáticas recordavam ainda a presença dos príncipes árabes, e entre elas surge, solene de beleza e de magestade, a altiva Infanta da excelente dinastia dos Avis! Veste a seda branca, espumínea, das primeiras núpcias, cerradas as formas esbeltas num escríneo de gemas e pedras estranhas, cuja reverberações exótica brilhavam pela primeira vez sob o céu do Ocidente. Eram as dádivas da coroa portuguesa, rica do tesouro paterno. Tem uma estatura média e parece alta, como no bronze em que Leoni mais tarde a perpetuou. A raça fina e imponente, realçados pelos atavios que ostenta, conquista admiração e obediência. *A Imperatriz tinha o rosto claro e o olhar honesto; falava pouco e baixo; os olhos eram grandes, a boca pequena, o nariz aquilino, os peitos secos, as mãos bonitas, a garganta alta e formosa...*

Retrato de uma orquídea dentro de uma casula real. Faz-se um silêncio. O nome que herdou dos Avós, que lhe pertence — Isabel de Portugal! é pronunciado num arroubamento, perpassa indelével na sala, onde ficará evocando a assinalada existência da frágil mulher que foi um portentoso orgulho da corte e pátria de que procedia.

A seguir, na pequena capela do palácio, mandada construir pela Rainha Isabel a Católica, os dois esposos confessaram-se e comungaram. O legado do Papa repetiu a «dispensa» a que davam motivo tanto o parentesco entre Carlos V e Isabel como o facto da união se estar celebrando no decorrer da Quaresma. Então o Arcebispo de Toledo deu início à missa solene, rezada em grande estilo litúrgico, donde sairam casados Carlos I de Castela e Isabel de Portugal.

Saindo da capela sobre espessuras de jasmins brancos e «azahares» do Alcáçar, adianta-se sorridente a Imperatriz — digna, graciosa. Para saudá-la, abrem alas e curvam o joelho os cavaleiros de ricas armas e vestiduras, as damas dos mais nobres títulos. Rangem sedas e escumilhas; dobra-se o veludo dos gibões; sobre peitos nobres brilham cruzes de Alcântara, de Calatrava e de Avis. Dos verdes jardins, através das altas galerias e balcões de traça mudejar, chegam os perfumes da noite de Março — sevilhana, nupcial.

Isabel, Infanta de Portugal, acabava de entrar nos destinos de Castela. O seu casamento, se enchia de augúrios e de certezas felizes o coração do esposo (que mais tarde repetiria, enamoradíssimo, considerar como seu melhor bem o ter merecido de Deus dar-lhe Isabel como esposa), iria igualmente proporcionar uma activa colaboradora à obra de Espanha no mundo. A energia que, durante as longas ausências do marido, Isabel dedicou aos negócios da coroa, as rudes tarefas de administração política e civil a que ela se entregava com um gosto quase maternal e uma invulgar capacidade, merecem bem que a história a considere, na sua acção a dentro da Casa de Áustria, não só a esposa de Carlos V mas também a esposa do seu Império!

biblRIA

Mas tão várias manifestações desta existência de excepção não poderiam limitar o seu rasgo a um comportamento puramente mundano ou social. Mais tarde, em 1539, o transe prematuro da sua morte — pois tinha apenas trinta e seis anos de idade — veio pôr em destaque o sentido de pureza com que se olhava a si própria. Logo a seguir ao parto do Príncipe D. Fernando, que não vingou, a Imperatriz enfermara. O mal agravou-se sùbitamente e o físico da corte, apavorado com as consequências que imediatamente poderiam sobrevir, submeteu a juízo da Casa privada da Imperatriz, igualmente abalada de espanto, o seguinte dilema: uma rápida intervenção cirúrgica ou a morte! Isabel recusou a prova e erguendo-se a toda a altura da sua dignidade íntima, fez saber que nunca exibiria a nudez do seu corpo diante de outros olhos que não fossem os do Imperador. E morreu, crê-se, só por isso.

A pundonorosa grandeza desta renúncia poderá colocar-se ao lado de um acto do mesmo signo quando Isabel, desfigurada pelas dores do primeiro parto, quis recatar os efeitos da sua angústia pedindo às damas que a assistiam para lhe velarem o rosto com um lenço.

biblRIA

*
* *

Isabel Freire e outras

De novo, sob o azul quente do céu de Sevilha, nos encontramos com o vulto afilado de Isabel Freire, vinda com o grupo de formosas donzelas, açafatas e damas de honor que, de Portugal, acompanharam a Imperatriz Isabel e aqui prenderam os corações dos mais desprevenidos galãs de Castela.

De uma sabe a história que se ligou a um nome que, por ultrapassar já a medida imposta às coisas terrenas, se refugiou nos calendários celestes. Foi Leonor de Castro, a dos «olhos pardos», amiga desde a infância da predestinada filha de D. Manuel e por esta, agora

Imperatriz, impelida aos esponsais com o jovem Marquês de Lombay, Francisco de Borja, primogénito do velho Duque de Gandia. Um tal casamento, em que as pessoas reais da corte de Castela tanto se empenharam, parece-nos hoje mais um acto de inspiração divina que um simples impulso fraterno e carinhoso de Isabel para com a sua camareira mais estimada. O biógrafo Cienfuegos, falando de Leonor de Castro, dirá dois séculos mais tarde: «Era la digna consorte de un santo».

E assim foi. Quando o Marquês de Lombay, nomeado Vice-rei do Rossilhão, ali se empenhava em arriscadas refregas para manter em respeito as linhas fronteiriças da França de Francisco I, dirigindo ao Imperador aquelas famosas e humildes missivas que acabavam sempre na fórmula cheia de sonoridade admirativa: *de Vuestra Sacra Católica Cesárea Majestad, humilde siervo y criado, que sus imperiales pies beso...* — a doce Leonor de Castro sabia encontrar alívio para as suas penas animando o marido ausente a prosseguir na sua missão, ainda que perigosa, de fidelidade aos direitos do seu Soberano. Exactamente como, em escalas diferentes, sucedia com a Imperatriz, de quem parecia ter assimilado muitos rasgos do carácter e a altiva ternura dos sentimentos femininos.

biblRIA

Esteve seu marido enamorado secretamente da sua Rainha, a enfeitiçante Isabel de Portugal? Nenhuma circunstância da vida da corte de Carlos V, nem qualquer dizer de valor histórico nos permitem admitir uma tal opinião. Se alguns românticos espanhois (aludimos apenas ao Duque de Rivas e a Campoamor) quiseram dessedentar a sua imaginação poética num fio de água de lendas que eles próprios criaram, a asseveração fica sem o mínimo apoio de veracidade. Como suposição válida nos raciocínios que se queiram formular acerca de tais hipóteses, é, decerto, para aceitar o vivo sentimento de afecto dispensado pela Imperatriz ao marido daquela que tinha sido e continuava sendo uma das mais queridas das suas camareiras, e, por parte deste, além das privanças que tinha na corte onde

fora criado, a fácil admiração que Isabel provocava em todos os que a contemplavam, e ainda a gratidão por todas as mercês que dela havia recebido. De resto, o sensível espanhol, Marquês de Lombay, não necessitava de fogachos de paixão para ser influenciado, pois, como mais tarde o provou, o seu espírito era já por si dotado de uma finíssima impressionabilidade.

A morte da Imperatriz, surpreendendo por inesperado, provocou um coro patético de pesares. Com o seu desaparecimento, o império de Carlos de Gante tornou-se uma medalha sem reverso. Sobre uma face mantinha-se ainda o que a força política e os privilégios dinásticos saberiam assegurar de obediente ao poderio de um homem, mas sobre a outra face tinha-se apagado o facho radioso da doçura feminina — grandeza oposta à força, mas seu mais sólido sustentáculo.

...donde nasceu um santo

O doloroso lance abriu ao coração do Imperador o caminho do mosteiro de Sisla, para onde partiu a recluir-se logo após a saída de Toledo do corpo de Isabel. Foi a primeira etapa do itinerário que, no fim da sua actividade cesarista, o levaria ao recolhimento de Yuste. Entretanto, designava-se o desolado marido de Leonor de Castro para acompanhar a Granada o corpo da morta. Durante o percurso, a natureza das suas meditações começaram a arrastá-lo para sendas de um certo teor monástico. Uma vez na Catedral desta cidade, junto da cripta da *Capilla de los Reyes*, ao proceder-se à entrega do cadáver da Imperatriz, este teve que ser descoberto, a fim de que as autoridades qualificadas para um tal acto pudessem verificar serem autênticos os reais despojos que recebiam. Foi então que na alma confusa do fiel cavaleiro D. Francisco de Borja, estalou a surpresa dramática que ficou célebre. O sol de Maio e os movimentos da longa jornada tinham apressado a obra de destruição. O traçado ovalíneo do rosto de Isabel, que fora de uma cor ebúrnea de magnólia, apresentou-se ante os olhos de todos convertido numa massa informe de cinza amolecida. Horrorizado, Lombay tapou os olhos com o braço e fugiu do local, proferindo a frase histórica: *No serviré a más*

biblRIA

Reyes que se me puedan morir... E fugiu para caminhos espirituais que o levaram a ser — São Francisco de Borja!

Uma outra Leonor, portuguesa também, entrou nos fastos da corte de Castela. Foi Leonor de Mascarenhas, escolhida pela Imperatriz para aia do futuro Filipe II, junto de quem se manteve até à morte, como conselheira maternal e amiga fidelíssima.

Musa de dois poetas

Quando à formosura e sedução pessoal de que era dotada a gentil Isabel Freire, instrui-nos suficientemente a anedota contada por Faria e Sousa e que Carolina Michaëlis de Vasconcelos não hesitou em repetir. Na letra da tal anedota, diz-se que a Infanta Isabel, ao iniciarem-se na corte os preparativos do seu casamento com Carlos V, algumas vezes ameaçou desistir da partida para Castela se não lhe fosse permitido levar no seu grupo de donzelas a linda Isabel Freire. Tal era o apreço em que tinha as graças naturais desta dama.

A musa de «cabelos flavos», como a crónica lhe chama, veio a casar com o castelhano António da Fonseca, pertencente a uma família nobre da cidade de Toro e, possivelmente, de origem portuguesa. Uma tal união deverá ter causada fundas penas ao poeta Garcilaso de la Vega, que a celebrou na écloga *Salicio y Nemoroso* sob o anagrama de Elisa — como já antes ela tinha sido a Célia do nosso não menos enamorado Sá de Miranda.

biblRIA

bibRIA

X

bibRIA

NOS TEMPOS DE FILIPE IV

bibRIA

aqui residiam. (O historiador e catedrático granadino, António Dominguez Ortiz, no seu *Orto y Ocaso de Sevilla,* regista duas mil famílias como domiciliadas então nesta cidade). O ponto escolhido para a deflagração do protesto foi a praça de *Omnium Sanctorum,* arvorando-se como insígnia um pendão verde, que era o emblema patronal da paroquia e ficou dando nome ao motim. Para «chefe de campo» do movimento encetado, foi escolhido o prócere Juan de Villasis, do solar local dos condes de Peñaflor.

Como as razões fundamentais da rebelião não envolviam o sistema político da autoridade, mas visavam ùnicamente o escandaloso abuso de poderes a que se atrevia o arrogante Mendes de Haro, o caudilho Juan de Villasis apressou-se a prestar juramento de fidelidade aos princípios legais da coroa. Uma tal cerimónia teria que revestir-se de certa solenidade. E aqui surge de novo, em primeira linha, o nome de um português ligado à vida sevilhana. É o do clérigo Lopes de Felgueiras, abade de referida paróquia e em cuja função teve que aceitar e assinar a acta do juramento. A crónica do acontecimento (que representou a primeira pedra lançada contra o fiel sobrinho de Dom Gaspar de Guzmán) marcará mais tarde este nome em traços de notável relevo. Não deveremos apagá-lo.

biblRIA

*
* *

Independência de Portugal

Antecipando-se de pouco ao ano citado, encerrava-se uma época política de que muito haveria que falar se a discrição dos arquivos não tivesse deixado mudo o rasto dos acontecimentos. Nenhuma página nos foi legada (do lado espanhol, bem entendido), capaz de nos transmitir o rumor dessa aspiração colectiva que, estimulada pelo exemplo libertador do vizinho, pretendesse criar também a sua alma

do Olivares, que perante o Rei o acusava: 1.º — de, como almirante da Armada do Mar Oceano, não ter prestado o auxílio que lhe fora requerido dentro do movimento de contra-independência que deveria eclodir em Lisboa, por mar e terra, no dia 5 de Agosto de 1641; 2.º — de ter apoiado e chefiado mesmo a revolta que lavrara em Andaluzia a favor da sua separação da coroa de Castela, chegando em Sevilha a afixar-se cartazes com esta proclamação: *Viva o rei Dom João* (o nosso D. João IV) *e morra o rei Dom Filipe IV e o mau governo!* Ao mesmo tempo, a situação interna de Espanha era ruinosa e de desprestígio político, entregue às indecisões de um Rei abúlico, conduzido pelo despotismo arrogante do primeiro ministro. O descrédito da dinastia dos Áustrias penetrava já em todas as cortes da Europa. Por inspiração de Richelieu, uma frota de navios franceses chegou ao porto de Cádis e ali tentou incendiar os barcos espanhois que estavam aparelhando para uma viagem à Nova Espanha. Os holandeses acossavam igualmente as costas do Cantábrico.

bibRIA

Irritado com todos os males que se cingiam em volta do seu governo, o Conde-Duque, encontrando no Medina Sidónia uma óptima ocasião para se desforrar dos fracassos, ia ainda mais longe nas intenções vingativas ao prever já o arresto dos copiosos bens do acusado. Vexando-o com actos públicos de obediência e de fidelidade ao Rei, impondo-lhe retratações e juramentos que o pavor do garrote fazia aceitar sem uma queixa, sem uma negativa, o excêntrico ministro de Filipe IV engendrou por fim uma inconcebível fanfarronada, a troco da qual prometia conservar a vida ao infortunado Duque de Medina Sidónia. Foi o acto de levá-lo a subscrever aquele risível documento histórico, com cópias expedidas para todas as cortes europeias, no qual se lançava um repto ao primeiro Rei da dinastia de Bragança para se bater em duelo singular com o «ultrajado» representante da Casa dos Guzmanes.

Um desafio ao Duque de Bragança

Tendo investigado em Portugal, e interrogado, até, alguns chefes dos arquivos militares, com certa surpresa não encontrei traço nos

principal dos duques de Medina Sidónia; e humilhado aos pés de sua dita majestade, lhe peço que não me dê nesta ocasião o mando dos seus exércitos, visto necessitar de uma prudência e de uma moderação que, nesta ocorrência, a minha cólera não poderá ditar-me, permitindo-me sòmente que o sirva com mil cavalos dos seus vassalos, para que, não me apoiando senão no meu ânimo, não sirva ùnicamente para restaurar Portugal e castigar a este rebelde, ou trazê-lo morto ou vivo aos pés de S.M., se recusa o desafio; e para não esquecer nada do que pudesse o meu zêlo, ofereço uma das melhores vilas dos estados ao primeiro governador ou capitão português que se apodere de alguma cidade ou vila da coroa de Portugal que seja de alguma importância para o serviço de S. M., considerando-me sempre pouco satisfeito do que desejo fazer para seu serviço, pois tudo o que tenho vem de ele e dos seus gloriosos predecessores. Feito em Toledo, aos 19 dias do mês de Setembro de 1641.

biblRIA

Parece que de Portugal foi respondido ao burlesco documento com outro assim intitulado: *Cartel de desafio e protesto cavalheiresco de Don Quijote de la Mancha, cavaleiro da triste figura, em defesa dos seus castelhanos,* datado da Cidade do Toboso, aos 29 de Outubro do mesmo ano de 1641, e que o nosso Duque de Bragança teria aceitado o desafio pondo como condição que o Duque de Medina Sidónia se fizesse acompanhar dos doze fidalgos espanhois que o tinham jurado, a ele, D. João IV, como Rei da Andaluzia, prometendo indicar os seus nomes se proventura eles não fossem conhecidos na corte de Castela...

Sublevação da Andaluzia

O vale do Guadalquivir é um vale de civilizações mortas. Por aqui passaram, impelidos pela guerra ou pela fome a um constante movimento de transmigração, quase todos os povos das geografias antigas. Desde os caldeus, os gregos e os fenícios, que vinham procurar o oiro da Tarsis bíblica, até aos líbios, vindos da bacia mediterrânica, aos iberos chegados da fronteira vascónica, e aos celtas (que Herodoto colocou no Sudoeste de Espanha), a baixa planura andaluza foi o centro de um rodar de raças nómadas que aqui deixaram o sedimento das culturas morais e familiares de que eram portadoras. O porto de Cádis, junto da foz do Guadalquivir, igualmente ajudava esta entrada de povos na península através da sua ligação com os grandes portos do mar clássico: Cartago, Ostia, Rodas, o Pireu e Alexandria. Logo, sobre este movediço território da antiga Bética, fácil é de admitir que se criasse uma diferenciação de elementos antropogénicos capaz de inspirar um agregado político autónomo.

Regressamos assim ao encadeamento das razões que poderão ter explicado o frustrado levantamento andaluz de 1642. A acentar ainda mais o instinto histórico desta sublevação, fere-nos a nossa atenção o pormenor de que a bandeira que apareceu então hasteada sobre a quadrela da muralha romana de Sevilha, batia ao vento as cores verde-branca do antigo reino hispano-africano Al-Andalus, entregue às tropas de ocupação pelo príncipe almohada Yacube, em comemoração da vitória da batalha de Alarcos contra o exército de Afonso VIII de Castela. Embora de origem islâmica, esta bandeira começou a ser tomada pelas populações do Sudoeste espanhol como um símbolo da indentidade de crenças e de aspirações colectivas que as ligavam à mesma demarcação territorial. Por isso, no dia em que, obedecendo ao comando ancestral de tais aspirações, a vontade de formar um lar nacional foi estimulada pela lufada rebelde de Portugal, as cores daquele pendão apareceram a cobrir com o seu símbolo o protesto dos inconformistas. A Holanda, a Inglaterra e a França tinham

biblRIA

prometido o seu apoio à conjura. Mas no destino dos povos há uma constante que debalde a mão do homem se esforça em querer alterar!

Já no nosso tempo, a instauração do regime republicano em Espanha, no ano de 1931, veio estimular de novo o pensamento das autonomias políticas. Na Andaluzia houve um estremecimento de júbilo. E ao longo desta vasta corda territorial de noventa mil quilómetros quadrados de extensão e cinco milhões de habitantes, formada pelas províncias de Sevilha, Huelva, Cádis, Málaga, Granada, Almeria, Jaén e Córdova, as jerarquias locais do regime ordenaram por ofício a todas as autoridades que considerassem obrigatório o acto de se hastear nos edifícios públicos, ao lado da bandeira da república, a verde e branca do domínio anti-espanhol de Yacube.

bibRIA

XI

bibRIA

NOVAS BODAS LUSITANAS

bibRIA

Filipe V, liberto das preocupações advindas da declaração de guerra à Inglaterra, de que resultou o cerco da praça de Gibraltar e terminou com o tratado de paz assinado em Madrid no dia 6 de Março de 1728, dispôs-se a efectuar uma viagem de repouso à Baixa Andaluzia — vergel sempre aliciador para o habitante das paisagens secas de Castela. Bem merecia o Monarca este espairecimento até terras do Sul, cansado e envelhecido pelos prélios esgotantes da longa Guerra da Sucessão, que, desde 1700, ano em que, por disposições do testamento de Carlos II, foi chamado ao trono dos Áustrias, seguida do conflito marroquino de Ceuta, nunca mais deixaram de inquietar a sua fadigosa vida de Rei-Pretendente, que nem todos os espanhois acatavam.

Como é sabido, com a morte do inapto Carlos II, as casas dinásticas de Áustria e de Bourbon apareceram a disputar os direitos à posse do ainda notável império espanhol. Depois de um período conturbado por lutas sangrentas, vitórias militares e ruínas económicas, em que se inclui a estéril reunião de Lisboa, em 1705, o Tratado de Utrecht de 1713 foi, finalmente, o instrumento de pacificação entre as duas coligações partidárias, constituídas, de um lado, pelo alinhamento quebradiço da Grã-Bretanha, Holanda, Alemanha, Prússia e Portugal, e, por outro lado, pela maioria do povo espanhol, afecto a Filipe V, vigorosamente apoiado pela vizinha França, a qual não queria de maneira alguma perder as vantagens da ocasião para instalar na corte de Madrid um fiel da sua casa ou fosse, neste caso, o Duque de Anjou, neto de Luís XIV.

Ora foi esta necessidade de descanso, experimentada pelo Rei Filipe V, que fez conduzir a Sevilha, para aqui ter o seu tálamo de nubente, uma nova princesa da corte de Lisboa: Dona Maria Bárbara,

bibRIA

D. Maria Bárbara de Bragança

filha do nosso Magnânimo. Doutro modo, as solenidades destas bodas reais não deixariam de ter lugar na pompa dos palácios madrilenos, naquele fim de inverno, com as árvores esgarçadas de neve, do ano de 1729.

Nas delícias da corte portuguesa daquela época, onde D. João V, alimentado pelo oiro do Brasil e os doces freiráticos de Odivelas, dava lições de cultura e de bom viver subsidiando obras de arte, construindo monumentos, escutando os rondós de Scarlatti, seu Mestre de Capela — o sentimento das realidades políticas não era circunstância votada ao ostracismo. O esforço da diplomacia no instrumento da aliança de Portugal com a Inglaterra e Carlos de Áustria contra a França do Rei Sol e a Espanha de Filipe V não tinha produzido os frutos políticos que dela se esperava. E os Soberanos das duas cortes da Península deliberaram, cada um obedecendo a interesses próprios, ligar pelo matrimónio os seus filhos maiores. A Infanta Dona Maria Bárbara unir-se-ia, portanto, com D. Fernando, Príncipe das Astúrias, e seu irmão D. José, Príncipe do Brasil, com D. Mariana Vitória de Bourbon, irmão do sucessor do trono de Espanha.

bibRIA

Duas cortes no Caia

Aceites pelas duas cortes o ajuste dos dois actos nupciais, o Monarca espanhol deliberou fazê-los coincidir com o projectado deslocamento da corte até às províncias meridionais. Nas etapas do percurso, o Soberano deteve-se propositadamente em Badajoz, a fim de ali receber os príncipes portugueses. Ao Caia tinha chegado já a corte de D. João V, deslumbrante na riqueza e primor do seu séquito, conduzidos desde Lisboa nos coches de grande estilo que espantaram Roma. Filas de seis mil soldados, uniformizados com elevada distinção, abriam passagem ao Rei e aos fidalgos que o acompanhavam.

O encontro das duas cortes foi uma parada de honra e de sumptuosidade a favor do nome de Portugal. Os nobres de Filipe V contemplavam com despeito a apresentação imponente dos portugueses, ataviados com um luxo e elegância que elevavam a sua prosápia. E esta verificação merece ser destacada, servindo para corrigir no pensamento de uma grande parte do nosso público a ideia injusta da nossa modéstia nacional, inerente a um sentimento humilhante de pequenez, quando é certo ter a nossa presença social no concerto histórico das nações merecido sempre um conceito de dignidade que jamais nos foi desprimoroso. Sobretudo desde os princípios do século XVI, já adiantado na sua formação ético-mesológica, até aos fins do século XVIII, Portugal organizou-se em unidade europeia não só de grandes guerreiros e nautas mas também de grandes senhores. Lisboa foi mesmo, em certo momento civilizatório da Europa, um grande centro de atracção e de curiosidade cosmopolita.

Não se poderá, pois, considerar limitada à dignidade faustosa do século XVIII, que o oiro das descobertas manteve mas não criou, a elevada categoria das nossas classes hierárquicas.

Já por ocasião do casamento da formosa filha do Rei D. Manuel com Carlos V, os nobres de Castela tinham confessado a sua admiração pela pompa e prestância com que se aureolavam os fidalgos portugueses e pela distinção das gentis donas que constituiram a corte da inolvidável Imperatriz Isabel. Foi por então que o nosso Marquês de Vila Real, chefe da missão dos esponsais que veio a Sevilha, em carta dirigida a D. João III e ao referir-se ao jantar que lhe foi aqui oferecido pelo Duque de Arcos, anotava com patriótico desvanecimento: «creia vossa alteza que até nisto de comer lhe fazem os portugueses tanta vantagem como em tudo». — Documento XIX do livro *Ida da Imperatriz Isabel para Castela,* de A. Braamcamp Freire.

Três dias ficaram no Caia, convertido num movimentado arraial onde se desenrolaram as folganças mais inesperadas e vistosas. Depois as duas cortes separaram-se e D. Maria Bárbara, acompanhada do

bibRIA

Príncipe D. Fernando e de Filipe V, tomou o caminho de Almendralejo, Fuente de Cantos e Santa Olalla, para entrar em Sevilha a três de Fevereiro de 1729.

Amar em Sevilha

Mais uma vez a recatada cidade do Guadalquivir saiu à rua para acolher com júbilo feliz a graça de uma Infanta portuguesa que entrava no sólio da monarquia espanhola. Desabrochavam já as primeiras rosas e as laranjeiras exalavam seu perturbante olor puerperal. Delícias de amar em Sevilha! A ânsia experimentada pelos amorosos de fazer rimar os aspectos da terra com as suas sedes sensoriais leva-os a procurar sem descanso esse filtro incerto que, em qualquer parte, em ignorado país ou recanto luminoso de paisagem, excita com a sua ebridade ambiental o mistério das forças genésicas. Pois poucas cidades como Sevilha possuem no seu clima este pólen fecundo. Os régios esposos, junto às cálidas homenagens que lhes foram prestadas pelos habitantes da capital andaluza — povo, corporações civis e religiosas —, deverão ter recebido aqui o choque excitante deste apelo voluptuoso.

DIÁRIA

A permanência de Filipe V em Sevilha prolongou-se por um período inesperado de cinco anos, servindo-lhe de fecho o tratado de aliança, assinado nesta cidade em 9 de Novembro de 1733, pelo qual a Inglaterra, a França e a Holanda se comprometiam em apoiar a Espanha contra as pretensões dinásticas da Casa de Áustria.

As crónicas coevas, mais preocupadas com os acontecimentos políticos da mesma época, não nos informam com o desenvolvimento que seria para desejar acerca dos factos que, neste tempo, se prenderam à vida de D. Maria Bárbara. Supriremos esta carência imaginando fàcilmente os regosijos e a exaltação que na sua sensibilidade de menina dos paços da Ribeira, com herança de sangue austríaco, teriam produzido os cenários de Granada e Córdova, os jardins doirados de Málaga e a aguarela levantina de Cádis, por onde a passearia o arrebatamento idílico do seu jovem consorte e futuro Rei de Espanha.

XII

bibRIA

ÚLTIMOS ROMEIROS

bibRIA

Um escultor português

Na segunda metade do século XVIII apareceu em Sevilha um artífice português que ligou o seu nome a um certo ruído artístico. Chamava-se Caetano da Costa, e ao seu engenho de estatuário ficou devendo a capital hispalense muitas obras de talha conventual e de arquitectura em monumentos públicos. Desconhece-se a cidade ou província de que precedia, assim como as influências que tinham preparado o carácter pessoal dos seus trabalhos. Um facto, no entanto, é evidente: o da sua aprendizagem e desenvolvimento escolar sob o arcadismo didáctico da Lisboa pombalina. Esta circunstância explicará, por certo, a orientação que imprimia às suas concepções, carregadas por vezes de um preciosismo tão atrevido que não podia deixar de escandalizar o dogmatismo do estilo sevilhano daquela época.

Não o pouparam os críticos. Entre estes, o coevo Céan Bermúdez, num dicionário histórico que dedicou ao fenómeno das Belas Artes, exaure-se a tratar com severidade os arrojos caprichosos do nosso compatriota. Mas apesar disso, à sua autoria ficou pertencendo a obra dos altares que ainda hoje se podem admirar no Convento dos Capuchinhos, e também o famoso retábulo da capela-mor da igreja paroquial do Salvador, na praça do mesmo nome. É neste templo que se veneram as duas imagens de maior renome na estatuária segrada de Sevilha: o Cristo da Paixão e o Cristo do Amor, sendo este último particularmente célebre pela sua harmoniosa e pungente anatomia, talhada pela goiva mágica de Montañés.

biblRIA

*
* *

Nos valores arquitectónicos de Sevilha, a graciosidade do volume rectilíneo da Fábrica de Tabacos constitui um motivo cujo interesse visual é imediato. Limitada por panos de alvenaria, longos de cento e oitenta e cinco metros de comprimento por cento e quarenta e sete de largura, a altura não vai mais além de dezassete metros, coeficiente geométrico que, operando com a inalterável planificação das linhas, reduz a enorme massa extensiva a uma sobriedade surpreendente. Assim contemplada, o interesse artístico insinua-se. E vem depois a simetria do seu enquadramento na paisagística da cidade, aguarelada a Sul pela mancha verde do Parque Maria Luísa, enquanto que, pelo Norte, a ladeia um pesponto de palmeiras exóticas.

Centenas de operárias, empregadas na manipulação das ramas do tabaco, criaram um tipo célebre que deu nome à Fábrica. A garbosidade ladina e lasciva destas raparigas, o seu tipo moreno, azougadamente andaluz, o negrume dos olhos escaldantes, o onix das tranças cortado do vigor de uma rosa vermelha ou de um tufo de jasmins; todos estes elementos espectaculares constituiram durante séculos motivos sérios de pasmo, de que não só a curiosidade dos homens mas também a curiosidade e a fantasia da arte se nutriram abundantemente. Dentre elas saiu a famosa *Carmen* de Mérimée e nelas se fixou o talento do grande pintor contemporâneo, Gonzalo Bilbao, pintando-as com maestria na tela de grandes proporções, *Las Cigarreras,* documento iconográfico que pode admirar-se nas salas do Museu Provincial desta cidade.

Mas ainda hoje estas brônzeas filhas do Hércules egípcio que subiu o Guadalquivir, continuam a transpor, embora em número muito reduzido, o alto pórtico lavrado que, da Calle San Fernando, leva ao interior do edifício. Aqui, este enxame palrador divide-se por vinte

biblRIA

bibRIA

XIII

bibRIA

RENOVAM-SE AS NÚPCIAS FRATERNAS

bibRIA

Arraial de Nações Heróicas

Recentemente (assim poderemos dizer, com relação à medida do tempo que nos prende aos sucessos anteriormente relatados), o certame ibérico que teve lugar na velha capital hispalense, no decorrer do ano de 1929, veio em seus modos reatar os laços de uma amizade secularmente afirmada através de multíplices actos de patente valorização espiritual e universalista. E veio também para afirmar, perante os epígonos dos velhos patriarcados nacionais das terras do Lacio, das Cisalpinas e Armoricanas, a fecundidade racial das duas matronas atlânticas, Lisboa e Sevilha, geradoras de povos, criadoras de história, que aqui souberam reunir, em representação adequada, essa casta de nações heróicas que do Brasil e dos Andes até ao Cuzco e reinos aztecas nos legaram, desbravando impérios, a medida portentosa do seu génio materno. De *razas ubérrimas* apelidou Ruben Dario, na sonoridade olímpica do seu verso, esta grande família ibérico-atlântica.

biblRIA

Nesta magnífica parada, em que as duas cidades evocaram, desvanecidas, as grandezas comuns da sua Idade de Oiro, Portugal esteve presente na pessoa do seu Chefe de Estado, acompanhado de um grupo formado pelas mais altas figuras das fileiras políticas e culturais da nação. E do gesto da mão lusitana, estendida sobre o Guadalquivir em hora de celebração tão solene, a intenção fraterna não se perdeu: dela ficou o formoso edifício capitular (1) que é e será em Sevilha presença linear e constante da outra pátria peninsular, e que aqui permanecerá como símbolo da amizade cívica que une as capitais históricas de dois vastos impérios marítimos.

---

(1) Casa-palácio do Consulado de Portugal.

Dádivas amistosas

Oito anos mais tarde, esta mesma expressão de fraternidade teve de novo ocasião de se manifestar na jornada de solidariedade que levou a cabo o capitão português Botelho Moniz. As fogueiras do Levantamento Nacional varriam a Espanha como na manhã de Covadonga, como nas lutas da independência contra a águia napoleónica. Um povo de alma fortalecida no culto de todos os estoicismos épicos e de todas as verdades nacionais, revoltava-se contra o hibridismo anárquico que, vindo de fora, ameaçava destruir a estrutura da sua eternidade. Foram horas difíceis. Na esteira do esforço que se prodigalizava, iam surgindo carências que era indispensável cobrir. E uma noite, com os caminhos orlados de archotes flamejantes e entre aclamações populares, da fronteira de Rosal a Sevilha, as gentes da Lusitânia repetiam a irmandade de sentimentos dos antepassados juntô dos habitantes das atormentadas charnecas da Betúria. E era natural. Seguindo o impulso de solidariedade que, desde a formação dos primeiros lares, os tinham reunido em volta da fogueira de iguais princípios, os dois povos acertavam agora o passo na direcção do mesmo rumo que os tinha colocado já frente à Roma militar e aos enigmas do Oceano Tenebroso, para mais tarde voltarem também as costas em comum ao luteranismo religioso-político da Europa carpática e ariana.

biblRIA

Já mais próximo de nós, nos últimos dias de uma época que parecia preparar-se a encerrar o seu ciclo histórico, pois estávamos sòmente a horas — 28 de Agosto de 1939 — de se desencadear o tremendo acontecimento da segunda guerra mundial, a subida das águas do Guadalquivir pelos cinzentos cetáceos da divisão naval portuguesa, em visita de confraternização, foi um acto de relevo a reafirmar a permanência dos elementos que desde esta firme atalaia do Bétis abrem uma janela ampla sobre a paisagem da alma lusa. Com um apurado sentido analítico e mesológico, o escritor galego,

Eugénio Montes, deu o tom desta perspectiva ao dizer um dia (1) que Sevilha tinha consigo o mérito de ser o ponto de Espanha onde o homem castelhano poderia melhor sentir e compreender Portugal.

Franco-Salazar

E, finalmente, quiseram as mesmas forças históricas que em todos os momentos de precariedade peninsular surgem a aproximar a urbe do Guadalquivir da urbe das portas do Atlântico, que no nobiliário dos ritos fraternos que estas páginas pretendem celebrar fosse a figura cimeira, lusitana e europeia de Oliveira Salazar que aparecesse a encerrá-lo. Diz-se que todos os grandes acontecimentos que influem no rumo dos destinos humanos não são o fruto de um acaso arbitrário. O aparecimento desta figura no fecho do multi-secular reinado das relações de coração entre as duas cidades não contradiz uma tal afirmação. A sua presença transcendeu a mera circunstância do realismo acidental para assumir nele o símbolo de um portador do espírito da *polis*, no sentido civil e moral deste antigo agrupamento familiar. Hispalis recebia assim de Olissipo a oferenda pacífica aos seus deuses lares na pessoa do magno representante da cidadania lusitana.

O facto teve lugar no dia 11 de Fevereiro de 1942. Aqui se encontraram, numa entrevista que ficará célebre nos fastos de amizade dos dois países, o Chefe do Estado Espanhol, o caudilho Franco, e o Presidente de Conselho, doutor Oliveira Salazar. As entrevistas

bibRIA

(1) Conferência realizada na Universidade de Sevilha em 11 de Abril de 1939, subordinada à curiosa enunciação temática: *Vidas paralelas de España y Portugal.*

Eugénio Montes, estilista da prosa castelhana, pujante escritor de vivas intenções filosóficas, é um dos espíritos do pensamento espanhol que se revela como o melhor e mais compreensivo intérprete do *dualismo* peninsular.

realizaram-se nos riquíssimos salões dos paços mouriscos do Alcáçar, corte de Reis de Castela, onde passaram Reis portugueses. E ainda hoje, repetindo com interesse a visita a estes aposentos, que continuam a guardar o aspecto daquela manhã de 1248, em que neles penetrou o Santo Rei D. Fernando, que conquistou a cidade ao mouro Axatafe, não podemos deixar de pensar sem as concomitantes reflexões na assinalada coincidência que o local destas entrevistas proporcionou ao Chefe do Governo Português: este, em plena valorização da sua efígie, arrancada a uma tábua dos primitivos, integrava-se na linha histórica das nossas altas figuras dinásticas ao reunir-se no mesmo recinto onde passaram outrora as silhuetas lusitanas dos Reis D. Dinis e Afonso V o Bravo. E de qualquer modo como aqueles Reis, também então ele veio defender aqui, dentro de firmes atitudes e realidades nacionais, o futuro político e geográfico da carta peninsular.

bibRIA

II.ª PARTE: ÍNDICE DOS BELOS CAMINHOS

bibRIA

bibRIA

I

bibRIA

O BAIRRO DUENDE

bibRIA

Un misterio que se esconde,
una canción que se va...
Rumor de fuentes lejanas,
fugas de sombra en la cal;
enredo de calles hondas
sin principio ni final...

JOSÉ MARIA PEMÁN. *El Barrio de Santa Cruz*

biblRIA

Onde o Verbo se faz sonho

E agora, na indizível magia desta luz táctil de Sevilha, os nossos passos, hesitantes à entrada do dédalo de ruas que são um foliculário de sensações inesperadas, não sabem em que primeiro caminho deverão quebrar o evidente sortilégio que os embaraça.

Vamos por aqui. Seguiremos esta sombra ondulante que se move e insinua entre geometrias de ritmo inefável, imprecisa, aliciadora — como evadida de um fundo extático de Murillo — e que parece atrair-nos...

De resto, aqui nos surge a janela gradeada, abrindo para o quadrilátero bruxo da pequena *Plaza de Alfaro* (1), através da qual o Mestre Pintor das célicas profundidades recolhia a fluidez dos *azuis* e os *rosas* imperecíveis com que compunha a luminosidade da sua paleta ultra-terrestre.

---

(1) Dá caracter e estilo a esta praça, encenando o fundo, a casa do Marquês de Pickman, cuja herdeira do título é hoje portuguesa pelo seu estado civil.

Sejamos, porém, cautelosos de pensamento, visto que nos encontramos no limiar do lugar mais idílico e abstracto do orbe, colocados no primeiro plano de uma escala de variações sensoriais onde o sonho e a realidade não cindem jamais os seus limites comuns. Na verdade, este universalmente poemizado *Barrio de Santa Cruz,* pese à literatura esmagadora que em todo o âmbito da rosa-dos-ventos tem pretendido aprisionar o seu feiticismo físico, é a mais pura encenação do «inconcreto» que possa conceber-se. A sua confinação dentro do definido, do tangível, torna-se impossível, pois todas as dimensões, exactas ou convencionais, em que pretendamos focá-lo se alienam à primeira observação introspectiva, ainda mesmo que esta não seja a mais capacitada. As próprias sombras dos grandes personagens que através do labirinto mágico exibiram suas fichas de notoriedade artística ou mundana, parecem desintegrar-se das individualizações humanas a que correspondem para se dissolverem na atmosfera onírica destes pátios histerizados de sonambulismo, destes jardins orantes, destas casas interrogativas e confidenciais, condensando o mistério até o tornar sensível às nossas faculdades — contando desde as sombras ainda recentes de Pierre Louys, de Ravel, de Pola Ileri e Tamara de Lempicka às silhuetas distantes da doce Rainha Mercedes, de Gautier e Lord Byron.

De Tamara de Lempicka a Lord Byron

bibRIA

Estamos num bairro em que as legendas do tempo e a alma dos homens quiseram fixar um plano de urbanização do irreal. Até os aromas perdem aqui o seu valor específico na gradação das essências para adquirirem um subtil e novo conteúdo só perceptível através das singulares figurações dos versos do Rei Al-Mutâmide e de Manuel Machado. Tudo o que é comum à regra citadina dos outros aglomerados, é transformado ou anulado na solidão novelesca destas ruelas. Por isso os cantares estrepitosos de uma Andaluzia branca de cal e emborrachada de sol têm que baixar o jorro sonoro, quebrando os cristais agudos das suas tubas contra as muralhas românticas do zoco da velha *Alhamia.* E o fandango de Huelva, os desgarros do

cante grande, das *malagueñas* e *granadinas,* que das açoteias de Alfalfa a S. Lourenço e a Triana elevam o rebroto musical das suas notas típicas, convertem-se, neste bairro, nas toadilhas lentas e evocadoras das *soleares* e *siguiriyas gitanas,* modulando requebros fúnebres ou dramáticos que vão até aos paroxismos queixosos da *saeta.*

Vale a pena recopilar. *Santa Cruz,* bairro de Sevilha e, pelo seu cosmopolitismo, retalho topográfico de todas as nações do mundo, é uma unidade enigmática que, porque tudo transforma, a ninguém se dá nem se revela. Possui uma alma própria, uma particular maneira de viver e de sentir, — obra das raças mortas, plasmando vivências na peculiaridade dos seus habitantes. Tem um estilo soberano e exclusivamente seu: como vive e como canta, e até como ama e morre! É que no sangue deste burgo enfeitiçante misturam-se as éticas de três ancestralidades religiosas: a mosaica, a islâmica e a cristã. E, com elas, os desvairos do amor — na figura de Susona, azougue carnal dos velhos frisos semíticos; e os da morte — no espectro de Miguel de Mañara, caído na Calle Ataúde...

biblRIA

Memória de Murillo

Estamos, como atrás foi dito, junto da casa onde viveu e morreu o elisíaco Bartolomé Esteban Murillo. Poder-se-á transpor o estreito portal que, a uns metros da famosa janela sobre a qual o artista se debruçava a idear o seu universo, se encontra constantemente aberto à curiosidade do público. Uma placa comemorativa, embrechada no reboco branco da parede, falar-nos-á da presença no reduzido cubículo do enesquecível Pintor da Glória — assim chamado, devido à insistência com que o seu pincel prodigalizou esplendores a pintar a ascenção gloriosa da Imaculada.

Aquela presença estender-se-á ainda pelo recinto da praceta vizinha, cujo arranjo cénico, tão recortado nas melhores fontes da fisionomia local, a converte numa das estampas mais típicas do privi-

legiado bairro do mesmo nome: a *Plaza de Santa Cruz*. E será lícito dizermos praça? Não; antes uma aguarela conventual, emoldurada em vinhetas de mosaicos e corimbos de buganvilia, macerados de ametista, numa cor litúrgica a extravasar nevroses de Sexta-feira Maior. Ao centro, como tema principal do conjunto decorativo, irrompe o caule filigranado da *Cruz de la Cerrajeria*, famosa peça dos fins do século XVII, que as mãos do artífice Sebastian Conde elevaram a um requinte caprichoso e surpreendente.

Recolhemo-nos, espantados. A luz difunde-se sem vibrações. Na lisura do espaço, os braços da cruz — o ferro florindo em vergônteas flexíveis — abrem-se como dois braços humanos e implorativos. Lùcidamente, entende-se o clamor do céu. Em baixo, junto da base, é o ardor da terra: passam namorados e crescem renques de cravos vermelhos. E na fundura das noites, numa atmosfera que a mornidão dos aromas forra de espasmos, uma cantiga cigana rimará luxúrias gemebundas, seguindo-se no turno a qualquer oração de penitência que mulher devota ou noiva frustrada ali virá proferir.

biblRIA

Erecta no seu apelo místico, esta cruz, além das seduções artísticas da sua forma, representa ainda para o povo de Sevilha o duplo símbolo de pretender tornar sagrado o ponto indeterminado em que repousarão as cinzas de Murillo. Esteve esta praça, em tempos antigos, ocupada pela igreja e dependências da paróquia chamada de Santa Cruz, a qual, juntamente com os núcleos de S. Bartolomeu e de Santa Maria-la-Blanca, se estendia sobre a área do que fora bairro da Judiaria, com as respectivas sinagogas. Nos fins dos séculos XIV e XV, foram estas convertidas em templos cristãos, mantendo os nomes das primitivas toponimias. Neste de Santa Cruz, contíguo à casa onde Murillo vivera, quis o pintor ser enterrado. Porém mais tarde, descendo de Madrid as tropas da invasão francesa, os soldados do General Soult, ávidos de rapinagem, não hesitaram em derrubar o templo, profanando os sarcófagos na procura de tesouros que não encontraram. E foi desde então que ficou incerto o local exacto da

praça onde permanecerão as cinzas do homem cujo talento seguiu Frei Angelico na devoção de que os seus pincéis só exaltassem a glória do Céu. Por esta razão se caminha aqui quase na ponta dos pés — como no silêncio de um cláustro...

Ladeando a Leste toda a orla da *cité* romântica em que nos encontramos, estendem-se os jardins pròpriamente chamados *de Murillo.* Desçamos até eles, sorvendo, num hausto de ebriedade física, as lufadas aromatizadas que chegam das suas espessuras. E se estamos em Terça-feira Maior (isto é, em pleno auto litúrgico da Semana Santa hispalense), não devemos esquecer que,numa tal noite, com todas as luzes extintas e a lua vogando num céu de Zurbarán, embaciado, por aqui desfilará, sob as ramarias curvadas do *Paseo de Catalina de Ribera,* a confraria de S. Nicolau, ostentando o formoso *Cristo de la Salud,* da goiva de Roldán. O desfile será lento e sincopado de revérberos, a refazer visões catacuménicas: apenas a iluminação de candelabros do «paso» e os círios dos *nazarenos.* Abrirá a marcha um terno de clarins de Cavalaria e, a fechá-la, entre veludos e pratas, tocheiros derretendo opalas e espumas de cravos brancos, uma imagem de magoada beleza: Nossa Senhora *da Candelária.*

biblRIA

A mística de Ávila

Regressando à Praça de Santa Cruz, entremos no primeiro lanço do maravilhoso labirinto que vamos percorrer. Sobre o cunhal da primeira casa, uma indicação: *Calle de Santa Teresa.* E todos os temas ligados com a vida da Santa Doutora de Ávila nos ocorrem imediatamente ao espírito, entrando sem o pressentirmos naqueles caminhos de contemplação e de «regalos sobrenaturales» que, no intuir da sua pena mística, levam à união com Deus. Depois de algumas passadas, subindo a estreita artéria, depararemos com a parede rasa e escura de um edifício silencioso, todo voltado para dentro, sem vontade de comunicar com a rua. É a velha sede da Ordem das Carmelitas Des-

calças. Fundação de Santa Teresa, que ali se recolheu e a que legou o manuscrito de *Las Moradas,* seu «castelo interior» e prédica ardente, situando no temporal a perenidade dos seus êxtases e visões místicas.

Perante estas pedras veneráveis, cremos escutar ainda, abalados de emoção religiosa, os passos enérgicos da inquieta Teresa de Cepeda, ordenando, apostolando, ansiosa de envolver toda a Comunidade nas línguas de fogo do seu verbo, ébria de amor ao Esposo Divino. Em nenhum outro coração humano o Céu existiu em tão altas chamas de fé e de alucinação espiritual. O mármore de Lorenzo Bernini, na igreja de Santa Maria della Vittoria, em Roma, é uma justa e perturbante interpretação deste estado de trans-desumanização da Santa.

Depois do acto, é a palavra que lhe corresponde, e Teresa, tão activa como contemplativa, com o mesmo gosto incansável passa da ascese à organização das regras monásticas e ao comando teológico das almas. Até nós chega o ruído áspero da sua pena enegrecendo a lauda branca de férvidos mandamentos:

biblRIA

Para que más claro veáis, hermanas, que es ansi lo que os he dicho, y que mientras más adelante va un alma más acompañada es de este buen Jesús, sera bien que tratemos de cómo, cuando su Majestad quiere, no podemos sino andar siempre con El.

Neste convento, guardada em veneras de coisa eucarística, pode ainda admirar-se a capa branca, imácula, sob a qual latejou o coração inflamado de Santa Teresa de Ávila. À sua virtude se acolhem, tocando o ventre com uma das suas pontas veneráveis, as grandes damas sevilhanas que se encontram em transe de maternidade. Fé no milagre? Mas vem no texto do *Caminho Espiritual:* «...porque há que duvidar que fará milagres estando tão dentro de mim — se eu tenho fé — e me dará tudo o que lhe pedir, visto que está em minha casa?»

Detidos, por um momento, num colóquio secreto com a Poetisa

do Divino, o apelo do local inculca-nos sugestões a que não resistimos e nos concitam a avançar. Ruelas sinuosas e surpreendentes surgem a cada instante, interceptam-se e brotam de novo como linhas no espalmado de um entrançamento folicular. De repente, á esquerda, atrai-nos uma estranha perspectiva de corredor aéreo onde um pedaço do céu azul se infiltra e bamboleia entre as altas paredes dos prédios, de cujas varandas e janelas irrompe a brasa escarlate dos gerânios. É a *Calle Lope de Rueda,* mantendo ainda a fisionomia da sua nascença medieval, tão estreita, tão íntima que os bons dos seus moradores ali trocam o pão e os beijos, graças ao simples gesto de estenderem o braço ou os lábios... O seu nome refere-se ao famoso batedor de oiro do século XVI que foi, ao mesmo tempo, o criador do teatro espanhol com as suas comédias, autos e diálogos pastoris, tal como o nosso Gil Vicente. Ao fundo deste corredor excêntrico — tão propício às familiaridades caseiras e ao espanto dos turistas —, sobre uma fachada florida que parece fechar a rua, rebrilha, imponente, em azulejos trianeiros, a sigla dos dois círculos encadeados do número 8 (1). Imediatamente esboçados o gesto de retroceder. Mas não é necessário. Trata-se apenas de um dos muitos desfechos inesperados deste bairro enigmático; de súbito, a estreita passagem quebra à esquerda, em ângulo recto, e a ruelasinha continua serpeando, em busca do ancho e alegre sol sevilhano.

Prossegue o arabesco topográfico. À direita, na massa acutângula do casario, abre-se uma fenda altíssima. Estamos na velha *Calle Reinoso,* que também se chamou em eras vetustas do *Moro Muerto,* por razões da violenta rixa de ódios passionais que ali deu a

(1) Vem a propósito assinalar que a casa a que corresponde este número é pertença de uma distinta família germano-portuguesa: a família Schlueter. Na atmosfera desta encantadora mansão, cujo arranjo interior é uma surpresa decorativa, anda, pois, esparsa a cadência de uma redondilha lusitana.

morte a um rico mouro de Granada. Enfiaremos por ela nossos passos, a fim de mais depressa podermos chegar à brancura soalheira da pequena praça dos *Venerables,* quase toda ocupada pelo edifício que lhe dá o nome. É o *Hospicio de Venerables Sacerdotes,* onde se recolhem, como num ninho de Deus, os velhos levitas já incapacitados para o servir entre os homens.

Beleza recolhida

Para lá do velho portão há um ressumar de espiritualidade em que os olhos e todos os sentidos se prendem. Jardim fechado como o coração de Sulamite, iluminura de página gregoriana, este pátio hierático — o famoso Pátio dos Veneráveis —, recluso entre balcões geminados e sombras de pervincas e cidreiras, ah! decerto, é bem mais uma oração que um adorno, muito mais um êxtase que uma perspectiva. A querê-lo encerrar numa imagem poética, teremos que evocar certas estâncias do *Cántico Espiritual* de S. Juan de la Cruz; e se procurarmos acordes musicais que correspondam à harmonia do seu recolhimento vibrátil, aos nossos ouvidos chegarão as plangências melódicas, infinitamente tristes e sedutoras, da *In a monastery garden,* de Ketélbey. Os próprios vultos ressequidos dos sacerdotes que descem a escada da galeria ou se apercebem por detrás dos arbustos, imprimem-se na penumbra dourada como fantasmas ascéticos de Zurbarán.

Terminaremos aqui a primeira etapa do nosso itinerário. Nas salas do interior do Hospício há alguns frescos e quadros a óleo de Herrera-o-Velho, Valdés Leal e outros mestres espanhois e flamengos. Vale bem a pena contemplá-los sem apressamento. Sobretudo porque se logrará, ao mesmo tempo, respirar o incensário do pátio bíblico.

biblRIA

II

bibRIA

SOMBRA E HISTÓRIA DA GIRALDA

bibRIA

Passos imponderáveis

Oração e êxtase. A seda crepuscular do céu sevilhano é rasgada pela vibração das lentas badaladas do *Angelus*. Pétalas sonoras caem docemente e infiltram-se nas almas.

Subtilmente, como se calcássemos sombras, entremos no quadrilátero Quatrocentista da velada *Plaza de Doña Elvira* (1) — que é outro pátio, outro jardim íntimo onde o ar é macio como no recolhimento de um cláustro. Ao centro, uma reza de água hipnotizada de sonho. Silêncio. Não se fala, — murmura-se. Como na linguagem secreta das coisas, das aves e das crianças. Mordidas pelos reflexos brilhantes dos azulejos de alguns bancos solitários, as laranjeiras que circundam o local relumbram verdosas e fantasmáticas. Aqui se instalou, a meados do século XVI, o famoso Curral de Comédias, onde o Mestre Lope das farsas e entremeses lançou um dia os fundamentos do teatro espanhol.

biblRIA

Hoje, com sombras hirtas de namorados passando a desoras e o fala-só da água na pia central a monologar encantações, este velho terreiro, que foi palco de bobos, declamadores, palhaços e brigões, é um refúgio idílico para todos os viajantes escorraçados de um universo onde não há já lugar para os intimismos empolgantes da novela sentimental. Por isso, noite morta, não é raro deparar aqui com um par de forasteiros articulando idiomas exóticos ou qualquer errante escandinava repetindo em imagem o episódio de um conto de Andersen, enquanto ao longe, a desfiar nevroses de himeneu, palpitarão os

---

(1) O nome de *Doña Elvira* julga-se proceder de D. Elvira de Ayala, filha do chanceler de Castela, Pero de Ayala, homem de letras e também de armas, cronista dos reis de Castela, feito prisioneiro na batalha de Aljubarrota.

acordes de uma *rêverie* amorosa de Liszt... Pracinha de panteismos idolatras, pequena mão aberta de emoções, só os que aqui vivem conhecem o mistério das tuas prodigalidades! Existe ainda uma seita de supersticiosos da paixão, os quais, nas madrugadas albentes da Lua-Nova, vêm lavar-se no fio bruxo da água da fonte, a fim de merecerem as dádivas generosas de Astarteia.

Não poderemos ainda deixar de referir que, sob o número 1 desta Praça, se abre o vestíbulo da mais curiosa vivenda de tipo sevilhano que poderá imaginar-se. É um pequeno poema de localismo arquitectural e decorativo. O seu proprietário — «Manolo» Bermudo, animador de todos os actos grandes e bairristas de Sevilha — ali vive como um magno que tornasse realidade os mais belos contos da sua própria terra.

Abandonando a custo o local, embrenhemo-nos no sulco torcicolante da *Calle Vida,* nome que pretende inculcar ser esta a artéria vital que alimenta o corpo do bairro indelével, activando as suas pulsações mágicas e renovando nele a seiva de todas as legendas e tradições seculares. À direita, alonga-se um muro alto, sobre o qual uma magnólia tri-centenária abre os ramos pejados de corolas ovoides e tumefactas. Mais uns passos e temos diante dos olhos uma grossa cadeia de ferro, pendendo entre duas pilastras, a defender um portão que, a meio da noite, se cerra, à boa usança medieval. É esta a passagem pròpriamente chamada das *Cadenas,* fronteira de um mundo privado, com os seus terríveis privilégios de corte, onde realizou suas proezas vorazes o luxurioso gavião real que foi Pedro I de Castela. Cerrando o fundo, passa a muralha musgosa do Alcáçar, que tudo evoca: grandeza de impérios, misteriosos deleites e crueldades alucinantes. Esta imponente fundação, se serviu em esplendor o gosto artístico do filho do triunfador da batalha de Guadalete, Muça-ibne-Noçair, que a traçou, e seus sucessores muçulmanos, fàcilmente exacerbou os sentidos voluptuosos do dramático amante de Maria de Padilla. Está ali ainda a porta do *Postigo,* inscrita num esconso da fortaleza, por onde o régio aventureiro se escapava, em noites de sede carnal, acicatado pelo impulso

Ninho do «gavião»

biblRIA

selvagem de colher, numa sensação de furto, a embriaguez de certo corpo desejado.

Diz-se que foi por esta mesma porta que o Rei, iludindo a vigilância dos archeiros da guarda, saiu para aquele recontado sucesso de que ficou memória nos nomes das duas ruas que foram teatro do acontecimento: a *del Candilejo* e a da chamada *Cabeza del Rey Don Pedro*. Nesta última existe ainda, em vetusta edícula, a simbólica cabeça do justiçado, isto é, a do próprio Rei, que, acusado de assassínio, de si próprio ditou a sentença ao perplexo Alcaide da Justiça, Domingo Cerón. Quanto à do *Candilejo*, o seu nome quer rememorar o gesto incauto da velha curiosa que, acordada pelo chocar dos ferros na estreita viela onde dois embuçados se batiam, através da lucarna estendeu o braço com um candil na mão para ver melhor. Á sua luz amarelenta pôde reconhecer o vulto que, numa estocada mortal, deixava por terra o marido da infiel, que ali tinha esgrimido pela sua honra. Era D. Pedro. E sem tibiezas, a velha gritou, denunciadora, cortando de pânicos o crepúsculo cinzento da manhã que começava: «Favor, favor, Justiça! Mataram um homem!»

biblRIA

Hora de revelação

Seguindo o mesmo pano alto da muralha para a direita, uma quelha bizarra entra por momentos sob uma abóbada escura, de zoco mouro, para nos deixar frente à surpresa de um novo recinto, cheio de um vivo expressionismo local: o *Patio de Banderas*. É uma aguarela rectangular, clareada de sol, com uma orla verde de laranjeiras e o repetido motivo de uma fonte cantando, ao centro. Fisionomia calma, embora alegre, com os seus moradores felizes, embalados em realidades sem preocupações funcionais. Nenhum ruído. As janelas e balcões fecham-se por detrás de maciços de cravos e lilases sem que uma cabeça de *niña* flamenga assome a lançar a letra de um *fandanguillo*. É um retiro de letrados e de bem-pensantes. O que não exclui certa

graça típica que tem levado esta pacata quadrela a servir de tema a uma série variada de cantares andaluzes. O lado Sul é formado pela fachada mais recente dos edifícios do Alcáçar, onde se penetra pelo grande portão chamado do *Apeadero*, obra de Filipe III.

Densifica-se a luz do anoitecer. Detidos a flanco do arco que vem da muralha do Palácio, ao olharmos em frente, sobre o verde onduloso das laranjeiras, surge-nos para além da linha dos edifícios uma imagem seccionada e demasiado conhecida, projectando-se no azul esgarçado do lusco-fusco como um relicário aéreo. É a *Torre da Giralda* — jóia de pedra, que o génio árabe nos legou. O lugar que indicamos é um dos seleccionados nos perímetros adjacentes para a melhor perspectivação do seu volume, e a hora é também, como nenhuma outra, a mais própria para que o seu galbo geométrico assuma maior valor plástico na matéria fluídica do espaço.

Foram os despojos da sangrenta batalha de Alarcos — onde caiu o nosso Rodrigo Sanches, alcaide de Silves —, ganha pelos exércitos almóadas de Yacube-Abú-Yuçufe às tropas cristãs de Afonso VIII de Castela, que deram ocasião à construção da monumental albarrã de que a população hispalense tão justificadamente se orgulha. Transportaram-se materiais, alfaias e os valores em moeda da derrota. No ano de 1198, três anos depois da batalha, a famosa fábrica muçulmana, na sua grácil silhueta quadrangular, era solenemente inaugurada. A sua linha arquitectónica foi perfeitamente a mesma que ainda hoje se mantém até à altura da primeira roda dos sinos grandes, antes do acrescentamento dos quatro corpos em estilo Renascença, realizado a meados do século XVII pela audaciosa concepção do arquitecto espanhol Hernán Ruiz. É um quadrilátero de treze metros e sessenta de lado, servido no seu acesso interior por trinta e cinco rampas de curto declive.

O sonho de Yacube

No alto do terraço da famosa construção flutuou, no dia da inauguração, um estandarte que representava uma homenagem do aguerrido Yuçufe à simbologia profética dos sonhos. Conta-se ter

ele sido visitado, na noite que precedeu o encontro dos dois exércitos, pela forma de um anjo, vestido de branco, o qual lhe entregava uma bandeira verde com a promessa segura da vitória. E como no dia seguinte, com o triunfo estrondoso das armas berberes, se demonstrou não ter sido vã a significação de um tal sonho, Yacube quis assim que a cor branca dos almóadas se juntasse, na mesma haste, à cor verde da bandeira do anjo, ficando esta insígnia a proclamar desde então a supremacia religiosa do Islame junto à autoridade política do Califa, e a simbolizar a ligação das províncias do Andaluz ao império africano do outro lado do Estreito. Cinco séculos mais tarde, este mesmo estandarte, como já foi referido num capítulo anterior, enraizado nas seivas históricas da Espanha Sul-Mediterrânica, viria a servir de pendão ideológico às reivindicações nacionalistas dos prosélitos do Marquês de Ayamonte que pugnavam pela independência da Andaluzia.

Hoje, a *Giralda*, concretizando um justo desígnio teológico, representa a monumentalização da arquitectura coincidente de dois dogmas e, na altura aérea, a sua aspiração mística. Desta maneira, deixa, pois, de ser exclusivamente uma atalaia de Sevilha para se converter num símbolo ecuménico, numa atalaia do mundo romano-islâmico que se anuncia e que nela integra a dupla síntese das suas ansiedades religiosas.

bibRIA

bibRIA

III

bibRIA

SORTILÉGIOS NOCTURNOS

bibRIA

Es en la noche cuando ha de evocarse el pasado de estos rincones donde se detuvieron los siglos.

José Andrés Vázquez

Valores isentos do tempo

Poderíamos falar aqui dos valores estéticos das noites de Sevilha se esta classificação ruskineana não tivesse perdido já seus intrínsicos privilégios de substância e de forma.

Bem poucas vezes, com efeito, o sentido da Beleza é tão sensìvelmente corpóreo como este que se pressente no ar nocturno da urbe sevilhana. E este é o seu segredo e a sua força, — elemento que dá à cantada «Cidade da Graça» carne e espírito, e a torna, como nenhuma outra, admirada e temida, dominante e misteriosa. Evoque-se mesmo Bruges, Veneza ou Verona. Todas se entregarão fàcilmente à posse dos que pretendem sonhar dentro do seu enigma. Há ainda outras que mais ràpidamente fascinam. Sevilha é em tudo lenta e difícil, porque é mais densa na sua interioridade poética. É, portanto, mais rica de sugestões, mais plástica, mais cheia de novidades espirituais.

As cidades têm, tal como o homem social, uma jerarquia herdada ou adquirida. Ao tratá-las de perto, imediatamente nos informamos do seu valor predominante. E tanto nos aparecem com um carácter grave como fútil, laicas ou religiosas, cultas ou mercantis, com gostos frívolos ou naturezas requintadas. Sevilha é por condição uma cidade de arte. Inventariar certos aspectos do seu urbanismo indígena é como inventariar os gestos peculiares à actividade de um ser humano. Assim, há ruas, esquinas, geometrias de jardins, perspectivas de terraços e incidências de luaceiros que são índices concretos de potencialidade estética, cifra do mesmo mundo que na solidão criadora dos estúdios

biblRIA

levanta figuras eternas e amordaça de desespero a inspiração dos homens. Analisando certos pormenores da realidade paisagística hispalense, vemos algumas vezes que valem em arte uma página de Valle Inclan, o melhor trecho pictural de Claude Monet ou um verso de Rodenbach.

Confinando-nos ao Bairro de Santa Cruz, aqui nos surgem certos motivos exteriores que, sob a luz transcendente de um plenilúnio, assumem uma evidente valoração artística. Para exemplo, citaremos: saindo da praça de *Santa Cruz,* o primeiro quebramento com a rua de *Santa Teresa;* ao fundo da praça de *Alfaro,* a jóia rústica da morada Pickman (que é, no interior, um miniatural museu de arte localista); ladeando a esquina desta casa e subindo *Lope de Rueda,* o recanto cubista que liga com o troço perpendicular à *Calle Reinoso;* todas as fontes do Bairro; a torre-almenara dos jardins de Murillo, sem esquecer os efeitos fantasmáticos da muralha medieva entre o topo da *Calle Vida* e o túnel que conduz ao *Patio de Banderas.*

biblRIA

Vereda do Sonho

Temos, porém, ante os olhos deslumbrados, isolada no seu sonho como uma confidência de amor, a mais íntima, idílica e cenográfica artéria do mundo: a do *Callejón del Agua!* Quanta poesia, quantos gritos de surpresa, quantos estremecimentos de emoção ela tem provocado em todos os Sensíveis e doentes da Beleza que, por aqui vagueando, adregaram de chocar com a sua romântica contextura! Realidade? Ficção? Singular perspectiva para qualquer pintor dominado pela hipnose de uma idealidade sem fim? Ah, digam-no todas as formosas mulheres a quem temos visto humedecerem-se os olhos, trespassadas de estese, ao contemplarem pela primeira vez a incorpórea projecção desta rua inverosímil!

Calle del Agua,
mis ojos tienes
llenos de ti
por mi penar...

...canta a desoras, no negrume pungente desta «copla» local, a ***niña*** triste, morena, de pele perfumada a estames de cravos e alma olente a fios de cipreste, que se debruça da varanda daquela casa da esquina, afogada de verdura, onde uma placa indica ter ali vivido a grande trágica do teatro espanhol — Maria Guerrero.

Se evocamos nomes, dois é obrigatório nomear sem esperas: Zorilla — ou a retórica do espadachim; e Bécquer — ou o soluço rimado do héctico. Os seus espectros continuam a ser os demiurgos passionais desta artéria novelesca, onde em cada portal, em cada pedra ou em cada flor uma aventura ou um verso inscrevem suas legendas. Não é ela a rua que, contrafazendo todas as disposições municipais, se compraz em fazer prevalecer a simulação ou o anacronismo, fugindo do determinado, do previsto, do que é consenso ou postura pública? Para que a confabulação dos seus dramas se desenvolva em recessos tranquilos, limitou o seu trânsito à exclusiva passagem de peões; para que o sonho seja mais palpável, desterrou o sistema de iluminação eléctrica, substituindo-o pelas fantasmagorias de um amarelo bico de gás. O céu, atento julgador na firmeza luciolante dos seus astros, foi, por sua vez, banido desta área esfíngica, à custa de um tecto espesso de buganvílias e madre-silva, através do qual só algum raio de luar escorre por descuido...

Do lado do Alcáçar, um muro nu e cismático, barrado de negrume, que as trevas tornam infindo. Na berma oposta, casas cerradas, silenciosas, participando de um arroubo colectivo. Dentre elas e emergindo de um pátio rústico, o epitáfio de um grupo de ciprestes. Este arranjo expectante dir-se-ia de um conto de Hoffman se uma indifinida sensação de musicalidade e de conivência amorosa não se desprendesse das coisas.

De súbito, os nossos passos colam-se ao chão, detidos por um clangor subterrâneo que, no mutismo da noite, chega até nós grafando feitiços. Cheios de surpresa, interrogamo-nos: — Gnomo em exílio, canto de alma penada... Que será?

Mas logo regressamos à razão: — Ah! sim, *Callejón del Agua...* Lá em baixo, no sub-solo, é o planger do fio de água que lhe dá o nome. A magia das circunstâncias numa terra em que o fortuito entra na lógica do comum!

Sombra de Don Juan

E não nos espantemos se, ao fundo da rua, uma capa se dilui ràpidamente na sombra de um portal. É o vulto de *Don Juan...* que se esfuma na noite, parecendo deixar atrás de si, impressos a luz espectral, os versos deste desafio imponente, imaginado por Zorilla:

Aqui está don Juan Tenorio
para quien quiera algo de él...

Desta flexuosa e intemporal Via Romântica do lírico bairro sevilhano sai a *Calle Pimienta*, muito conhecida pela novidade de sua fita estreita entre o alongado perfil das moradias, que quase se tocam no espaço, e ainda pela ilustração toponímica da lenda do mercador hebreu e do inconformado cliente cristão. Este, irado por não encontrar no estabelecimento do primeiro a picante gramínea que desejava obter, ali lhe jurou pelo seu Deus que, no dia seguinte, poderia dispor da pimenta que quisesse, como exemplo do poder da sua religião sobre a que o mercador professava. E, com efeito, na manhã que se seguiu, um *piper nigrum*, em fértil arbusto, ramalhava à porta do estupefacto judeu, dando deste modo o seu nome à ruasinha.

Pecadora de Israel

Outra lenda de grande vulto nos traz à memória os tempos áureos da Aljama local, ao mesmo tempo que nos retrata a pessoa de uma belíssima judia que ficou dando nome à *Calle Susona.* A crónica de então, com mira à lascividade do seu talhe, classifica-a de «fremosa fembra» (1). Era uma formosura de lume. Amava e era amada em

(1) Ler a estilização desta lenda, sob o título «Canto del alma triste de Susona», no livro do autor: *Baladas de Sevilla en Primavera.*

labaredas que dificilmente se apagavam. Seu pai, o rico e nomeado judeu Diego — o Susón —, foi dos primeiros a protestar contra o exagero das penas capitais decretadas pelo tribunal da Inquisição, acabado de se instituir em Sevilha sob a alçada da bula do Papa Sixto IV, expedida no ano de 1478. Levantou-se um cadafalso em pedra e sobre ele, à voz implacável dos dominicanos Frei Juan de San Martin e Frei Miguel de Morillo, a queima de hebreus e de conversos não tinha um dia de repouso. Estes, apavorados, passaram, por conseguinte, do protesto à conspiração, reunindo-se na casa do velho Susón, onde à fina flor das comunidades judaicas de Triana e Carmona se juntavam um mordomo da Catedral e um tal Juan Albolasia, homem de letras e de justiça, com a alcunha graciosa de «o Perfumado».

Hora de amores vivos era aquela que a indomável Susona, nestes mesmos dias estava vivendo com um filho-de-algo cristão. Fosse por inquirição do amante ou por indiscreto impulso de namorada, esta delatou o acto que se preparava contra os inquisidores da cidade. As consequências não se fizeram esperar. Seu pai foi imediatamente preso e conduzido à fogueira.

Susona, que não tinha previsto o trágico resultado da sua inconfidência, sentiu-se morrer de arrependimento. Num rebate dolorido de consciência, converteu-se ao cristianismo e tomou hábitos monacais. Mas foi uma reclusão de pouca dura. O demónio das paixões espicaçava-lhe a carne. E não resistiu, veio de novo para o mundo, entregando aos desejos mais vis o seu lindo corpo de hebreia. Anos depois, vendo aproximar-se a morte, dispôs em testamento que, para exemplo de outras mulheres e castigo do muito que tinha pecado, a sua caveira fosse pendurada em frente da casa onde tinha vivido. Daqui proveio o nome de *Calle de la Muerte*, o qual, no decorrer do século passado, foi mudado para o da patética heroína, que ainda conserva actualmente.

biblioteca

Viajante curioso, que entras na *Calle Pimienta* olfacteando surpresas emocionais, toma, pois, a esquerda, logo a seguir ao segundo cunhal, e talvez se te depare ainda, baloiçando-se ao vento das noites perfumadas, o crânio descarnado daquela que foi a mais formosa e infiel das filhas de Israel...

Esta rua da infortunada Susona levar-nos-á de novo ao fascínio da praça de Dona Elvira, por onde, tomando em frente a rua de Rodrigo Caro (o poeta-arqueólogo da história sevilhana), se chega a uma destas deliciosas saletas de ar livre que são, na topografia bizarra da cidade, as chamadas «praças cerradas» — com uma única via de entrada e constituem um feliz privilégio para os pacatos habitantes que ali desfrutarão de uma felicidade cheia de sol e de silêncio, a preço módico... Trata-se de uma novidade municipal difícil de compreender fora das edilidades de carácter ateniense: a da outorga gratuita de poesia a simples título de *utilidade pública*. Senão é ver o que há de excedência lírica na simpática organização urbanística desta caseira *Plaza de la Alianza*, onde agora nos encontramos, limpa, arrumada, alinhada de laranjeiras que parecem de aguarela, à sombra das quais nos apetece sentarmo-nos a ler Bécquer ou alguma passagem do *Cântico dos Cânticos*.

Poesia sem expropriação...

Estamos agora no extremo periférico da vetusta Judiaria. Mais uma ruela de piso primitivo, mais uma esquina a dobrar e, de súbito, um largo corredor visual (*Calle Mateos Gago*), em cujo fundo se projecta, fina e graciosa, a silhueta rectilínea da *Giralda*. É um momento de deslumbramento. Na substância rosada da noite sevilhana, as suas linhas são as de um corpo vivo, melodioso, extático. Vem-nos o desejo de querer apertá-la nas mãos, entre as quais decerto palpitaria como um corpo fino de mulher.

biblRIA

A incrível Praceta...

Descendo o declive desta rua que é um corredor quase aéreo, encontrar-nos-emos no terreiro donde brota a haste da Grande Torre. Mas à esquerda, entre os ângulos de dois edifícios rebrilhantes do polimento dos azulejos, abre-se um acesso estreito, disfarçado na linha das fachadas. Sem o suspeitarmos, encontramo-nos no limiar do recinto público mais íntimo do mundo. E a prova é que, entrando no simulacro da pequenina quelha, nos convencemos de que estamos franqueando o portal de uma casa amiga, e de tal modo esta ideia se torna real em nós que, instintivamente, marchamos devagar, pé ante pé, como se temêssemos acordar os donos da moradia. Para mais, os permonores em que nos vamos fixando concorrem para uma tal convicção. Por exemplo, aqui está, logo a seguir ao primeiro cotovelo, uma janela particularmente familiar, vistosamente florida por detrás da *reja* filigranada, e tão baixa, «namoradeira», tão ao alcance das bocas sedentas, que é mesmo um delito de amor... Os que conhecem o teatro andaluz dos irmãos Quintero, terão visto muitas vezes esta janela ou outra assim na cenografia dos palcos, limitando-se, porém, a tomá-las como uma pura ficção!

biblRIA

Depois, passando sob o arco da parede de uma balaustrada, que de novo nos dá a impressão de caminharmos em terreno vedado ao público, ali está o prodígio que buscávamos: uma praça de palmo-e-meio, que se atravessa em seis ou oito passadas curtas, escondida entre as altas fachadas que, em torno, lhe barram a saída, aprisionando-a num abraço de verdura e de comas redondas de citrinas. Ao centro, sobre um rectângulo de pedra musgosa, pejado de vasos floridos, uma pesada cruz abre os braços medievos, parecendo ocupar todo o espaço livre. No mutismo reverente do lugar, palpita uma atmosfera de balsaminas. Os sentimentos confundem-se, atónitos. Surpresa, embruxamento, e uma vontade súbita de fugirmos! Mas somos ao mesmo tempo dominados por um força invisível que nos obriga a ficar, a sorver a haustos demorados o encanto da noite, que ali parece não ter fim. E, neste caso, é bom ter presente que a entrada

neste secreto recanto — segundo o rito amoroso da lenda que corre e que os apaixonados pedem a Deus que não se extinga! — obriga à troca de um beijo contra todos os malefícios com a linda mulher que ali vos acompanhar...

Esta é, pois, a chamada e nunca mais esquecida *Plaza de Santa Marta* — cela de «fala-sós» de himeneu na solidão das madrugadas, onde vêm ouvir a predição do seu destino os corações inquietos dos namorados de todas as latitudes do orbe. E, ao abandoná-la, sentimos, estremecendo, o desejo de a trazermos connosco, fechada na palma da mão — se a não trouxermos nos lábios com o seu *miel y pimenta*...

bibRIA

IV

bibRIA

JARDINS DOS JARDINS...

bibRIA

Poema ou mais ainda...

Falar do Alcáçar de Sevilha é evocar o génio artístico e requintado de uma civilização que o sentimento religioso do Cristianismo não deixou amar nem compreender. Com as revivescências árabes de Córdova, Toledo e Granada, e mais que aquelas em certos aspectos da sua opulência e diversidade, este conjunto actual de palácios e jardins reivindica ainda a glória dos príncipes ilustres que nestas quatro cidades gravaram a memória da sua magnífica passagem, parecendo palpitar ali, ainda bem evidente, o espírito das suas cortes de poetas, de sibaritas galantes e de guerreiros audaciosos.

Para nós, portugueses, o Alcáçar de Sevilha, jóia do esplendor muçulmano, que foi outrora residência de gentes insignes, desde os *djemanis* aos almorávidas, e mais tarde corte dos reis cristãos, possui a particularidade de nele ter habitado, depois do seu casamento com Carlos de Gante, a formosa filha de D. Manuel o Venturoso. No salão onomàsticamente chamado *de Carlos V*, é ainda visível, embora puído pelo tempo e também pelo dedo tribal dos iconoclastas, um retrato, sobre azulejos, da Imperatriz, ressaltando a beleza dos seus traços através da rica silharia dos fornos de Triana.

Imaginar é às vezes tornar presentes os mundos projectados nos rescaldos da memória: memória real ou memória de ficção. Em contra-partida lógica desta miragem retrospectiva, quando enfrentamos inesperadamente um espectáculo que, pela sua excepcionalidade esplendorosa, se afasta da medida, natureza e cor do quotidiano, imediatamente temos que recorrer à imaginação para bem captarmos o seu contorno e gozarmos a valia das suas sugestões. Desta sorte, ao entrarmos em contacto com esta cadeia ininterrupta dos jardins solitários do Alcáçar hispalense, é condição essencial trazermos connosco, vivas e atentas, as faculdades do nosso imaginar — do nosso duplo existir.

biblRIA

Abrimos o livro dos sortilégios. Entrando pela *Puerta de las Banderas,* depressa as suas folhas mágicas se nos patenteiam. O passado, quando está muito distante, engendra a superstição. E é esta que se emaranha agora no nosso pensamento, que anda ao nosso lado, a dar corpo às narrativas que formam, afinal, a alma do tempo aprisionado neste recinto. Devido ao poder e ao mistério de uma tal vetustez, os elementos locais da força sedutiva que nos envolve não encontram comparações. São as lendas, os belos versos, a filosofia, os idílios carnais e os dramas de sangue que alimentam aqui as raízes de todos os florejamentos e estiolam ou tornam temerosos certos troncos centenários; são estas seivas imateriais, estas energias romanescas que dão ao jardim do Alcáçar uma atmosfera poética e evocadora que não se identifica com a de nenhum outro jardim de Espanha — nem mesmo daqueles que o sensível Debussy colocou sob a musicalidade da chuva. Os Jardins do *Generalife,* em Granada, os da *Casa do Príncipe,* no Escurial, os de *Monforte,* em Valência, ou os de *Raixa* e da *Alfabia* sob a luz rosada de Maiorca, podem cativar-nos com seu «embrujo» do momento, mas, logo que os abandonamos, cessam em nós todas as sensações da sua presença. Estes de Sevilha, ao contrário, insinuam-se e persistem no espírito, numa sobreposição de realidade transcendida em sonho!

Talvez alguns jardins italianos, como os de *Isola Bella,* no Lago Maggiore, alguns de posse privada em Florença e Fiesole, ou certos recantos penumbrosos do parque da *Villa d'Este,* no Lago de Como, refluam em nós os mesmos extaseamentos emocionais. Mas mesmo esses deverão considerar-se estèticamente pictóricos e musicais, enquanto que nas espessuras transfigurativas do Alcáçar, há como uma secreta impulsividade plástica a transformar cada perspectiva numa sucessão de miragens de simples valor cromático ou de materialização dos vultos poéticos que aqui enterraram sua história.

Razões há para este prodígio. A certas horas e em certas circunstâncias da nossa sensibilidade evocativa, os espaços povoam-se de

biblRIA

Rainhas e favoritas de legenda

aparições. Neste pátio clareado pela luz rebrilhante dos mosaicos, com aromas a cedros seculares, moveram-se os pés adejantes de Rumaykya; deste *ajimez* por onde sobem glicínias, debruçava seu perfil de enigmas a estranha Maria de Portugal, esposa de Afonso XI; na límpida água do grande tanque abobadado, velado pela sombra dourada dos limoeiros, Maria de Padilla mergulhava o corpo flexuoso e insofrido, aguardando o regresso do Rei Amado; junto de tal fonte envelhecida de fetos, Dona Aldonza Coronel viria alguma vez chorar a sua desonra; a viril Isabel a Católica era sobre esta mesa de pedra rústica que ditava as Ordenações do Reino; e a nossa doce Isabel, Imperatriz de Castela (1), releria o seu Bernardim passeando ao longo destas áleas enladrilhadas, seguida das mais lindas açafatas que jamais engalanaram corte de Rainha.

Sabemos que sensação e ideia são atributos diferentes. Porém, sobre o perímetro deste recinto maravilhoso, a faculdade de receber uma sensação e a ideia da sensação que foi recebida fora de nós em lugar e tempo confundem-se numa só impressão, dando a esta um sentido maior de percepção. O nosso prazer é, pois, maior recebendo aqui, das coisas que nos cercam, a sensação directa do que elas são e a indirecta do que foram e que criaram.

bibRIA

Advertidos deste privilégio, os homens acorrem , vindos de todas as raças e latitudes, fazendo suceder às silhuetas rituais da história os perfis mais estrafalários de hoje. Sob a verga brasonada da *Puerta de León* ou a padieira do *Patio de Banderas,* uma multidão de celebridades desfila diàriamente, unindo os príncipes de sangue às *stars* de Hollywood e os adiposos arquimilionários aos artistas das últimas trapeiras.

---

(1) Ler no livro já citado, *Baladas de Sevilla en Primavera,* as estâncias intituladas: «Tristesa de la Emperatriz Isabel».

Roteiro de fascinações

Saindo do corpo sumptuoso dos palácios — onde os pátios das *Muñecas* e das *Doncellas,* a Sala da Justiça e o majestoso Salão dos Embaixadores são ainda uma forma viva do esplendor muçulmano—, os lilases e os *aromos* (estes com as suas flores de oiro, embriagadoras) levam-nos à galeria chamada *del Grutesco,* devido ao rude labor em que foram talhadas as pedras do seu muro, ao longo do qual se desenvolve uma série de arcos de meio ponto, assentes sobre colunatas de capitéis de grande beleza. Um grande tanque de águas azuladas reflecte as cenas mitológicas que, em frescos de admirável colorido, fazem o fundo daqueles arcos.

Daqui baixa-se ao *Jardin de la Danza.* E uma pergunta nos vem aos lábios: —dança, porquê? Antigo cenário de espectáculos românticos ou exibições coreográficas de princesas de outras eras? Apenas por que sobre uma coluna de mármore vetusto, um sátiro, em presa de lubricícia, espreita os ensaios de uma gentil ninfa que, sobre uma outra coluna, parece mover-se... para fugir-lhe! Velando estes motivos clássicos, uma magnólia velhíssima esparge a teia da sua sombra aromática.

bibRIA

Alguns degraus entre criptogâmicas. Deixando à direita todas as sugestões criadas pela galeria subterrânea que leva aos banhos da favorita do Rei D. Pedro, surge o *Jardin del Crucero,* logo seguido dos três pátios acolhedores do *Jardin de la Gruta,* e, alguns novos degraus mais baixo, num fundo húmido de verduras olentes, o histórico *Jardin del Príncipe.* De repente, o pensamento enche-se dos graves temas do passado. O nome deste jardinsinho íntimo pretende comemorar a curta passagem pela terra do Príncipe D. João, filho de Isabel a Católica, que aqui brincou sob o olhar de lindas aias e sisudos teólogos. A grave Rainha, sua mãe, abandonando as orações na capela do Palácio, quantas vezes viria meditar entre estes muros silenciosos, — a desenrolar na mente o atlas político da sua ambição universalista! Por isso não será ousado deduzir que, neste ambiente de meditação,

terá nascido a ideia de um império hispano-germânico, hipotèticamente realizável através do casamento do Príncipe D. João com Margarida de Áustria. A morte prematura deste príncipe, pouco tempo depois desta união, frustrou o projecto de Isabel, o qual só em 1500 se logrou com o nascimento do filho de Joana a Louca e de Filipe o Belo.

É interessante recordar ainda que este mesmo Príncipe D. João foi o «prémio de consolação» com que o governo de Castela pretendeu recompensar a princesa D. Joana, a «Beltraneja», pela perda de direitos à coroa de Rainha, casando-o com esta. Mas a filha da irmã do nosso Rei D. Afonso V, decidida e altaneira, recusou a dadivosa proposta régia, preferindo recolher-se à clausura de um convento, onde, sem declaração de renúncia aos seus direitos legítimos, conservou intacto o seu título de Rainha de Castela, embora rainha sem trono. E se a tivesse sido de facto, vale a pena pensar em que possíveis consequências teria sido alterada a ordem histórica da Península!

bibRIA

Retomando o formoso itinerário do nosso passeio, encontramo-nos agora numa imprevista esplanada que renques de buxo e ramagens exóticas encobrem, propícia aos acordes de um concerto de anjos ou das flautas de Ispahan. É o recinto chamado *Jardin del León.* Aqui, Ravel, numa madrugada de embruxamentos lunares, se serviu do piano para dialogar com a eternidade. Mais tarde, Marinetti, o grande apóstolo do futurismo, atraído pela magia deste mesmo lugar, leu a um grupo de admiradores literários algumas das páginas mais ousadas da sua *Ville Charnelle,* escrita directamente em francês. E a fechar o ciclo ruidoso e afortunado da sua vida, já a transitar para os cenários insuspeitos da tragédia, o Conde Galleazo de Ciano, genro de Mussolini, então hóspede de Sevilha nos aposentos do próprio Alcáçar, aqui veio também consagrar a excepcionalidade deste refúgio balsâmico, num momento de repouso com os seus mais íntimos colaboradores.

Idílio de Carlos V

Fixemo-nos, ao lado, nas espessuras de um amplo rectângulo de buxo alto, entre as quais serpeia um sulco incoerente que intenta atrair-nos como aquele que em Creta, no palácio de Ariadna, levou à morte do Minotauro. Cautela: ali estão os fios estratégicos do falado *Labirinto* — causa imediata ou futura de muitos precalços sentimentais.

Mas no topo da esplanada, opondo-se àquele, atrai-nos ainda o vulto de um pequeno pavilhão assente sobre socalcos de velhas cerâmicas e rodeado por um átrio aberto para o exterior em arcos de elegante traça. Era aqui que Carlos de Gante, fugindo da etiqueta do Palácio, vinha ter os seus ágapes com a mulher que adorava e para a qual esta construção foi mandada levantar. Chama-se, por isso, *Cenador* ou *Merendero de Carlos V*. Hoje é apenas um quadrado vazio, esmaltado de graciosos azulejos quinhentistas, com numa fonte árabe clangorando ao centro, a que só falta a riqueza dos adornos e a confidência das tapeçarias flamengas para que o epitalâmio da água continue a emitir as suas ressonâncias dos dias das bodas imperiais. Isolado no silêncio dos grandes jardins, este secreto e evocativo aposento de namorados fala-nos do grande amor de Carlos V à belíssima Princesa do nosso sangue. As suas figuras tornam-se presentes e vêmo-las ali, ceando idìlicamente, as mãos nas mãos, os olhos nos olhos, fora das reverências de damas e cortesãos, tal como qualquer par de noivos do nosso tempo, simplesmente humanos e apaixonados.

bibRIA

Jardins do Alcáçar... Magia verde, poemas de água, mistério do que não morre porque foi belo e ante os nossos olhos mantém ainda vivos os germes dessa perenidade, — decerto, no impalpável da sua sombra passará muitas vezes, à doce hora dos crepúsculos, o esfumado perfil da Imperatriz Isabel, persistente «flor del geranio», como lhe

chamou um grande poeta espanhol (1), cuja sensibilidade e saber velam constantemente pelo íntegro enigma destes jardins!

É sob o adormecido esplendor desta imagem do escrínio luso que cerraremos aqui, nas fugazes anotações das suas folhas, o album estésico do bairro duende de *Santa Cruz* — pedaço de terra astral, onde nenhuma verdade é verdadeira, pois todas parecem ficção... Bairro que é inconsequente como um paradoxo e quimérico como um coração de criança! Deixemo-lo entregue ao contínuo entretecer da sua teia de sonhos. O tempo é o fio de oiro das suas lendas; e a alma incorruptível e ritual deste povo grave será sempre a força ingénita que move o tear... Nada está certo e tudo é harmonioso. As ruas estão desertas a qualquer hora e é o centro mais populoso da urbe; vivem em correrias de apressamento e as horas escoam-se vagarosamente no crepúsculo dos pátios; a luz leva mais tempo a extinguir-se, a beleza torna-se sensível ao tacto como tirsos de digitálias roçando a pele, e até as próprias flores contêm sensações bizarras, ocultas na simbologia de nomes que a botânica desconhece, suaves, carinhosos, locais: «celindas», «alhelís», «dompedros», «siempre-novias», «miramelindos»...

Belo como a ficção

E a fascinação não acaba, neste bairro de perpétuo romanceiro!

bibRIA

(1) Joaquin Romero Murube, poeta da mais fina introspecção lírica e que mais sàbiamente tem desintegrado os elementos espirituais do *embrujismo* sevilhano. Entre a sua obra variada, de certeira geometria emocional, queremos destacar, em prosa: *Sevilla en los Labios* e *Discurso de la Mentira;* em verso: *Canción del Amante Andaluz* e *Kasida del Olvido.*

bibRIA

V

bibRIA

CONVENTOS E PÁTIOS DE SEVILHA

bibRIA

Estamos junto do Guadalquivir — o Rio Grande, no seu étimo árabe. E no decorrer desta tarde primaveril, pincelada de sol, remontemos o seu curso, desde os jardins de S. Telmo e *Torre del Oro* até à Ponte de Triana, passando pelas portas do grande ruedo taurino. Inflectiremos depois à direita, tomando a rua que conduz ao populoso bairro da Madalena e estação do caminho de ferro de Córdova. Daqui seguiremos por uma das coloridas artérias que vão dar à popularíssima praça de S. Lourenço, onde nasceu o poeta Adolfo Bécquer e em cujo templo paroquial se venera uma das três imagens célebres na Semana Santa Sevilhana: *Jesús del Gran Poder*. Paralela a um dos lados deste templo, irrompe a *Calle Santa Clara*, a qual, flanqueando o belíssimo solar dos Condes de Santa Coloma, nos deixa no Convento do mesmo nome.

biblRIA

Um dos grandes encantos da cidade hispalense é o da beleza que se surpreende no escondirijo dos claustros e pátios monásticos. À frente destes últimos, destaca-se o *Patio de los Naranjos*, oculto nas sombras da massa gótica da Catedral e tão famoso no mundo pela poesia mística e antiga da sua atmosfera como o templo metropolitano pela monumentalidade das suas pedras.

Este de Santa Clara é de uma airosidade e de um tipismo tão acentuado que mais se nos afigura um eirado rústico onde um grupo de raparigas, de pele tisnada do sol, virá sentar-se em breve, desafiando confissões dos seus apaixonados. Entra-se por uma travessa cerrada entre um casario pobre, mas com gente limpa de vestuário e de sentimentos, que não soltam um apodo cáustico ou uma palavra inconveniente. Passamos nós como passariam S. José ou o Santo de Assis — o irmão espiritual de Clara — e os gestos que nos acolhem trazem consigo uma reverenciosa humildade de respeito. O pátio é quadrado,

com paredes cegantes de cal branca brilhando por detrás de renques de laranjeiras e uma oração de água murmurando, ao centro, sobre a pia côncava de uma fonte. Em volta, uma série de pequenas portas que abrem discretamente para o recinto. Ali se aloja a colónia dos serviçais da Comunidade, laica e penitente, fazendo suceder a heresia a uma prece, a praga a uma contrição, cobrindo o sinal da cruz com o beijo mais pecaminoso e escaldante! No fundo, uma manifestação localista de poesia mística, recolhida e gárrula ao mesmo tempo, a dois passos duma rua truculenta, onde mil crianças semi-nuas travam batalhas e galos cantam com frenesi sobre varandas pejadas de gaiolas e roseiras. E isto é Sevilha, afinal! Em plenitude e em essência. Um escapulário e uma cantiga, a equimose de uma flagelação e a boca molhada de desvarios sensuais. Todo o Céu e também toda a Terra, como o deseja a incoercível e severa grandeza do homem que aqui apura o seu destino a golpes de espada, contrições religiosas e tremendos pecados mortais.

bibRIA

Versos de Machado

Uma tal expressão do *modus* vital anda esparsa, e vigorosa, neste bairro. Se os exemplos de clausura estão aqui mais chegados a cada lar, os hábitos da carne morena de Carmen são também mais avassaladores — ainda mesmo que ela passe pelo outro lado do rio, apenas apercebida pelos sentidos poéticos do grande vate Manuel Machado, que traça a cena nestes versos inteiriços como um bronze másculo:

Cuando al caer la tarde, como un suspiro, orea
los nemorosos patios del barrio de Triana,
y el cabello de Carmen, que de negro azulea,
y sus ojos en donde amor florece y grana...

Envuelto en ese halo de gracia que defiende
al hombre que es amado de una mujer hermosa,
pasa Antonio, y en una larga mirada enciende
el alma y las mejillas de Carmen, ruborosa.

Regressemos, porém, ao Convento de Santa Clara. Ao fundo da mesma cerca alvíssima, ergue-se a igreja, construída sobre fábrica mudéjar, sem qualquer valor a destacar, a não ser o altar-mor Renascença, em talha admirável do grande Montañés. Ao lado desta e fazendo frente para a aguarela do pátio, abre-se um portão que nos descobrirá um outro recanto não menos surpreendente, que foi, noutros tempos, horta do mosteiro das monjas claristas e onde agora altas bordaduras de flores enquadram um nobre mostruário arqueológico.

Com efeito, dirigindo o olhar para o centro do local, somos imediatamente cativados pela silhueta da bela torre quadrangular que, como um caule de pedra, emerge de um soco medievo, assente nas funduras do terreno, entre musgos e águas verdosas. É a torre românica de *D. Fadrique*, último vestígio dos palácios deste Príncipe, guardada como jóia arquitectónica de excepcional valor dos meados do século XIII. D. Fadrique era irmão de Afonso X o Sábio, que o mandou matar em consequência deste se ter ligado, com seu irmão, o Infante D. Enrique, aos fidalgos da Biscaia, na sedição que estes promoveram contra o poder real. A velha atalaia, de uma graciosidade linear que nos atrai, alta e fina, perfurada de minúsculas janelas góticas sob o rendado das ameias, é conservada com amorosos desvelos de arte, pois constitui um raro exemplar da transição da linha românica para a curva orante da ogiva.

GLORIA

O gesto de D. Maria Coronel

Encontramo-nos em pleno território da pequena história lendária. À sombra da torre medieva, dobra-se o tronco encanecido de uma oliveira grisalha que muito sabe das coisas idas. Ali mesmo, naqueles palmos de terra sobre a qual, protegendo-a, se debruçam as suas ramas esqueléticas, veneram-se as cinzas de um conto dramático, sugestivo. Fala-nos do desvairamento de D. Pedro I de Castela, devorado de paixão carnal pela jovem esposa de D. Juan de la Cerda y Gusmán, nobre andaluz. O real gavião, que há muito tinha posto os olhos gulosos na recatada sevilhana, não hesitou em atrair o marido para

malhas das escaramuças políticas e mandou-o acutilar por desleal. Desamparada, a suar pânicos, D. Maria Coronel veio procurar asilo neste convento de Santa Clara, onde se julgava ao abrigo de todas as intempéries humanas. Porém, a desenfreada exaltação libidinosa do Rei nem mesmo nas paredes do reduto monástico encontrou um obstáculo que o detivesse. Veio a Abadesse e toda a Comunidade a cortar-lhe o passo, leram-se os mais severos ditames teológicos, evocaram-se todos os exícios infernais — mas tudo debalde ante a porfiada obcecação dos sentidos.

Foi então que a altiva D. Maria Coronel, gelada de espanto pelo atentado contra a sua honra que iria consumar-se, tomou uma decisão que mais tarde poderia sorrir a uma heroína de Corneille. Escapando-se para a horta do Convento, ali cavou apressadamente um esconderijo onde desapareceu. As mãos escorriam-lhe sangue quando se deixou cair no fundo da cova, proferindo ante as irmãs religiosas que, de olhos esgaseados, assistiam à cena, a frase memorável: «que preferia morrer sepultada viva a ter que manchar a sua pureza»! De repente, um brote milagroso coalhou de tufos rendilhados de salsa a terra acabada de ser remexida. Os homens de armas de D. Pedro em vão se cansaram em busca da desaparecida. Estava salva — e morta.

O milagre deu ocasião a um costume que ainda hoje se mantém entre as freiras claristas. Estas continuam a plantar devotamente a verde umbelífera em redor da pequena oliveira que marca o local onde a heroína deste feito esteve enterrada. O acto da corajosa Maria Coronel torna-se mais compreensivo ao sabermos que era filha do herói estoico e rico-homem Afonso Fernández Coronel, autor da frase trocada com o nosso João Afonso de Albuquerque, quando marchava para a morte, como atrás nos referimos.

Uma outra filha do insigne varão, D. Aldonza Coronel, também dotada de feitiços físicos, foi igualmente motivo de gula amorosa para o insaciável bebedor de carícias que foi D. Pedro de Castela. Menos disposta que sua irmã a entrincheirar-se nos princípios da

biblRIA

mais fera rigidez moral, presa e mandada encerrar nos nichos da Torre del Oro, dali se deixou fàcilmente conduzir para as aventuras secretas dos pavilhões do Alcáçar, enquanto seu marido, D. Alvar de La Cerda, fugia da morte internando-se em Portugal.

Mosteiro de S. Clemente

Ao fundo desta rua de Santa Clara — fita de brancura, ao longo da qual o despique das «coplas» e o florir dos lírios enchem de felicidade as varandas humildes —, serve de fecho terminal à via pública o portão da cerca do antiquíssimo mosteiro fundado por Fernando III o Santo, em acção de graças pela conquista da cidade de Sevilha. Como esta teve lugar no dia de S. Clemente, o Rei deliberou comemorar o facto pondo sob este nome a égide da fundação.

A construção foi efectuada sobre as ruínas do palácio dos monarcas abaditas, que naquele mesmo local fazia ressaltar a riqueza dos seus adornos orientais. Nesta escolha do sítio entrou sem dúvida o propósito de D. Fernando de querer assinalar o triunfo da fé cristã sobre relíquias veneráveis dos adeptos de Mohâmede. E talvez devido àquela remota circunstância, as ruínas continuam hoje a entrar na composição do arranjo do recinto, tomando relevo entre sebes aromáticas e os acantos de algum capitel ainda intacto. Não obstante, o pátio é alegre, luminoso, cortando as sombras da clausura com uma alacridade *gitana* que nos faz esquecer as tristezas de além-tumba e nos leva a desejar beber ali, por *soleares,* uma «caña» dourada de manzanilha!

Entra-se para a igreja sob o telheiro de um átrio rústico, alpendrado. Dentro apenas se notará um interesse de cor. Clarões de azul vivo, reflexos de oiro e rosa caindo dos artezonados do tecto. Em que século esta policromia festiva irrompeu no ascetismo ambiental? A resposta não é difícil: estando ainda longe os caprichosos florejamentos da Renascença, era o cromatismo árabe que se projectava viva-

bibRIA

mente em todas as retinas. Isto explica a matização panteística que brilha neste templo.

A filha de D. Afonso IV

Junto do altar-mor, do lado do Evangelho, surge-nos uma surpresa. Sob os restos pulverulentos de um damasco desfibrado pelo tempo, uma caixa funerária, pobríssima, distinguindo-se apenas dos arrumos anónimos por esta sumida inscrição no rapado da madeira: «D. Maria de Portugal»! São as cinzas da filha do Rei da batalha do Salado, mãe do inquieto Pedro I de Castela, e tão mal amada do seu esposo, D. Afonso Onzeno, ao mesmo tempo que tão nobremente era dedicada ao coração do mesmo monarca infiel. Quando, após o calvário de uma vida discutida com aversões e simpatia, faleceu em Évora, na corte de seu pai, ditou antes, no testamento, que era junto dos restos de seu marido onde desejaria repousar. E para aqui veio dormir o sono do nada.

bibRIA

Acerca da conduta que norteou certos actos desta Rainha, merece destacar-se o juízo do cronista espanhol, Joaquin Guichot, ao comentar o procedimento oposto que, em circunstâncias análogas da sua vida de Soberana, foi adoptado por Branca de França, esposa legítima de D. Pedro I: *...la reina D.ª Maria de Portugal, quien á pesar de sus mayores motivos de resentimiento contra D. Alfonso XI, fué, á ruegos de este, á negociar con el monarca lusitano, su padre, un tratado de alianza y auxilios para salvar la dignidad é independencia del trono de su infiel marido, sacrificando sus grandes y fundados agravios ante el altar de la patria...*

Este dizer não impede, no entanto, que outros cronistas, e entre eles o Chanceler Pero Lopez de Ayala, se fizessem eco do mal-falar que atribui a morte de Maria de Portugal às ervas daninhas que seu pai, sempre exaltado na rectidão dos sentimentos, lhe fizera ministrar para deste modo se pagar da fama de desonra que corria sobre ela. (O historiador J. B. Sitges refere o dizer de alguns cronistas que a acusam de ter tido amores com o português Martim Afonso Telo, pai da nossa famosa Dona Leonor Teles, a quem, por esta razão,

o Rei D. Pedro de Castela teria feito assassinar na cidade de Toro). Se tal aconteceu, castigo foi de uma falta mil vezes perdoável a quem tantas perdoou do mesmo teor. Mas se, como é de crer, apenas se trata de um maldoso labéu de escriba coevo, será então mais um pena injusta a pesar como ferrete odioso sobre a desgraça do seu frágil coração — tão crucialmente experimentado em vida.

Levados no curso de tais reflexões, mais nos confrangemos perante o mísero invólucro da que foi Rainha de Castela. Sem embargo, numa cidade como Sevilha, onde o sentido da morte é quase um estilo da vida interior de cada ser, chega, afinal, a não impressionar a lição que contemplamos sobre a humildade a que se reduz a glória dos bens terrenos. Estas quatro tábuas simples, desadornadas de qualquer indicação pomposa, que guardam a poeira da Rainha, têm por isso mesmo o simbolismo patético de uma página do *Discurso de la Verdad,* que Miguel de Mañara, na volta da sua vida de D. Juan, compôs com pena austera para regra moral de uma grande obra em pedra — o Asilo de la Santa Caridad. Junto delas, parece-nos escutar a voz contrita, delida em lamentações de ossuário, daquele que foi julgado modelo do drama de Zorilla, pronunciando o veredicto escatológico:

— «Que importa, Irmão, que sejas grande no mundo se a morte te tornou igual aos mais pequenos»!

Santa Paula

Nesta romagem votiva por esconderijos de uma cidade na qual as presenças portuguesas transcendem os limites de tempo e lugar para só falarem à nossa constante emoção, há um Convento — o de Santa Paula — cuja visita será de apreço para a sensibilidade do homem lusitano.

Circunstâncias de diversa natureza se juntam a colaborar no interesse desta visita. Primeiro, pelo carácter especial do bairro em

que o edifício se encontra situado, que é o de S. Marcos, muito industrioso e de gentes de vincada opinião, colocado entre as paróquias de S. Romão e de Santa Marina, tendo esta última como patrona aquela formosa figura do hagiologio que o pincel de Zurbarán soube transpor para um quadro de humana beleza. Segundo, porque do outro lado da rua existiu o «posadero» que servia de refúgio à Isabela das *Novelas Ejemplares* de Cervantes, dando assim ocasião a que o local entrasse nas páginas mais célebres da literatura europeia. A heroína da narrativa do mutilado de Lepanto (*La Española Inglesa*), alternava as horas da reclusão a que voluntàriamente se condenara com as horas de oração junto das monjas da Ordem de S. Jerónimo, anexa ao Convento de Santa Paula. E, finalmente, porque é dentro dos limites do mesmo bairro que assenta a fundação do conhecido solar do Duque de Alba.

Casa de Alba

Esta belíssima vivenda, que foi propriedade dos fidalgos de Casa Bermeja e, mais tarde, da dama de muitos títulos ilustres, Dona Catalina de Ribera — a quem se rende tributo público no painel laudatório do *Paseo* do mesmo nome, sob as ramarias dos Jardins de Murillo — é hoje conhecida por *Palacio de las Dueñas,* devendo a origem do seu nome ao mosteiro de *Santa Maria de las Dueñas* (1), sobre cujos alicerces se ergueu depois um conjunto de construções apalaçadas, fáceis de imaginar na sua grandiosidade se seguirmos a nota da Relação, que nos fala de onze amplos pátios, nove fontes centrais e mais de cem colunas armoriadas, documentando as repetidas ascendências heráldicas dos ramos familiares. Actualmente (2), embora reduzido, o Palácio é ainda notável pela opulência artística dos interiores. O esplendor sumptuário das peças decorativas, a beleza dos

biblRIA

(1) Assim chamado por nele se albergarem as «donas» cujos maridos andassem batalhando.

(2) Aqui se aloja por ocasião de todos os actos das festas sevilhanas, a proprietária e detentora do título — a bela Duquesa, Caeytana de Alba.

artezonados, o conjunto dos estilos — do gótico ao árabe, do mudéjar ao Renascença —, as pinturas, os retratos põem em relevo uma estirpe e um bom gosto tão marcados que, sem mesmo recorrermos à folha dos nobiliários, fàcilmente nos instruimos acerca do Grande de Espanha que foi seu proprietário, o Duque de Berwick e de Alba de Tormes, fidalgo que estabelece a sua identidade civil ao longo deste copioso armorial onomástico:

Jacobo Fitz James Stuart y Falcó Portocarrero y Osorio — 17.º Duque de Alba de Tormes (título concedido em 1439 por D. João II de Castela, com a categoria de Condado), 2.º de Argona, 10.º de Berwick (criado pelo Rei Jaime II de Inglaterra, em 1688, para seu filho Jaime Fitz James Stuart), 15.º de Huéscar, 10.º de Liria e Jérica; 13.º Conde-Duque de Olivares; 15.º Marquês del Carpio; 25.º Conde de Lemos, 18.º de Lerin, Condestável e Chanceler-Mor de Navarra, 18.º de Miranda del Castañar, 16.º de Monterrey, 19.º de Osorno, 23.º de Siruela, treze vezes Grande de Espanha; 15.º Marquês de la Algaba, 17.º de Coria, 13º de Eliche, 19.º de la Mota, 18.º de Moya, 10.º de Osera, 15.º de S. Leonardo, 18.º de Sarria, 10.º de Tarazona, 19.º de Villanueva del Fresno e de Barcarrota, 16.º de Villanueva del Rio; 18.º Conde de Andrade, 15.º de Ayala, 13.º de Casarrubios del Monte, 13.º de Fuentes de Valdepero, 10.º de Fuentidueña, 16.º de Galve, 17.º de los Gelves, 22.º de San Esteban de Germaz, 10.º de Santa Cruz de la Sierra, 19.º de Villalba e 10.º Visconde de la Galzada.

No pátio grande da entrada do actual solar, entre os escudos que ornamentam as colunas em que se apoiam as arcadas laterais, há um que se apresenta ostentando as armas da nossa dinastia de Avis. Refere-se ao conhecido antepassado deste mesmo título de Alba, que entrou em Portugal em 1580, encarregado de defender a equívoca pretensão de Filipe II. E já que chegámos a este acontecimento, vale a pena arquivarmos aqui, sem nos encolerizarmos... a cópia do documento que dorme no Tombo de Simancas (peça n.º 413), cons-

biblRIA

tituído por uma carta do Duque de Alba ao Rei informando-o da ordem de marcha dada ao exército espanhol acampado no Caia para atravessar a fronteira. É um documento de que é desnecessário encarecer a sua curiosidade histórico-militar. Eis o seu teor:

A ordem de invasão de 1580

S. C. R. M. — En este punto, que debe ser media noche, ha llegado el Fratin con esta carta, que ahí envio á V. M., de D. Pedro de Velasco, y á la hora se pone la gente á caballo, y partirán luego, porque toda estaba apercebida, como lo escribi à V.M. — Dis los guie y guarde la S.C.R.M. de V.M. como sus vassallos y criados hemos menester. Deste cp.° de V. M., viernes 17 de Junio, á media noche, de 1580. — S. C. R. M. — Las manos de V. M. besa su vasallo y criado — El Duque de Alba.

bibRIA

Consumava-se assim o erro da Coroa Castelhana, empenhada em realizar — e sem mérito algum num momento em que a Nação agonizava, esgotada de grandeza — o defraudado sonho dinástico da unificação peninsular.

Índices de suavidade

Terminada esta curta divagação, volvamos à aguarela monástica de Santa Paula. Luz, terra e céu, tudo ali parece dissolver-se numa substância elisial, saída da paleta indelével de Murillo. A sugestão é tão envolvente que em cada recanto florido se nos afigura ver anjitos brincando. E até os próprios serventuários da Comunidade, sentados, a beber a tarde, às portas das vivendas que dão para o pátio, veladas por teias de trepadeiras, têm uma postura de retábulo, como figuras religiosas de Giotto.

Sobre um dos lados do pátio ergue-se a parede do mosteiro. A meio desta e na flamância de uma grande rosa arquitectónica, recorta-se

o famoso pórtico decorativo de quatro arquivoltas, de que tantas páginas encomiásticas têm celebrado a originalidade. (No tímpano uma cabeça de águia sobre as armas de Espanha e esta ladeada por escudos onde se lê, num, o «Tanto Monta» e se vê, no outro, as setas fasciais de Isabel a Católica). É, na verdade, um exemplar de cantaria fantasiosa que nos deixa perplexos. Executado nos começos do século XVI, é fácil adivinhar que os olhos do artista, italiano de origem ou castelhano que a política do tempo levasse ao «país da arte», estavam impregnados do cromatismo das cerâmicas e terras-cotas dos dois Della Robbia florentinos — Luca e Andrea, tio e sobrinho.

A nave da igreja é avivada por reverberações azuladas que se difundem das pinturas do tecto e dos ricos azulejos trianeiros, do século XII, que ilustram os lambris. E logo junto da ábside, cavados na parede, dois monumentos tumulares destacando no mármore a sigla gráfica de nomes portugueses. Temos um novo encontro com as sombras pátrias. Aproximamo-nos para ler melhor e vemos que o epitáfio referente aos portugueses das duas edículas rememora:

bibRIA

> *El muy ilustre y magnifico señor don Juan, condestable de Portugal y marqués de Montemayor, bisneto del Rey D. Juan de Portugal, murió yendo a la guerra de Granada a postrero de abril de MCCCCLXXXIV, el cual y la muy ilustre y magnifica señora su mujer, bisnieta del Rey D. Enriquez de Castilla y del Rey D. Fernando de Portugal, que edificó esta iglesia, estan en esta sepultura.*

O punhal de D. João II

São os restos de um drama. Este D. João, Marquês de Montemor e irmão do Duque de Bragança, D. Fernando, degolado em Évora, foi um dos três fidalgos daquele título que entraram na conjura de Setúbal contra o trono do taciturno Príncipe Perfeito — figura notívaga e imensa de assombrado, vadiando entre o sonho das Descobertas e a emboscada palaciana dos Nobres.

Casado com D. Isabel Enriquez, descendente de D. Fernando I de Portugal e, na linha espanhola, do Rei D. Enrique de Castela, foi em Sevilha, onde se tinha refugiado, que o Marquês de Montemor recebeu a notícia da sua execução em efígie no terreiro de Abrantes, e também a da morte de seu irmão, o Conde de Faro, na prisão em que este se encontrava. O abalo sofrido deve ter sido grande, minando-o de pesadelos mas incandescendo também o seu bravo coração de português de Quatrocentos. E talvez por isso, foi assim que, uma manhã, ladeado dos seus escudeiros, cavalgou apressado para as veigas de Antequera, onde os exércitos dos Reis Católicos defrontavam então as mesnadas do último Rei de Granada. E ali morreu, batalhando.

A sombra do punhal de D. João II, humedecida do sangue do Duque de Viseu, deverá ter perseguido o sono de todos os homiziados da conspiração fracassada. Essa sombra explica este túmulo.

bibRIA

Pátios e claustros dos conventos de Sevilha, exílios aromáticos e calados, ante-salas celestes onde uma doçura fluída penetra as almas e passos de anjos ressoam na concavidade dos silêncios! Saimos deles possuídos de uma paz e de certos condicionamentos interiores que nos fazem compreender melhor a beleza do que existe e a sua força secreta de eternidade.

...E sentimos em nós tomar consciência mais profunda o imperativo deste mistério atraente que é viver!

VI

bibRIA

PERMANÊNCIAS LITERÁRIAS

bibRIA

Perfume de Sevilha

O lenço rubro da tarde acena já na direcção de Triana e colinas arriba de Castillega de la Cuesta, dizendo adeus ao sol que, a caminho de Portugal, parece despedir-se com saudades de Sevilha...

Fugindo do bulício dos cais, o Guadalquivir corre em silêncio para a planura verde da lezíria, em demanda da barra. O casario da beira do grande *flũmen* enfeita-se com as palhetas de oiro dos últimos revérberos. Em breve surgirá a hora dos aromas, pois Sevilha é a única cidade do mundo que goza do privilégio de respirar a certas horas um ar carregado de fragrâncias. É um fenómeno de magia olorosa, que começa ao crepúsculo, quando as esquinas dos bairros típicos se enchem de namorados langorosos e as escumilhas brancas das «damas-de-noche» fluiem o narcótico dos seus pistilos. Não se atina bem com a subtil composição que perturba o olfacto: mistura venusta de açumagre com o nardo da pele da mulher sevilhana. A população local, por absorção quotidiana, não se apercebe deste prodígio sensorial. Cabe ao estrangeiro, violador de cidades e trota-mundos da emoção desconhecida, o saber captar-lhe a alada e quase secreta embriaguez.

bibRIA

Estamos na *Plaza de la Magdalena*. Um novo trajecto se impôs. Para o lado do rio e sobre a igreja que tem o mesmo nome da hebreia de Magdala, destaca-se um arco de campanário, vazio de sinos, que a presença contínua das cegonhas preenche de uma emblemática do mito antigo, estampada hieràticamente sobre o fundo pálido do Céu.

Fixado o curioso detalhe, podemos iniciar o percurso. Para isso utilizaremos um meio de transporte ainda romântico, à maneira de Oitocentos, e que aqui sobrevive sem riscos de dessuetude: referimo-nos ao simpático carro de cavalos, que sucedeu à tipóia do tempo em que o sentimental D. Afonso XII de Espanha vinha namorar,

sob as varandas do Palácio de S. Telmo, a «guapa» Infanta Mercedes, filha do Duque de Montpensier, depois sua mulher. Não teremos tempo para, com a marcha, ressentirmos os protestos penosos dos hipocôndrios, visto estarmos já interessados na oratória do cocheiro, o qual nos instruirá acerca de todos os factos, de todas as virtudes e pecados da Terra de Maria Santíssima com a finura filosófica de um herdeiro do cordovês Lúcio Séneca e as maneiras graves de um rico proprietário andaluz.

Está aqui a *Calle Méndez Nuñes*. Para ela dá o pórtico de um hotel que foi solar dos Condes de Gelves e que ainda hoje, no encantador conjunto de pátios, fontes e decorações artísticas, constitui um exemplar valioso das nobres vivendas sevilhanas.

D. Álvaro de Portugal

E outra vez a presença de Portugal se afirma sobre terra hispalense. Como já dissemos, este edifício está vinculado á linhagem dos Condes de Gelves. Ora o segundo titular deste vínculo foi D. Álvaro de Portugal, nascido em Sevilha em 19 de Março de 1534, e descendente, por linha paterna, do nosso primeiro Duque de Bragança.

biblRIA

Além do renome a que lhe davam direito os títulos próprios, o facto de ter sido educado na corte de Carlos V, passando a gentil-homem de câmara do Príncipe D. Filipe, deu ocasião a que o moço D. Álvaro fosse designado para acompanhar este último na sua viagem aos estados castelhanos da Flandres, Itália e Alemanha, entregando-se a uma vida de tal modo ostentosa a dissipadora que o tornou tão célebre como os próprios títulos que usava. Mas uma outra circunstância devia ainda acrescentar a fama deste herói fidalgo. Foi a do seu casamento com D. Leonor de Milán, filha de D. Álvaro de Córdova e de D. Maria de Aragão, dama da Imperatriz Isabel e bisneta do nosso Rei D. Duarte. Portanto, também de origem portuguesa.

D. Leonor de Milán, já de si merecedora de ser rememorada em virtude da beleza extraordinária de que era dotada, teve ainda a dita

de converter-se na musa secreta (e insensível) do poeta Fernando de Herrera. Foi por este vate elevada até aos cimos mais apurados do seu verso petrarqueano, cantada através dos nomes velados de *Eliodora,* de *Estrella* e de *Aglaya,* embora todo este afã lírico redudasse num amor sem sucesso. A inspiradora, equìvocamente digna ou equìvocamente impiedosa, limitou-se ao capricho de lisongear com a sua presença a paixão do *divino* sem lhe conceder a menor outorga pessoal. Pertence ao acervo de composições em louvor da bem amada, este formoso terceto, plasmado no acúleo de um estéril deslumbramento:

Musa de gelo

.....

Un divino esplendor de la belleza,
Pasando dulcemente por mis ojos,
Mi afán cuidoso y mi tristeza.

bibRIA

E assim entraram os dois, unidos pela fama a que deu lugar a sua malograda ventura terrena, na imperecibilidade da história literária.

*
* *

No primeiro andar deste mesmo edifício, mobilado ainda a gosto de antanho, ao longo de corredores e salas afogadas na celestialidade do azul-Veroneso que escorre das paredes, há um aposento onde o tempo não deliu ainda a sombra de Pierre Louys. Entre jarras cheias de flores outonais e os perfis esfumados das belas Bilitis e Mnasidika, que ele tão voluptuosamente criou, imaginamo-lo sentado ali, feliz como um grego da decadência, a respirar o ar capitoso de Sevilha e a escrever sobre a mesa que ali se guarda, como peça histórica, os capítulos do seu conhecido romance de ambiente andaluz — *La Femme et le Pantin.*

Andanças de Pierre Louys

Que sugestão de arte o terá trazido a esta cidade? A mesma, certamente, que o levou a procurar nas ruínas de Alexandria e de Sidónia os motivos de uma inspiração estética cujo refluxo enche as páginas dos seus livros.

Sobre este francês enigmático que foi o autor da *Aphrodite*, a pequena crónica local repete o conto de que, uma noite, uma linda e jovem sevilhana, fazendo assomar do interior de um veículo a cabeça velada sob a sombra da mantilha, lhe atirou para a varanda do aposento um ramo de cravos vermelhos. Decerto, as letras são por vezes um pagem galante que abre com um sorriso os difíceis caminhos de Citereia...

biblRIA

Presos ao clima literário das últimas evocações, iremos procurar agora entre as frondes do Parque Maria Luísa um esconderijo poético, onde se dissimula, para maior surpresa, certo monumento originalíssimo.

Poesia e dor de Bécquer

A busca é fácil. O paciente cocheiro, com a sua erudição popular esclarecedora, ali nos levará. Entraremos nos jardins pelo acesso do lado Norte, em frente do monumento ao Cid Campeador, e, tomando a primeira alameda à direita, em breve veremos abrir-se na espessura do arvoredo uma clareira onde poderia elevar-se qualquer templo consagrado a deidades silvestres, mas cuja intenção votiva não é menos profunda que a dos ritos extintos. Uma singularidade nos atrai: o tronco de um cedro gigantesco irrompe de uma cintura de mármore que, num amplexo absurdo, não o contunde nem impede de robustecer-se. Sobre este bloco destaca-se a fragilidade elegante de três figurinhas femininas, cada uma delas imprimindo no ar o gesto suspenso do sentimento que pretende testemunhar. Acompanhando o tronco da árvore até à folhagem, um fuste rectangular irrompe da

base pétrea, encimado pelo busto do autor popularíssimo das *Rimas*. É o monumento a Gustavo Adolfo Bécquer.

A fusão do mármore — tronco de seiva artística — com o tronco seivoso da conífera produz um contraste inesperado. Por sua vez, situadas no ambiente rústico que as rodeia, as três donzelas românticas, vestidas pelo padrão madrileno dos salões de Isabel II ou do Duque de Ossuna, assumem uma fisionomia humana tão vigorosa que fàcilmente se autentificam na figuração procurada: a do Amor que Espera, a do Amor Feliz e a do Amor Abandonado!

Com uma fina compreensão do carácter subjectivo do lirismo do poeta, o escultor Lorenzo Valera, autor do monumento, quis fixar na sua bizarra alegoria estatuária o anseio panteístico que sempre dominou a inspiração de Bécquer — apegada a uma necrofilia de fantasmas mas ávida também dos grandes espectáculos da natureza. Foi mesmo nesta e nos infortúnios do Amor que o poeta, numa persistência de sonâmbulo, procurou a fonte de «colores y notas» onde mais adequadamente encontrava eco o mundo dos seus problemas sentimentais. O próprio bronze da figura intitulada *Amor herido* — o nu de uma adolescente inerte sobre a relva fresca da placa ajardinada que contorna o cedro — descobrir-nos-á uma imagem nova e expressiva das duas forças fáusticas que dirigiram o plectro do artista.

Tuberculoso como Keats, como Chopin e Maria Bashkirtseff, mentalmente dominado pela garra romântica de Musset, e também de Schiller, a que o ligavam ascendências raciais, o impulso tóxico e a influência dos mestres que imprimiram carácter à literatura europeia do seu tempo, activaram em Gustavo Adolfo o poder da sua excitabilidade criadora. Deste modo se produziu no poeta o estado de «maravilhosa e rara poesia» que Mauclair atribui a esta classe de enfermos.

Não pretende a ciência provar que o génio ou mesmo só o talento não passam de meras excrescências reticulares de um estado patológico? Neste caso de Bécquer, o morbus do doente, exacerbado

biblRIA

pelas deficiências angustiosas da vida privada, produziu nele um afinamento psíquico de que resultou, em arte, a beleza emotiva das setenta e seis estâncias do seu livro póstumo.

Rapazito de olhar mediúmnico do bairro de S. Lourenço (o *del Gran Poder,* do pátio de Santa Clara e dos jardins azuis dos Condes de Santa Coloma); órfão, aos nove anos, de pai e mãe; aluno efémero, aos dez anos, do Colégio Náutico de Santelmo; aprendiz de pintor aos quinze, jornalista em Madrid aos dezoito, tísico aos vinte e um e enamorado aos vinte e dois — situação em que ficou até à morte!—, Bécquer, envolvendo num caudal de sonho todas as experiências humanas por que passou, soube extrair do seu estro ressonâncias tão profundas que, sevilhano, o seu nome encheu a Espanha de um século de poesia.

Nenhum outro romântico mostrou tão a nu o coração do homem. Apesar das grandes fatalidades que o esmagaram — a Mulher, que lhe escapava, e a Doença, que o perseguia —, o seu espírito trabalhava com afinco para se libertar do circunstancial, entregue constantemente a um processo de transcendentalização da realidade. Devido a uma tal circunstância, a sua mensagem é mais uma projecção do mundo sensível, espectralizado de idealidade, em que o homem se refugiou, do que um reflexo das forças preceituais da poesia do seu tempo. Esta, declamatória em Zorilla, descritiva em Nuñes Arce e cantadamente burlona ou frívola em Campoamor, adquire em Gustavo Adolfo uma voz nítida, humana, repassada de um intimismo comunicativo que nos leva a recordar os nossos hipersensíveis João de Deus e António Nobre.

Jorge Guillén, o poeta da mais alta depuração lírica da moderna literatura espanhola, ao referir-se a Bécquer criou para ele esta encantadora definição: *cima de la delicia!*

bibRIA

Pisando o crepúsculo...

Anoitece. Em redor do velho tronco, já adelgaçado pelas sombras, as figuras das três donzèlinhas parecem mover-se, cada uma delas escutando a voz longinqua do seu idílio morto e esperando o eclodir de uma rima nova que a morte de Gustavo Adolfo interrompeu.

Não alteremos o peso ingrávido do seu sonhar. Sairemos sem ruído, pisando o crepúsculo, enquanto os gnomos do Parque repetirão junto de nós, em surdina, os versos da Rima LIII, que abrem com o díptico famoso das andorinhas:

Volveran las oscuras golondrinas
en tu balcón sus nidos a colgar...

bibRIA

bibRIA

VII

bibRIA

DA BEIRA DO GUADALQUIVIR À PIA DE VELÁSQUEZ

bibRIA

Debruçados sobre o Guadalquivir, de costas voltadas para o Parque Maria Luísa (colocado sob a égide da Infanta do mesmo nome, que o legou à cidade), o olhar, fixando-se na outra margem, leva-nos a meditações sobre o nosso grande século marítimo. Mesmo em frente de nós, erguem-se as escarpas musgosas do antigo fundeadouro dos Remédios. Toda a hoste activa do litoral português — matalotes, pescadores e calafates — que já não cabia no bojo das naus e galeões que saiam do Tejo, vinha a Sevilha enrolar-se na armada das Índias Ocidentais. Na lista dos embarcados, que ainda hoje se pode consultar nos arquivos da Casa Lonja, os apelidos dos Gomes, dos Sousas, dos Silvas e dos Ribeiros repetem-se amiudadamente, de maneira a podermos avaliar com suficiência a percentagem em que os marítimos portugueses entraram nas frotas dos Reis de Castela. Os seus passos ressoam ainda ao longo dos cais do velho fundeadouro. E também os de Magalhães, e de Faleiro, e de Duarte Barbosa, e de João Rodrigues Serrão, e de Diogo Ribeiro, encaminhando-se para a capela das orações, onde hoje se levanta a popular igreja da *siñá Sant'Ana*.

Presença de Fátima

Para lá do cais dos Remédios, no centro mais buliçoso do quarteirão ribeirinho, ergue-se agora, trazida de Portugal, a imagem tutelar da aparecida em Fátima — fronteiro-mor da fé religiosa dos portugueses em terras fraternas da Andaluzia. A sua presença junto deste rio das carreiras atlânticas, é um testemunho, a cinco séculos de distância da primeira, da nova cruzada teológica que move o pensamento dos homens. O homem (não hesitou em o dizer Pascoaes, nas páginas do *S. Paulo*) só o é no instante em que encontra a Divindade. E que melhor caminho para encontrar a natureza do transumano que através de um coração de mulher — o da mãe de Jesus?

Ela aqui está, pois, em pleno apogeu do seu império espiritual e em nenhuma outra urbe com tanto a-propósito como nesta, que foi a primeira que se apressou a definir em tábuas de íntegra firmeza canónica o dogma do mistério concepcionista. E para a exaltação deste dogma foi que surgiram, nos domínios da mística artística, as goivas de Montañés, de Juan de Mesa e de Pedro Roldán, e os pincéis dos Herreras, de Alejo Fernández e de Murillo, como os de maior evidência.

Em contraste com a expressividade física das Virgens morenas dos altares sevilhanos — a *Amargura,* a *del Valle,* a *Soledad,* a *del Rosario,* a das *Angustias,* da confraria dos ciganos, e as duas de *la Esperanza,* da Macarena e S. Jacinto — esta «nossa» imagem de Fátima, numa cutis de rosa pálida, fala-nos do Céu com uma bondade dadivosa de menina. E a gente rude que, neste bairro agitado e laborioso, ganha o seu pão a gritos de heresias e cantigas desgarrantes, vem até ela sem se chocar com a delicada celestialidade dos seus gestos, pedindo-lhe remédio para as suas dores, para os seus dramas e misérias na mesma linguagem excessiva com que trabalha ao sol, de pele queimada e boca seca. Porque Triana, se é pia civil de uma multidão «faraónica» que canta e pragueja como reza e ama, é também bairro de boas graças e virtude. Uma fresca *seguidilla* de Lope de Vega a situa em destinos do espírito:

¡Barcos enramados
van a Triana;
el primero de todos
me lleva el alma!

As doces santas de Sevilha

Mas a seu favor consta ainda o exemplo das oleiras Justa e Rufina, recusando-se a reverenciar os ídolos românicos quando estes, num dia da festa das searas, passavam procissionalmente diante das bancadas onde as duas adolescentes expunham os seus barros e cerâmicas.

biblRIA

Condenadas pela intolerância a que deu lugar em todos os povos dominados por Roma o edicto do Imperador Diocleciano, no ano 284 da era cristã, as duas virgens trianeiras foram impiedosamente martirizadas. Mais tarde foram tomadas como patronas da capital hispalense.

A-propósito duma tal resolução, decidida pelo cabido eclesiástico de Sevilha, frizaremos o acontecimento que teve lugar por ocasião do terramoto de Sexta-Feira Santa de 1504. *En el año del Señor MDIV, indicación séptima, en la ciudad de Sevilla. Viernes Santo, cinco dias de Abril, casi a la hora de tercia, después de salido el sol, cuando el reloj señalaba las nueve; siendo Sumo Pontífice Julio II...; cuando el clero y el pueblo estaban juntos para celebrar los divinos oficios en esta y todas las demás iglesias y monasterios de la dicha ciudad, estando el cielo sereno, un repentino temblor de tierra con horrible y espantoso estruendo de tal manera estremeció todas las iglesias, monasterios, edificios y otras casas publicas e privadas, que parecia que verdaderamente pendiam en el aire bamboleándose*, diz a crónica. E acrescenta que a Giralda se moveu com tanta violência que os enormes sinos tocaram algumas vezes, movidos pelo sismo, vendo então o povo de Sevilha que, em volta da sua torre tão amada, prestes a ruir, as santas patronas se davam as mãos, a enlaçá-la, para que ela se não desmoronasse.

Está escrito que assim sucedeu. Para que duvidar? A lenda é sempre a verdade do espírito.

O pintor Velásquez

Mesmo para um espírito de coibida curiosidade artística, nunca se poderá estar em Sevilha sem que alguma vez deixe de ser pronunciado o nome de Velásquez, visto ter sido esta a terra onde nasceu o pintor quase lusitano das *Meninas*. Onde nasceu para a folha amarelecida dos registos e para o grave ofício de pintar. Nesta luz

biblRIA

finíssima da cidade elisíaca começou, com efeito, a manifestar-se a vocação do homem que, mais tarde, no dizer subtil do crítico italiano Mattoni, pintaria «o ar», vocação que, na factura inicial das loiças e frutos dos *bodegones,* começou a encontrar a forma da sua genialidade promissora.

Em Sevilha, foi o jovem Velásquez discípulo do pintor Herrera o Velho, e também do culto Francisco Pacheco, vindo a casar com uma filha deste último. O sogro de Velásquez foi pessoa de relevo artístico e literário, autor de uma obra que ainda hoje se consulta com interesse: *Libro de descripción de verdaderos retratos de ilustres y memorables varones,* que leva a pensar nas célebres biografias *Vite dei più eccellenti pitorri, scultori ed architetti,* de Vasari, nascido sessenta anos antes na cidade toscana de Arezzo. Entre as numerosas relações sociais do afidalgado Pacheco, panegirista, como se vê, dos vultos de relevo do seu tempo, sobressaiam as que mantinha com o Conde-Duque de Olivares, andaluz da família dos Guzmanes, circunstância que terá facilitado a entrada de Velásquez na corte madrilena de Filipe IV.

biblRIA

O estilo do artista deve ter encontrado ali os principais elementos que concorreram para a sua formação. No ambiente palaciano em que agora decorreria o seu existir, Velásquez terá deparado com o meio próprio ao desenvolvimento das suas faculdades emocionais e estas, por um impulso de índole ingénita, de certo que mais se recreariam num clima de sumptuosidades decorativas que nos baixos níveis do humano. Sem motivos de lutas nem de contubérnias exasperantes, gozando das derivações de uma vida apenas assediada pelas regras protocolares de bem servir, estas circunstâncias terão colaborado intensamente no livre afinamento do seu *virtuosismo.*

Serenidade e realidade são os atributos que mais personalizam o génio deste pintor. As coisas vêm para os seus quadros quase incomponentes, sem nenhum esforço e também sem ficção, o que só se explica pelas suas extraordinárias faculdades de transposição visual.

Se a técnica deixa de ser a «maneira plástica» de cada artista para pretender definir os meios de sugestão a que ele recorre, Velásquez desconheceu a técnica. Amigo de Rubens, contemporâneo de Ribera, tendo ainda conhecido o Greco, de nenhum deste corifeus o autor dos *Borrachos* e das *Hilanderas* quis receber a directriz de qualquer entendimento engenhoso.

Os anos passados entre as tapeçarias do Palácio Real muito terão concorrido, como já dissemos, para a estruturação do rumo estético do pintor, visto que, ao mesmo tempo que o furtava às contingências deformantes do profissionalismo quotidiano, permitiam-lhe um contacto efectivo com o homem-tipo das altas camadas castelhanas. Dos resultados de uma tal convivência fala-nos de sobra a forte expressão de espanholismo que autentifica a idoneidade morfológica dos seus retratados. As máscaras da *Rendición de Breda*, do *Conde-Duque*, de *Filipe IV*, das figuras mitológicas e até dos bufões da corte, constituem um expressivo documento da fisiognomonia nacional.

bibRIA

É conhecido a ascendência portuguesa de Velásquez — Diego Rodriguez da Silva Velásquez. Seu pai foi João Rodrigues da Silva, da casa afidalgada dos Silvas, do Porto, que em Sevilha tomou por esposa a Jerónima Velásquez, de não menos elevado abolengo andaluz. Por razões do domicílio paroquial, o baptismo do futuro príncipe da pintura espanhola foi celebrado na pia mudéjar da igreja de S. Pedro, que, nesse tempo, ainda conservava traça saliente da primitiva mesquita almorávida, dizem os documentos.

Berço lusitano

Entregues ao gosto, já atristado, do derradeiro deambular pelos velados sulcos da Ixbiliah mourisca, para aquela paróquia encaminharemos nosso andar. Não iremos animados pelo propósito reivindicativo de disputarmos à Espanha a posse de uma glória que legìtimamente lhe pertence. Mas — confessemo-lo bem alto! — não seremos estranhos ao júbilo de considerar que o homem que, numa manhã de Junho de 1599, se curvou sobre aquela pia baptismal para se asse-

gurar de ter o neófito, seu epígono, recebido a lustralidade cristã dos antepassados do seu sangue — era, para honra nossa, português.

E vamos lá. Estamos nos Jardins de Murillo. O topo Norte leva-nos a um logradoiro popular, povoado por bufarinheiros e gentes de toda a classe,prometendo e apregoando tudo e, muito honradamente, acabando por vender por vinte o que só vale dois ou três! Estamos no local da histórica Porta de Carmona — assim chamada por ter dado acesso a uma larga via empedrada que conduzia à cidade romana do mesmo nome, no caminho de Córdova. Penetrando, à esquerda, no labirinto de ruas estreitas que irradiam para o bairro mouro do *Aduarejo,* em breve surgirá a torre afilada da matriz de S. Pedro. Entremos. Na folha de um velho assento paroquial, lê-se o seguinte:

> «Este domingo, sexto dia del mes de Junio de 1599, yo, el licenciado Gregorio de Salazar, cura de la iglesia de San Pedro, de Sevilla, he bautizado a Diego, hijo de Juan Rodriguez de Silva y de Jerónima Velásquez, su mujer; su padrino ha sido Pablo de Ojeda, vecino de la parroquia de la Magdalena, al que he prevenido del parentesco espiritual por él contraído. Fecha et supra. El licenciado, Gregorio de Salazar» (a).

LibRIA

Indicação expressiva

E agora, ao fecharmos estas páginas e meditando na origem paterna de Velásquez, uma circunstância, sem jogo silogístico, se destacará nos nossos pensamentos. Queremos aludir à estranha coincidência de que, tendo uma expressão do génio português procurado a terra espanhola para nela se manifestar, fosse, afinal, precisamente a cidade de Sevilha o ponto elegido para a privilegiada eclosão. Logo, em corolário, uma pergunta ocorre formular. Não terá querido o destino imprimir uma mensagem significativa ao seu propósito quando, estabelecendo cordeais rumos geográficos, buscou unir espiritualmente

Sevilha a Portugal com a raiz e fruto de uma glória de tão clamorosa universalidade?

Parece-nos, pois, que nenhum outro símbolo encontraríamos mais adequado para epilogar a história emotiva dos belos caminhos que acabamos de percorrer através do criado e incriado da urbe do Guadalquivir. Aqui o evocamos, desejosos de que, sob os seus augúrios tutelares, continue a mover-se no espaço e no tempo o romance comum às populações das duas fiéis cidades peninsulares.

bibRIA

bibRIA

VIII

bibRIA

Nem redundância poética, nem irreverência salomónica. Mas sim a única expressão verbal capaz de traduzir, nesta noite de Quarta-feira Maior, em que traçamos uma tal denominação emblemática, o fascínio da Cidade sob cujo céu nocturno o sortilégio das procissões e os espasmos da hipnose lunar engendram o díptico instransitório: Beleza — Deus.

bibRIA

I

Quem não viu Sevilha, não viu maravilha... Assim apregoa o refrão em escarlates palavras de panegirista interessado.

Mas para melhor entendermos o duplo significado de um tal *parangonar,* agora que chegou ao seu termo o itinerário de magias e velhas surpresas da civitas hispalense, é para as duas expressões que universalmente melhor retratam a sua ética intrínseca e social que nos devemos voltar. Não sem fraude grave poderíamos furtá-las à nossa contemplação, pois isso seria reduzir a perspectivação dos elementos mais reveladores da transcendência e peculiaridade localistas.

biblRIA

Duas fisionomias

Trata-se, na verdade, de dois «momentos» através dos quais a cidade nos comunica sem dissimulações o sortilégio das suas duas fisionomias, a que poderemos chamar — do Divino e do Humano. Dois apogeus do seu contenso estético: o do auto singular e inimitável da Semana Santa e o da viva policromia que, no período que segue àquele, faz levantar na poalha doirada de Abril o bizarro das formas lúdicas e sumptuárias da sua *Féria.*

Advento da Semana Santa

A primeira destas manifestações, que a imprensa e a vasta literatura de todo o mundo não poderão desvirtuar, constitui um acontecimento sem equivalente no calendário de todas as nações. É a mais célebre solenidade festiva de todo o Sul europeu, enjoiada de ricas evocações teológicas sob o aroma das laranjeiras floridas e uma luz picante de sol pagão. É a Espanha mística de Covadonga afiançando a sua fé na sua maneira própria, entre o fulgor de uns olhos negros de mulher e o passo grave dos penitentes, para quem a humildade religiosa não é sacrifício fanático mas sim o timbre altivo

de um orgulho racial. Que ser espanhol é ter Deus no próprio sangue. Canta-se, reza-se, ama-se e até se peca com Deus. Por isso mesmo, à livre servidão da alma do homem ao seu Criador corresponde exteriormente o culto por todos os embelezamentos e adornos espectaculares. Este sentido polimórfico das coisas, mais de instinto que de propósitos, explica a emblemática do conceito que conjuga as duas grandes apoteoses citadinas sob a designação do mito floreal de — Festas da Primavera.

Mas donde vem a origem desta regra oficiante em que o povo de Sevilha, no dizer do escritor Sanchez del Arco, um dos seus conterrâneos mais lúcidos, encontrou a forma social da sua liturgia — ou sejam as procissões da sua Semana Maior?

Ao processo religioso do povo espanhol teremos que ir buscar as razões profundas desta maneira não comum de realizar um tributo de fé. O drama universal da Morte de Jesus percute na sensibilidade espiritual deste povo num extremo de choque emocional. E ao pretender traduzi-lo na magnitude das locuções verbais ou dos processos figurativos, criou uma representação que, sendo devocionária, teria que conter uma precisa grandeza visual, tão apta a sugestões místicas como a realces cenográficos.

biblRIA

As Hermandades e Confrarias, nascidas da aglutinação das primitivas corporações e ofícios, foram os veículos orgânicos de um tal comportamento íntimo da colectividade. Para mais, estava-se no século XVI, agitado de controvérsias que forçavam à coesão a catolicidade dos povos. E a Espanha do concílio de Trento apareceu como a rama apostólica que se empenhava com mais vigor em fomentar uma tal missão.

Estilo e Ortodoxia

Aqui em Sevilha, este sentimento de cruzada, descendo para o Sul, vivificou-se da fogosa exaltação imanente no fundo temperamental das gentes do meridiano bético. As organizações processionais, tomadas como formas exteriores de culto, teriam, consequentemente, que corresponder às exigências plásticas daquela exaltação.

Da época referida até hoje e superando todas as críticas e períodos da agitação revolucionária local, esta imponente manifestação religiosa que dá estilo e fama à Semana Santa de Sevilha tem sabido manter a originalidade da sua norma. E se é certo que alguns atributos do seu simbolismo são por vezes excedentes, não poderemos negar que os seus contornos essenciais se inscrevem no círculo de uma disciplina ardentemente ortodoxa.

Mas é preciso viver-se em Sevilha, ajustar as horas à substância do seu tempo civil, para bem nos trespassarmos da estranha delícia que irradia do clima cristalino da cidade nos dias que antecedem o advento das suas Festas. São semanas de uma inexperimentada sensação interior, de uma maneira de se ser feliz em carne e alma, sem se saber bem porquê. Logo nas primeiras manhãs, as horas surgem patinadas de uma alegria silenciosa e afectiva. Abrem-se as portas dos templos para os arranjos interiores, limpam-se as casas, alindam-se as fachadas. As ruas cheiram a cravos e incenso. Os amigos, os vizinhos e mesmo os desconhecidos trocam entre si palavras novas, saudam-se com um júbilo inexplicável, presos ao ímpeto de comunicabilidade que parece ligá-los a uma grande cadeia familiar. Que potência elisíaca é esta que secretamente se evola das coisas e envolve o coração dos sevilhanos numa promessa de regosijos inesperados?

Significado da Grande Semana

É que se aproximam os dois actos supremos da vida social deste povo, supliciado durante todo o ano na espera dos seus curtos dias sem noite, abrasados de rios luminosos que eliminam a descontinuidade terrena do tempo diurno. Vem aí a Semana Maior — a do cómputo eclesiástico e a da sua alma votiva. Porque ainda que centenas de milhares de cartazes gritem em todas as agências turísticas do globo o esplendor desta solenidade, o sevilhano não deixa de entendê-la

como um refluxo e uma necessidade do seu comportamento religioso e, portanto, como um património de fé individual que ele anualmente precisa de verificar e fortalecer. Converte-a, para tal fim, num espectáculo que empolgue pelo significado e seja fàcilmente compreendido através das receptivas oculares.

bibRIA

II

Domingo de Ramos.

Começa o Acto Maior

Desde manhã-nada que Sevilha se ataviou em espírito e corpo para o grande auto da Semana Dolorosa que vai começar. O dédalo romântico e inextricável das duzentas e onze ruelas, ruas e pracetas, através das quais o itinerário das procissões, pacientemente elaborado pelo cabido canónico da Catedral, terá que cumprir sem desvios as regras oficiais, surge explícito e festivo nas suas áreas, subindo de jerarquia entre as artérias de maior porte. Por ali vão passar, desde a tarde de hoje, os majestosos desfiles das Hermandades, com a grandeza dramática das Virgens em lágrimas e dos Cristos emocionantes. Será um privilégio sem igual para as gentes destes bairros laboriosos, que tudo esperam desta nova forma incondicionada do pão pascal. E deste privilégio nasce a convicção entranhável, popular e humana de que Deus, na velada essência das imagens sacras, desce a percorrer o sulco estreito dos labirintos urbanos, a abençoar o lar dos aflitos, a oscular as crianças e a prender-se, até, à formosura das rosas que pendem dos balcões. Desta maneira, o sonho ingénuo da crença tudo transforma e estas ruas, no céu terrestre de Sevilha, são antes fragmentos do alto firmamento, onde o homem da rua, abandonado de todos os poderes materiais, procura confiante a sua nova Estrada de Santiago.

bibRIA

Saem hoje sete Confrarias.

I — *Jesús de la Victoria e Maria Santísima de la Paz.* Pertence à igreja paroquial de S. Sebastián, no bairro do Porvenir (que ladeia, a Nascente, o Parque Maria Luísa), e é formada por dois «passos» — ou andores.

Esta Confraria é a de constituição mais recente, pois a sua criação deve-se ùnicamente ao fervor proselitista com que alguns oficiais do exército quiseram celebrar a vitória do Levantamento Nacional de 1936. Por isso, durante os desfiles, as suas imagens despertam no povo o sentimento daquele espírito de milícia bélica que levou às fileiras milhares de espanhois.

As túnicas são brancas. Sai às quatro da tarde e regressa às doze e trinta da noite, no esplendor fantasmagórico da sua passagem luciolante sob o túnel das árvores do Parque, enleadas de trevas, depois de ter feito o circuito da Plaza de España sob os projectores dos terraços da Capitania-General.

biblRIA

II — *Sagrada cena sacramental e Nuestra Señora del Subterráneo,* do Convento dos Esculápios, na Calle Sol.

A figura de Cristo é do grande escultor sacro, Gutierrez Cano, interpretando, o conjunto, esta passagem do evangelho de S. Mateus: «Chegado já o primeiro dia dos ázimos, aproximaram-se os discípulos de Jesus e perguntaram-lhe: — Onde queres que preparemos a ceia da Pascoa?» As túnicas são de capas brancas e capirote granate. O desfile começa às seis da tarde e termina às doze da noite.

III — *Santísimo Cristo de la Buena Muerte e Virgen de la Hiniesta,* igreja de S. Julián. Apresenta-se com túnicas de seda azul celeste. Sai às seis horas da tarde e entra à uma da madrugada.

O templo de S. Julián, centro de um bairro comunal onde, no medievo, o labor dos ofícios definia já um conceito de confraternização tanto no funcional como no religioso, encontra-se ligado a tradições locais que o convertem, històricamente, num «acontecimento». Uma das legendas coevas informa-nos de que foi o Arcebispo Dom Pio, da diocese de Sevilha, quem, aí pelos meados do século primeiro da nossa era, mandou trabalhar a primeira efígie da Virgem de la Hiniesta. Desaparecida com os tempos, esta imagem foi encontrada no ano de 1412 pelo cavaleiro aragonês Per de Tous, quando este andava à caça em terras andaluzas, o qual a entregou depois aos clérigos desta igreja, então já existente.

Com o fim de prestar-lhe o culto devido (mais justificado ainda pelo achado miraculoso), constituiu-se nessa ocasião a Hermandade deste nome. Mas ràpidamente a advocação desta Virgem subiu de prestígio na crença da cidade, pois já no século seguinte (1560) o Município de Sevilha tomava a resolução de a declarar sua Santa Patrona. Desta época, ficou na igreja uma belíssima imagem gótica que as turbas marxistas da revolução republicana fizeram desaparecer.

biblRIA

A imagem que chorava

Os dois *pasos* que desfilam na procissão de agora são, por isso, de recente fábrica, visto que o incêndio ateado pelas mesmas turbas revolucionárias em 1932 devorou todas as esculturas sacras que se encontravam no templo. Ali estava a da Hiniesta, que saía na Semana Maior, admirada pela sua beleza triste, e atribuída à goiva de um artista que, embora desconhecido, se considerava como pertencendo à melhor escola motañesina. O realismo humano desta imagem ficou bem definido no dito do povo do mesmo bairro quando, fremindo de espanto ante os restos calcinados do rosto da Hiniesta, onde eram ainda reconhecíveis alguns traços coloridos da sua antiga perfeição, afirmou, refugiando-se nas casas:

— «...que a Virgem chorava!»

IV — *Padre Jesús de las Penas e Maria Santísima de Gracia e Esperanza,* da paróquia de San Roque. Esta imagem ostenta, como galardão civil, a faixa de General que lhe foi doada pelo irmão-maior desta Confraria, General Varela, o qual se despojou, para este efeito, da insígnia de grau e comando que sempre usou durante os anos da sua acção nos postos da frente da Guerra de Espanha.

Outro militar o precedeu na singularidade de um tal gesto. Queipo de Llano, o vigoroso animador, à Quixote, da sublevação de 19 de Julho de 1936, logo que a Esperanza da Macarena foi de novo entronizada no altar do templo de S. Gil — após ter permanecido «refugiada» no túmulo do toureiro Joselito —, deliberou homenagear a famosa e querida imagem sevilhana pondo em volta das suas riquíssimas vestiduras o seu prestigioso «fajin» de Capitão-General.

As túnicas do culto desta Confraria são brancas, com o anteface violeta. Sai às seis e quarenta e cinco, regressando à uma hora exacta da madrugada, ao longo da calle goda de Recaredo.

biblRIA

V — *Nuestro Padre Jesús de las Penas e Virgen de la Estrella,* da igreja do Convento Dominicano de S. Jacinto. Esta ilustre e real Hermandade enverga túnicas de seda branca, acrescidas de anteface roxo no *paso* de Cristo e azul no *paso* da Virgem. Deixa o templo às sete da tarde e volta à uma da madrugada, deixando sobre as águas do Rio Grande áscuas de incêndio votivo.

É a primeira procissão que nos vem do outro lado, da urbe faraónica de Triana — terra universal de cantores *gitanos,* toureiros e ceramistas, que o Guadalquivir separa para melhor a isolar nos privilégios do seu exotismo convincente e aplaudido. Ali nasceram as mártires insubmissas Justa e Rufina, ali nasceu o arrojado Rodrigo de Triana e também só dali poderia proceder a que, no seu toque de altanaria popular e bairrista, foi apelidada de *Virgen valiente,* celebrando-se nesta alcunha galharda o *panache* da sua saída na Quinta-

-Feira da Semana Santa de 1932, em que parte dos templos de Sevilha foram incendiados e as confrarias impedidas de circular.

Uma Virgem heróica

Os riscos eram, com efeito, evidentes. Sobre a gritaria da populaça irreverente, o fumo das destruições cobria a cidade. À sombra da alta torre da Giralda, silenciosa, a Catedral mal abria as suas portas, suspeitosa ante o alarido das ameaças. E eis que, descendo o empedrado da calle Pagés del Corro e transpondo a ponte, perante a multidão que a contemplava assombrada, a *Estrella* se apresenta à entrada da Avenida de los Reyes Católicos, lançando à cidade o desafio da sua dor sobre-humana! Afronta ou milagre? erecta e triste sobre o soco do andor que mãos humildes floriram, uma nova angústia sem palavras se ocultava na divina beleza do rosto (esculpido por Montañés, que tomou sua filha para modelo), onde as lágrimas rolavam, milenárias, e os lábios abertos queriam indicar, num cansaço traumático, que a garganta estava seca pelo espasmo de tantos soluços. Na imponente grandeza da sua fragilidade, uma advertência maternal parecia sair-lhe dos lábios, animados de uma vida física: *Ecce Mater Tua!*

biblRIA

Arruaceiros e iconoclastas afastaram-se, respeitosos, enquanto o *paso* da Virgem iniciava a marcha, de acordo com o itinerário oficial. Pela noite, e embora sob a ameaça de algum atentado, a imagem da *Estrella* regressava ao outro lado do rio, no mutismo e no esplendor da sua coragem triunfante. Abriu-se de novo o alto portão do templo de S. Jacinto. E olhando a *sua* imagem com os olhos de terrificada surpresa, todos os paroquianos do arrabalde trianeiro vieram gritar, frenéticos, vencidos por tal ousadia:

— «Viva la Virgen valiente!»

VI — Confraria *de Jesús del Silencio en el desprecio de Herodes* e *Maria Santisima de la Amargura.* Igreja de San Juan de la Palma, nas imediações do palácio da Casa de Alba. Os nazarenos vestem túnicas brancas, de cauda, com cinturão de esparto e a cruz de Malta

um outro coração feminino poderia ser medido e revelado. Logo, já não nos surpreende que tenha sido uma mulher — Luísa Roldán — a modeladora, mais anímica que física, desta patética máscara de Desolação.

No transe do episódio bíblico deste *paso*, a Virgem está escutando da boca do discípulo fiel, idolatrado, o relato da decisão do Pretório e a consequente condenação de Jesus à crucificação. A figura de S. João, seca, viril, está indicando o caminho que levará ao momento lacerante do «encontro». A amarga, irremediável convicção nasceu ali, funde o coração da mulher em lavas de cicuta. Por isso esta imagem tomou o nome «da Amargura». As primeiras «saetas» vão para ela, e os fogachos da noite quase que se extinguem quando regressa ao seu solar de S. Juan de la Palma, ao som da «Marcha da Amargura», escrita e composta em seu louvor, depois de ter passado, em visita, pelo convento das religiosas de Sor Angela de la Cruz. Assim sucede, porque em Sevilha a população e os seus santos, as suas Virgens e os seus Cristos, estabelecem entre si relações que marcam um estilo de verdadeira comunidade social.

bibRIA

VII — Confraria *de la Sagrada Entrada en Jerusalém*. Igreja do Salvador. Sai às oito da tarde e entra às doze da noite.

Cristo del Amor

O sacrifício do Verbo entregue à desolação terrena por amor às almas que devem redimir é o símbolo hipostático de que participa a procissão desta Hermandade, incarnada na impressionante anatomia do «Cristo del Amor», a que o escultor Juan de Mesa, transubstanciando a matéria inerte da madeira, dá um realismo que se evade da medida humana.

Com esta imagem, cuja nocturna silhueta é cúpula e término dos desfiles que marcam a abertura solene dos fastos da Paixão, estabelecemos contacto com o primeiro da trindade dramática dos crucificados sevilhanos, que se completam com o verismo tanatológico do

Cachorro (Cristo da Expiração) de Triana e a grandeza patrística do Gran Poder.

Os escultores de Deus

Ao mesmo tempo, começam a revelar-se-nos também, na sua lista copiosa, os nomes dos grandes mestres imaginários que, saindo da escola de Sevilha, projectaram o seu engenho sobre toda a escultura espanhola do seu tempo. Uma relação do investigador Celestino López Martinez documenta a existência, no atinente ao período dos séculos XV e XVI, de cento e setenta e cinco escultores de imagens, pintores e arquitectos, cifra eloquentíssima, que serve para nos informar acerca da intensa actividade e do carácter devocional da arte espanhola daqueles séculos. Eram as oficinas gremiais de Sevilha que preparavam o artesano e lhe insuflavam o sentido da regra incorruptível do dogma. A casa apertada do artista era quase sempre um santuário onde cabiam dimensões espirituais sem limite. Diz-se, até, de Martinez Montañés que nunca deixava de comungar antes de se entregar ao trabalho de qualquer nova imagem. O espírito antes da forma. Antecedendo a técnica, brotava a Graça. Evocando os seus pares mais eminentes, como Jerónimo Hernández, Pedro e Luísa Roldán, Juan de Mesa, Marcos Cabrera, Hita del Castillo e António Gijón, de alguns se conta que era de joelhos que esculpiam as figuras dolorosas das suas Virgens e Crucificados, tal era o conceito atribuído à arte, dando veneras de acto sacramental ao labor em que se empenhavam.

bibRIA

Esta geração proselitista de escultores de Deus participava, pois, de uma mística à sua maneira. O fervor contemplativo trocava-se neles pelos instrumentos de trabalho ao desbastar em êxtase o cerne dos lenhos. Embora colocados numa outra extremidade da linha ascética, não deixavam de irmanar-se aos espanholíssimos Frei Luís de León, Teresa de Àvila e San Juan de la Cruz. Aquecia-os a mesma labareda de ascese.

A tais servidores da fé se ficou devendo a beleza escultórica, o dramatismo iconográfico que começa hoje a mostrar-nos os passos da paixão do Filho de Deus — Segundo Sevilha.

III

E aqui se abre a semana da morte do Filho do Homem.

Semana de Morte

Segunda-feira da Semana Maior sevilhana, que aqui se grafa de *Lunes*, no léxico do país — isto é, Dia da Lua, mas de uma lua alterada de lividez agónica no firmamento espiritual da Terra. Rasgam-se hoje, como mais tarde nos véus do Templo, os mistérios do destino sobrenatural das coisas — que são, nesta etapa temporal, um mistério de trevas e dor cósmica.

biblRIA

O tempo é um calendário sem folhas, porque o luto as iguala e elimina. Mas algumas, sofrendo ainda o impulso negativo de Pôncio e Judas, teimam em deter-se referenciando os eventos. E nasce esta Semana tétrica, projectada sobre si mesma, arquivando o crime universal ainda impune da morte do Homem-Deus. Todos os seus transes se levantarão na memória dos que crêem, abismados perante este poço de angústia humana. A sua encenação fisiográfica e litúrgica, realizada com amor pela cidade que foi a primeira a definir sua adesão ao cânone concepcionista, vai estender-se por todos os dias até à trágica Sexta-feira do Gólgota.

No entanto, este primeiro dia da semana é como que um hiato de repouso para a fadiga inconfessada dos dias próximos. Por isso as manifestações religiosas se reduzem a pouco mais que às invocações litúrgicas no interior dos templos.

Saem apenas três Confrarias, que não são as que primam pelo brilho e riqueza ostentosa dos aprestos sacros, pois também as há de humilde porte e origem, sem serem, neste aspecto, as menos

admiradas e emocionantes. E a contrastar com tal circunstância, diga-se que o bairro a que pertencem, no que se refere às duas primeiras a sair — *Nuestra Señora de las Aguas* e *Maria Santisima de los Dolores* —, é dos mais aristocráticos e tradicionais de Sevilha, bifurcando-se em volta da Plaza del Museo e Calle San Vicente. Quanto a esta, trata-se da artéria de maior extensão da cidade, sendo um regalo o procurar a sua igreja paroquial, visto que iremos encontrá-la refugiada na sombra de um renque de laranjeiras carregadas de frutos de oiro. Este é também o bairro romântico dos velhos Conventos, os quais, numerosos, ali se aglomeram no silêncio de claustros e pátios que são discretas orações de quietude.

Confrarias e bairros

A Confraria chamada «do Museu» tomou o nome da pinacoteca de belas artes, instalada, ao lado, num edifício de belíssima fachada barrôca, onde, noutro tempo, teve seu assento o histórico Mosteiro das irmãs mercedárias, cuja fundação se atribui ao Rei San Fernando, no mesmo ano em que conquistou a cidade aos almorávidas. O conjunto dos pátios (antigos claustros), salas e nave da primitiva igreja dá-nos a impressão de se visitar um rico e velho palácio sevilhano. As colecções de pintura que ali se expõem são consideradas como as de maior valor logo após o património artístico do Prado, de Madrid. Merecem bem uma visita demorada e atenciosa as obras dos dois Herreras, de Pacheco, Murillo, Zurbarán e Valdés Leal, sem esqecer a de pintores modernos como Villegas Cordero e Gonzalo Bilbao, e ainda o actual Alfonso Grosso, seu director, cuja paleta sensível se repassa de um amoroso sentido intrínsico de sevilhanismo monástico.

Além das procissões das Confrarias já citadas, sai ainda a da igreja de S. Jacinto (Triana), num único *paso* com um Cristo do escultor Illanes, da actual geração sevilhana de imaginários.

Para lá das doze da noite, num ar saturado do perfume dos limoeiros, a entrada das imagens das três Confrarias, transfiguradas pelo clarão opalino dos lanternários e chamas lívidas dos círios, é

biblRIA

uma escala patética que o compasso das trombetas sublinha para maior apuro da dor intransitiva das santas efígies. Estas, transpondo a soleira dos templos, recebem a homenagem das multidões, que vai das palmas espontâneas à obrigação inclusa no preceituado civil. E o hino nacional irrompe!

bibRIA

bibRIA

IV

Origem das Hermandades

Terça-feira Santa. Aproximação das trevas. O culto de hoje será prestado por seis Hermandades com raiz e sólio nos bairros extra-cêntricos da cidade, onde nos baixos anos da Idade Média se acotovelava uma população de mercadores, tecelões e artífices do ferro e oiro, aglomerada, como já foi dito, nos seus grémios técnicos e laborais — e estes assentando as suas fundações em premissas sociais de essencialidade religiosa. Com o desaparecimento daquelas organizações gremiais, ficou o sentido do culto a unir ainda entre si os membros dos corpos comunais extintos, passando então de «irmãos» a «confrades», de cuja assembleia nasceu o nominativo de Confraria.

As Confrarias foram depois consideradas de Penitência, de Sangue e de Luz, — com vistas à disciplina a que os irmãos se submetiam: a das simples normas figurativas durante o desfile, a das sangrentas flagelações em público e a da contrição espiritual simbolizada na luz do círio de que cada nazareno é portador. E ainda hoje algumas procissões mantêm, dentro destas formas, um elemento recordativo da sua origem gremial, através dos populares apodos com que são conhecidas: «de los Panaderos», «de los Negritos», «de la Tonelaria», «de los Hortelanos».

Excluindo o desfile da Hermandade de Santo António, adenda à igreja da Calle San Vicente, todas as restantes Hermandades se encontram localizadas funcionalmente na área oriental e mais primitiva da urbe, defendida outrora por uma muralha de defesa militar, de cujas saídas para o exterior ainda se mantêm os nomes indicativos do seu uso: a da Puerta de la Carne, por onde entravam os forneci-

biblRIA

mentos dos talhos e outras provisões; a da Puerta Osário (do étimo «ossos»), destinada à passagem dos préstitos mortuários para os cemitérios circunjacentes; e da Puerta de Carmona, início da famosa via romana que se dirigia a Córdova, passando antes pela vila daquele nome, e que ainda na actualidade conduz o viajante para todas as ramificações das grandes estradas do país.

A Casa de Pilatos

A primeira Confraria a sair é a do *Padre Jesús de la Salud* e *Buen Viaje*, e *Maria Santisima de los Desamparados*. Pertence à igreja ogival de San Esteban, situada nas proximidades da chamada Casa de Pilatos, histórico solar do século XVI, mandado edificar pelos ilustres próceres sevilhanos Dom Pedro Enriquez, fronteiro-mor de Andaluzia, e sua mulher Dona Catalina de Rivera, cujo nome se encontra consagrado, com retábulo público, numa das principais alamedas dos Jardins de Murillo. Na arquitectura deste Palácio surpreende-se uma série de elementos ornamentais e artísticos de estilos opostos, como o romano, o plateresco e o mourisco, mas que se harmonizam perfeitamente. Prevalece sobretudo o elemento romano nos frisos e medalhões de Imperadores, nas esculturas de Palas, Ceres e Pasirisca e outros motivos complementares. Mas já diremos porquê.

bibRIA

Este fidalgo Dom Pedro Enriquez, de grandes curiosidades e alma viajeira, quis conhecer a Itália, por onde andou meses largos, passando depois à Palestina no desejo piedoso de conhecer os lugares Santos. De regresso, trouxe no espírito o gosto pagão do classicismo artístico e, por outro lado, um culto extremado pelo martírio do Filho de Deus.

Foi por isso que em Jerusalém se deu ao afã de procurar o local do Pretório, onde terá encontrado ainda as ruínas da basílica de S. Sofia, que ali foi construída no século VI da nossa era e assinalavam, como o confirma a arqueologia de hoje, a antiga presença da famosa Torre Antónia. Dali trouxe como relíquia piedosa uma certa porção de terra sobre a qual, ao voltar a Sevilha, fez erigir o palácio a que deu o nome do sofístico julgador de Jesus. Quis em seguida

igualar pontos comemorativos, extraídos do registo bíblico. Servindo-se da distância exacta entre o Pretório e o Golgóta, aplicou-a à Casa de Pilatos e dali partiu para marcar o ponto da Crucificação, onde, uma vez encontrado, fez levantar um obelisco que é hoje o monumento da chamada Cruz del Campo.

Voltando a esta Confraria, falaremos em especial do Cristo do primeiro *paso*. A imagem encontra-se entronizada numa capela interior da igreja de San Esteban, a qual tem uma locarna aberta sobre a rua do mesmo nome, muito próxima da Puerta de Carmona. A esta locarna acudiam antigamente os viajantes que, pela velha via romana, se dirigiam a Madrid, impetrando protecção para a jornada que iam iniciar, o que não faziam sem causa, pois, naqueles tempos, os riscos da travessia da Serra Morena e das falésias isoladas de Despeñaperros eriçavam os cabelos aos mais valentes. E assim este Cristo, que primitivamente tinha a única advocação «de la Salud», acrescentou-se com a nova e bem justificada de «Buen Viaje».

biblRIA

Os penitentes desta Hermandade envergam túnicas cor pérola, com anteface azul claro. Sai para a rua às quatro e trinta da tarde e regressa às onze da noite. Estes dois «momentos» constituem um motivo de grande curiosidade do público, devido às dimensões dos *pasos*, que, entalados no estreito portal do templo, parecem arpoados pelos dentes agressivos da pedra mudejar do arco, que é de traço gótico. A cena intensifica-se perante os riscos que correm as imagens. Só a extraordinária perícia do capataz, comandando os *costaleros* em vozes sincopadas, precisas, evita o desastre. A multidão, de nervos tensos, irrompe em aplausos. Provocadas ou não, estas surpresas polarizam o interesse dos espectadores.

II — *Cristo de la Buena Morte e Nuestra Señora de la Angustia.* Sai às seis e trinta e entra às onze. As túnicas são negras, de cauda, apertadas por cinturões de esparto.

Universitários sob a túnica

Hermandade dos Estudantes — se lhe chama popularmente, atendendo à sua formação entre os alunos e membros do corpo docente da Universidade, com sede na capela da mesma instituição cultural, onde se podem admirar, além de obras de Montañés, Pacheco Valera e Alonso Cano, os túmulos dos esposos Enriquez-Rivera, a que nos referimos no capítulo anterior, assim como o do poeta Adolfo Bécquer.

Desfila sorvendo treva, agonia. Não leva música, nem trombetas, nem tambores. Parece querer negar a vida, o gesto, os ademanes. Só silêncio, silêncio! numa imagem glacial, voltada para dentro, a dialogar com a morte, com o além. E, sob o volume fusiforme, espectral, da túnica negra, a brancura dos pés nus, o ecoar das passadas de penitência, batendo cadências de queixa fúnebre.

É, de certo, para nos maravilhar a impressionante lição de crença dada pùblicamente pelo homem que já não é aquele a quem a carência das situações sociais empurra para o recurso da fé como única esperança da solução das suas misérias, mas sim o homem das categorias mentais, a quem o diploma da cultura põe ao abrigo de dificuldades económicas e abre o caminho ao discernimento da verdade religiosa. Sem hesitações vãs, este professor ou este estudante ali o vemos, firme e digno na disciplina da sua penitência, impondo-se um sacrifício que é uma oferta grave de contrição ao martírio do Filho de Deus, morto para reintegrar na sua origem divina o pensamento do homem terrestre.

Vamos buscar à pena fiel do Director Espiritual da Hermandade da Buena Morte, padre M. Rodriguez Alvarez, esta referência aos seus componentes: «Vejam-nos, nas primeiras horas da tarde de Terça-feira, chegar encapuchados, silenciosos, recolhidos, ao marmóreo pátio central da Universidade Hispalense. Vejam como se alinham, dóceis, numa fila imponente, esses setecentos luminares da sabedoria, velados pelo negrume do capirote e da túnica, encontrando-se esta cerrada pelo largo cinturão de esparto. É ainda para notar a decisão

biblRIA

humilde com que esperam, de pés descalços sobre o pavimento, a voz de mando do Irmão-Maior.»

O próprio Cristo, na sua talha serena de Juan de Mesa, isento das contorsões anatómicas das suas outras efígies, pretende unir-se, na suavidade das expressões, à atmosfera do desfile — onde a angústia se afoga em dissimulação estoica. E a sua silhueta adquire um realce que imprime um novo sentido dramático à majestade humaníssima da sua Dor!

III — Confraria *de Jesús de la Salud* e *Señora de la Candelaria*. Igreja paroquial de San Nicolás de Bari. Túnicas brancas e cinturões de esparto. O percurso é longo, começando às seis horas da tarde, através do bairro típico de Alfalfa e Alcaiceria, Plaza de San Francisco e Puerta Jerez, para estar em Santa Maria la Blanca e S. José ao passar da meia-noite.

bibRIA

Feéria na noite

É o nome da Virgem da Candelária que imprime cunho popular a este desfile. A sua passagem nocturna nos Jardins de Murillo marca um acontecimento de grande efeito na ascese cenográfica das procissões. É a poesia. E as multidões também têm fome do que, pela sua natureza inefável ou deslumbradora, foge às taras pueris do quotidiano. Acorrem, por conseguinte, à feéria que esplende ao longo do Paseo Catalina de Rivera, junto dos muros do Alcáçar, e dos Jardins de Murillo até Santa Maria la Blanca, ardorosos de mergulharem os olhos na apoteose luminescente do estranho espectáculo.

Sobre a copa fechada das árvores, a noite torna-se cristalina e silenciosa. Nem chilros de aves, nem pregões de mercadores. Do outro lado da muralha, os estames das celindas, dos dom-pedros e dos lírios desprendem uma lufada de aromas. Então, sob o túnel das árvores, que se curvam mais como se quisessem ajoelhar-se, surge a Cruz de Guia, depois os trombeteiros e, mais recuado, ao fim das duas linhas luminosas dos círios empunhados pelos nazarenos, o andor onde se

ergue o Cristo de la Salud, esculpido por Roldán, aflito sob a cruz negra que a noite engrandece, logo seguido da sinfonia em branco do *paso* da Candelária — flor de luz entre a fulguração dos tocheiros e a nividez dos cravos. Agitam-se sombras e flamas. Nas trevas do arvoredo, estas catacumbas de luz são uma visão de sobrenaturalidades que não se poderá esquecer.

IV — *Real, Antigua e Ilustre Hermandad y Cofradia de Nazarenos de la Sagrada Presentención de Jesús al Pueblo y Nuestra Señora de la Encarnación.* Sai da Calle Oriente (igreja de S. Bento, Abade) às cinco da tarde e entra às doze da noite. Leva túnicas brancas com anteface roxo e, bordados sobre este, os três lírios brancos das três virtudes teologais.

bibRIA

V — *Jesús ante Anás, Cristo del Mayor Dolor y Maria Santisima del Dulce Nombre*, da igreja conventual de Santo António de Lisboa.

Esta Hermandade pertenceu, no século XVI, ao Convento das Mercês, onde, quando a vocação o ordenava, se recolhiam as filhas das mais ilustres famílias de Sevilha. Passou dali para o Beatério da Santíssima Trindade e é por esta razão que os nazarenos ostentam a Cruz Trinitária sobre o capirote das túnicas alvas.

A procissão está às oito horas e vinte na Campana, às dez e vinte e cinco na Catedral e pela uma da madrugada à porta do templo, no regresso.

VI — *Cristo de las Misericordias y Virgen de los Dolores.* Sai às sete horas da tarde da igreja que toma o nome do bairro romântico de Santa Cruz, em que se encontra situada.

Pois é aqui, no coração do antigo *ghetto* judaico-mouro, hoje transformado num universo lírico de janelas floridas e almas devotas,

que a dramaturgia do Calvário — tão artisticamente concretizada na flor de ferro da «Cerrajeria», erecta no centro da Praça de Santa Cruz — vai vincar o seu grito assombroso de morte.

Atenção. O único *paso* que vemos nesta Confraria pretende realizar a interpretação plástica do que ficou apontado no registo canónico de S. Lucas. É já escrito com trevas: «Era já quase a hora de sexta e as trevas cobriram toda a terra até à hora de nona. O Sol escureceu; e o véu do templo rasgou-se pelo meio. Então Jesús, clamando com voz forte, disse: Meu pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito. E dizendo isto, expirou.»

A morte no bairro de Santa Cruz

O artista que realizou o símbolo desta passagem bíblica, acrescentou ao madeiro, sobre o qual Cristo expira, a imagem dramática de Maria, a enlaçá-lo, numa punção de angústia alucinante. É a expressão terrível e universal de dois fins: o da morte do Filho de Deus, como antelóquio da eternidade pela ressurreição, e o da morte da vida afectiva de Maria ante o fim irremediável do Filho Amado.

bibRIA

Maria, a parte humana de Jesus, ali se mostra na desamparada magnitude da sua dor, ficando do lado de cá do seu universo de alma a expiar as culpas terrestres, viva enfim para sentir enterrarem-se-lhe na carne as mil pontas aceradas da desolação maternal, e ainda para ser flagelada pela dúvida trágica de ser o seu Filho, único fruto das suas entranhas virgens, imolado afinal — como homem ou como Deus? E, sendo Mulher, sentir-se-ia só, desoladamente só! — e ser-se só é beber o Nada a haustos de inferno.

Repassados da grandeza do episódio doloroso, os irmãos penitentes, encerrados no luto das túnicas negras, acertam os gestos pela gravidade intencional do espírito. Sobre as suas cabeças sentimos pairar, em sílabas agónicas, o eco do ofertório total e alanceador:

PATER, IN MANUS TUAS
COMMENDO SPIRITUM MEUM!

bibRIA

V

Quarta-feira Santa.

Terceiro dia grave da Semana Maior de Sevilha. Ofício de trevas, canto paroxístico do *Miserere* de Eslava nas funduras sonoras da Catedral antes que o movimento das ruas se imobilize, preso à gravidade hierática das sete procissões de penitência que vão desfilar. E adverte-se aqui um contraste paradoxal entre o rigor devoto com que o sevilhano obedece às regras quaresmais, impostas pela Igreja, e as irreprimíveis expressões de júbilo com que se entrega, gozoso, ao exacto cumprimento do cerimonial da Paixão. Poderá explicar-se uma tal atitude por um estado de superação teológica que realiza o processo místico com um alvoroço de excitações que poderá parecer laico. Vem desta coexistência de formas opostas o seu amor a certas fantasias rituais que se nos afigurarão extravagantes — mas que só o são na aparência.

Júbilo e oração

biblRIA

Notemos isto: a procissão é para o sevilhano uma forma de orar. Nela cumpre um rito e dá conjuro às suas súplicas interiores. Dispõe-na, por conseguinte, à sua maneira viva de adorar a Deus.

Como forma simbólica de adoração — e adoração à espanhola —, o corpo movente da procissão tem como cabeça a geometria ecuménica da Cruz, chamada Cruz de Guia, rumo dos nazarenos que em duas longas filas a seguem, no seu calado gnosticismo, e rumo daquele alto pensamento de catolocidade que a fé de Espanha implantou no coração de cada homem. É singela, hirta, mas imponente. Abre o desfile de todas as Confrarias, levada, entre dois farois votivos e sempre artìsticamente trabalhados, por um irmão penitente, sempre

Cruz de Guia

de pés descalços, em sinal de reverência, caminhando com dificuldade e orgulho, como que iluminado pelo sacrifício que realiza. Este é o cerne espiritual que une entre si todos os irmãos da Confraria.

O isolado e rectilíneo perfil do sinal cristão — impressionante quando projectado no vazio das noites sacras, engravidadas de mistério — é seguido pelas filas soturnas do «confrade» ou nazareno envergando o típico hábito penitencial, o qual, sempre que passam na escuridão das ruelas estreitas, lhes comunica uma figuração de fantasmas.

Mas como surgiu com esta aplicação o ponteagudo encapuchamento do irmão nazareno?

Ainda as flagelações

Foi Clemente VI, na corte papal de Avinhão, quem decretou a proibição das flagelações procissionais, com o fim de pôr cobro a certas manifestações exageradas deste processo disciplinante, executado ante os olhos do público. Sevilha obedeceu sem delongas ao mandato da Igreja impondo a velatura do rosto sob um capuz ligeiro, como acto de sacrifício anónimo. Com o decorrer dos anos, a forma do capuz veio a converter-se no agudíssimo cone que ainda hoje contemplamos, — flecha projectando-se no espaço em miras de infinito.

biblRIA

Quanto à parte restante do vestuário onde o corpo se dissimula — lembranças paramentais de túnica sacra ou toga flamínea —, o sentido ordenado do sevilhano, avesso à disparidade e irregularidade das formas sem harmonia, ràpidamente lhe encontrou uma solução eficiente e criou então as linhas longitudinais da túnica e capirote comuns a todas as Hermandades.

O porquê do capirote

Concluindo: o andaluz, que é mais refractário ao discurso que ao gesto, descobriu neste processo ritual de se penitenciar perante Deus, o meio peculiar à sua maneira de ser idiossincrásica e ali se refugiou em mutismo e anonimato, deixando ao juízo dos seus irmãos leigos, crentes ou ateus, a avaliação da teatral mas rude disciplina a que voluntàriamente se submete.

São sete as Confrarias de hoje.

I — *Cristo de la Salud e Virgen del Refugio*, da Calle Almonacid. A igreja está no centro do bairro de S. Bernardo, de grande «solera» tauromáquica, sendo por isso esta Confraria chamada a «dos toureiros». Estes lutadores da morte, que com o centauro negro das arenas trocam forcejos de cega coragem, têm necessidade, publicamente afirmada, de se cobrirem dos riscos com uma protecção que não lhes pertence. E diante dos altares, no momento tremendo da voz do *néant* físico, o recurso ao sobrenatural enche-lhes a voz de súplicas e o peito de amuletos celestes. Uns ali têm pia baptismal, como Pepe Luis e Manolo Vázquez, e outros vêm de longe afiliar-se sob a patronagem augural da Hermandade, como Luis Dominguez e tantos outros, desde o grande Curro Cúchares e Pepe-Hillo, que não têm hesitado em disfarçar sob a túnica dos penitentes o traje «de luzes» das tardes gloriosas do redondel.

Devoção dos toureiros

biblRIA

Os dois *pasos* da Hermandade transpõem o portal do templo às cinco horas da tarde, descansam na Campana às oito, fazem estação na Praça de S. Francisco às oito e quarenta e cinco, entram na Catedral às nove e trinta e regressam às doze e meia da noite, entre os aplausos da multidão que os aclama. As túnicas são roxas e negras.

Vem a propósito explicar algumas designações destas paragens. Há, é certo, um protocolo litúrgico que comanda as regras estabelecidas pelo Cabido Metropolitano para o desfile das Confrarias. Dentro das prescrições rigorosas impostas por aquele texto eclesiástico, tudo é calculado, organizado, cronometrizado como numa vasta peça de relojoaria; e encenado, concebido, perfilado como no mais cuidado estudo de perspectiva artística. Um, tem que assegurar a ordem e os horários; outro, tem que velar pela pureza do estilo e realce das riquezas ornamentais. Na base do primeiro está o traçado dos itinerários; na base do segundo estão os efeitos imagísticos e emocionais.

Protocolo das procissões

Com vista a estes cânones, as procissões ordenam-se de maneira a passarem todas por um ponto obrigatório de concentração, que, neste caso, é a Plaza de la Campana, conhecida na dicção popular (assim como nas colunas dos próprios programas «confradieros») simplesmente por — La Campana. Deste local, pequena rotunda onde vêm juntar-se as grandes vias cêntricas da Calle Velázquez, Sierpes, Martin Villa (Universidade), Amor de Dios, Jardins del Duque e Alfonso XII, entram na estreita passagem da Sierpes, a qual, numa trajectória de flecha, quase recta, criando um prodígio de perspectivas singulares, as obriga a sair na outra extremidade, já na Plaza de S. Francisco onde, arrimadas à fachada Oriental (estilo Renascimento-plateresco) do Ayuntamiento, se erguem as bancadas oficiais. Logo, há aqui um momento de vénia ante as Autoridades Civis da cidade instaladas em altos silhões carmezins e ladeadas por belas mulheres e os mais altos nomes de Espanha. É chamada a *Carrera Oficial.*

O desagravo na Catedral

As procissões seguem depois o seu trajecto com destino ao mais elevado e mais querido objectivo da Regra: o da estação de penitência na Igreja Metropolitana. Que esta é, afinal, a verdadeira finalidade da saída das Confrarias na semana universal da Paixão de Jesus. Vindas de todos os pontos da cidade, de quarteirões humildes ou bairros ricos, é aqui, no silêncio interrogativo destas naves, que cada uma delas, através do voto penitente de cada um dos seus membros, vem orar em desagravo das culpas que lhe cabem pela morte do Filho de Deus. E não é só Sevilha, é Espanha que se ajoelha nas lajes deste grande templo, — sem títulos, sem orgulho e sem glória, sòmente para aqui clamar a sua confissão de humildade. Momento de Deus, mas também momento racial: o de Miguel de Mañara, de Ramón Llull e de Inácio de Loyola.

O horário da entrada na Catedral é de um rigor férreo, atinente a preservar as ordenações do cânone metropolitano. A ilustrar este inamovível regulamento, conta-se a história do cigano trianeiro que, acompanhando com fervor a Confraria da sua paróquia — a dos

biblRIA

Negritos — viu que esta, chegando tarde como sempre às grades da Catedral, encontrou as portas do templo já fechadas. Então o cigano, despeitado, olhando com olhos de pena a figura do Cristo sobre o andor detido ante o portal, comentou fraternalmente:

«Mira lo que te hacen, Manué! que ya ñi en tu casa te dejan entrá...»

II — *Cristo del Buen Fin e Nuestra Señora de la Palma,* da igreja do Convento de Santo António de Lisboa. Sai às sete da tarde e entra à uma e trinta da madrugada. Os nazarenos vestem sotaina roxa com capa e anteface negros.

Esta Confraria foi criada no ano de 1590 pelo grémio dos Curtidores, reformando as suas Regras em 1677 e extinguindo-se sob o domínio das tropas da invasão francesa. Reorganizou-se no ano de 1822, tomou novas imagens em 1909 e, finalmente, em 1932 se consolidou na mesma constituição que tem hoje. O Cristo, de autor desconhecido, é uma dolorosa máscara de estertor, que a figura desgrenhada da Madalena, ajoelhada aos pés da Cruz, torna emocionalmente mais dramática.

biblRIA

III — *Cristo de las Misericordias.* Sai às sete horas e trinta da tarde e entra às doze da noite. Túnicas azuis.

Embora situada num bairro oposto ao da igreja de S. Bernardo, a igreja desta Confraria, a do Baratillo, na Calle Adriano, leva-nos a evocar de novo o nome de toureiros célebres que têm dado lustre à Hermandade. Concorre para este culto a proximidade da praça da Maestranza, que se ergue a dois passos, com frente para o rio, nas vizinhançaç do Hospital de la Caridad — onde o espírito de Miguel Mañara desperta ainda pesadelos de morte.

Angústia do matador de touros

Ora, dos corredores da Maestranza ao altar da igreja do Baratillo, a distância é curtíssima, permitindo deste modo que, em dias de «lidia», o matador venha depor as suas apreensões angustiosas sobre o regaço da Virgem, já ocupado pelo corpo inerte de Jesus, após a cena da descida da Crucificação.

O recurso dos toureiros à oração não representa inibição de bravura, devendo compreender-se como uma reação física desenvolvida pela consciência heróica ante o sentido do risco iminente. É comum a todos os matadores, embora nem sempre confessável, esta crise de pânico momentâneo. Ignácio Sanchéz Mejias, toureiro que intelectualizou a arte do estoque, tão audacioso como fino de espírito, deixou, observando-se a si próprio, um testemunho revelador. Consta do *Diálogo del toro y el torero,* escrito em forma poética, numa passagem em que Sánchez Mejias faz dizer ao touro:

bibRIA

¡Sé que tienes que matarme!
Pero tu
no quieres matarme:
lo que quieres
es matar en mi
el miedo que tienes de matarme...

IV — Confraria *del Prendimento,* também chamada dos Panaderos, devido à sua origem no seio das corporações gremiais do século XVI, como atrás foi referido. Sai às oito horas e trinta da velha e típica capela de San Andrés, na Calle Orfila, e entra à uma e quinze da madrugada. Túnicas e antefaces negros, com capas vermelhas e roxas, ostentando, bordada a vermelho, a Cruz de Santiago. O andor da Virgem (Maria Santísima de Regla) é notado pelo fulgor e curiosidade da sua iluminação, formada pela chama de duzentos e oitenta círios, desenhando a Cruz de Santo André.

V — *Cristo de Burgos* e *Virgen de la Palma*, pertencentes à igreja paroquial de S. Pedro, — a do baptismo de Velázquez. Sai às seis horas da tarde, está na Campana às oito e cinquenta, na Catedral às nove e vinte, e entra às onze e trinta. Túnicas de sarja negra e cinturão de esparto. É uma procissão de grande expressão dolorosa. A música que a acompanha, compraz-se na procura de acordes cavos que tornam mais lúgubre a cadência ritmada dos nazarenos.

VI — Arqui-Confraria *del Santísimo Cristo de las Siete Palabras, e Virgen de la Cabeza*. Igreja da antiga e aristocrática Calle San Vicente. Esta Hermandade tem um ilustre avoengo. Os nazarenos apresentam-se de luvas brancas e túnicas da mesma cor sob um escapulário granate. Sai do templo às seis e trinta da tarde para recolher às doze da noite.

bibRIA

No extinto Convento del Carmen, em Sevilha, fundou-se em 1560 uma Hermandade que tinha por fim honrar o nome da *Virgen de la Cabeza*, já então famosa no seu alto santuário da Serra Morena, contrafortes da cidade de Andujar. E quatro séculos mais tarde, este mesmo templo entrou ruidosamente na admiração popular com o episódio do capitão Cortés que ali se refugiou com um punhado de soldados da Guarda Civil, na primeira fase do Movimento de Libertação Nacional, em 1936, e numa luta sem esperança, com escassez de água e de alimentos, durante meses e meses resistiu valorosamente aos ataques e bombardeamentos aéreos dos «vermelhos», sem nunca capitular. Uma gesta heróica, à maneira peninsular.

Crença e heroísmo

O nome da Hermandade prevalece ainda, unida à dos Sagrados Clavos. Esta, desapossada da sua capela, no citado Convento, pela revolução política de 1868, foi transladada à igreja de San Vicente, onde hoje terão lugar os actos solenes da saída *à la calle*.

VII — Confraria *del Santísimo Cristo de la Lanzada.* Igreja de San Martin, no bairro popular da Europa e Alameda de Hércules, com os seus esconsos da Suburra romana, lares de toureiros e «academias» de baile *flamenco.* Faz estação na Carrera Oficial às oito horas e quarenta e cinco da tarde e retorna ao templo às doze e trinta da noite. Túnicas amarelo-claro sob a cor violeta do capirote.

Este desfile, com o seu *paso* único, fecha o cerimonial religioso do dia. Na Catedral apagam-se as luzes do tenebrário e rasga-se o véu branco que cobria o altar do sacrário, em sinal de desolação. Ao mesmo tempo, as vozes potentes do órgão ribombam com violência, sob as naves, num clamor de tormenta desencadeada. Sevilha inícia as suas horas de trevas. Está com a dor de Deus.

bibRIA

VI

Quinta-feira dos ázimos, correspondente ao dia treze do mês de Nisan no calendário judaico do tempo de Jesus.

Emoção e beleza de Quinta-feira Santa

Sevilha prepara-se para comemorar as promessas eucarísticas do pão e do vinho — repassadas já de um comovido adeus à comunidade dos homens — e da agonia inenarrável de Getsemâni, numa adesão simbólica aos rigores dogmáticos da Igreja. Fá-lo com altiva compunção e um misto de reconhimento e de beleza decorativa. Sobre os crepes lutuosos, as jóias e os feixes de cravos vermelhos gritam seduções.

As ruas convertem-se num formigueiro humano cruzando-se em todos os sentidos, de templo para templo, na visita obrigatória aos sacrários, desde os que exaltam os altares das paróquias de senhorio até aos mais humildes, escondidos no refúgio monástico dos conventos, como os de Santa Paula, de S. Clemente e Santa Inés, mas nem por isso menos assistidos pelas filas de visitantes de todas as idades que, ao mesmo tempo que ali cumprem os seus votos de penitência, não deixam de prender-se à poesia dos pátios e jardins orantes.

bibRIA

A mulher na tarde sevilhana

Os relógios marcam as três da tarde. Ar luminoso, com uma sensação de rito pungente a misturar-se ao incenso das ruas e aos narcóticos das laranjeiras branquejantes. Então é ver como, movidas por um impulso exacto de tempo, as mais belas silhuetas de mulheres espanholas, na distinção incomparável dos vestidos negros, sob o estilismo típico da mantilha (1) e «peineta», a jóia aristocrática no

(1) Atribui-se a origem da «mantilla» às mulheres árabes cristianizadas da Palestina, que começaram a servir-se de uma espécie de véu rendilhado, ostentando-o da cabeça ao rosto, sempre que assistiam aos actos religiosos no interior dos templos.

punho fino, o rosário piedoso na mão enluvada, abandonam os portais dos grandes hotéis ou solares de amigos para a emocionante parada dos actos litúrgicos deste dia grande. É a mulher — andaluza, castelhana, aragonesa ou catalana — que dá a esta tarde, na graça altiva do seu porte, um prestígio inusitado. Olhamo-la numa atracção sem fim. Ao requinte do talhe junta-se-lhe a unção da crença, que a envolve. Uma elegância de caule na ansiedade de uma oração. Que esta é, sobretudo, a castiça mulher sevilhana.

Os grandes desfiles

Depois da nota peculiar deste dia, dada pela visita aos sacrários, a que acabamos de nos referir, teremos que destacar o grupo de Confrarias inscrito nos desfiles desta tarde, notável pelo valor escultórico das imagens e o entusiasmo da veneração popular que a estas se encontra ligado. São oito as que o Regulamento nos indica. Será necessário sair cedo, visto que a primeira estará na rua às três e trinta da tarde, saindo da igreja do Convento da Trinidad, o que poderá ser aproveitado para visitar, nas proximidades, o túmulo de Joselito — admirável encenação plástica, em bronze e mármore, da morte do grande toureiro. Cinzel genial do escultor Benlliure.

Mas vamos enumerá-las.

I — Confraria da *Trinidad*, do convento salesiano da Calle Maria Auxiliadora, sobre cuja comunidade paira o espírito activo do potente e carinhoso artífice do *humano* que foi S. João Bosco. Sai do templo às três e trinta da tarde para um longo percurso que a leva a fazer estação na Plaza de S. Francisco às seis e trinta, para entrar na catedral às sete e vinte e cinco e regressar à Trinidad às doze da noite. Os nazarenos envergam sotaina com escapulário, de cor branca; capa e anteface negros. Abre a marcha uma banda de clarins de artilharia.

bibRIA

II — Confraria do *Cristo de la Fundación*, também chamado «dos Negritos». Capela de Los Angeles, no bairro oriental de Recaredo e Calle Luna. Sai às quatro e quarenta e cinco da tarde e entra às dez e meia da noite. Túnicas brancas com cordão azul. Sandálias e pés nus.

Procissão dos Negritos

Já citámos atrás o nome da Hermandade dos Negritos como exemplo da origem destas comunidades religiosas na agremiação profissional on piedosa dos séculos passados. Vem agora a propósito citar a história que se refere à razão do seu nome.

Quase no final do século XVI, o Arcebispo Dom Gonzalo de Mesa fez construir um hospital, com a respectiva capela, destinado a albergar os doentes e velhos de raça negra que então viviam em Sevilha, trazidos de África pelos soldados portugueses e espanhois daquele tempo. Formou-se então, num entranhável impulso de fé, a indispensável Confraria, com sede na capela do Hospital, logo mudada em 1604 para uma igreja própria de extra-muros, graças à benemerência do prócer sevilhano Dom Juan de Vargas. Com respeito reverente o povo da cidade via desfilar pelas ruas esta procissão exótica, levando sobre as andas do *paso* a mesma imagem do Crucificado que ainda podemos contemplar no desfile de hoje. Este Cristo é por isso antiquíssimo, lavrado pelo escultor Andrés de Ocampo.

biblRIA

Citam as velhas crónicas um facto que muito dispõe a opinião popular a favor dos membros desta Hermandade. No ano de 1653, por um acto de irreverência cometido contra o dogma marianista, todas igrejas e comunidades celebraram solenidades de desagravo. Acontecia, porém, não possuirem os negros daquela Confraria os meios económicos necessários para ocorrer às despesas da solenidade que desejavam também realizar no seu templo. Então, tomado de uma resolução exmplar, um deles, chamado Salvador de la Cruz, ofereceu-se para ser vendido como escravo, permitindo assim que a Hermandade, beneficiada com o produto desta irregularíssima operação, pudesse celebrar por sua vez o acto de penitência em que estava empenhada.

Não foi menosprezado este sacrifício e ao corpo de Salvador de la Cruz foi, mais tarde, dado sepultura diante do presbitério da capela de Nuestra Señora de los Angeles, onde continua.

Com o gradual desaparecimento dos negros da população sevilhana, começou a facultar-se o ingresso nesta Hermandade a membros da raça branca, e são já sòmente estes que actualmente a constituem.

III — *Cristo de la Exaltación* e *Nuestra Señora de las Lágrimas.* Igreja do bairro de Santa Catalina, onde se ergue o solar da Casa de Alba (Palácio de las Dueñas), digno de visitar-se pela beleza dos seus pátios e riqueza decorativa dos interiores, de que já falámos num capítulo precedente. Sai às cinco horas da tarde e entra às onze da noite. Anteface roxo e túnicas brancas, de cauda, com cinturão de esparto.

bibRIA

IV — *Cristo atado a la columna.* Diz a passagem evangélica referente ao primeiro andor desta Confraria: «Tomou então Pilatos a Jesus e mandou açoutá-lo».

Esta cena está realizada em figuras a que o seu autor quis imprimir um realismo de horror. A angústia serena de Jesus e o ódio selvagem dos verdugos contrastam dramàticamente. Juan de Mesa, que esculpiu também a imagem da *Virgen de Victoria,* que segue este *paso,* quis dar àquela cena uma réplica de bondade: criou uma expressão onde o sofrimento é aceite com uma graça plena de conteúdo celestial.

Esta procissão, chamada das «Cigarreras», por sair da capela da Fábrica de Tabacos, na Calle S. Fernando, foi a única que durante anos levou à sua frente o pendão roxo de Castela, privilégio concedido pelo Rei D. Afonso XIII. Este, sempre que estava em Sevilha por ocasião da Semana Santa, presidia ao desfile.

Tem um percurso curto. Sai às cinco da tarde e recolhe às dez da noite. Túnica de seda roxa e capas brancas.

V — Confraria *de la Oración en el Huerto*. Capela de Montesión, enquadrada no garridismo popular da Calle de la Feria. A sua fundação é atribuída aos patrões de barcos que desciam o Guadalquivir em demanda dos portos mercantis do Magrebe e costa africana. Sai às seis da tarde e recolhe às doze da noite. Túnicas de cor creme, con anteface roxo, nos nazarenos que seguem o andor de Cristo, e negro naqueles que seguem o *paso* da Virgem.

VI — Confraria *de la Quinta Angústia de Maria ó del Descendimiento de la Cruz*, da igreja da Madalena, na Calle San Pablo.

De novo os imaginários-teólogos que no decorrer dos séculos XVI e XVII encheram os templos de Sevilha de impressionantes visões de celestialidade e epocalipse nos põem em contacto com o sentido realista e humano das suas severas criações. Ao povo agrada sem displicência esta maneira dura de tratar a morte de Jesus. Sob as explosões febricitantes da sua índole social, uma mística fria está preparada para receber sem choque patético as descarnações mais cruas da verdade anatómica. E foi dentre este povo que aqueles artistas surgiram, inebriados de ascetismo — e também de génio. O doutor Juan Delgado Roig, num estudo de alto valor mental e científico *(Los Signos de la Muerte en los Crucificados de Sevilla)*, esclarece no seguinte período algumas premissas de tal posição: «Y los escultores prodigan las efigies de Cristo muerto, Crucificado o Descendido de la Cruz, para que el pueblo cristiano tenga ante sus ojos y perciba con su espiritu, cómo la muerte del Justo constituye la sintesis y esperanza de la consecución despues de nuestra muerte, de la vida eterna.»

Dramatismo dos Crucificados

Nesta noite de Quinta-feira Santa, que vai encher Sevilha da expressão imagística da angústia, do opróbrio e da crucificação de uma Jerusalém dolorosa, as figuras do *paso* desta Confraria (que não leva outro) projectam-se espantosamente num céu de espectativas,

bibRIA

que o halo amarelo de milhares de círios enlividece. O corpo do Crucificado, num símbolo cósmico de inércia pungente, desce do madeiro. Sobre as escadas arrimadas aos braços da cruz, José de Arimateia, o judeu de coração sensível, e Nicodemus, outro sinedrita dissidente, entregam-se à tarefa de desprender sem molestações o corpo divino. Em baixo, além de João, irmão de Tiago, o grupo das santas mulheres: Madalena, Maria de Cléofas e Maria Salomé. Entre estas, numa expressão única de dor carnal, Maria ergue os olhos piedosos, terrificados de angústia, para as formas desoladoras do filho amado que trouxera no seu ventre, numa estranha génese de amor: sem princípio e sem tempo!

A procissão sai do templo às sete horas e vinte da tarde e regressa às doze da noite. Os nazarenos envergam túnicas roxas com punhos brancos.

bibRIA

VII — Confraria *del Cristo de la Coronación, Nuestra Señora del Valle y Santa Mujer Verónica,* da igreja conventual de Santo Angel. Transpõe o portal da saída às sete horas e quinze da tarde e entra às onze horas e trinta da noite. Túnicas roxas, de cauda, com cordões brancos. O desfile desta Confraria realiza, com o da Hermandad de la Pasión, o percurso mais curto de todas as procissões da Semana Maior. Os templos donde saem (Santo Angel e Salvador) estão dispostos nas extremidades de uma linha transversal que corta as duas ruas paralelas — a de Sierpes e a Tetuán.

A Virgem dos olhos verdes

Leva três *pasos*. O primeiro representa o momento em que Jesus é coroado de acúleos; o segundo é a sua caminhada agónica pela rua da Amargura, onde se encontra com a Verónica e o grupo das santas mulheres de Jerusalém; e o terceiro é formado por uma auréola de luzes, de jóias, de veludos riquíssimos e de flores, entre os quais emerge, num deslumbramento que nos maravilha, a beleza da «Virgem dos olhos verdes», triste, mas de uma tristeza que consola e exalta.

É a imagem de mágoa com a graça de menina da admirada *Virgen del Valle* — imagem que move as multidões em volta do seu andor de magnificências insólitas. A dor tem, de sensibilidade para sensibilidade, as suas afinidades electivas. A *Virgen del Valle,* tão celebrada no afecto popular, desloca para junto dela a massa dos crentes que, decerto, para as penas que os laceram, encontram na fisionomia divina uma expressão sofredora do mesmo sinal humano que o seu.

VIII — As multidões acotovelam-se nas ruas desta noite imensa, interminável. Nenhuma outra noite se lhe iguala. Indígenas e forasteiros experimentam em si um secreto impulso de prolongá-la em todos os seus sortilégios: no ritmo cavo das procissões, no perpassar electrizante das mantilhas e dos sorrisos velados, na espera dos grandes desfiles que terão lugar ao começo da madrugada.

Ao mesmo tempo, nas sombras dos bairros silenciosos, sobre o lençol lívido que o luar estende no recorte dos telhados e terraços, insinua-se como gumes o ar gélido do Horto das Oliveiras. O cenário da urbe encorpora-se à invocação da realidade histórica. — «Meu Pai, se não é possível afastar de mim este cálice, faça-se então a tua vontade»! Depois mil bocas se pressentem osculando a noite, deixando nela a viscosa saliva do beijo imundo de Kariotes.

E é sob estes signos ambientais que a silhueta imponente do Cristo de la Pasión, da igreja do Salvador, cruza as ruas da cidade, na pompa litúrgica de um andor em que duzentos quilos de prata se distribuem em finas cinzeladuras do seu adorno.

O famoso Cristo da Paixão

Esta imagem conta na iconografia religiosa de Sevilha como um dos exemplares de maior prestígio artístico. É uma figura varonil e doce. O sofrimento não apouca: enobrece-a. E caminha. Embora o peso universal da queda dos homens lhe pese sobre o ombro, o pé esquerdo apoia-se no solo com firmeza, o direito levanta-se sobre a extremidade dos dedos, num movimento de marcha para a frente

biblRIA

que nenhuma força poderá deter, que vencerá a terra e o inferno, para só parar onde não há caminhos, nem estrelas, — nem fim. Diz-se que Martinez Montañés, que em milagre de talento a viu erguer-se dos golpes extaseantes do seu corte, a seguia, fascinado, em todas as procissões, exclamando:

— *Esta obra es de Dios y no mia!*

O percurso, como dissemos, é breve. Os nazarenos, vestidos de negro, com cinturão e cordões de esparto, mal saem do templo às oito horas, noite caída, já estão de volta às onze horas. É seu irmão-maior o Infante Dom Juan de Bourbon, Conde de Barcelona.

bibRIA

VII

Sexta-feira Maior

Madrugada da Parásceve, com as cores pulsáteis da aurora a dealbar as costas rochosas de Jerusalém, onde se situava a fortaleza do Procurador de Roma. É a hora tergiversante e demoníaca de Pilatos, a quem o medo das responsabilidades levou a cometer, apesar de querer lavar-se a consciência na bacia turva dos sofismas, uma iniquidade judiciária tão monstruosa que prevalecerá até ao fim dos tempos na memória dos homens. Como abjecção sem igual! Uma audaciosa hipótese histórica (repetida pelo escritor católico Daniel-Rops) apresenta-o como filho do legionário das guerras cantábricas, Marcus Pontius, de origem espanhola, e ele próprio nascido em Sevilha — glória sacrílega que, sem dúvida alguma, a cidade marianista repudiará.

bibRIA

Madrugada de Sexta-feira Santa em Sevilha! Intraduzíveis sensações do visível e do sensível. Os cenários da terra não criaram nenhum êxtase que a ultrapasse. Há um aroma de rosas frescas nas luzes desmaiadas em que o céu se transfigura. O corpo, cansado das marchas mas inebriando-se na doçura da noite, aspira esse aroma com sofreguidão. O homem é feliz — de uma felicidade nova em que todo o prazer físico é ultrapassado por uma sensação de amar Deus, que é inefabilidade sem limite material. E crê no destino que o faz viver.

Esta é a noite das grandes Confrarias. Seis Hermandades fazem estação de penitência durante a madrugada, num total de doze *pasos*, visto que cada uma delas leva não só o do Cristo como também o da Virgem, sempre debaixo de pálio.

Cada procissão é uma emoção, uma irrealidade, — um sonho. Mas é também uma firme e magnífica afirmação de fé da alma do homem

sevilhano — que criou a pompa impressionante destes desfiles, não para produzir um espectáculo festivo aos olhos do visitante mas para erguer bem alto, nas formas de uma estética devota bem pessoal, a afirmação do seu dogma.

I — É da pequena capela de San António Abad, oculta sob ramagens de laranjeiras, que sai a Confraria de Jesus Nazareno, a primeira a abrir os itinerários sob a luz dos astros dormitantes. A multidão vibra de curiosidade votiva ante a saída desta Hermandade, que parece querer encerrar em si o símbolo hermético do drama do Calvário. Chama-se — «do Silêncio». Nenhum ruído, nenhuma fala desnecessária. Os irmãos marcham descalços, vestidos de negro, apertados de esparto, as velas baixas. Entendem-se por gestos.

E através das ruas, fechado num mutismo de penitência, o desfile insinua-se, simulando um estranho cortejo de catacumba. O Cristo, erecto e fino, enlaçando a haste vertical do madeiro, que conduz sobre o ombro numa posição inversa da cruz, parece insculpir nas trevas da madrugada as próprias trevas da sua dor. São três horas. E só às sete, ao clarear da manhã, terá terminado a sua ronda de Martírio.

biblRIA

O Gran-Poder

II — Confraria de *Jesús del Gran Poder*. Igreja paroquial de San Lorenzo, no bairro poético de Bécquer e dos pátios encantadores, clareados de cal e santidade, dos conventos de S. Clemente e de Santa Clara. Túnicas negras, pesadas, em pano de Ruão. Envergando-as, os penitentes entram no anonimato do sacrifício, deparando-se por detrás delas, se os quisessemos apontar, com os nomes de maior relevo na vida social e intelectual de Espanha.

Estamos perante o momento culminante das solenidades da Paixão. São quase três horas da madrugada. Na pequena praça de San Lorenzo comprime-se uma massa heterogénea de devotos atentos, ansiosos,

vindos dos bairros de Sevilha e vindos de além dos mares, das repúblicas sul-americanas e dos agregados católicos de todo o mundo. Quantas horas há que alguns levam já de pé, esgotados, dominando a fadiga, só para verem assomar ao portal do templo a imagem mil vezes referida do Gran Poder. A Hermandade foi fundada em 1431 pelos Duques de Medina Sidónia e a imagem é do século XVII, da autoria do sóbrio e dramático Jua de Mesa, que quis plasmar nesta efígie a expressão do verdadeiro «varon de dolores», anunciado na profecia de Isaías (cap. LIII), de que este *paso* tomou o símbolo.

Uma sensação de nervosismo começa a dominar a multidão. As luzes da praça são apagadas. O céu é mais baixo e as respirações tornam-se apressadas. Os relógios marcam agora três horas precisas. Abrem-se as portas do templo e a majestosa imagem, rectilínea, dobrada de dor, surge sobre um tapete de lírios roxos e a chama dos círios, ante os olhos da turba, magnetizada de emoção. Rebentam palmas, estrugem vivas clamorosos, há lágrimas rolando em muitos olhos, e, de uma varanda fronteiriça, que as vergônteas dos gerânios cobrem de manchas avermelhadas, irrompe a flecha sonora e mosárabe da *saeta:*

Silencio pueblo cristiano
que ya viene el Redentor,
con su corona de espinas,
perdonando al pecador (1).

Sobre esta composição métrica, curta, irregular, com o seu fundo impressionante de clamor hebraico e forma sincopada de cantiga *gitana,* espécie de ilustração sonoro e pungente a acompanhar em todos os desfiles procissionais da Semana Santa andaluza o decorrer das efemérides litúrgicas, que dizer? Acumulam-se as definições,

(1) Original do poeta Luís Cubero.

biblRIA

Perenidade da «saeta»

dentro e fora do país, e a originalidade desta copla tende a resistir ao estudo dos investigadores. Muitos observadores crêm ser o acentuado dramatismo do seu efeito uma consequência do ambiente religioso em que ela é modulada. Todavia, quando ao longo do ano a escutamos noutros lugares, isolada dos seus componentes rituais, a sensação auditiva é a mesma.

Dialogando com o sentido metafísico desta redondilha-duende, já, por nossa vez, num trabalho anterior, quisemos fixá-la assim: «Que nos diz a biografia pròpriamente deste vocábulo? Em resumo, isto: um cantar típico das festas religiosas da Andaluzia, isto é, da Semana Santa; expressão ritual de penitência, de dor, forma popular de adoração ante certas imagens das procissões públicas. Em descarnada etimologia, já sabemos que *saeta* procede do latim *sagitta* — que é a nossa flecha, seta, arpão voador que tinge o alvo em recta inalterável, precisa, eficaz. A palavra, assim empregada pelo génio emblemático da língua, dá-nos uma noção figurativa do exacto movimento que este canto de morte pretende traduzir. O mundo teológico que prende, em estremecimentos, o ser humano a Deus, une-se nesta haste alada que transmite o diálogo animico entre os lábios aflitos do Criado e a carne expirante do Criador. Este é o significado supremo, consubstanciado, do indizível lamento que corta, rectilíneo, a noite sevilhana, cheirosa a incenso».

biblRIA

Vai sair a Macarena

III — Bairro da Macarena, que restos de muralhas romanas resguardam, e igreja paroquial de S. Gil — nomes que correm Espanha no cantar das coplas, como aquela em que o nome de Dona Sol, dama ilustre da Casa de Alba, é elevado em adoração popular nos requebros amorosos de uma flor do bairro. E a sua Virgem vai sair — a Esperanza de la Macarena —, vai passar sob o arco de S. Gil, coberto ainda pelo chispear das estrelas do céu da madrugada como, no caminho do regresso, após longo rodeio, dardejará sobre ele o sol do meio-dia.

Toda a população da Macarena está na rua para acompanhar a sua Virgem, não havendo uma varanda, janela ou portal que ceda um lugar à torrente humana. O forasteiro vê-se, portanto, afastado do singular espectáculo, correndo a esperar o desfile da Confraria na Alameda de Hércules ou na Calle Amor de Dios, antes que ela chegue à Campana, ou, mais tarde, nas bancadas da Plaza de San Francisco.

Obedecendo a uma antiga tradição, antes da saída desta imagem, dois graves nazarenos do Gran Poder chegam à igreja de S. Gil pedindo autorização para que a sua Confraria seja a primeira a passar na Carrera Oficial. Esta cortesia tem por fim evitar o incidente de anos pretéritos quando as duas procissões rivais, chegadas aos mesmo tempo à boca da Calle Sierpes, ponto de entrada no chamado «percurso oficial», o irmão nazareno que levava a Cruz de Guia do Gran Poder, colocou esta atravessada sobre o solo para que a Macarena não lhe passasse à frente.

bibRIA

São duas horas e trinta da madrugada. A sumptuosa imagem assoma ao arco da Macarena, frente aos homens, frente ao Mundo, — bela, imponente, dramática. É a única imagem que ostenta coroa de oiro de lei. Palmas, aclamações, gritos de surpresa, de assombro. Batida pelo halo fosforejante das luzes, embelezada de jóias riquíssimas, de sedas, de veludos, de bordaduras de oiro, de pérolas, de esmeraldas; de mãos finíssimas segurando um lenço de Malines onde as lágrimas se ensoparão; alta, levemente curvada, de cutis morena e olhos de negros céus profundos, ela é bem um ser humano, do número social dos humanos, uma mulher do bairro — embora uma mulher divina!

Visita de cortesia

Parecendo suspensa na noite, irradiando sobrenaturalidade como na hora da sua assunção sobre os jardins extáticos de Panaia Capúli, em Efeso, a Virgem dos grandes milagres seculares, seguida de multidões presas, umas, à sedução do seu esplendor e, outras, enfebrecidas de fé, crispadas de emoção. Ela vai, como pessoa humana,

iniciar as suas visitas, os seus mudos diálogos, nas horas matinais da cidade, quando esta recebe das estrelas as energias para o trabalho e para a fé. E vêmo-la ante o anfiteatro do Ayuntamiento, numa vénia à autoridade civil, que ali espera em respeito, às cinco e quarenta da manhã; entra depois na Catedral para chorar sobre o corpo do Filho-Amado e sai dali às seis e trinta, quando as luzes da aurora a vêm saudar ao portal; retoma o itinerário do regresso por Placentines e Plaza de la Encarnación, onde os vendedores do mercado, a abrir então as suas portas, a recebem com palmas e lágrimas; segue para San Juan de Palma, detendo-se diante da igreja para trocar uma vénia com a Amargura (de *Mara*, amarga), ao mesmo tempo que a plangência de uma *saeta* ressoa no ar doirado da manhã; e por fim, já tarde, antes de transpor o Arco que a leva ao templo, pára ainda e, comovidamente, volta-se para o Hospital da cidade, a receber durante alguns instantes as súplicas dos enfermos e a confortá-los como o envio de um pensamento carinhoso.

bibRIA

Precedendo-a, uma centúria romana, de couraça e elmo de plumas, faz brilhar ao sol a sua insólita indumentária. Os nazarenos fazem rimar o verde das suas túnicas com o verde-esperança do manto pomposo e das jóias da Virgem. Fecham-se afinal as portas de S. Gil. E cá fora, cruzam-se ainda os últimos aplausos, as últimas preces, os últimos «piropos». Os tambores da centúria romana tocam a «continência». A banda de música que acompanhou o desfile faz soar as notas da Marcha Real. A Nação está presente.

IV e V — Depois da Hermandade do *Cristo del Calvario*, que, no seu fantasmal desfile de silêncio, entra na Carrera Oficial às cinco e quarenta da manhã, para regressar às oito e quinze à igreja de Santa Maria Madalena, no que foi antigo convento de San Pablo, surge sob o céu nocturno da urbe hispalense a imagem da outra Esperanza — a de Triana —, a que pretende disputar à Macarena a maioria

dos sufrágios da admiração popular. É uma competência sem malquistamentos, erguida por um afã de pundonor bairrista, visto que as duas imagens fundiram-se tanto na psicologia religiosa do burgo a que pertencem, que um espírito mais de emulação que de rivalidade une os aplausos dos dois bairros «contrincantes».

Esperanza de Triana

O templo de San Jacinto, onde igualmente se abriga a imagem da Estrella — a *Valiente*—, abre as suas portas às três e quinze da madrugada para deixar sair a sua «flor trianeira», que é também a Madona do Mar, protectora de marinheiros e navegantes. Por isso, talvez, ela não quis nunca afastar-se do rio, tendo permanecido até 1868 numa humilde capela da Calle Pureza, onde — quem sabe? — alguns marinheiros portugueses da armada de Magalhães teriam ido repartir as suas preces, depois de terem orado ante o altar da vetusta Sant'Ana.

Para escoltá-la com a luz dos seus projectores, quando ela atravessar a ponte de Isabel II, no cume da sua singular cenografia, sobem o Guadalquivir as unidades navais da base de Cádis. Esta adesão da marinha estimula o brio próprio dos trabalhadores dos molhes fluviais, que em grande massa se juntam aos operários ceramistas da margem esquerda e artesanos da veiga de Alfarache para aclamar a «sua» Virgem.

Enquanto a Macarena, mais disposta à vida típica e doméstica do bairro, se dispersa em digressões morosas através de uma extensa toponimia, esta Esperanza de Triana, de uma beleza humana mais concentrada, recolhe cedo ao seu templo, ladeada pelas filas dos seus nazarenos muito aprumados, vestidos de branco e verde, num reflexo de mar longínquo.

Confraria de Los Gitanos

VI — Na manhã nascente termina o caudal luminoso que sulcou as ruas da cidade com a saída, da igreja de San Roman, da Confraria chamada de «los Gitanos», formada por dois *pasos:* o

biblRIA

primeiro é o do *Cristo de la Salud* e, o segundo, o da *Virgen de las Angústias.*

Fundada por «castelhanos novos» no ano de 1753, esta Confraria, pese aos sentimentos piedosos dos seus componentes, não poderia fugir aos acidentes e irregularidades próprias do signo da faraónica raça dos *calés.* E assim, subsistindo penosamente através dos seus períodos de prosperidade e decadência, não só as condições especiais dos membros da Hermandade tornaram a sua vida precária, como até razões exteriores vieram, na lógica de uma nova fatalidade, embaraçar-lhes os passos. Os incendiários marxistas de 1936 não quiseram poupar nem mesmo a igreja dos «sem lei», e aquelas duas imagens soçobraram na destruição, incluindo, portanto, a tradicional efígie do Cristo, a que eles, familiarmente, tratavam do seu *Manué,* de que já se narrou, noutra passagem deste capítulo, um episódio típico.

Depois de anos de espera para o amealhamento económico que permitisse o reaparecimento da Confraria, surgiram enfim as duas novas imagens, talhadas pelo artista actual Fernández Andes, ao gosto muito *gitano,* cheio de coloridos arrebiques, dos interessados. O manto da imagem de las *Angústias* deve assinalar-se por este facto de timbre devocional: o toureiro Gitanillo de Triana, que foi Irmão-Maior desta Confraria, dispôs, ao morrer em Madrid, em consequência de ferimentos recebidos, que o oiro da bordadura do traje que envergava na praça, se aplicasse sobre o manto da Virgem que tanto amava. Os ciganos de Triana e da Macarena revêem-se, com grande exaltação, nestes dois motivos enfeitiçantes: a graça airosa da sua Virgem e os amuletos da bordadura do seu grande Faraó das arenas sangrentas de Espanha e América.

biblRIA

VIII

Estamos na tarde de Sexta-feira Santa.

Depois da lufada de emoções da madrugada deste dia, o espírito sente um apelo ao repouso, de modo a reconciliar-se com a maneira natural de ser dos seus próprios sentimentos. Encontra para isso uma atmosfera adequada. A vida da cidade parece ter sofrido um interregno, uma cisão no ritmo da sua ordem civil. Foram interrompidas todas as tarefas manuais, não circulam carros, o comércio não abriu as suas portas, e cinemas, teatros e rádio encerraram-se num mutismo de luto.

biblRIA

A engrenagem moral de Sevilha assenta num complexo mecanismo cujas peças são difíceis de desmontar e mesmo de reconhecer quando examinadas separadamente, fora do sistema a que pertencem. E o seu todo é formado de dois sistemas. Um, que se apoia nos rigores de uma ancestralidade teológica, outro o da Sevilha que se debruça do seu balcão de gerânios a escutar os trémulos de guitarra, a refazer uma estampa dos irmãos Quinteros ou a delirar com os versos acidulantes de Lorca.

Últimas apoteoses

Esta Sexta-feira é um ofício espiritual da alma sevilhana. Um ofício bruxo — impondo penitência e seduzindo. Saem as últimas Hermandades, desde a do *Cristo de la Salud,* da capela da Carreteria, mandada erigir, no seéculo XVIII, pelo grémio dos Toneleros, até à da *Virgen de la Soledad,* do templo de San Lorenzo, que é a Virgem pobre, isolada na melancolia da sua dor e na própria solidão do seu desfile que, por ser o derradeiro, se realiza já entre a multidão que se levanta, esgotada de fadiga. A Carrera Oficial está deserta de

espectadores e as cadeiras dos turistas começam a deslocar-se para o seu arrumo até ao ano próximo.

No intervalo destas duas Hermandades, saem ainda três Virgens: a outra *Soledad,* da igreja de San Buenaventura, de que foi Irmão benemérito José António Primo de Rivera, a *de la Piedad,* da Calle Bustos Tavera, e a *de la O,* da igreja trianeira deste nome.

Vêm depois as Confrarias dos dois Cristos: o *de las Três Caídas,* da igreja de Santo Isidoro, e o *de la Conversión del Buen Ladrón,* da capela de Montserrat, em San Pablo.

A máscara de *El Cachorro*

Mas falta ainda um Crucificado e este, pelo lugar que ocupa nos valores da expressão fisiográfica da morte, tem que ser considerado à parte. É o *Cristo de la Expiración,* da capela do Patrocinio, em Triana, mais conhecido pelo seu apelativo popular de *el Cachorro,* — máscara agónica sem igual, espera insofrida do além nos últimos transes da vitalidade física. Quem criou o milagre plástico de a revelar? Um escultor anonimizado na turba ascética dos imaginários, mas um escultor de génio, intérprete sapientíssimo dos sinais abióticos revelados na sintomatologia cadavérica. Francisco Ruiz de Gijón se chamava o patético dissecador desta anatomia divina. Talhou-a em 1628, tempos recuados para que a intuição científica da realidade pudesse plasmar acertos incontravertíveis. Pois apesar disso, a medicina forense de hoje, movimentando-se no sentido de apurar a veracidade do que até aqui tem sido tomado apenas como fantasia dramática de um cultor do tétrico, à maneira do Valdés Leal das *Postrimerias,* não tem hesitado em comprovar, surpreendida, a exactidão dos sintomas tanatológicos do Crucificado do Patrocínio.

A lenda de que o sobrenome de *Cachorro* tinha a sua origem no cigano deste apelido, caído, esfaqueado, numa valeta do bairro de Triana, e de que o escultor se servira como modelo, deixou há muito de ter validade. E basta um argumento para contradizê-la. As relaxações e contracções fisionómicas do cigano deveriam corresponder ao período post-mortal do cadáver, enquanto que a imagem do Cristo

bibRIA

de Ruiz de Gijón nos revela a presença de elementos ainda vitais, como a verticalidade do corpo, ainda sem flacidez, o levantamento da cabeça, a súplica do olhar, embora já na proximidade sindromática do estertor.

Epílogo e continuidade

A noite avança sobre o rio, começando a envolver de silêncio a cidade extenuada. Recolhe, ao longo da ponte de Triana, a procissão do *Cachorro*. Marcha lentamente, reservando-nos ainda um adeus de feéria, um incêndio de fulgurações sobre o espelho das águas, que custa a apagar-se nos olhos deslumbrados dos espectadores.

Terminou, com esta magia, o embruxamento místico da Semana Maior de Sevilha!

Uma nova madrugada vai em breve começar. Levantar-se-á um vento calmo, um vento promissor que acariciará as flores dos jardins e fará entumescer os troncos vernais. Iniciar-se-á um novo ano civil. O homem sevilhano, de coração repleto de plenitudes universais, caminhará para o futuro com passos firmes de fé e armado, para a servir, de uma precisa vontade varonil.

bibRIA

bibRIA

IX

bibRIA

...E DEPOIS A FESTA DA PRIMAVERA

bibRIA

A Feira de Abril

Já repicam hosanas no ar límpido os sinos grandes da Giralda — e são vinte e cinco; já no interior das *casetas* do Prado de San Sebastián lateja a estridência isócrona das castanholas marcando o ritmo flamengo dos bailes por *soleares;* já de todas as ruas que convergem para a Plaza del Cid surgem os cavaleiros de galbo, com trajo à «campera» e moça de *tronio* na garupa; já a turba azeitonado e irrequieta dos *calés* arma os seus postos de «churros», desfraldando os mais alvos lençóis das arcas de Cória; já os mil «organillos» errantes vão da Estação de Cádis ao Parque Maria Luísa gritando a estafada plangência dos seus motetes; já os negros Centauros da lezíria do Guadalquivir exibem os bravos perfis nos cercados da Venta Antequera, aguardando os combates da arena da Real Maestranza; já os copos de estreita gorja se enchem mais vezes com o apetecido nectar das cepas de Sanlúcar; já chegam de Córdova as finas silhuetas femininas, de talhe semítico e busto arredondado, que enlouqueceram o pincel de Júlio Romero de Torres, e de Granada as *bailaoras* das covas do Sacro-Monte; já as planuras do Sector Sul se povoam, sob a umbria das palmeiras, da chusma cretense dos animais de monta e tracção que os lavradores e ciganos mercadejam com a mesma burla; já cantam as fontes de Murillo; já os tufos de jasmim branquejam sobre os «moños» azeviche das cigarreiras de San Fernando; já abrem as celindas, já as cartas de amor se escrevem com palavras que rescendem ao trigo das ofertas nupciais; e, finalmente, já em todo o céu hispalense vibra uma alegria sonora, uma canção panteísta, desejosa de fundir a severidade espiritual da terra «de Maria Santíssima» com o frémito dionisíaco da mitologia do agro bético, desde os ídolos de Gerion à vestal turdetana; já se ama, já se canta, enfim! E só porque já iniciou a sua ronda festiva o segundo grande-aconte-

bibRIA

cimento cronológico da vida de Sevilha: a sua Feira de Abril — tablado das mais belas exibições, encontro de todas as raças e fusão de todos os júbilos.

É admirável este poder de mutação que caracteriza a alma sevilhana. Ontem ainda bruxoleavam as luzes das penitências da Semana Maior; passavam na rua as mantilhas negras e orava-se diante dos Crucificados. Hoje já tudo parece advir de uma outra natureza, possuido de um estilo novo que é profano e arrebatador. Terminaram os desfiles dos nazarenos, a cera derramada, os pregões religiosos, substituídos agora por manifestações de exaltação física que levam a incidência dos gestos humanos para uma espectacularidade de signo corporal e solar.

À festa da alma sucede a festa dos sentidos. A Feira — ou, no seu vocábulo de timbre local mais próximo, a *Féria* — cria uma paisagem adequada à vocação das formas viris, animalistas ou simplesmente de realce anatómico e estético. O recorte dos grupos a cavalo, a linha nítida dos corpos nas danças flamengas, o jogo másculo das lutas taurinas, a nota da flor vermelha nos cabelos de onix ou branca sobre os estrigados de oiro, como não considerá-los uma estampa expressiva daquela vocação, em que a raiz étnica do território tartésico aparece unida aos gostos físicos das populações que ainda hoje lhe correspondem? E aqui se entrecruzam os sulcos da misteriosa personalidade do andaluz: tão sujeito às regras do culto como à impassibilidade mais estoica ante as evidências extremas do existir; flagelando-se convictamente pelos ditames da vida eterna e amando todas as redundâncias sensoriais com uma volúpia de pagão e sóbria elegância de pretor romano.

biblRIA

Começa a apoteose

São quatro dias excitantes e rápidos mas que não poderiam prolongar-se, pois a exuberância das diversões não suportaria mais longo desgaste. A jornada é marcada por três fases de estilo diferente, contendo cada uma o colorido de uma estampa própria, não inscrita em nenhum programa das festas mas que se cumpre por um hábito das tradições locais.

Manhã já no sol do meio-dia e o grande corpo da Feira começa a estremecer, fechado no círculo de ruídos alegres que o animam. Esta chama buliçosa é, ao mesmo tempo, um alerta para as obrigações da vida social do ambiente — porque as tem de facto, visto que Sevilha traz para aqui um desdobramento da sua entidade doméstica com a sua arte senhoril de receber, de saciar de obséquios e entretimentos o hóspede ou amigo que transpõe o portal difícil do seu solar. A este factor se deve o aparecimento e sobrevivência da *caseta* — pequena e insólita organização do lar que se pretende implantar no espaço instável e provisório de uma diversão pública. Mas *caseta* é, na etimologia popular, um diminuitivo de casa, isto é, uma casinha. E casa é um nome feminino, uma entidade que tem por fisionomia a mulher. Logo, a ideia deste lar «precário» e miniatural é uma ideia feminina, movida certamente pela ética do arabismo ancestral que isola a mulher dos grandes espectáculos dos homens ou, pelo menos, que a coloca a desfrutar deles a ocultas. Assim este simulacro de lar poderá explicar-se, na sua origem, pela necessidade da mulher gozar do acontecimento sem tomar parte nele.

Concretamenta, a *caseta* consiste numa estrutura simples e rectangular, formada por um conjunto de vigas sobre as quais se ajustam invólucros de lona que tomam as cores e ornatos mais diversos. Dentro, além do estilo próprio — barroco ou *flamenco* —, exprimindo o carácter dos ocupantes, nota-se sempre um espelho, um piano e uma mesa, encontrando-se esta ordinàriamente ocupada por uma bateria de copos tubulares, em forma redonda de cana (daqui, por analogia

bibRIA

formal, o termo andaluz de *caña*), onde resplandece o saboroso líquido das doiradas vinhas de Jerez. Desta maneira, estão ali conjugados todos os acessórios destinados a manter a alegria dos presentes e a honrar a amizade dos que chegam. Há ainda no interior da pequena casa uma diminuta divisão que serve para a substituição do vestuário comum pelos trajos típicos de baile, e, finalmente, uma cozinha improvisada para os acepipes da ocasião.

Este sentido de instalação doméstica repete-se em centenas de barracas da mesma natureza, espalhadas por toda a Feira em simetrias urbanas e cujos usuários se insertam em todas as categorias sociais, desde a família de um bairro operoso até ao titular de mais alta estirpe, incluindo os círculos associativos e clubes, os núcleos militares e aristocráticos e até o próprio Ayuntamiento, que faz da sua *caseta* — a maior e mais bem guarnecida — um acolhedor salão de recepções amistosas. Algumas improvisam um serviço de restaurante ou de petiscos ligeiros de crustáceos, e de todas a multidão se debruça, seja de indígenas ou forasteiros, deslumbrando os olhos no espectáculo inegualável do desfile de «caballistas» e amazonas — elas vestidas à andaluza ou à goyesca, eles na masculinidade da sua indumentária costumista.

biblRIA

Sinfonia da manhã

Como foi dito, a Feira tem as suas fases normativas quanto ao programa do dia. No que diz respeito à parte da manhã, nenhuma viatura rodada poderá entrar no recinto, sendo este exclusivamente reservado aos passeios a cavalo, e isto com o fim de proporcionar o maior realce aos ginetes que o frequentam. Desta maneira, reassegura-se a tradição de dar às manhãs do Prado de San Sebastián uma expressão tìpicamente ruralista. Um tal propósito corresponde plenamente ao gosto secreto do aristocrata espanhol, o qual, andaluz, catalão ou castelhano, uma vez aqui, prima em voluntàriamente se rusticizar trocando o indumento da cidade pelos safões de coiro, jaquetilha de alamares e «calzonas» de cairéis sobre rudes botas de

meio cano. Este rigor costumista pode representar-se como modelo perfeito e num aplaudido paradoxo de sexo, num corpo feminino: o de Dona Sol, Duquesa de Santoña e irmã do Duque de Alba, dama da mais nobre estirpe espanhola, cuja firme figura equestre, no seu trajo do agro sevilhano, é um exemplo preciso e sedutor deste academismo rústico.

A mulher — ídolo da Feira

Por sua vez, a projecção da mulher no vasto redondel da feira aprilina é um cartaz de sucesso que a todos enamora. Ela vive aqui a graça, a magia alacre, o «sal» do seu vampirismo estilizado e sadio. O ar embeleza-se com a sua passagem e os olhos ficam muito tempo a reflecti-la através do seu perfil altivo de amazona ou «garrochista», montando a cavalo com uma elegância muito sua, de safões ou saia negra, apertada na cinta por uma faixa vermelha, jaqueta de bicos, os olhos negros ou verdes, e os cabelos assomando, divididos em dois rolos, sob a aba do chapéu cordovês. Um pormenor a fixar: durante os passeios da manhã não é de bom uso a mulher ostentar nos cabelos qualquer flor ou os cravos do costume andaluz. Estes são reservados para as horas da tarde. E é para lembrar que o uso dos cravos surgiu em Sevilha com os Duques de Montpensier, instalados no Palácio de San Telmo, em cujos jardins mandaram proceder a um extraordinário aumento das suas plantações.

biblRIA

A festa da manhã está no auge. A multidão comprime-se, colorida e ruidosa, entre o trotear de um alazão e os folhos engomados dos vestidos «rocieros». Ouve-se um bater de castanholas, logo apagado pelos relinchos medrosos dos corcéis recém-chegados de fora, que se espantam, com o coração a rebentar de susto, ante as formas movediças que os rodeiam e se lhes afiguram tão opostas á imensidade vasia da sua «marisma» verde. Das estrangeiras que ocorrem a este policrómico tablado do mundo, algumas não resistem à tentação de entrarem no jogo equestre e por vezes dá gosto vê-las montar a cavalo como a mais dextra filha dos campos de Lebriga. À porta das *casetas*,

grupos de ginetes fazem-se servir, sem descer das selas, copos do irisante líquido de Domecq, que o sol aquece e faz brilhar. Na sua espuma loira, outra vez Machado nos envia uma síntese alegórica:

Vino, sentimiento, guitarra y poesia
hacen los cantares de la patria mia...
Cantares...
quien dice cantares, dice Andalucía.

A hora do Centauro

Após uma sesta sobressaltada de emoções, desperta-se já nos preparativos para o grande acto da *lidia* no circo da Maestranza. O motivo concita o entusiasmo de leigos e «aficionados». Os deuses de Cnossos vão erguer-se de novo sobre a areia cor de sangue do enorme redondel. O homem e o animal lutarão intrépidos até aos limites de uma estratagema que nem sempre se resolve contra a vítima. Mas a luta será bela, galharda, produzida por volumes plásticos em movimento que nenhuma realidade estatual pode ultrapassar. Do lado humano, ao personagem que de pé no meio da Praça, mitológico no vestuário, absurdo na heroicidade, é um domador de perigos espantosos, — a multidão, momentâneamente hipnotizada pelas suas tarefas trágicas, não hesitará em atribuir-lhe a coroa de um pequeno deus.

Ora, é para a admiração incondicionada deste personagem que a mulher sevilhana começa a preparar-se com cuidados especiais. E veste as sedas mais vistosas, calça a primor o pé pequeno, pinta os lábios, aviva as pálpebras e os arcos ciliares, coloca sobre as altas «peinetas» as mantilhas tradicionais — branca ou vermelha e de *blondas* —, põe no peito o grito de uma rosa e deita mão, por fim, ao dissimulador e conivente de tantos pecados sentimentais: o meio círculo do leque, trabalhado em marfim ou madeira aromática dos velhos reinos aztecas.

biblRIA

A saída para a Praça da Maestranza é feita em coches descobertos, puxados a duas parelhas ricamente ajaezadas à andaluza. E são estes coches, misturados a centenas de outros, que, no fim da corrida, darão estilo e forma à Feira de Sevilha.

Entretanto, vejamos como se prepara para o público uma dessas figuras de feitiço preciosista que, no decorrer destes dias de gala, são verdadeiros manequins de uma beleza viva e exótica, realizando no vestuário e nas formas corporais o que a raça lhe imprime no carácter em graciosidade e embruxamento. Procuremos uma que não se distinga por qualquer traço biográfico especial.

Como se vestem as que adoramos

Aqui está. Chama-se Carménchu. É alta, fina, saída da adolescência. Tem uns olhos cor de cinza azulada, o rosto oval e os cabelos loiros, de um loiro claro de linho, como as escandinavas. É viva de gestos, dissimula o que sabe na malícia de um bom humor zombateiro e, quando fala, os lábios e as pupilas riem à compita. A singularidade do seu tipo participa moralmente de todos os atributos e qualidades da rapariga sevilhana. Vive nos chamados Hotelitos del Guadalquivir — um bairro moderno, junto ao rio, que nos registos municipais tem o nome de Heliópolis (cidade do Sol), e que possui tantas ruas quantas são as repúblicas sul-americanas de fala espanhola, cujos nomes se retém nelas. Os pais pertencem ao alto funcionalismo do Estado.

biblRIA

Apesar de nervosa, começa-se a vestir com calma. A pele, zombando do tipo loiro, tem um tom queimado, luminoso, de maturidade frutal. Cinge-se, em primeiro lugar, com um corpete branco, muito apertado, que moldará o busto — só o busto, deixando-lhe as pernas livres para os movimentos do baile flamengo. A seguir mete-se dentro de uma saia igualmente branca (*enagua*), com fimbria de renda e retesada a goma espessa, a fim de bem armar a peça exterior. Neste momento, deita mão dos sapatos de cor — de tom com o vestido —, que põe já nos pés, desejosa de experimentar o primeiro matraquear do tacão e também para provocar a descida natural da saia engomada. Chega agora a vez da grande peça — o vestido de «volantes», inteiriço,

vistoso, rasando o solo num círculo de campânula solene, adornado até à cinta por rodas de folhos largos e encanudados que se repetem sobre os ombros como grandes pétalas em leque. A rimar com a cor dos olhos, o fundo do tecido é de um azul pálido, salpicado de *lunares* brancos — que são os pequenos círculos a que chamamos «pintas» (aqui, do tamanho de uma moeda menor), assim como a designação de *volantes* corresponde às nossas «pregas» ou «folhos».

Carménchu exulta. Sente-se flor alada ou figura de um conto de fadas. Procura o espelho e dá voltas diante dele, extaseada do seu efeito! Depois aperta a cintura com força, ansiosa de verificar se ela pode ainda caber-lhe entre o pequeno espaço das duas mãos encurvadas. Já com mais pressa, pinta os lábios de um tom morango leve, prende uma rosa aos cabelos, de que separa dois caracóis que deixa cair sobre os temporais. Termina a *coquette* tarefa enfestoando as orelhas com os arcos de duas grandes arrecadas azuis. E está pronta. Quem lhe ensinou os segredos desta arte perfeita de se arranjar?

biblRIA

Vai agora misturar-se na rua com outras tantas como ela, ávida de gozar, sem outras preocupações, a sã alegria da sua mocidade estridente! Vê-la-emos muito altiva nos carros desta tarde, ingénua nos postos de brinquedos, infantil nas diversões da Calle del Infierno e azougada sem desmedida nos bailes nocturnos das casetas. Ela é Sevilha.

Imagem da tarde

Com o terminar da corrida na arena da Maestranza, a Feira atinge o mais alto grau da sua importância. Todas as viaturas que, em filas cerradas, esperavam diante da Praça o regresso dos seus ocupantes, dirigem-se agora para o agitado arraial de San Sebastián onde, a essa mesma hora, crepita já um entusiasmo que se prolongará até de madrugada. Há ali uma cidade nova de gentes estranhas, de músicas,

de movimento e de garridice pessoal. Do interior das instalações irrompe, centenas de vezes repetida, a voz aguda dos pianos e realejos dirigindo a cadência compassada das *sevillanas*. Este bailado popularíssimo tem a caracterizá-lo a galanteria romântica em que molda o seu tema coreográfico. Pode designar-se por uma dança de amavios, executada por um par cujos corpos se perseguem, rodando um em volta do outro, em fugas e requebros amorosos, sem contudo nunca se tocarem.

Mas a festa é ainda um espectáculo de sol que requer a rua como cenário para os motivos qua a animam. O aspecto dos passeios da manhã não se repete de tarde. Agora nenhum cavaleiro entra na Feira. Em compensação, toda a sorte de viaturas circula livremente e estas transformam-se em verdadeiros cachos humanos, apinhadas de lindas raparigas que emergem da onda florida dos vestidos que ostentam, semelhantes a ídolos bizarros. E não são sòmente as sevilhanas que tomam parte nesta exibição fabulosa, mas também as adolescentes de todas as outras regiões de Espanha e até de terras estrangeiras — porque esta é a grande Feira do mundo, variada, cosmopolita, atraente.

biblRIA

Com imponência e estilo sobressaem os coches dos titulares de renome: portas armoriadas, moços de boleia com as cores da Casa e cavalos ajaezados obedecendo às mesmas cores. Dentro: as mais formosas mulheres e os mais preclaros varões da nobreza espanhola. Seguem-se-lhes os carros dos príncipes do agro andaluz, isto é, dos ganadeiros de «cartel», também aparelhados a rigor, e depois... Depois são todas as castas, ofícios e estirpes; são os políticos, as autoridades, os diplomatas; o homem da rua e o fidalgo; os nomes extravagantes e arrevezados, o banqueiro de Nova Iorque, o pintor de Paris, a turista de Sidney e a vedeta dos palcos de Londres; o cigano, o poeta e os enamorados; — o que vende sonhos, o que distrai o tédio, o que busca esperanças.

Enfim, Senhora de todos os Poderes e de todos os Sortilégios, atraindo a si o dessorado habitante de um cosmos onde a ausência de sentido espiritual estiola o prazer de todos os triunfos, a urbe bética não hesita em recorrer às fontes mais recuadas das suas faculdades para oferecer àquele homem um pouco da sua energia e sabedoria vital. E assim como ontem se impressionou com ele ante o drama oficiante da Paixão de Jesus, hoje, bailando e cantando, fá-lo participar do poder tìpicamente sevilhano de extrair da austeridade das coisas o fluído excitante da alegria, o ímpeto universal de «ser feliz».

No céu acendem-se já as primeiras estrelas.

E o fim chegou

Noite na Feira. Extingue-se o último palrar cigano das castanholas. Na neblina fosforescente da madrugada, escoa-se a voz saudosa dos forasteiros.

— «...Até ao ano!»

biblRIA

X

bibRIA

E P I F O N E M A

bibRIA

Esta Sevilha...

Muitos leitores hão-de afanar-se em buscar nestas páginas simples uma rede de lendas ornamentais, com os seus *nocturnos* de jardins sarracenos e sangue de toureiros a salpicar as mantilhas negras das sevilhanas, — desejosos de alimentarem assim os ócios de suas imaginações novelescas.

No entanto, tratando-se desta cidade, cujo mito exterior só serve para engrandecer ainda mais a severa medida do seu estilo secreto, — onde estão, afinal, as suas fábulas convincentes e as suas embruxantes paisagens de ficção?

Sevilha é tão imutàvelmente moça, tão verosimil na perenidade da sua juventude, que tudo o que haja de mais abstracto e recuado no tempo é, nela, carne viva e maravilhosa de realidade presente. O brotar de uma flor, o modo de sorrir ou de dizer um adeus, a cadência de uma cantiga, certo gesto frívolo ou metafísico, aqui se substancializam dentro de formas que nos deslumbram, ao mesmo tempo que nos embaraçam no melhor sentido da sua percepção. Em Sevilha somos sempre uns religionários devotos mas analfabetos. Cultivamos o rito da adoração sem possuirmos qualquer ideia que nos dê a explicação desse rito. E isto deve-se principalmente ao singular poder de permanência morfológica de que esta cidade é dotada, e cuja acção subtil consiste em integrar contìnuamente no actual o melhor dos elementos da sua existência milenária. Surge, por isso, sempre um malogro desde que nos coloquemos em função de assimilar o denso conteúdo da sua Magia. E, na verdade, tal função implica um problema de penetração emotiva e de acuidade cerebral de tal monta que, mesmo prevenidos, nos sentimos inaptos à desintegração, em suas raízes, do «maravilhoso» que nos sugestiona.

biblRIA

É que poucas urbes guardam como Sevilha uma faculdade tão forte de seduzir em zonas tão recatadas do seu cosmos lírico. O seu *mistério poético* — ou seja aquilo que poderíamos igualmente designar por seu *esplendor específico* — com a sua densidade espiritual e dimensionismo ético, revela-se de acesso difícil ao processo de assimilação (que se torna um «estado de graça») com que se intente decifrá-la. E por aqui chegaremos à razão dos conceitos extravagantes e deduções fantasiosas de quantos, fora de Espanha, têm querido arvorar-se em intérpretes da sua alma, tão propensa à dádiva como à recusa, provocando dentro do país, contra tal desmando, uma copiosa e acerada literatura de protesto.

Tentativa de análise

E já que aludimos a um *mistério poético*, devemos contornar melhor o fascinador tema abscôndito. A sua atracção é evidente e envolve um conceito da natureza estética da *polis* hispalense, o qual se hermetiza na medida em que o pensamento pretende esclarecê-lo.

Como todos os enigmas, a forma exterior assume aspectos tanto mais absorventes e contraditórios quanto é rico o núcleo agnóstico da sua essência. Ora, no fundo dramático de Sevilha, o mistério da vida está indissolùvelmente ligado ao mistério da morte, buscando ambos a sua expressão humana através de formas de plurivalência poética. Dom Juan Tenório morre aos pés de D. Inês sob uma chuva de flores — de flores vitais — lançadas por revoadas de anjos que rodeiam os dois amantes. No auto da Semana Santa, a morte de Jesus é celebrada nas estrofes de uma cantiga, por vezes ardente. Miguel de Mañara, expiando no burel da humildade os pecados da sua vida licenciosa, pede, ao sentir-se moribundo, que o envolvam na vistosa capa branca de Cavaleiro de Calatrava. Na arena, o lance trágico que pode sobrevir, é esperado entre toques de fanfarras e molhos de cravos vermelhos lançados aos pés da vítima... ou do

biblRIA

herói. Em resumo, na rua, na casa, no convívio social, há sempre uma frase estoica, uma atitude serena ou um gesto ornamental a dissimular os riscos de cada momento. A morte é para todo o homem espanhol, e particularmente para o sevilhano, um novo sinal de existir, e, sendo assim, reveste-se de um sentido de vitalidade que amplifica e poetiza todas as perspectivas.

Considerados os dados de um tal espectáculo, chegou o momento de perguntar se esta estranha dimensão espiritual e humana perante a qual nos encontramos não tem apenas um valor transitório, embora transcendente. Mas a resposta surge imediatamente, integrada na consciência imutável dos costumes da cidade, a qual nos informa acerca daquela realidade, afirmando-nos que ela é constante, sedimentar.

bibRIA

Ponto de fé

Estabelecidas aquelas permissas, advém ser quase supérfluo acentuar que a Sevilha de que esta biografia histórica e emocional — vista do lado lusitano — pretende falar ao leitor português não é, como já se induziu, a cidade fútil e teatral das pandeiretas e creolinas do fim do século XIX. Engendrou-se então um *cliché* único, com base na prosa de Merimée, de que se tiraram provas sem conta para uso de todos os escritores europeus. O motivo decalcava a anomalia étnica de sempre: sobre a negra silhueta do vigoroso Centauro das planícies hispânicas, uma Carmen de cravo na boca e olhos de carvão desfalecendo nos braços de um garrido bandoleiro das serras de Ronda.

Ora, aqui intenta-se ultrapassar esse horizonte puramente virtual. A Sevilha que, nestas páginas, quisemos prender à sua autêntica e profunda vivência — é a outra: sábia, recolhida, hierática, grave como um dogma e aliciante como um enigma, e que os homens e os livros nunca saberão bem entender ou definir.

biblRIA

E AQUI TERMINA ESTE LIVRO DE EVOCAÇÕES E DE SORTILÉGIOS, QUE O AUTOR ESCREVEU NA BRUXA CIDADE DO BETIS E EM SEU LOUVOR, NO IRREALIZADO AFÃ DE LHE PAGAR O QUE DELA RECEBEU EM AMOR E ESPLENDOR

Sevilla

A. de C.

bibRIA

LEGENDAS E COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

bibRIA

Entre páginas

Muralha romana da Macarena. . . . . 24 – 25
Foto de Luis Arenas
Sevilha medieval. Noite no bairro de Santa Cruz . . . . . 24 – 25
Foto de Luis Arenas

Torre de *Don Fadrique* . . . . . 80 – 81
Foto de Luis Arenas
Bairro de Santa Cruz. Perspectiva do *Callejón del Agua* . . . . 80 – 81
Foto de José W. Pereira Palha

A filha do Rei D. Manuel vista por Ticiano . . . . . 128 – 129
Museu do Prado
Praceta de Santa Marta . . . . . 128 – 129

Isto é Sevilha: A Giralda e a Noiva . . . . . 160 – 161
Foto de José W. Pereira Palha
La reja. Adeus ao namorado. . . . . 160 – 161
Foto de José W. Pereira Palha

Beleza sevilhana . . . . . 216 – 217
Foto de Gelán
Monumento ao poeta Adolfo Bécquer . . . . . 216 – 217

A humana expressão da *Virgen de la Amargura* . . . . . 248 – 249
Foto de Juan Serrano
O Cristo *del Cachorro* sobre a ponte de Triana, na luz do alvorecer 248 – 249
Foto de Luis Arenas
Perfil da famosa *Virgen de la Macarena* . . . . . 248 – 249
Foto de Luis Arenas

Um nome ilustre de Espanha: a Duquesa de Alba, «caballista» da *Feria* . . . . . 296 – 297
Foto de Luis Arenas
Jardins de Portugal em Sevilha . . . . . 296 – 297
Foto de Gélan

bibRIA

bibRIA

bibRIA

ÍNDICE GERAL

bibRIA

Página

Intróito 8

I.ª PARTE: SÚMULA DA BOA HISTÓRIA 13

I — A audácia soprava dos Hermínios 15
II — Com os godos 27
III — Sob o pendão dos cavaleiros do Crescente 33
IV — Afonso X ou o signo da poesia 55
V — A brava figura da batalha do Salado 63
VI — À sombra do amor de Maria de Padilla 71
VII — ...E também de outros amores 89
VIII — Memorial do século de oiro 105
IX — Isabel de Portugal — «flor del geránio» 119
X — Nos tempos de Felipe IV 135
XI — Novas bodas lusitanas 145
XII — Últimos romeiros 151
XIII — Renovam-se as núpcias fraternas 157

II.ª PARTE: ÍNDICE DOS BELOS CAMINHOS 163

I — O bairro duende 165
II — Sombra e história da Giralda 175
III — Sortilégios nocturnos 183
IV — Jardins dos jardins... 193
V — Conventos e pátios de Sevilha 203
VI — Permanências literárias 217
VII — Da beira do Guadalquivir à pia de Velásquez 227
VIII — Cântico dos cânticos 237
IX — ...E depois a Festa da Primavera 291
X — Epifonema 303
Índice e legendas das gravuras 309

biblRIA

bibRIA

bibRIA

ESTE LIVRO ACABOU
DE SE IMPRIMIR NA
SOCIEDADE INDUSTRIAL
DE TIPOGRAFIA, LIMITADA,
AOS OITO DIAS DO
MÊS DE ABRIL DE
M C M L X I I I

bibRIA

O bom entendimento do leitor ressalvará as incorrecções tipográficas que encontrar no texto

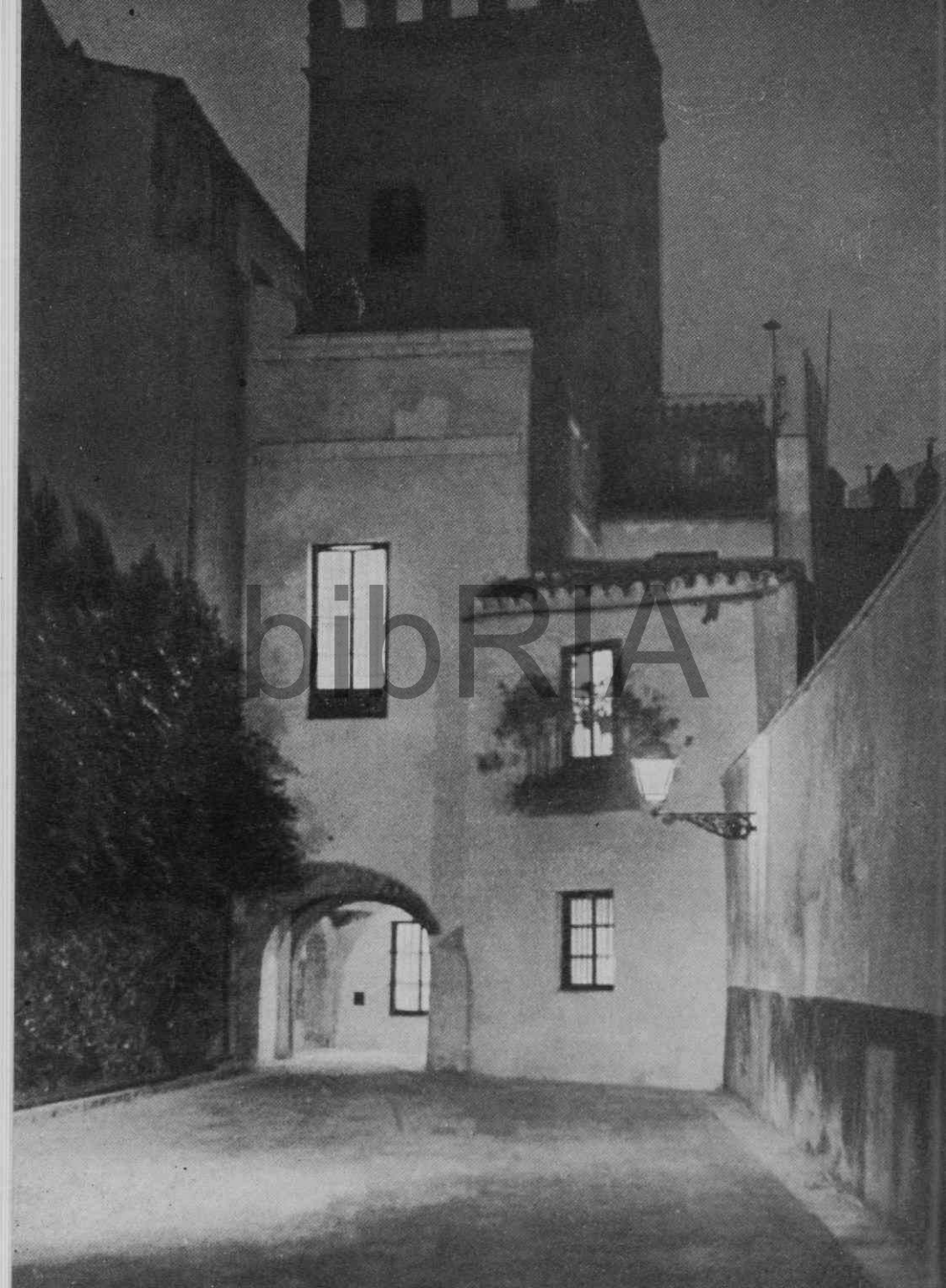
bibRIA

1 Rio Guadalquivir 2 Puente de Triana 3 La Inquisicion 4 Carcel de las Cuevas 5 S Lorenzo 6 Pta Real 7 El Carmen 8 La Merced 9 La Asuncion 10 S Pablo 11 Pta de Triana 12 La Magdalena 13 S Buenaventura 14 Los Jesuitas 15 La Encarnacion 16 S Francisco 17 S Pedro
18 S Isidoro 19 S Agustin 20 Catedral 21 La Lonja 22 El Alcazar 23 S Bernardo 24 Pta de Jerez 25 Torre del Oro 26 Torre de la Plata 27 El Arsenal 28 Pta del Arenal

biblRIA

1. Río Guadalquivir 2. Puente de Triana 3. La Inquisicion 4. Torre de las Cuevas 5. S. Lorenzo 6. Pta Real 7. El Carmen 8. La Merced 9. La Asuncion 10. S. Pablo 11. Pta de Jerez 12. La Magdalena 13. S. Buenaventura 14. Las Jerusalas 15. La Encarnacion 16. S. Francisco 17. S. Pedro 18. S. Isidoro 19. S. Agustin 20. Catedral 21. La Lonja 22. El Alcazar 23. S. Bernardo 24. Pta de Jerez 25. Torre del Oro 26. Torre de la Plata 27. El Arsenal 28. Pta del Arenal

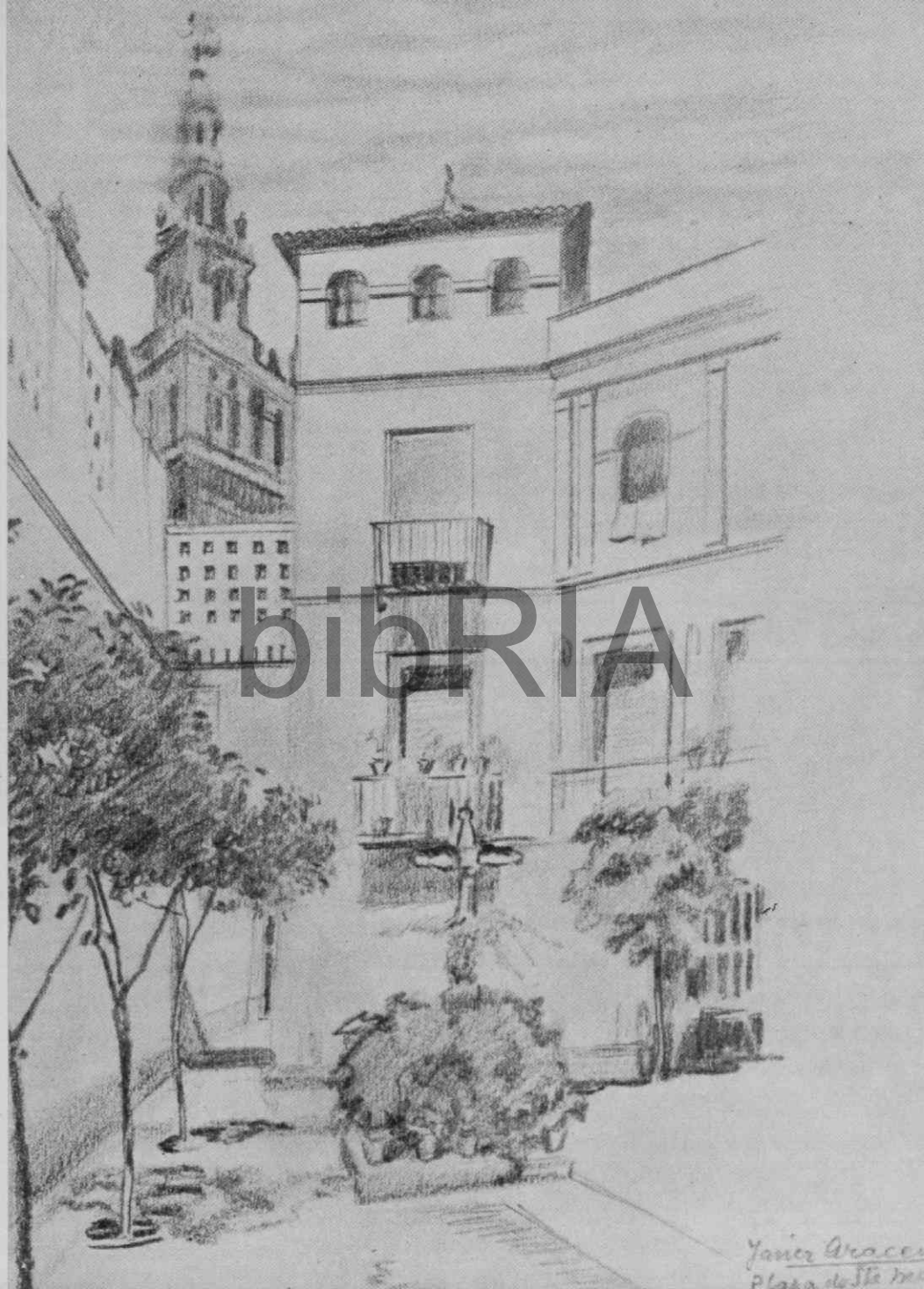
bibRIA


bibRIA

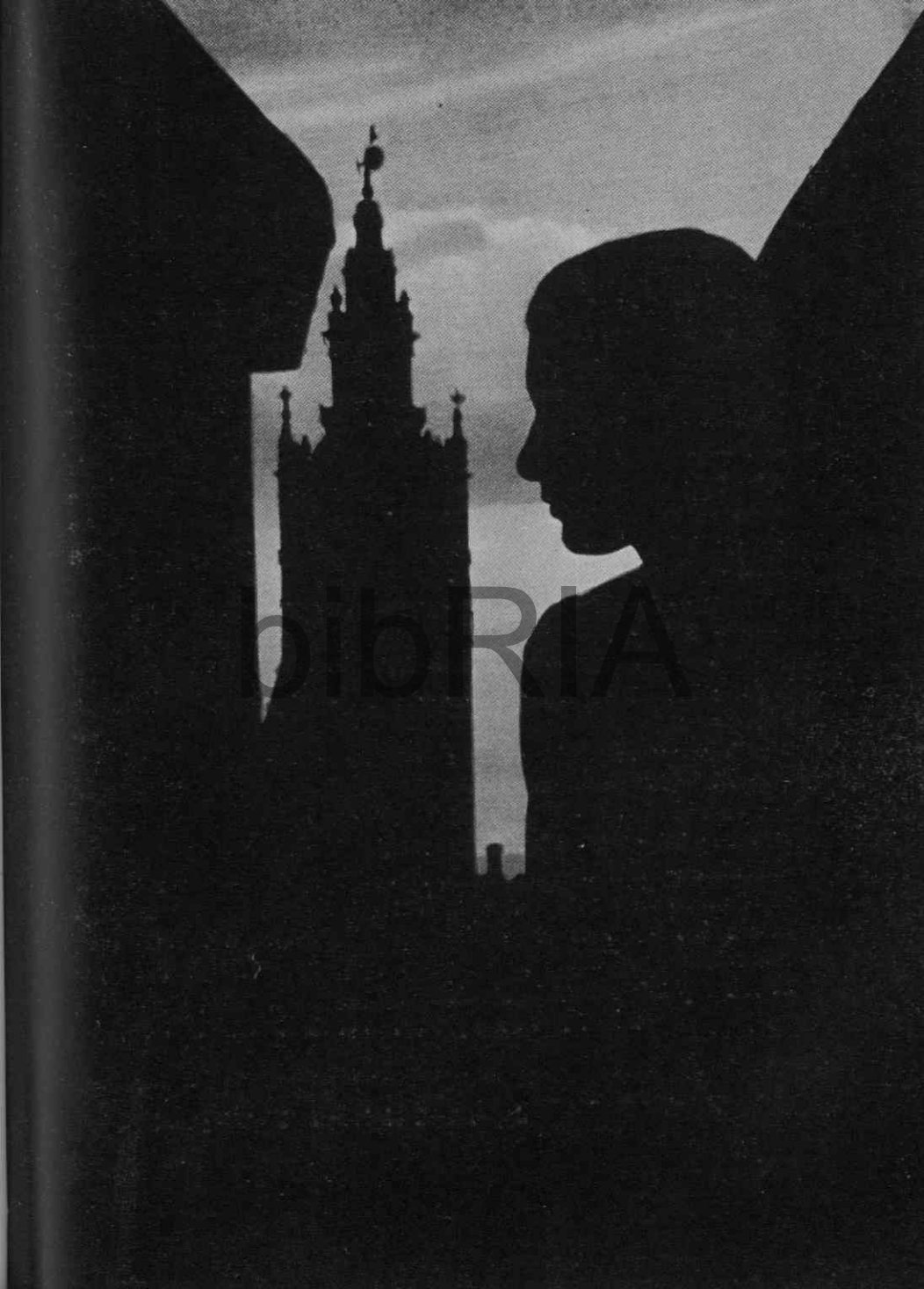
bibRIA

biblRIA

bibRIA



bibRIA


bibRIA

bibRIA

bibRIA

bibRIA

bibRIA

bibRIA

bibRIA